

A Vida viaja na Luz

Carlos A. Baccelli
Inácio Ferreira



Carlos A. Baccelli
Inácio Ferreira

**A VIDA
VIAJA NA
LUZ**



Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo"

Av. Elias Cruvinel, 1.202 - Boa Vista

38070-100 - Uberaba (MG) - Tel. (34) 3322-4873

Site: www.leepp.com.br - E-mail: leepp@terra.com.br

A Vida Viaja na Luz

Significativamente, está escrito no livro “Gênesis”, capítulo 1, versículos de 1 a 3, que:

No princípio criou Deus os céus e a terra.

A terra, porém, era sem forma e vazia: havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas.

Disse Deus: Haja luz; e houve luz.

E, a partir da luz, a Vida se propagou no Universo, fazendo o Espaço e o Tempo, e engendrando o prodígio da Criação Divina.

* * *

Este novo livro de nossa lavra encerra reflexões singelas sobre a Vida em suas múltiplas manifestações, através das dimensões em que se desdobra com a naturalidade que a caracteriza.

A existência humana sobre a Terra, e mesmo além da morte do corpo, mormente nas regiões fronteiriças ao orbe habitado pelo homem, nada mais é que uma nesga do Infinito da Criação!

Muito pouco sabemos do que o Espiritismo – a começar do abençoado esforço de Allan Kardec – começou a nos desvelar nas páginas da Codificação.

Somente à medida em que o homem ampliar a sua capacidade de raciocinar com a Verdade, sem laivos de preconceito e fanatismo, liberto de todas as peias à inteligência, conseguirá ele vislumbrar toda a luminosidade da Vida, que se confunde com a Luz, que é a Causa Geradora de tudo quanto existe!

Agradecendo, pois, a Jesus Cristo, a luz que se projeta em nossos caminhos ainda obscuros, pela realização de mais este trabalho, rogamos a Ele que continue a nos fortalecer na jornada rumo aos cimos resplendentes da Perfeição.

INÁCIO FERREIRA

Uberaba - MG, 21 de novembro de 2010. (*)

(*) – Nota do autor espiritual: Aproveitamos o ensejo para esclarecer aos distintos leitores que as datas de prefácio de todas as nossas obras de natureza mediúnica não correspondem à época na qual foram transmitidas por nós, sendo que, não raro, foram escritas com a antecedência de meses ou mesmo alguns anos.

Índice

A Vida Viaja na Luz.....	7
CAPÍTULO 1.....	11
CAPÍTULO 2.....	18
CAPÍTULO 3.....	25
CAPÍTULO 4.....	33
CAPÍTULO 5.....	41
CAPÍTULO 6.....	49
CAPÍTULO 7.....	56
CAPÍTULO 8.....	64
CAPÍTULO 9.....	72
CAPÍTULO 10.....	80
CAPÍTULO 11.....	88
CAPÍTULO 12.....	96
CAPÍTULO 13.....	105
CAPÍTULO 14.....	113
CAPÍTULO 15.....	122
CAPÍTULO 16.....	131
CAPÍTULO 17.....	140
CAPÍTULO 18.....	149
CAPÍTULO 19.....	157
CAPÍTULO 20.....	167

CAPÍTULO 21.....	176
CAPÍTULO 22.....	184
CAPÍTULO 23.....	192
CAPÍTULO 24.....	200
CAPÍTULO 25.....	209
CAPÍTULO 26.....	218
CAPÍTULO 27.....	227
CAPÍTULO 28.....	236
CAPÍTULO 29.....	246
CAPÍTULO 30.....	255
CAPÍTULO 31.....	264
CAPÍTULO 32.....	274
CAPÍTULO 33.....	284
CAPÍTULO 34.....	294
CAPÍTULO 35.....	304
CAPÍTULO 36.....	314
CAPÍTULO 37.....	324
CAPÍTULO 38.....	334
CAPÍTULO 39.....	344
CAPÍTULO 40.....	353

CAPÍTULO

1

— **C**omo é, Doutor! — perguntou-me Domingas. — Já conseguiu dar início à transmissão de seu novo trabalho para a Terra?

— Sim — respondi —, com a alegria e a expectativa de sempre! Por que também não dizer, com as dificuldades que, conforme sabe, sempre caracterizam a atividade mediúnica responsável.

— O caro amigo tem se mostrado hesitante... Acaso, manifestando algum receio?

— Hesitante, não; talvez receoso...

— Eu sei bem o que é isso, Doutor: embora eu nunca tenha sido mãe, é quase como dar à luz... A gente, no momento do transe, sofre como a mulher na hora do parto!

— Graças a Deus, nunca fui médium, minha filha!

— Nunca foi, mas será.

— Espero que a sua praga não me pegue...

— Querendo ou não, a mediunidade está no caminho de todos nós.

— Você anda conversando muito com o Odilon...
A confreira sorriu e observei.

— Estou brincando. Você sabe que, ultimamente...
— Sei.

— Não estou falando que a “doença” do Odilon está pegando em você...

— Ele comentou comigo, Doutor.

— Pois é, o pessoal acha que a gente se torna médium apenas sobre a Terra, quando se encontra envergando o corpo de carne. A *prova* se transfere para esta Vida... Você não há de ver que, ultimamente, tenho tido certas visões e escutado vozes! Cheguei a pensar em esquizofrenia...

— Ora, Doutor!...

— Estou falando sério. Pensei em me deitar no divã de alguém e me preparar para o diagnóstico. Tapado como sempre fui, no que tange à sensibilidade de natureza mediúnica... Ainda mais virar médium, depois de *morto*!

— O senhor não vive falando que a mediunidade, embora se expresse através do corpo, se radica no espírito?

— Isso é inegável, Domingas. O corpo físico é o reflexo do corpo espiritual. Se a mediunidade se restringisse à causa de natureza orgânica...

— De natureza orgânica *lá de baixo*, não é, Doutor? — aparteu a companheira, perspicaz.

— Sim, mas vamos por partes, pois, caso contrário, o pessoal encarnado não entenderá patavina!

Conforme ia dizendo, se a mediunidade se restringisse à causa de natureza orgânica, a desencarnação *desabilitaria* todos os médiuns. E não é o que vemos por aqui...

— Certamente que não! Fora do corpo de carne, os médiuns, em geral, mostram-se mais sensíveis.

— É que o corpo espiritual, ou perispírito, também é dotado de glândula pineal – a glândula da mediunidade!

— Nos planos mais elevados que o nosso, a mediunidade, Doutor, é um sentido natural, amplamente desenvolvido no psiquismo da criatura...

— Correto.

— Então, não é de se estranhar que o senhor esteja começando a ver e a ouvir...

— Ver e ouvir coisas não têm ocorrido com tanta frequência assim, mas, confesso, a intuição está muito mais afiada – as ideias me chegam com facilidade impressionante! Quando me encontrava encarnado, vivia me queixando a Modesta de que, do ponto de vista mediúnico, eu não passava duma pedra...

Neste ínterim, a devotada irmã, cujo nome acabara de mencionar, chega para se juntar a nós.

— Tive a impressão de que alguém disse o meu nome? – perguntou, sorrindo.

— Eu estava conversando, Modesta, sobre mediunidade... Estava aqui me queixando a Domingas.

— Ora, Inácio, queixando-se de quê?! Opor-se à mediunidade é opor-se à evolução...

— Ai de mim, que agora vou ter de escutar tudo que sempre disse aos médiuns incipientes!

— Na mesma proporção e intensidade! — gracejou Domingas.

— Então, estou *frito*, porque eu falava muita coisa...

— Sou testemunha auricular! — exclamou Modesta. — Comigo, até que não era tanto, mas com os outros!...

— O meu propósito era que o Sanatório fosse um hospital em que os obsedados se transformassem em médiuns, assumindo o que, de fato, eram! Daí, estarmos aqui, neste *Hospital dos Médiuns*...

Após breve pausa, Modesta considerou:

— Inácio, mudando de assunto, o que você tem visto e ouvido?

— “Mudando de assunto”... Olhe, aí!

— Conte-nos, Doutor — solicitou Domingas, acomodando-se na poltrona, feito menina traquinas.

— Eu tenho visto e ouvido o que vocês duas ouvem e veem... Até segunda ordem, médium vê e ouve espíritos, não é? — redargui com o intuito de me defender.

— Depende — não deixou Modesta por menos —; às vezes, é alucinação...

— Estou perdido! — disse, meneando a cabeça, enquanto as duas sorriam de minha desdita.

— Deixando de lado a brincadeira, Inácio, abra-se...

— É, Doutor, confie na gente — emendou a autora de “Eu, Espírito Comum”.

— Bem, estou vendo e ouvindo *gente morta*...

— Isso é óbvio! — exclamou Modesta, na expectativa de mais.

— *Gente morta* de Cima, ou *gente morta* do Lado? — insistiu Domingas.

— Já que vocês duas não conseguem controlar a curiosidade feminina que lhes sobreviveu à morte do corpo, falarei às claras: tanto de Cima, quanto do Lado!...

— Da esfera elevada mais próxima...

— Quanto das dimensões vizinhas, situadas no mesmo plano, ou um pouco aquém do nosso...

— Então?...

— Alguns são espíritos bons e, outros, menos evoluídos, Domingas.

— Os menos evoluídos?... — interrogou Modesta, reticente.

— Pretendo desenvolver este assunto, em nossos futuros encontros, quando daremos sequência ao estudo da obra “Nosso Lar”.

— Aliás, Doutor — aparteu Domingas —, os estudos que vem realizando estão alcançando ótimos resultados. Aproveito para comunicar ao senhor que, a partir da próxima semana, nos mudaremos para um anfiteatro maior...

— Gente, eu não sou orador! — ameacei ficar bravo. — Pedi a vocês que limitassem a frequência... Deus me livre de falar para multidão!

— Apenas 1.500 pessoas, Doutor! Talvez, um pouquinho mais...

— Não! Prefiro ficar cuidando dos meus loucos... Por favor!

— Inácio, você tem que pensar na Doutrina.

As poucas palavras de Modesta jogaram um balde d'água fria sobre a minha cabeça.

— Você não se pertence mais, meu caro! — continuou a companheira. — Quem não quer se mostrar, que se esconda! O seu trabalho, hoje, não é só seu. Algum sossego que você tinha...

— Foi-se!

— “Pimenta nos olhos dos outros”, não é, Domingas?...

— ... arde, Doutor, e como arde nos olhos de qualquer um!

Neste exato momento, Odilon, em companhia de Manoel Roberto, veio fazer parte de nossa roda.

— Como vai, Doutor? — saudou-me com a alegria de sempre.

— Como dá para ir, Odilon...

— Ótimo! O importante é ir sempre...

— Conspiração contra mim? *Até tu, Brutus?! —* brinquei, evocando Júlio César, que, aliás, disse em latim: *“Tu quoque, fili mi?!”*.

— Eu também! — disse Manoel com o polegar da mão direita virado para baixo em *police verso*.

— Olhe outro senador romano aí... É justamente por isso é que está me aguentando!

A turma sorriu e, ante a minha maior descontração, Odilon comentou:

— Doutor, avesso a multidões, sabemos não ser fácil para o senhor, mas os estudos que vem conduzindo sobre “Nosso Lar” são importantes, e todos nós temos aprendido muito, acredite! A obra, psicografada há quase 70 anos, permanece inédita para a maioria.

— Eu não sou profundo conhecedor dela, Odilon — justifiquei-me.

— Doutor, a maneira descontraída, que é sua marca registrada, como transmite o que sabe é de grande proveito...

— Sou apenas um contador de piadas!

— Que seja! Queremos ouvi-lo!...

Olhei para o Manoel Roberto que, agora, havia voltado o polegar para cima, no sinal característico de positivo.

— Isto não se faz nem com um inimigo! — disse, jogando a toalha.

— Com um inimigo, não, mas com um amigo, sim — arrematou Odilon, sem me deixar espaço para retrucar.

CAPÍTULO

2

Quando os amigos saíram, apenas o antigo Enfermeiro-Chefe permaneceu comigo, efetuando alguns acertos na minha agenda de consultas. Logo que me inteirei dos atendimentos para o próximo dia, passamos a conversar, como sempre fazíamos ao término do expediente.

— Manoel – perguntei ao amigo –, eu estou pensando em criar um *blog*... O que você acha?

— Excelente ideia, Doutor – respondeu, tomado de surpresa –; o pessoal tem se queixado de pouco contato com o senhor... Agora, então, depois que aprendeu a digitar, ficará mais fácil.

— De computador, sei apenas o essencial; o tempo é curto para ficar *navegando*...

— O *blog*?...

— Será um *blog* entre os Dois Mundos, Manoel!

— O quê?!... O senhor tem cada uma!...

— A culpa não é minha. Estão querendo me calar, vou falar um pouco mais.

— Um *blog* entre os Dois Mundos! — exclamou o companheiro, procurando assimilar a ideia.

— Com o auxílio e a anuência do médium, publicarei do *Lado de Lá*, o resumo do que publicar aqui. O que você acha do título: *Mediunidade na Internet*?

— Excelente, mas...

— Não se preocupe, que procurarei pegar leve, isto é, farei o possível...

— Conhecendo-o como conheço, não sei, não...

— Estou falando sério. Não podemos, neste Outro Lado, continuar tão omissos quanto ao que está ocorrendo *lá embaixo*, Manoel. O pessoal anda deturpando as coisas... O Movimento Espírita, aos poucos, parece se afastar do caminho ideal.

— O senhor tem razão. Não sou de falar muito, mas, às vezes, fico triste, observando como as coisas estão caminhando: o personalismo gritante, a falta de fraternidade, desunião, conflito de interesses, disputa pelo poder...

— E muita gente boa, Manoel, na expectativa de alguma participação nossa.

— Não seria, porém, uma interferência indébita, Doutor; afinal, estamos desencarnados...

— Desencarnados, mas ainda fazemos parte da Humanidade! Como ensina Odilon, voltaremos ao mundo e iremos encontrá-lo conforme os que presentemente se encontram encarnados o deixarem para nós...

— O papel de um Espírito Mentor, no entanto...

— Eu não me enquadro aí — aliás, poucos aí se enquadram!

— É verdade.

— O Movimento Espírita está *infiltrado*, Manoel! Os espíritos oportunistas, adversários da Causa, estão “deitando e rolando”...

— O senhor irá abrir mais um campo de luta...

— Sei disso, mas pagaremos o preço. Enquanto contar com a colaboração do instrumento mediúnico... De há muito, meu caro, eu e ele perdemos toda ilusão de tentar agradar a quem quer que seja. A única aprovação que pretendemos é a da consciência. Os espíritas não devem continuar tão passivos assim...

— Desde que Chico desencarnou...

— Você disse tudo — concordei. — Desde que Chico desencarnou, muita gente começou a *pintar e bordar*... E o que é pior: com o aval do fanatismo e da falta de discernimento de muitos.

— Estão tentando apagar os traços luminosos da passagem de Chico Xavier sobre a Terra...

— Inútil, porém. Ele está no coração do povo! Agora, a campanha velada contra o valor de suas obras doutrinárias, a fim de que se reduzam à condição de obras comuns, chega a ser sórdida...

— Quem diria, hem, Doutor?!

— De fato, não obstante, não é de se estranhar. Não temos aqueles que questionam em torno do Cristo, inclusive levantando suspeitas quanto à sua

real existência histórica? Outros não vêm falando em reformar Kardec?...

— E estamos nos aproximando das comemorações do centenário de nascimento de Chico...

— 2 de abril de 1910 – 2 de abril de 2010! – recordei com íntima alegria, pensando na trajetória de luz que o abnegado médium cumprira, entre os homens, de maneira irrepreensível.

— Soube que estão preparando filmes, documentários, peças de teatro sobre ele... Também entre nós, os desencarnados, o pessoal irá se mobilizar – a Domingas já vem realizando algumas reuniões preliminares.

— E você ficou sabendo da última?...

— Não. As coisas acontecem com tanta velocidade, que a última de hoje logo fica sendo a derradeira de ontem.

— Uma turma *lá embaixo*, a propósito do centenário de Chico, saiu-se com uma história de se lhe respeitar a *privacidade espiritual!*

— O que é isso, Doutor? *Privacidade espiritual?!* Eu nunca ouvi falar nisso!...

— Nem eu; é a primeira vez em toda a minha vida, ou seja, no curso de todas as minhas encarnações, desde quando eu era um lagarto-tiú no meio do mato! Fiquei e estou pasmo! Boquiaberto!

— O que pretendem?

— Calar o espírito de Chico!

— Primeiro, vieram com aquela história da senha...

— Aquilo, Manoel, tem uma explicação: cá entre nós, foi o próprio Chico que, matreiramente, cogitou do assunto...

— Por qual motivo?

— Ele sabia que, quando desencarnasse, muito médium oportunista, ou melhor, um ou outro – ou, melhor ainda, um deles, que ele não engolia de jeito nenhum, estaria pronto para “recebê-lo”...

— O senhor pretende colocar isso no *blog*?

— Já estou colocando...

— A tal *privacidade*?...

— Como muitos médiuns se adiantaram, o plano frustrou-se...

— “E já que não fui eu, que não seja ninguém?...”

— É por aí.

— Que *imbroglio*, Doutor!

— Manoel, você é muito inocente... Às vezes, confesso, queria ter o seu espírito.

— Mas ninguém pode querer impor silêncio ao Chico! – exclamou, indignado, o fiel amigo.

— É uma tentativa de lançar ao descrédito toda a mensagem dele, *via mediúnica*. Veja: contestam alguns livros de sua lavra psicográfica – tendo o visível intuito de que não sejam admitidos por complemento da Codificação...

— Mas eles o são!

— Combatem a tese de que ele seja a reencarnação de Allan Kardec e, agora – emendei –, querem fazer calar o seu espírito!

- Alegando o quê?
- Que trabalhou demais e precisa descansar!
- O Chico, descansando?! Nunca!...
- Quando o encontrar, respeitosamente, vou sugerir a ele a criação de um *blog*...
- Doutor, essa história de *privacidade espiritual*...
- Manoel, resumindo: se o Chico souber disso – e eu desconfio que já saiba –, ele há de se comunicar até pelos cães que ladram na rua...
- A imagem é forte, mas concordo. Doutor, o Chico é pior do que o senhor...
- Pior?!...
- Bem entendido: nessa história de não aceitar que alguém lhe imponha silêncio!
- Não, ele já está acostumado a morrer na fogueira, desde quando sacerdote druida, nas Gálias! Como Kardec e Chico, deram a ele uma trégua...
- O Movimento Espírita está repetindo a Igreja, quando banuiu o *profetismo* de suas fileiras...
- Os espíritos falavam demais! Como os padres não podiam amordaçá-los, amordaçaram os profetas, ou, em outras palavras, os médiuns! Mas deu no que deu, com a Casa do Caminho se transformando no Vaticano...
- E, se a gente não tomar cuidado...
- Ah, num piscar de olhos, teremos o nosso Vaticano! A *Cúria* já se encontra a postos... Manoel, pior que a ambição do dinheiro é a ambição do poder espiritual!

— Como tudo isso é perigoso!

— É por isso, meu filho, que a gente não pode se afastar da Caridade — é ela que nos protege de nós mesmos! Fazer o bem, sujar as mãos, transpirar nas tarefas humildes, subir o morro em visita às favelas, descer às furnas, levando socorro aos mais pobres... A Caridade é vacina contra a vaidade e o personalismo! Os loucos com os quais convivemos aqui, no Hospital, são responsáveis pela nossa relativa sanidade! Experimentemos deixá-los, para ver o que nos acontece...

— “Fora da Caridade não há salvação”!
— reverente, repetiu o devotado companheiro de tantas lutas.

— Em alguns grupos, porém, estão expurgando um *d* e acrescentando uma vírgula...

— Como?!

— “Fora, a Caridade”!...

CAPÍTULO

3

No outro dia, bem cedo, na companhia de Modesta e Manoel Roberto, fui ver, nas imediações do Hospital, uma chácara que conseguíramos, em regime de comodato, para a realização de velho sonho.

— Que lindas árvores, Doutor! — disse Manoel, maravilhado com a paisagem que se desdobrava naqueles quase cinco hectares em que a Natureza se preservara de maneira exuberante.

— E com um riacho que a corta de ponta a ponta, como você sempre imaginou, Inácio! — emendou Modesta, compartilhando de minha alegria e felicidade.

Devo dizer-lhes que lágrimas espontâneas me vieram aos olhos, sem que eu pudesse controlá-las.

— Não se emocione tanto! — solicitou-me a companheira. — Não se esqueça de que o nosso coração continua suscetível a abalos emocionais... Ainda não morremos *de todo*!

— Eu não supunha — falei com dificuldade — que os nossos sonhos, igualmente, se transferissem

conosco para esta Nova Vida... Como Deus é Bom e Misericordioso!

— Doutor — voltou a comentar o dedicado Assistente, com o intuito de me subtrair à grande emoção —, isto aqui é um pedaço do Éden... Quantas flores nativas e borboletas a voejar!

— E diminutos pássaros canoros, de espécies que nunca vi! — exclamou Modesta, aproximando-se do riacho de águas cristalinas que corria cantante, logo abaixo.

— Veja, Manoel — chamou a atenção do companheiro —, peixes!...

— Parecem tilápias, piaparas e tucunarés! — redarguiu o antigo Enfermeiro-Chefe do Sanatório, que, quando encarnado, costumava aproveitar uma ou outra folga de final de semana para pescar.

— E me acusam de estar *materializando* o Mundo Espiritual! — observei com um muxoxo. — André Luiz, em seu “Nosso Lar”, menciona o Rio Azul, que abastece a cidade!... Quem já viu um rio sem plantas aquáticas e peixes?!

— Seria um mangue e não um rio! — exclamou Modesta.

— Todavia, mesmo num mangue, deparamo-nos com vida em estado latente: anfíbios, por exemplo...

— Sapos e rãs, em forma de girinos! — traduziu Manoel. — E, às vezes, Doutor, até alguns peixes de couro, como os “cascudos”...

— Inácio, como se chamará a Instituição que pretende fundar aqui? — perguntou a devotada medianeira.



— Que pretendo, não! A partir deste momento, já está fundada! Começaremos a trabalhar...

— Começaremos?!

— É claro, Manoel, ou vocês planejam me deixar sozinho? “Começaremos!” O Hospital dos Médiuns será a instituição mantenedora da Sociedade Protetora dos Animais “Francisco de Assis”!

— Uma Sociedade Protetora dos Animais no Além!

— Apenas uma das muitas existentes... Ou vocês também acham que semelhante iniciativa pertence somente aos homens, na Terra?!

— O problema, Doutor, é que a maioria acha...

— A maioria estava com Barrabás, Manoel! — sentenciei.

— Mas o senhor sabe que muitos imaginam que os animais, uma vez desencarnados, são logo conduzidos a uma nova encarnação...

— Conduzidos por quem? Por mim? Por você? Por Modesta? Você já viu algum espírito fazer isso por aqui? Ora, Manoel, as coisas não se processam assim!...

— Não podemos generalizar — disse Modesta, concordando. — Muitos animais, ou, se preferir, *princípios inteligentes*, permanecem longo período de tempo neste Outro Lado, justamente à espera de que consigam voltar ao convívio dos que foram seus antigos donos...

— Principalmente, gatos e cães! — enfatizei.

— Vocês conheceram a história do “Perneta”, não?!

— Sim! — responderam quase ao mesmo tempo.

— Inclusive, em um de nossos livros, tive oportunidade de narrá-la. Mas outros gatos, que deixavam o corpo atropelados em frente da minha casa ou pela ignorância de algum vizinho que os envenenava, ficavam à espreita da próxima ninhada...

— Que podia demorar, não é, Inácio?

— Na teoria, sim; na prática, não... Agora, isso era lá em casa, onde as coisas se facilitavam...

— Também, Doutor, com aqueles quase vinte, ou mais, gatos, sem contar os do Sanatório! — exclamou Manoel.

— Sobravam muitos para mim, porque vocês não se importavam...

— Devo admitir a culpa.

— Eu também me penitencio, Inácio.

— Você, em todo caso, Modesta, como esposa, mãe e, ainda por cima, médium, tinha mil e uma ocupações. O pior é a turma que, com todo o tempo disponível, ignora, por completo, os nossos irmãos menores... Imaginemos se Deus nos tratasse como tratamos os animais!

— Doutor, não pegue tão pesado assim, que a minha consciência...

— Não, Manoel! Você também já está exagerando, porque, se não fosse você me ajudar com os gatos no Sanatório... Eles não eram seus e, ao mesmo tempo, eram! Acho que você até os alimentava mais do que eu.

— Inácio, você fez uma colocação importante. É verdade: se Deus tratasse os homens como os homens tratam os animais...

— ... seria uma calamidade! — frisou Manoel.

— E, diante da grandeza de Deus, nós não passamos de *bichinhos*... Os Espíritos disseram a Kardec que a distância que separa os animais de nós, seres racionais, é mais ou menos a que nos separa de Deus! Para os animais, nossos irmãos na senda evolutiva, nós somos *Deus*!

— Que espécie de animais o senhor espera albergar aqui? — perguntou o devotado amigo.

— Principalmente, os que chegam maltratados da Terra — respondi. — Os que desencarnaram por maus tratos — foram espancados, torturados, passaram fome...

— Os animais doentes.

— Correto, Modesta! Esse sempre foi o sonho que, infelizmente, parti sem concretizar.

— Você não dispunha de tempo, Inácio.

— Dispunha, sim, Modesta. Faltou-me um pouco mais de coragem e desprendimento. Veja você: pretendia fazer o que estamos fazendo aqui, nesta chácara que conseguimos, em regime de comodato, no sítio que o meu pai me deixara por herança e que era muito parecido com esta gleba.

— Doutor, positivamente, o senhor não tinha tempo... Como?! Seria humanamente impossível!

— Agradeço a defesa, Manoel, mas a minha consciência me diz o contrário. Eu poderia, por

exemplo, ter fundado a Sociedade Protetora dos Animais e tê-la confiado à direção de algum grupo.

— De algum grupo espírita?

— Ou para a Maçonaria ou um clube de serviço, como o Rotary, o Lions – não importa.

— A Instituição recém-fundada, mantida pelo Hospital dos Médiuns?...

— Será ecumênica! Pretendo que unamos adeptos de diferentes seguimentos religiosos e sociais para a defesa da Natureza! Chega de *partidarismo religioso*, Manoel! Estou cansado disso. O Hospital dos Médiuns, do ponto de vista jurídico, responderá pela Sociedade “Francisco de Assis”, mas precisamos começar a nos congregar com adeptos de outros credos religiosos, mormente ante os perigos que se avizinham...

— A devastação da Natureza feita pelo homem!

— Exatamente, Modesta. Andei conversando com o Labélius, e ele me disse que os *elementais* estão sofrendo muito – imensas legiões deles estão tendo que se refugiar nas entranhas da Terra! Um verdadeiro êxodo...

— Também, com a destruição das florestas...

— Enfim, com a desertificação do Planeta! Milhares de córregos e riachos já secaram e, na tentativa de reverter a calamitosa situação, as providências governamentais são bem tímidas, extremamente tímidas. Se continuar assim, dentro

em pouco, veremos acontecer com a Amazônia o que aconteceu à Mata Atlântica!

— E os países poluidores da atmosfera?

— Manoel, você sabia que o Brasil é um dos maiores? Se não me engano, neste campeonato de insensatez, ele está muito bem situado – 4º lugar!

— Labélius, então, disse ao senhor...

— Que o desequilíbrio ecológico, que o homem vem causando, favorecerá a proliferação de doenças que vitimarão milhares! O aquecimento global, agora quase irreversível, não apenas elevará o nível das águas dos oceanos – de suas consequências, esta será a menor e não pegará o homem de surpresa, que poderá se retirar para as regiões mais altas. O problema mais grave, excetuando-se os terremotos, as chuvas torrenciais e o calor insuportável, será a mutação genética de micro-organismos patogênicos.

— Como a ameaça das gripes suína e aviária?

— Não somente! Labélius teme que, em outras espécies animais, mais aparentadas com o homem, do ponto de vista genético, outros vírus estejam se fortalecendo contra a resistência do organismo humano...

— Inácio – interferiu Modesta, naturalmente preocupada –, isto, sem se falar nas repercussões negativas para as regiões espirituais mais próximas do Orbe, não é?

— Sem dúvida – concordei de imediato.

— Mas, a respeito, falaremos mais tarde.

Precisamos ir, que muito trabalho nos espera. À noite, daremos sequência às nossas reuniões de estudo sobre "Nosso Lar".

Quando retornei ao Hospital, assim que adentrei o consultório, deparei-me com uma correspondência sobre a mesa, onde pude ler, escrito por fora, no envelope branco: *Para o estimado irmão Dr. Inácio Ferreira (Confidencial)*.

Querendo identificar a caligrafia, abri o envelope com o coração aos saltos, lendo a pequena carta que me fora endereçada.

“Caro Dr. Inácio: Jesus nos abençoe!

Tomando conhecimento de sua feliz iniciativa, em relação à fundação da Sociedade Protetora dos Animais ‘Francisco de Assis’, ideal tão ardentemente acalentado pelo seu coração, desde quando nas experiências do corpo físico, venho, por intermédio desta, solicitar que o senhor inclua o meu pobre nome na lista dos sócios mantenedores da mesma, comprometendo-me a arcar com parte das

despesas de alimentação dos animais que ali forem albergados sob os seus cuidados de inúmeros outros irmãos voluntários, que haverão de cooperar para o bom andamento da obra, que também é do Cristo.

Valho-me do ensejo para recordar ao senhor que foram os animais, os nossos irmãos menores, que aqueceram a singela estrebaria em que o Divino Infante nasceu sobre a Terra, naquela abençoada e inesquecível noite fria, em Belém! Temos, pois, a Humanidade inteira, uma dívida de gratidão para com os animais, que ofereceram a Jesus criança o que nós próprios, à exceção de seus queridos pais, Lhe negamos, em nossa quase completa ignorância.

Uma das passagens que sempre mais me comoveram, no 'Novo Testamento', é justamente a que foi anotada pelo Evangelista Mateus, no capítulo 21, versículos 1 a 3, que narra a entrada triunfal do Divino Mestre em Jerusalém: 'Quando se aproximaram de Jerusalém e chegaram a Betfagé, ao Monte das Oliveiras, enviou Jesus dois discípulos, dizendo: Ide à aldeia que aí está diante de vós e logo achareis presa uma jumenta, e com ela, um jumentinho. Desprendei-a e trazei-mos. E se alguém vos disser alguma coisa, respondei-lhe que o Senhor precisa deles'".

Veja, caro amigo, que os animais também estiveram a serviço do Evangelho na Terra,

cooperando, em sua humilde condição, com os propósitos do Senhor.

Assim que soube de sua louvável iniciativa, apressei-me em me associar ao abençoado empreendimento, para que também eu tenha oportunidade de concretizar o anseio que, desde muito, acalento – desde quando, por amigos comuns, soube que o senhor pretendia inaugurar, em nossa Uberaba, a Sociedade Protetora dos Animais, da qual São Francisco de Assis é o patrono espiritual!

Coloco-me ao seu inteiro dispor e prometo, na primeira oportunidade, efetuar uma visita, ainda que rápida, à Instituição que não deixa de ser um convite à nossa maior integração com a Natureza, no amor que devemos consagrar a Deus, através do amor a tudo o que Ele criou, porque, no amor que Jesus nos recomenda amar o próximo, certamente está também incluído o amor que devemos aos animais!...

Com o meu abraço e a minha fraternal estima, sou, como sempre, o menor dos servidores,

Chico Xavier.”

Com lágrimas de emotiva surpresa, monologuei:
— Danadinho, ainda teve o cuidado de escrever “Confidencial”, por fora do envelope... Você me perdoe, Chico, mas não vou contar para muita gente, não – só

para os espíritas! Tenho a mais absoluta certeza de que eles não contarão para ninguém! Não se preocupe: como sabe, os nossos irmãos são muito discretos...

Quando Manoel Roberto veio ao meu encontro, a fim de darmos início aos atendimentos daquela tarde, notando-me de lenço nas mãos e com os olhos vermelhos, perguntou:

— Resfriou-se, Doutor?

Estendendo-lhe a carta, graciei, dizendo:

— Acho que é a gripe “suína”, mas, com a Sociedade Protetora dos Animais, ficará tudo em casa...

Também, ao terminar de ler a missiva, Manoel igualmente chorava, tendo as narinas congestionadas.

— Está vendo, como esse “vírus” é contagioso? — perguntei ao companheiro, com quem havia me habituado a dividir tristezas e alegrias.

— Doutor...

— Manoel, é confidencial. Não conte para mais ninguém, só para a Domingas, e não se esqueça de pedir a ela a maior discrição possível, porque conversa sobre a qual a gente não pede discrição, nunca surte o mesmo efeito.

— Acho que, na outra encarnação, o senhor será um comediante de primeira.

— Desde que seja com o talento de Groucho Marx, não me oporei, Manoel. A própria Bíblia, no livro dos Provérbios, diz, em seu capítulo 17, v. 22: *“O coração alegre é bom remédio, mas o espírito abatido faz secar os ossos”*.

— Groucho?...

— Um comediante estadunidense, nosso contemporâneo, que desencarnou em 1977, em Los Angeles.

— Não me lembro de ter ouvido a menor referência sobre ele.

— Era dono de um humor sarcástico e inteligente. Certa vez, ao ser indagado sobre a televisão, respondeu: “Acho que a televisão é muito educativa. Todas as vezes que alguém liga o aparelho, vou para a outra sala e leio um livro”.

Manoel gargalhou.

— O comediante – observei –, às vezes, cura mais que o psiquiatra.

— Cá entre nós, acho que fazer sorrir sempre foi o segredo de seu sucesso, Doutor!

— Ainda me sinto algo ranzinza, mas, prometo, vou aperfeiçoar-me. Você sabe: os espíritas, além de nariz empinado, costumam ter o queixo duro... Estou me referindo a alguns pseudo-intelectuais, que consideram até antidoutrinária a alegria! A gente escreve, pensando que irão sorrir, e ficam bravos! Eu não sei por onde anda o senso de humor dessa gente! Ser espírita não é ser carpideira! Algumas desempenham tão bem o seu papel que, além de chorar, beijam o cadáver...

— Meu Deus!

— Bem, deixando de conversa fiada, Manoel, porque Mentor que se preza não vive gastando saliva à toa, o que temos para hoje?

— Doutor, na tarde de hoje, apenas um paciente novo.

— Excelente! Vai me sobrar tempo para dar uma espiada no capítulo de “Nosso Lar”, que comentaremos à noite. E depois, é bom sinal: a loucura deve estar diminuindo ou se tornando o estado normal dos que vêm bater às portas de Além-Túmulo...

— Mas, para amanhã, teremos nove consultas marcadas!

— Então, retiro o que disse. Eu vou expor a você, em rápidas palavras, uma tese minha. Creio que, em muita gente, desencarnada e, principalmente, encarnada, a alteração psíquica é resultado de uma *vertigem intelectual*...

— *Vertigem intelectual*, Doutor?

— Sim, de um progresso intelectual acelerado, sem a contrapartida, ou seja, o progresso moral.

— Não entendi bem.

— Deixe-me tentar explicar um pouco melhor. Manoel, de cinquenta anos para cá, nos últimos cinco decênios, o pensamento humano, em toda a História da Evolução, está sendo compelido a um avanço sem precedentes.

— Concordo.

— O que acontece está mexendo muito com a estrutura anímica do homem...

— Deixando-o sem discernimento?

— Dentre outros fatores. O excesso, Manoel, está sufocando-o...

— O excesso de conforto?

— De conforto, de tecnologia, de lazer, de gastronomia, de prazer, enfim, de materialismo...

— Todavia milhões e milhões ainda vivem na pobreza, Doutor.

— E, do ponto de vista psicológico, por incrível que pareça, estão mais preservados. Sei que, segundo relatórios oficiais recentes, perto de 17% dos quase 7 bilhões de habitantes do Planeta vivem em extrema penúria – mais ou menos, 1 bilhão e 200 milhões!

— Os demais?

— Estão sofrendo para ter além do necessário à sobrevivência, no turbilhão de um consumismo que, logicamente, varia de acordo com o nível socioeconômico dos diferentes grupos.

— Os considerados pobres lutando pelo pão de cada dia...

— Os outros – a maioria, pelo pão de amanhã; menor parcela, pelo pão de depois de amanhã; alguns, pelo pão do resto da existência e considerável percentagem, pelo pão da próxima encarnação...

— Temos um desses aí fora, Doutor – avisou-me o devotado cooperador.

— Dos que acumularam para a próxima encarnação? – perguntei, curioso.

— O homem foi milionário...

— Então, com certeza, corrupto. Não estou prejudgando ninguém, mas, como diz “O Livro dos Espíritos”, na questão 808.a, se remontarmos

à origem da riqueza de alguém, principalmente da riqueza hereditária...

— Contrabandeava madeiras de lei!

— O quê?! — exclamei, pressentindo o drama.

— Segundo ele, devastou, na Floresta Amazônica, o equivalente a centenas de campos de futebol!

— Deus meu! Esse homem, então, foi o Gengis Khan das árvores!

— Posso mandá-lo entrar?

— Estou aqui para isso, não é, Manoel? — respondi. — E o pior é que, em nome da Caridade, em vez de metê-lo na cadeia, vou ter que deitá-lo no divã... Esse homem — grunhi — deve ter sido a reencarnação de uma motosserra!

CAPÍTULO

5

O referido paciente, assim que adentrou as dependências do consultório, praticamente jogou-se na poltrona, defronte à mesa em que atendo.

— Como vai? — estendi-lhe a mão, procurando incentivá-lo a falar.

Com olheiras profundas e semblante abatido, o homem me fitou, em silêncio, por alguns segundos.

— O que o traz aqui, meu amigo? — insisti.

Reparando nos móveis em volta, todos confeccionados em material plástico e metal leve, ele falou pensativo:

— Nada aqui é de madeira...

— Absolutamente nada — endossei.

— Ainda não vi qualquer coisa em madeira...
Que mundo é este?

— O mundo em que você sabe estar vivendo agora — respondi.

— Uma cidade inteira de plástico!

— Por aqui, não dispomos nem do tal *molho-madeira*, que, aliás, nunca me caiu bem ao paladar — gracejei um tanto provocativo.

Ele tornou a me olhar, esfregou as mãos suarentas e começou a se abrir.

— Eu sou um assassino, Doutor! Um assassino da Natureza! Fui dono de várias serrarias clandestinas na Amazônia... Antes dos cinquenta de idade, com o comércio ilícito de madeira, fiquei rico. Acho que sou o maior desmatador vivo do mundo...

— *Morto!* — corrigi.

— Antes estivesse. Não sei o que faço. Sofro pesadelos horríveis... Não tenho tranquilidade para dormir. Dia e noite, vejo árvores seculares sendo decepadas! Elas parecem me pedir clemência, mas, em minha ambição desmedida, não as atendo... Ecoando de suas copas, ouço vozes que me acusam. Os animais, como se eu lhes fora o predador, fogem, em debandada, para o interior da floresta... Sob os meus passos, ao olhar para trás, enxergo apenas destruição... As minhas mãos, sujas de resina, ao que me parece, estão repletas de sangue! Tenho ímpetos, quase incontidos, de cortar, cortar... O que faço, Doutor? Sinto que vou enlouquecer...

Intrigado com a situação do ex-madeireiro, que, em circunstâncias normais, não era para estar ali, mas, sim, vagando, em espírito, por algum precipício desértico, perguntei:

— Algo em seu favor?

Compreendendo o sentido da pergunta, explicou, com voz trêmula e desesperançada:

— Sou filho de um ex-carvoeiro. O meu pai, nascido em Manaus, aventurou-se, ainda jovem, pela floresta. De carvoeiro, passou a pequeno latifundiário. Em sua memória, eu amparava dez famílias de carvoeiros... Deixava que, sem qualquer ônus, explorassem o que remanescia das árvores que derrubávamos. Era gente muito pobre, sem recurso algum. Eu mesmo lhes adquiria, a preço justo, todo o carvão produzido.

— Recorda-se de ter feito mais?... — inquiri reticente.

— Infelizmente, não. Eu até que experimentava certo impulso para fazer o bem... No começo, aquela ideia de derrubar árvores em série não me agradou, mas a proposta foi tentadora — os compradores pagavam em dólares! E, depois, ninguém fiscalizava.

— Até hoje, a Amazônia vive à mercê dos saqueadores!

— Vai desaparecer, Doutor, não se iluda.

— Não me iludo, não.

— Lá, ao longo de praticamente toda fronteira, existem dezenas como eu...

— A impunidade campeia no Brasil e nos demais países limítrofes.

— A gente suborna...

— Não convém enveredarmos por aí — ponderei.

— Certo, mas existe gente graúda, inclusive na política e na polícia, gente que não mostra a cara...

— Você tem ideia de quantas árvores derrubou? — indaguei trazendo o assunto para o campo que, no momento, mais interessava.

— Não, não tenho. Com certeza, milhares! Árvores colossais, cujos troncos, dando-se as mãos, seis ou sete homens não conseguiriam abraçar. Às vezes, mais de cinquenta, cem espécies por hectare! Sem dúvida, o maior patrimônio natural do Planeta!

— De que foi que você desencarnou?

— Colapso cardíaco! Eu sempre tive pressão muito alta... Deixei um império nas mãos nem sei de quem.

— Não teve filhos?

— Tive alguns — não sei quantos —, com várias mulheres. Eu vivia na frente de combate, Doutor, supervisionando tudo.

Após o inevitável silêncio que se fez, ele indagou:

— O senhor acha que estou louco?

A isso, levantei-me da cadeira, andei pelo consultório, aproximando-me da janela envidraçada que dava para a rua, e, procurando conter a própria indignação, respondi sem evasivas:

— Não resta dúvida de que cometeu uma insanidade, das maiores que o homem pode cometer.

— Pior que um assassinato, Doutor?

— O desmatamento vem afetando a Humanidade inteira... Cremos que a questão do aquecimento global repercutirá até neste mundo!

— Como?! — questionou sem quase se conter.

— As implicações são as mais diversas, desde a desencarnação que, em consequência, poderá ocorrer em massa. O aquecimento global, provocando uma escassez na produção de alimentos, poderá levar o homem à guerra. Sem mencionarmos o desequilíbrio no ecossistema, favorecendo a proliferação de epidemias e pandemias...

— A dengue, por exemplo!

— A dengue, em seu último surto no Brasil, em 2008, vitimou quase um milhão de pessoas! Centenas foram a óbito...

— Qual a repercussão disso para o Mundo Espiritual? Eu não entendo...

— É claro — observei, voltando a me sentar —, que você não pode entender. Ninguém machuca uma flor sem ferir uma estrela, e vice-versa!

O homem abaixou a cabeça e não conseguiu evitar que lágrimas lhe escorressem pelo rosto.

— Sinceramente — disse —, é a primeira vez que me vejo diante de tamanho impasse...

— O meu lugar seria na cadeia, não é, Doutor?

— Devolvo-lhe a pergunta: o que você acha?...

— Que sequer sou um criminoso comum!

— Eu sou médico e não juiz, graças a Deus! Não me compete julgá-lo, nem, muito menos, sentenciá-lo.

— Mas devo informar ao senhor que, se escapei aos tribunais da Terra, fui submetido a

juízo neste Outro Lado. Estou aqui, nesta consulta, com a permissão do juiz... Fui sentenciado a cumprir 200 anos de pena!

— Aqui?!...

— Não somente.

— De fato. Você reencarnará sentenciado e ainda sobrarão penas para ser cumpridas quando voltar — quiçá, até para a outra encarnação!...

— 200 anos plantando árvores, cuidando de pomares, jardins, preservando nascentes, enfim, combatendo as mais diversificadas agressões contra a Natureza!

— Melhor que passar a Eternidade como um pé de urtiga, não é, meu filho?

O paciente, que chamaremos de Lauro, completamente arrasado, tentou esboçar um sorriso.

— Doutor — voltou a falar, após outro intervalo no diálogo que entabulávamos —, a sua fama é de ser um homem sincero. Por que, então, parece estar medindo as palavras para conversar comigo?

— Não é essa, acredite, a minha vontade.

— E qual é sua vontade? Eu não quero que o senhor me poupe...

— Se pudesse, a minha vontade seria levá-lo de volta à Amazônia e, por 200 anos, deixá-lo lá, para que você tentasse demover os contrabandistas do criminoso propósito que os inspira...

Fiz uma pausa e continuei:

— Antes, todos os dias, pela manhã, eu mandaria lhe aplicar uma surra: num dia da semana, apanharia de Mogno; no outro, de Copaíba; depois, de Angelim, Cedro, Sapucaia, até que todas as espécies de árvores da grande Floresta o esfolassem com seus galhos e raízes. Mas, como não posso e não me convém fazer isso, pois, afinal de contas, sou cristão, e Jesus me ensina a perdoar, faço-lhe uma proposta.

— Qual?! — questionou interessado.

— Solicitarei, se concordar, ao juiz que o tirou de circulação — porque você é comparável a um terrorista internacional! —, para que, enquanto estiver por aqui, na condição de espírito fora do corpo, comece a cumprir pena prestando serviços à Sociedade Protetora dos Animais “Francisco de Assis”, recém-fundada.

— Será que eu teria essa oportunidade?

— Merecer, você não merece. Mudando de ideia a respeito das surras, você deveria é ser condenado a 200 anos de pura ociosidade — para o espírito, não há maior castigo que a ociosidade! Ficar à toa, cruzar os braços, enquanto o tempo passa, e ele sempre na mesma, como se tivesse sido esquecido pela própria Vida!

— Doutor, pelo amor de Deus... Eu não agia por maldade. Foi o meio em que cresci e encontrei para ganhar a vida!

— Ganhar a vida, desfazendo o que Deus fez? Você sabe quantos anos uma árvore, das mais altas e de

tronco mais robusto, qual o Jatobá, por exemplo, que a motosserra derruba em minutos, leva para se formar?

— Uns 100, 200 anos!...

— Aquilo com que você colaborou para acontecer na Amazônia é pior do que as bombas atômicas, que explodiram em Hiroshima e Nagasaki! Ou, ainda, que o atentado de 11 de setembro de 2002, no *World Trade Center*!

CAPÍTULO

6

— **D**outor — argumentou o ex-madeireiro, tentando desculpar-se —, eu não fazia ideia da gravidade de minhas ações. O tribunal, no entanto, foi implacável. Tive bons advogados à minha disposição, mas, desde o começo do processo, eles me avisaram que, no máximo, tentariam minimizar a pena.

— Pois é, Lauro — ponderei —, você deixou o corpo ainda relativamente jovem e imaginou que fosse escapar à ação da justiça.

— Jamais poderia supor que, na Vida de Além-Túmulo, a justiça funcionasse como funciona na Terra. Assim que me vi fora do corpo, deram-me voz de prisão e fui para uma penitenciária, onde fiquei aguardando julgamento.

— O que você, por exemplo, acha que os advogados, promotores e juízes desencarnados fariam por aqui? Os seus esforços se anulariam com a desencarnação?

— Não, mas pouca gente faz ideia...

— Entre aquilo de que fazemos ideia e a realidade, a distância costuma ser incomensurável!

— Ninguém consegue escapar, Doutor? — perguntou-me.

— Não. Mais cedo ou mais tarde, todos cairão nas malhas da justiça humana, que é pálido reflexo da Justiça Divina.

— Existem tribunais assim por toda parte?

— Enquanto deles tivermos necessidade, é razoável pensar que sim. Mas — solicitei —, conte-me, Lauro, a sua experiência neste sentido.

— Conforme lhe disse, assim que me reconheci fora do corpo — tive oportunidade de ver o meu corpo imóvel, caído no banheiro de uma das minhas propriedades —, dois detetives se aproximaram e me perguntaram se eu era o dono daquelas terras e da serraria.

— Quantas serrarias você possuía?

— Em franca atividade, quatro — com tratores e caminhões de transporte. Cheguei a ter mais de cem empregados na informalidade!

— E motosserras? Quantas?

— Mais de quarenta, porque elas se danificam com certa facilidade.

— Um pelotão de motosserras! — exclamei. — E daí? Prossiga...

— Os detetives pronunciaram o meu nome completo. Noutras circunstâncias, como fugi inúmeras vezes, eu teria fugido, mas... Eu tinha inúmeros contatos na polícia, Doutor!

- Você os “presenteava”...
- Sim; às vezes, até com carregamento de madeira. Alguns preferiam dinheiro mesmo.
- Os detetives também se identificaram.
- Mostraram-me suas insígnias.
- E depois?...
- Conforme lhe disse, deram-me voz de prisão e me algemaram.
- Você foi algemado?
- E colocado dentro de um veículo semelhante a um camburão.
- Quer dizer que você saiu do corpo e veio direto para a cadeia, preso em flagrante?
- Foi, Doutor.
- Não ficou vagando, em espírito, nos arredores de sua casa?
- Talvez, se não tivesse sido preso, o fizesse.
- E os obsessores? — interoguei. — Você, em linguagem espírita, deveria ser assediado por uma falange...
- Nenhum por perto, Doutor! Certamente, a presença da polícia os afugentou, pois, de certa maneira, muitos são criminosos procurados.
- Conduzido na viatura?...
- Levaram-me para o presídio. Tiraram-me as algemas, um médico me examinou e prescreveu alguns medicamentos. Devo ter dormido uns quatro ou cinco dias seguidos...
- E quando acordou?

— O médico foi novamente chamado, entrou na cela, sentiu o meu pulso, auscultou-me o coração um tanto acelerado, perguntou se eu ainda estava sentindo falta de ar... Depois, chamando o responsável, orientou sobre a minha alimentação e disse que, no outro dia, eu seria submetido a exames mais acurados.

— Até então, nada de advogado?

— No outro dia, antes da bateria de exames a que seria submetido, no próprio presídio, recebi, sim, a visita de uma advogada.

— De uma advogada?

— Da Dra. Helena, uma jovem de pouco mais de trinta de idade, muito simpática e inteligente. Ela tem escritório com um colega, o Dr. Roberto. Ambos são contratados para assistência jurídica gratuita no presídio.

— Assistência gratuita?

— Como eu poderia pagar-lhes, Doutor, a eles ou ao senhor por esta consulta?

— O julgamento demorou?

— Absolutamente. Daí a um mês, eu estava sendo levado ao tribunal. O promotor de justiça foi implacável. O senhor não há de ver que exibiram até fotos aéreas das regiões desmatadas por mim!...

— E você?...

— Sinceramente, não fazia ideia da extensão geográfica da devastação provocada. Fiquei profundamente triste e abalado. Como o senhor disse, fui considerado um terrorista. Mostraram

para os jurados as consequências imediatas de tudo
— as minas d'água mais próximas, que já estavam
secando, várias espécies de pássaros em emigração, a
erosão da terra e — incrível! — a repercussão no clima
de regiões quase no extremo do País...

— E os seus advogados? Em que basearam a
defesa?

— Eles bateram na tecla da minha ignorância —
eu sou quase analfabeto..., um homem sem religião —,
evocaram as famílias de carvoeiros que eu amparava,
tentaram alegar que sou produto do meio e que as
autoridades, no mínimo, foram coniventes, mas que
somente eu estava ali para responder...

— Foram competentes — concordei.

— Mesmo assim: 200 anos de prisão!...

— Sem direito algum a recorrer.

— Exatamente. O juiz que me sentenciou,
por votação unânime dos jurados, disse mais ou
menos assim: *“O senhor foi considerado por este
tribunal um inimigo do bem-estar público, cujas
ações praticadas na Terra, mais particularmente na
destruição parcial da Floresta Amazônica, repercutem,
inclusive, na dimensão em que vivemos, sendo, pois,
enquadrado nos crimes hediondos cometidos contra a
Humanidade. Com base na autoridade a mim conferida
por este Tribunal, através dos senhores Jurados, eu o
condeno a 200 anos de reclusão, a serem cumpridos
integralmente, sem que lhe seja facultado o direito de
recorrer a instâncias superiores”*.

— O que você tem feito na prisão, Lauro?
— Trabalho no campo, doze horas por dia!
Somos quarenta e sete detentos, Doutor!

— Cuidando da lavoura?...

— De tudo que diz respeito à Natureza.

— E vocês são vigiados?

— Claro!

— Poderiam fugir?

— Muitos de nós pensamos nisso, todos os dias... Infelizmente, porém, a prisão é de segurança máxima.

— Igual às da Terra?

— O senhor está brincando, Doutor — disse, levantando a manga da camisa que vestia e mostrando, no antebraço, uma fina argola que lhe monitorava, via satélite, todos os movimentos.

— Este aparelhinho, Doutor, só lhe falta adivinhar o que a gente pensa! Ele controla os nossos batimentos cardíacos, que denunciam o tipo de emoção que estamos tendo. De acordo com a sua leitura, somos imediatamente chamados de volta ao presídio, para uma entrevista com os psicólogos.

— Psicólogos?

— Sim. Temos médicos, psicólogos, fisioterapeutas... Estamos presos, mas somos tratados com humanidade. Lá não é nenhum Carandiru!

— E, à noite, o que fazem?

— Estudamos. Depois do banho e do jantar, vamos para a escola.

— Qual é a sua esperança agora? — perguntei, já preconcebendo a resposta.

— Doutor, sinceramente, a minha esperança agora se resume em reencarnar... Mesmo os que lá não acreditam em semelhante possibilidade vivem falando nisso.

— Em que o magistrado se baseou para condená-lo por 200 anos?

— A Dra. Helena me explicou que foi com base na vida média que uma árvore, quando não molestada, pode alcançar...

— Conheço bosques em que as árvores chegam a viver até 500 anos ou mais!

— No meu caso, o cálculo foi efetuado levando-se em conta a média da vida das árvores que derrubei.

Silenciando por momentos, o detento me perguntou:

— O senhor me requisitará mesmo para trabalhar na Sociedade Protetora dos Animais?

— Vamos precisar de gente com bastante tempo disponível, e, pelo que vejo, você tem 200 anos pela frente.

— 199, Doutor, pois já cumpri 1!

CAPÍTULO

7

Quando o paciente se retirou do consultório, devidamente orientado por mim quanto ao seu longo tratamento, chamei Manoel Roberto e recomendei a ele que solicitasse, através da Assessoria Jurídica do Hospital, uma documentação ao juiz que condenara Lauro.

— O senhor pretende aproveitá-lo na Sociedade Protetora dos Animais, Doutor? — perguntou o companheiro.

— Se o magistrado concordar com a liberação dele, sim — respondi. — Não vejo nenhum inconveniente, pois, além do mais, ele está mesmo doente. A rigor, Manoel, a instituição recém-fundada, que espera também contar com os seus bons préstimos, pretende estender o seu trabalho a todo o meio ambiente.

— Não somente aos animais?

— Principalmente a eles, mas não apenas. Creio que toda atividade voltada para a defesa da Vida deve nos interessar.

— Eu me lembro do quanto o senhor era avesso a que os doentes e funcionários do Sanatório jogassem, inclusive, diminutas bolinhas de papel no jardim...

— E tinha cabimento, Manoel? Conforme o *slogan* da campanha, lixo é na lata de lixo! Um dos problemas ambientais mais graves no Planeta e sobre o qual pouca gente fala é a questão do lixo.

— Os chamados lixões?!

— Não somente, mas o lixo acumulado nos quintais, nos terrenos baldios, nas ruas das cidades, nos córregos...

— O senhor tem razão. Nunca pensou em se candidatar a deputado? — gracejou, provocativo.

— Nem a presidente de centro espírita! Arre! Deixe-me bater três vezes, por falta de uma de madeira, na mesa de plástico... Essa foi uma das piores ofensas que você já me fez, antes e depois do túmulo, sabe?

— Brincadeira, Doutor!

— Olhe, para você avaliar a gravidade do que me disse, vou lhe fazer uma confidência: a ser político, até mesmo vereador, eu preferiria ser padre!

— E beijar a mão do Xandico, Doutor? — tornou a cutucar-me naquele fim de expediente em que, a fim de esparecer, costumamos jogar conversa fora.

— Nem tanto, Manoel! Pelo amor de Deus! Hoje, eu não estou sendo páreo para você! Eu não sei qual é a entidade galhofeira que o está inspirando...

O amigo sorriu, enquanto providenciava para fechar o consultório e, novamente sério, comentou:

— Eu não sei como é que anda o problema do lixo nas cidades brasileiras... O senhor é sempre mais bem-informado do que eu.

— Há pouco tempo — contei —, visitando a nossa Uberaba (dei uma passada lá pelo Sanatório, etc.), eu materializei um olho...

— O senhor materializou um olho?! — questionou o competente auxiliar, algo incrédulo.

— É, o meu olho! Eu materializei um dos meus olhos, para melhor enxergar as coisas, meu caro...

— Só o senhor, mesmo!

— Às vezes, quando, sem muito trabalho, quero escutar o que estão dizendo, ou seja, os assuntos comentados nas rodinhas, eu materializo um ouvido...

— ?!...

— Mas, percebendo que não compensa, logo o desmaterializo. Principalmente, em certas rodinhas espíritas.

— Eu sabia que ia acabar sobrando para a gente...

— Não tenho culpa alguma, pelos espíritas nem pelas rodinhas!

— Pelas rodinhas, o senhor tem!

— Não estou falando que você hoje está com *encosto*?!...

Tornamos a sorrir e, agora, fui eu a tomar a iniciativa de falar sério.

— Conforme ia dizendo, materializei um olho e dei uma espiada na Praça Rui Barbosa, na

Rua Artur Machado, fui para a Praça Dr. Henrique Krüger, andei pela Avenida Dr. Fidélis Reis, até às proximidades de meu antigo bangalô...

— E daí, Doutor?!

— Cheguei à conclusão de que o centro da cidade deveria ser interditado: insalubridade por todos os lados!

— Vão dizer que o senhor está falando mal de Uberaba...

— De Uberaba só, não; estou falando mal do Brasil inteiro... E assumo!

— Mas o que foi que viu de tão drástico assim?...

— Como estava anoitecendo, vi pouca coisa: um homem fazendo xixi defronte ao antigo Cine-Teatro “São Luís”; um pouco mais abaixo, numa caçamba de lixo, um gato morto – coitado do bichano! – em estado de putrefação; no comecinho da Rua Artur Machado, o esgoto se havia rompido e corria a céu aberto...

— Isso é coisa de país de 3º mundo!

— De 5º ou 6º!... Mas não ficou aí. No ponto de ônibus, um senhor tragava e escarrava de um lado, e, de outro, um jovem assoava o nariz com os dois dedos... O que voava de bactérias, você não imagina. Quase que peguei uma conjuntivite!

— Doutor, como diz a Domingas, o senhor é impagável!

— Não estou brincando, não! Na Praça Dr. Henrique Krüger, que é mais conhecida como Praça dos Correios, papel higiênico usado... Nisso, passou

o caminhão do matadouro, com as ossadas expostas na carroceria e uma nuvem de varejeiras...

— Isso é um filme de terror! Não é nem mais questão de saúde pública...

— Exageros à parte, Manoel, que juro não estar cometendo, como é que as nossas cidades lá embaixo podem ficar assim, tão entregues à própria sorte?

— Pelo menos, no lado de cá, o pessoal já tomou um pouco mais de consciência.

— Você leu, nos jornais, a lei que foi aprovada recentemente? — Quem for pego jogando papel no chão ou cuspiendo, além de ser multado, será condenado a um mês de serviços comunitários!

— Isso tinha que ser implantado *lá embaixo*...

— Nas águas do rio Tietê, em São Paulo, Manoel, eles jogam geladeira, fogão, sofá, pneu, cachorro e gente morta — jogam um hotel inteiro! Se o Brasil conta com 180 milhões de habitantes, a população de ratos é de 8 a 10 por habitante...

— Esse dado é alarmante, Doutor!

— Manoel, dizem que, na China, a média é de 300 ratos por habitante!

— Céus!

— Em Nova York, em 2002, a média era de 9 ratos por habitante!

— De onde o senhor obteve esses dados? — questionou o amigo.

— De livros médicos, mas, recorrendo a um computador, você poderá confirmá-los nos *sites* à disposição.

— Só ficou faltando lixo no Céu...

— Onde?!

— No espaço, Doutor? Só está faltando fazermos um lixão no espaço...

— Faltava, Manoel, faltava!

— O quê?!

— Mais de 300 milhões de objetos, restos de satélites, foguetes, artefatos bélicos, etc., se encontram na órbita da Terra! A qualquer hora, alguém *lá embaixo* poderá desencarnar por conta de uma arruela ou um parafuso...

— O pessoal fica preocupado com a queda de um asteroide...

— Consciência ecológica — eis aquilo de que o homem precisa, na tentativa de reverter os prognósticos quanto às consequências do chamado *aquecimento global*! A falta de senso de imortalidade da criatura encarnada, no fundo, é a causa de sua irresponsabilidade, em relação à Natureza. Quando Jesus prometeu, aos brandos, a Terra por herança — “*Bem-aventurados os que são brandos, porque possuirão a Terra*” —, Ele estava se referindo não somente aos que souberem viver em harmonia com o próximo, mas também com a Natureza! Não tenhamos qualquer dúvida: os predadores serão expurgados! Em futuro que acreditamos não muito distante, prosseguirão

vivendo no Planeta apenas aqueles que, no dizer de Albert Schweitzer, o profeta das selvas, manifestarem “reverência pela Vida”! Aliás, em rigorosa previsão expressa por Allan Kardec, pode-se confirmar o Grande Expurgo, conforme consta no item 27 de “A Gênese”, comentando “A Nova Geração”.

— Independente de credo religioso, não é, Doutor?

— É claro, Manoel. O Espiritismo é a religião do futuro porque é a doutrina do Amor Universal! Como dizia Chico Xavier, nós não vamos ser os tais! Somos apenas sentinelas avançadas, ou um tanto avançadas da Verdade que, um dia, imperará na Terra, como já impera em outros orbes. A Humanidade do porvir será uma Humanidade sem rótulos! Por enquanto, apenas a Economia está tentando se globalizar, mas estamos longe de adotarmos a mesma moeda para as nossas transações. Quando a mesma moeda e o mesmo idioma forem adotados, aí as demais fronteiras, inapelavelmente, ruirão.

— O senhor acredita no congraçamento das diferentes religiões?

— Isso seria não acreditar que Deus logrará o seu propósito com os homens! Dentro da própria Igreja, em surdina, esboça-se já um movimento, a partir de teólogos de vanguarda, para que a Reencarnação volte a integrar os seus dogmas. Porque, de fato, a rigor, a Igreja, como um todo, nunca se pronunciou contrária à tese reencarnacionista.

— Não?!

— Não. Foi uma decisão isolada que se tomou no Concílio de Constantinopla, no ano de 553, convocado pelo Imperador Justiniano, contra a autoridade do Papa Virgílio. Influenciado pela Imperatriz Teodora, sua esposa, que, segundo alguns, havia sido uma mulher de hábitos pouco recomendáveis, em 543, dez anos antes, ele já havia promulgado um edito que condenava as ideias de Orígenes, principalmente as das vidas sucessivas. Foi, digamos assim, por ação de uma canetada, que a Reencarnação foi *abolida* do seio Igreja!

CAPÍTULO

8

Os diálogos com Manoel Roberto, Odilon, Modesta, Domingas e outros irmãos, sempre me davam ensejo de esquadriñar assuntos a serem abordados na singela literatura que elaborava para a Terra.

O tema da punição judicial, fora do corpo, para os infratores da Lei, parecia-me extremamente interessante, de vez que, eu mesmo, quando encarnado, nunca tivera oportunidade de ler algo a respeito e, confesso, sequer cogitara do assunto.

Para mim, os delinquentes que, por exemplo, desencarnassem antes do cumprimento integral da pena, estariam liberados dela. Grande engano! Assim como, quando justas, as sentenças da Terra valem para a justiça do Além, as sentenças do Além continuam a valer para os que reencarnam.

Continuando a conversar com Manoel Roberto, sobre o caso de Lauro, o ex-madeireiro, perguntei.

— O paciente que acabou de sair do consultório estava acompanhado por policiais, não?

— Estava, Doutor, e, logo à saída, eles voltaram a algemá-lo.

— O homem, no entanto, não me pareceu perigoso...

— Mas poderia tentar empreender fuga... Condenado a 200 anos de reclusão! Curioso, não? Se alguém me dissesse, na Terra, que as coisas funcionassem assim, além da morte, eu não acreditaria.

— Tampouco eu, Manoel. Perante a Lei Divina, a impunidade não existe. De alguma maneira, em algum lugar, quem deve será constrangido a pagar o que deve. Pode correr o tempo que for...

— O débito sempre ficará esperando por quem o contraiu!

— Há uma passagem em “O Novo Testamento”, mais particularmente no Evangelho de Mateus, capítulo 16, versículo 19, sobre a qual sempre refletia, sem, contudo, atinar para o seu significado profundo.

— Qual é, Doutor?

— Aquela em que Jesus, conversando com Simão Pedro, lhe diz: “... *o que ligares na Terra, terá sido ligado nos Céus; e o que desligares na Terra, terá sido desligado nos Céus*”.

— A que conclusão chegou o senhor?

— Em tais palavras, está enunciada a Lei de Causa e Efeito, com toda a sua transcendente abrangência.

— Mostrando que, em verdade, a vida do espírito, na multiplicidade de suas experiências, no corpo e fora do corpo, é uma só!

— Exatamente. Os corpos são vários, o espírito é o mesmo. Creio que, neste sentido, foi que Paulo escreveu em sua Epístola aos Hebreus, no capítulo 9, o controvertido versículo 27: "*E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez e, depois disto, o juízo, ...*"

— Que muitos advogam ser um libelo contra a Reencarnação!

— Mas não o é! Paulo se referia à morte do homem para o erro, ou, aos que preferirem, para o pecado, que, quando acontece, dá-se uma única vez!

— Os que erram e tornam a errar, ainda não morreram para o homem velho?

— Você compreendeu. É isso, Manoel. Nesse sentido, embora já tenhamos morrido centenas de vezes, ainda não morremos uma só!

— Morrer significando renovação para sempre, não é, Doutor?

— O que, infelizmente, ninguém consegue com uma experiência isolada no corpo de carne.

— Definitivamente, não. Se tomarmos as palavras de Paulo ao pé da letra, não haverá, sobre a Terra, e creio que nos outros mundos, quem consiga se safar da condenação eterna.

— Lauro, o ex-madeireiro, morreu e... não morreu!

— O que o levou a ser um madeireiro, agindo na clandestinidade, ainda sobrevive nele — é ele mesmo! Esse nosso irmão, qual também ocorre conosco, ainda terá que morrer incontáveis vezes!

— Chico Xavier dizia que *"o criminoso é qualquer um de nós que foi descoberto"*...

— Sábias palavras! Todos somos infratores da Lei e, de certa maneira, estamos situados no Código Penal da Divina Justiça, no qual existe um artigo para cada um de nós.

— Doutor — perguntou-me Manoel —, como a sentença promulgada nos tribunais da Vida de Além-Túmulo se cumprirá para os infratores que reencarnam, já que, retomando o corpo, estamos sujeitos a temporário esquecimento?

— Isso não é empecilho, meu caro. A rigor, a Terra é vasto presídio; o corpo é a solitária... Veja você: a lei da gravidade nos mantém com os pés chumbados ao solo do Planeta...

— Os sentenciados serão apenas os que renascem com limitações físicas? — insistiu.

— Não! Em muitos casos, eles são os que cumprem penas mais brandas... Você não está levando em consideração as inibições de ordem psicológica, que travam o espírito em seus impulsos! Os que, por exemplo, desde o berço, convivem com determinados complexos no campo da afetividade; os que, por mais que se esforcem, não conseguem se firmar profissionalmente; os que lutam e não logram

realizar os seus sonhos de felicidade pessoal; os que convivem com pavorosos dramas de consciência, a lhes comprometerem a saúde; os quadros de obsessão, que eu e você tivemos oportunidade de conhecer muito bem no Sanatório...

— Quantos doentes psiquiátricos por detrás das grades!

— Aparentando serem as vítimas, eram os ofensores...

— Doutor, muitos, depois de cumprirem a pena imposta pela justiça humana?...

— ... ainda terão que se haver com a própria consciência! Por este motivo, não bastará a liberação da sentença, para que o infrator se considere completamente livre – ficará lhe faltando a liberação da consciência, em níveis mais profundos.

— Como a coisa é complicada!

— Manoel, você não queira fazer o mal a quem quer que seja! Até mesmo não querendo, quando prejudicamos alguém, a consciência nos cobra. Ela me parece um credor que conheci. Quando o devedor não queria ou não tinha com que pagar a dívida, ele se dispunha a levar o que a pessoa tivesse. Certa vez, efetuando uma cobrança para a antiga “Casa das Meias” – você se lembra dessa loja?...

— Claro, fiquei dependurado lá várias vezes!

— Quem sabe, então, foi a você que o cobrador deixou só de cueca?! – caçoei.

— Não, Doutor – explicou-se Manoel –, eu demorava, mas pagava tudo, inclusive com juros. Nunca fui de dar calote...

— Nem na Lei Divina? – perguntei incisivo.

— Como o povo costuma dizer, agora o senhor me apertou sem me abraçar...

— Fique tranquilo – aliviei, pousando a destra sobre o ombro do companheiro: — da Divina Lei, todos somos caloteiros!

Efetuei diminuta pausa e voltei a falar.

— Você se recorda deste trecho, igualmente anotado por Mateus, capítulo 5, versículos 25 e 26? — *“Reconciliai-vos, o mais depressa possível, com o vosso adversário, enquanto todos estais a caminho, para que ele não vos entregue ao juiz, o juiz não vos entregue ao ministro da justiça e não sejais metidos em prisão. — Digo-vos, em verdade, que daí não saireis, enquanto não houverdes pago o último ceutil.”*

— Doutor, se a gente tiver que pagar aos homens e à própria Terra, tudo que a gente lhes deve...

— Prepare-se! – graciei. — Você ouviu bem? *“... enquanto não houverdes pago o último ceutil”!* A consciência não faz abatimento! De minha parte, ultimamente, ando até com os bolsos revirados para fora, mostrando o meu estado de penúria espiritual... Sei que devo muito, mas, no momento, não tenho como aumentar o valor das parcelas em quitação.

— O senhor brinca, mas o assunto é sério...

— Por este motivo, tratemos de trabalhar, meu caro, sem pensar em crédito. Na atual conjuntura evolutiva da esmagadora maioria, ninguém está acumulando: está quitando! Para começar a poupar, primeiro, vamos ter que saldar todos os débitos.

— Não me desanime – pediu quase em tom de súplica.

— Eu não o estou desanimando: apenas desiludindo...

E, sincero, enfatizei:

— Manoel, a gente precisa acordar – estamos “dormindo” há milênios! Você não acha que já está de bom tamanho? Muitos fazem alguma coisinha e ficam esperando a recompensa. Até entre os nossos irmãos espíritas é assim. Estamos, sem exagero, naquela fase de erradicar a erva daninha, milenarmente acalentada na gleba do espírito, para, depois e somente depois, começarmos a cultivar o bom grão.

— No fundo, Doutor, eu sei que o senhor tem razão...

— Você está enganado: não sou eu! A Lei que é assim! O “fora da Caridade não há salvação” precisa ser interpretado como “fora da Caridade não há solução”! Não há e nem haverá! Carecemos de combater o mal em nós mesmos – o mal que, numa das melhores definições que já pude ler, de André Luiz, no livro “Ação e Reação”, “*é a triste vocação do bem unicamente para nós mesmos*”.

— Onde é que o senhor arranja tanta coisa? É cada ideia!...

— Os espíritos que me inspiram têm misericórdia de mim, Manoel. Como abdiquei de toda compreensão dos homens, eles se apiedam da situação em que vivo — situação que me é extremamente benéfica, diga-se de passagem. Se os amigos me bajulassem, eu estaria perdido! Portanto, se deseja continuar na condição de meu amigo, não me lisonjeie. Prefiro apanhar! Bata devagar, mas prefiro apanhar. O elogio, mesmo quando procedente, encontra rápida conexão com a vaidade, que pelo menos eu trago quase à flor da pele.

— Não é só o senhor, não, Doutor! Somos todos suscetíveis.

— A fogueira, meu caro, para prosseguir viva e continuar na tarefa de aquecer, necessita da solidariedade de quem lhe atire uma acha de lenha, mas não de combustível que lhe alteie as labaredas e a faça tudo transformar em cinzas ao seu redor.

CAPÍTULO

9

A noite, sobraçando um exemplar da obra “Nosso Lar”, de André Luiz, que, sem dúvida, inaugurou, no Espiritismo, uma nova concepção de Mundo Espiritual, eu e Manoel Roberto tomamos a direção do “Liceu” para a sequência de nossas reuniões de estudo, tão proveitosas para mim.

Em lá chegando, fraternalmente recebido por diversos amigos, conversei, por instantes, com Domingas, responsável pela coordenação da reunião em pauta.

— Casa cheia, hem? — perguntei.

— Muita gente, Doutor! O interesse pelos estudos é cada vez maior.

— Não convém, porém, extrapolarmos, pois, conforme sabe, o rendimento pode ser prejudicado. Deixemos do tamanho em que está.

— Concordo.

Entrementes, Odilon e Modesta, acompanhados de Paulino Garcia, aproximaram-se para um abraço.

— Temos aqui, Inácio, nesta noite, uma pequena multidão — comentou Modesta, feliz.

— É justamente sobre o que eu estava conversando com Domingas. Não convém um número maior de pessoas, sob pena de o aproveitamento dos estudos não ser o mesmo. Você concorda? — perguntei, voltando-me para Odilon.

— O senhor está certo. Se necessário, outras reuniões poderão ser criadas. Em grupos menores, a participação é maior. A permuta de ideias é facilitada.

— O senhor está pronto? — indagou a Coordenadora, consultando o relógio.

— Ao seu inteiro dispor — respondi, inclinando levemente a cabeça.

— Então, vamos. A prece inicial fica a cargo de D. Modesta.

— E, por favor — solicitei —, vocês me auxiliem e não me deixem falando sozinho, como das outras vezes.

Todos sorriram e, posicionando-nos, imenso silêncio se fez na plateia.

Com poucas palavras, porém com muito sentimento, Modesta orou, rogando a proteção do Senhor para o bom andamento da tarefa sob a nossa responsabilidade.

Domingas, com a espontaneidade de sempre, ao conceder-me a palavra, arrancou sorrisos do auditório, ao confessar que, mesmo cabendo a ela só a coordenação das atividades, estava toda trêmula.

Colocando-me de pé, como se fazia necessário, comecei a falar:

— Como de praxe, antes de darmos sequência ao estudo do capítulo da noite, que é o de número 10, intitulado “No Bosque das Águas”, já anteriormente comentado(*), vocês me permitam falar, rapidamente, sobre a verdadeira revolução que esta obra causou, e continua causando, no pensamento espírita. Falo a vocês, neste instante, como se me dirigisse a uma assembleia de encarnados, levando em conta que a grande maioria não teve contato com o Espiritismo, na Terra. Esqueçamos, pois, por momentos – acho que isto não vai ser difícil para muitos –, que estamos desencarnados, supondo que estejamos envergando o corpo de carne, debaixo ainda das mesmas ilusões que, parcialmente, foram desfeitas pela morte. Correto? Vocês serão capazes de ainda se imaginarem encarnados? – perguntei, pedindo a participação de todos.

— Sim! – responderam em uníssono, com exceção de um engraçadinho que, erguendo a mão lá atrás, disse: — Mais ou menos!

— Você tem razão – devolvi. – Tem hora que a gente não sabe de que Lado está ou de que Lado deve ficar...

A turma sorriu, comportada, e continuei.

— André Luiz, pseudônimo do Dr. Carlos Chagas, das caravelas capitaneadas por Allan Kardec,

(*) O autor espiritual refere-se aos comentários feitos por ele sobre este assunto, na obra “Estudando Nosso Lar”. – Nota da Editora.

foi o marinheiro mais ousado e *insubordinado*... Não se contentando em chegar à costa do Continente recém-descoberto, ele desceu de uma das caravelas e foi realizar a exploração do terreno. Porque a verdade é que o próprio Codificador não fazia ideia do tamanho de sua descoberta e o que ela viria a significar para a Humanidade. Talvez, como Pedro Álvares Cabral, que, ao chegar ao litoral brasileiro, imaginou ter descoberto apenas uma ilha – a Ilha de Páscoa –, Kardec não supôs que descobrira um Universo, muito mais vasto que o Universo físico! Enveredando pela floresta virgem, a margear o extenso litoral, André Luiz, a cada passo, foi mapeando a terra que desvelava – através dele é que, a rigor, temos os primeiros esboços do Mundo Espiritual, a síntese cartográfica de nossa Pátria de origem!

Fiz uma pausa e esclareci:

— É óbvio que o mérito maior é do Codificador, que, um dia, há de ser reverenciado por todos os homens como o Descobridor do Mundo Espiritual! O problema, porém, é que Kardec não teve tempo para realizar explorações mais detalhadas, como não coube aos grandes descobridores – Cristóvão Colombo, Pedro Álvares Cabral, Vasco da Gama e tantos outros – a tarefa que, mais tarde, seria confiada aos Bandeirantes. Foi Kardec, no entanto, que, atravessando dimensões, fez tombar o muro da ignorância e do preconceito, que, infelizmente, a própria religião havia auxiliado a construir, separando os Dois Mundos.

No livro “Cidade no Além”, a coautoria de minha querida Heigorina Cunha, presentemente encarnada, o próprio André Luiz escreveu no prefácio que, através de Chico Xavier, grafou para a obra uma das muitas que têm surgido com base em “Nosso Lar”: *“3 – Justo lembrar aqui os mapas que Cristóvão Colombo desenhou, por influência de Mentores e Amigos Espirituais, antes de desvelar a figura da América. Semelhantes esboços não continham a realidade total, no entanto, demonstram, até hoje, que o valoroso navegador apresentava a configuração do Novo Continente, em linhas essenciais”*.

Sabemos – continuei –, desencarnados que estamos, com exceção do nosso amigo lá do fundão...

O pessoal sorriu.

— Sabemos que André Luiz, tendo dito muito, não disse tudo – e nem poderia, sem provocar maiores reações de cepticismo, e isto – pasmem! – nos próprios espíritas, que se gabam de ser os maiores conhecedores da Terra sobre a Vida além da morte. Até hoje, por exemplo, “Nosso Lar” é motivo de discussões doutrinárias infundáveis entre alguns seguidores da Doutrina, que chegam a contestar quase toda a obra.

A Coordenadora, aparteando-me, observou com inteligência:

— Doutor, eu conheci muita gente, na Terra, que não acreditava que o homem tivesse ido à Lua, sendo que a televisão mostrou o pouso da Apolo 11...

— Há exatos 40 anos atrás, não é?

— Correto.

— Confesso que, na época, eu também fiquei meio assim, Domingas! O Manoel, por exemplo, no outro dia, lá no Sanatório, perguntou-me se aquilo não era uma montagem a partir dos filmes de Flash Gordon...

— Eu, Doutor?! – indagou o companheiro, que eu incriminava sem razão.

— Você não vai me desmentir na frente de quase duas mil pessoas, vai?!

Manoel, sorrindo, abanou a cabeça, e eu prossegui:

— O prefácio de “Nosso Lar” é datado de 1943 – portanto, estando em 2009, véspera do centenário de nascimento de Chico Xavier, ele foi psicografado há 66 anos!

— É mais antigo que a chegada do homem à Lua! – exclamou Domingas.

— Bem – disse –, feito este pequeno preâmbulo, antes de darmos prosseguimento ao estudo do capítulo 10, de “Nosso Lar”, cidade descoberta por André Luiz, nosso destemido navegador, quem sabe a reencarnação de Ulisses, símbolo do navegador grego – brinquei –, doravante, cada qual se suponha ainda encarnado. Façamos de conta que, com o livro nas mãos, estamos conversando num círculo de estudos de uma casa espírita ou, só para contrariar os moralistas, à mesa de um bar.

E comecei:

— Convidado por Lísias, André Luiz iria conhecer o grande reservatório de água da colônia. Vejam bem: água no Mundo Espiritual! Eis o primeiro impacto! Lísias diz ao amigo que ele teria oportunidade de constatar que a água é quase tudo por lá... Quem é que se recorda? Qual é a percentagem de água no organismo humano?

— Antes ou depois de desencarnar, Inácio? — atalhou Modesta, interagindo comigo.

— Muito boa a sua participação — enfatizei. — Porque, de fato, em sua constituição, o perispírito, que é o nosso corpo atual, também é constituído de significativa percentagem de água. Mas eu estou perguntando em relação ao corpo físico.

— Em média, de 70% a 80%, Doutor — respondeu Paulino. — Depende da idade... Pelo que li, no encéfalo do embrião, é de, aproximadamente, 92%!

— A água, então, está mais perto da natureza do espírito que do próprio corpo que ele enverga. Daí, estar escrito no livro de “Gênesis”, logo no capítulo 1, versículo 2: “... e o Espírito de Deus pairava por sobre as águas”.

Após diminuta pausa para reflexão, indaguei:

— O espírito bebe e precisa de água?

— O espírito, não; o corpo espiritual, sim — elucidou Paulino.

— O que pensaríamos *lá embaixo*, se alguém nos dissesse que o espírito toma água?

— Que é mentira! — respondeu Domingas.

— Contudo o espírito, no Além, precisa de água mais do que para simplesmente beber e alimentar-se — observei.

Rapidamente, consultei os parágrafos seguintes e expliquei:

— André Luiz faz aqui uma referência sobre o “aeróbus” e sobre as “grandes oficinas do Serviço de Trânsito e Transporte”...

— O quê?! — redarguiu Manoel Roberto, encenando — “Serviço de Trânsito e Transporte”, no Mundo Espiritual?

— Vocês estão vendo? — ponderei. — André Luiz se referiu *en passant* sobre o assunto... Apenas esta informação, que ele não detalha, nos leva a uma série de indagações. Além do “aeróbus”, existem outros veículos no Mundo Espiritual? Qual é o tipo de energia que os move? Fábricas? Oficinas de manutenção? Engenheiros siderúrgicos? E mais: possibilidade de colisões e acidentes?...

— Doutor — comentou Domingas —, a cabeça do pessoal vai pirar... A minha já teria pirado.

— Todavia está aqui. Não estou inventando nada. Hoje, em minha opinião, colocar em questão a obra mediúnica de Chico Xavier significa questionar a própria Codificação. Como admitirmos que um médium de sua envergadura moral possa ter mistificado ou ter sido mistificado durante 75 anos? Não temos alternativa: é pegar ou largar! Certo?!

CAPÍTULO

10

— **D**outor — acrescentou Domingas —, eu estava me recordando de Nicolau Copérnico, aquele cientista que, por assim dizer, tirou a Terra do centro do Universo...

— À época, ele nada tinha podido provar, tampouco Giordano Bruno e Galileu, que lhe sucederam nas arrojadas teorias sobre o Universo, sumariamente condenadas pela Igreja.

— Segundo pude ler, as obras de Copérnico ficaram proibidas durante 300 anos!

— Três séculos de atraso para a Humanidade, Domingas!

— O que André Luiz narra em “Nosso Lar” igualmente não pode ser provado — a existência de uma cidade no Mundo Espiritual, mais bem organizada que as cidades terrestres...

— Veja você — acrescentei: dentro do dinamismo da Verdade, Copérnico, ao subtrair a Terra do centro do Universo, colocou o Sol em seu lugar...

— Ele se equivocou, não é?

— Sim, mas o seu equívoco já representou significativo progresso ao pensamento. Pelo menos, foi duro golpe à soberba humana, representada pela Teologia Católica. O Sol está longe de ser o centro do Universo; aliás, o Sistema Solar situa-se na periferia da Via Láctea... Somos — brinquei — um planeta de periferia, num sistema de periferia, recém-egressos de um país considerado de terceiro mundo!

Após o pessoal ter reagido na plateia, em natural burburinho, continuei:

— Vamos adiante com André Luiz. Neste mesmo capítulo “No Bosque das Águas”, o autor espiritual vai descrevendo a paisagem que contempla, enquanto o “aeróbus” segue deslizando. Ele se refere a um bosque, em maravilhosa floração, grama viçosa, árvores frondosas...

— Tem-se a impressão de que ele está se referindo a uma paisagem terrestre — observou Modesta.

— Exatamente — concordei. — Daí, o espanto de muita gente que concebia, e concebe, o Mundo Espiritual como algo fora das Leis Naturais.

— Não se leva em consideração o espírito de sequência — pontificou Odilon. — A morte não é um salto para a perfeição...

— Muito bem colocado, Odilon! — redargui.
— Seria ótimo se a desencarnação solucionasse, por si só, todos os problemas que nos afligem a inteligência. É justamente isto que me espanta: a quantidade de gente que desencarna e prossegue na mesma...

— Sequer acredita no fenômeno do próprio desenlace! — exclamou Domingas. — Certa vez — contou em seguida —, fui fazer uma endoscopia. O médico aproximou-se de mim e me aplicou um sedativo — senti leve picada no braço. Depois de instantes, vendo a enfermeira se movimentar na sala, perguntei se eles não iriam realizar o exame. Com a maior naturalidade, ela me respondeu: — “O exame já foi feito. A senhora não percebeu que está numa sala diferente?” Somente aí é que me dei conta de que, de fato, eu estava reclinada numa poltrona, numa sala de recuperação ao lado. Foi quando exclamei: — “Meu Deus, desencarnar é isso! Para mim, o tempo não havia passado... Devo ter dormido apenas uns 20, 25 minutos, sob o efeito do medicamento”.

— O médico fez mesmo o exame em você? — perguntei.

— Não sei. Tive que acreditar na palavra dele e da enfermeira. Eu não vi e não senti absolutamente nada. Foi daquele exame em diante que comecei a perder o medo de desencarnar...

— Quem já fez endoscopia aqui? — indaguei ao público presente.

Com cerca de 50% levantando a mão, frisei:

— Então, vocês conhecem a experiência que a Domingas relatou. É assim mesmo. Desencarnar é como mudar de sala! Agora — acrescentei —, mais intrigante que a inconsciência da própria desencarnação é a não aceitação da reencarnação por parte de grande maioria dos espíritos! Mas este é assunto que discutiremos noutra oportunidade.

Efetuei, novamente, ligeira pausa e prossegui.

— Lísias diz a André Luiz que a cidade de “Nosso Lar” é cortada pelo Rio Azul. Pelo nome, deve ser um rio sem poluição, concordam? — interroguei ao pessoal, que movimentou a cabeça de modo afirmativo.

— Doutor — apartou Manoel Roberto —, impressionante a antecipação de André Luiz neste trecho, enfatizando a importância da água! O livro foi escrito no começo da década de 40, quando a Humanidade ainda não havia despertado para a grave questão da escassez de água potável!

— Manoel, se me permite — completou Modesta, com um exemplar da obra aberto nas mãos —, subentende-se que, em “Nosso Lar”, a água é devidamente tratada e reaproveitada!

— O que somente agora — disse Odilon — está começando a ser feito pelos encarnados. Aliás, a água é reaproveitada pela Natureza de maneira que passa despercebida pela maioria, pois a água da chuva nada mais é do que o resultado do fenômeno da evaporação!

— Mas — frisei —, comentários a parte, não é sobre este aspecto que desejo abordar a questão da água no Mundo Espiritual. Pedindo-lhes — tornei a lembrar —, que continuem representando o papel de encarnados, quero fazer-lhes algumas perguntas.

— A existência de água no Além, já é uma revelação bombástica, certo? Nenhuma religião ou filosofia espiritualista, por mais antiga ou moderna, jamais cogitou disso.

Silenciando rapidamente, perguntei:

— A existência de um curso hidríco, como o Rio Azul, pressupõe a existência de quê?...

— Doutor — respondeu uma senhora da plateia —, é ilógico que um rio exista por si mesmo... Para mim, pressupõe a existência de nascentes!

Era a resposta que eu queria.

— Muito bem! E mais o quê?...

A mesma inteligente senhora tornou a responder:

— De afluentes! Córregos, riachos...

— Vejam como, no que André Luiz escreveu, há um ensinamento explícito e outro implícito — um que salta aos olhos e outro que exige um pouco de reflexão. Em Espiritismo, não podemos nos ater à letra do ensino. Não devemos ter medo de questionar. Se Kardec não tivesse perguntado tanto, não teríamos a Codificação! Antigamente, perguntar era proibido — a gente tinha que aceitar as coisas goela abaixo! O espírita precisa pensar.

— E sem medo de crítica, não é, Doutor? — retrucou Domingas.

— É óbvio! Quem se retrai com receio de crítica, para de crescer. Allan Kardec deve ser nossa permanente fonte de consulta e inspiração, mas a Codificação não é mais que o ponto de partida para o conhecimento mais amplo da Verdade. O Espiritismo pode ser comparado a uma semente em princípio de germinação — nada além!

Nova ligeira pausa, e voltei a ponderar:

— André Luiz nos fala que o Sol que aquece os homens na Terra é o mesmo que aquece os espíritos que habitam as proximidades do Orbe... Se temos água e temos calor, é natural que tenhamos o quê?

— Evaporação! — respondeu Manoel.

— E chuva! — emendou Odilon, compreendendo qual era a minha intenção.

— Chuva, Odilon, no Mundo Espiritual? — indaguei, fazendo cara de incrédulo desanimado.

— Por que não, Doutor? Como as nascentes haveriam de se alimentar? E mais: como haveriam de crescer as árvores, desabrochar as flores?...

— Ótimo! — comentei ante a plateia atenta. — Faço-lhes, no entanto, outra pergunta. Para que se conserve vivo, qual a necessidade básica de um rio?

Um senhor ergueu a mão no auditório e respondeu:

— Que ele se oxigene!

— Excelente! — retruquei. — Mormente porque o oxigênio é um dos componentes da água. Curioso: a água

é composta por dois gases – hidrogênio e oxigênio! O que faz a oxigenação da água? – indaguei na sequência.

— Doutor, plantas e... – interferiu Domingas, reticente.

— E o quê? – insisti. – Não tenha medo. Fale!

— Peixes!

Como se eu estivesse falando a autêntica assembleia de encarnados, o pessoal se agitou.

— Água, chuva e peixes no Mundo Espiritual?! Você não está exagerando, não, Domingas?

— Está aí no livro – defendeu-se depressa a companheira.

— Não, isso não está no livro – pelo menos, explicitamente, não.

— Mas, implicitamente, como disse o senhor, está!

— Hum-hum!... Finalmente! Você está aprendendo a pensar!

— Doutor, eu já sabia disto tudo...

— É de mentirinha, minha cara! Mas faça-lhe uma pergunta: quando estava encarnada, você pensava nisto?

— Nunca!

— Confesso que nem eu!

— Eu nunca imaginei que a lição de “No Bosque das Águas” pudesse render tanto! – exclamou a Coordenadora.

— E ainda não rendeu tudo – observei.

— Não?! O que mais, Doutor, nós poderemos inferir de um capítulo aparentemente bucólico; sim,

porque, afinal de contas, o “Bosque das Águas”, em “Nosso Lar”, é o bosque dos enamorados...

— Para encerrar — disse —, com a sua permissão e a de nosso Odilon, farei uma derradeira pergunta, sem, contudo, respondê-la.

Ante a anuência dos companheiros, inquiri, fechando o livro:

— Será que, sem saber nadar, se algum de nós cair nas águas do Rio Azul, poderá se afogar e *morrer*?

Imenso silêncio se fez, ao ponto de, figuradamente, podermos ouvir o voar de uma mosca... Figuradamente, porque, neste Outro Lado, na região em que habitamos, pela graça do Senhor, as muriçocas praticamente inexistem!

— Vamos — conclamei. — Alguém com coragem suficiente para responder?

Erguendo a destra e pondo-se de pé, um jovem argumentou:

— Doutor, se o corpo espiritual é dotado de sistema pulmonar e tudo mais, se continuamos a inflar os pulmões de oxigênio, a resposta é lógica: sim, poderá se afogar e *morrer*!

Sem pestanejar, emendei, sob os protestos da plateia:

— Está encerrada a sessão.

CAPÍTULO

11

Como de praxe, após o término dos estudos, vários amigos do público presente vieram conversar conosco.

Enquanto Odilon e Modesta, Manoel Roberto e Domingas se dividiam em atenções aos que vinham interpelá-los, fui cercado por um grupo de cinco jovens – três rapazes e duas moças – que começaram a me crivar de perguntas.

— Doutor – disse-me o primeiro –, *morrer* uma vez já é penoso, agora, *morrer* duas... Como é que o senhor acha que o pessoal encarnado há de lidar com tal informação?

— Alguns – respondi convicto –, com naturalidade; outros, com certeza, haverão de protestar, não obstante, *morrerão* mesmo assim...

O grupo sorriu, e simpática jovem indagou:

— Então, a rigor, não se pode dizer que a vida, no Mundo Espiritual, seja a Verdadeira Vida?

— Ótima pergunta! Não, não se pode. Conforme sabemos, a Verdadeira Vida está um pouco mais acima ou, em melhor expressão, dentro de nós mesmos! Não há ponto geográfico no Universo que seja mais privilegiado que outro. A luz se encontra em toda parte. O problema é de visão e não de falta de claridade, entenderam?

— Sim, Doutor – atalhou um terceiro. – Quer dizer que o Reino de Deus?...

— ... segundo ensinou Jesus, está dentro de cada um de nós! As dimensões espirituais são infinitas, porque elas são a projeção do que somos e do que pensamos.

— Os budistas – falou outra jovem – afirmam que a vida, no corpo material, é *maya*, ou seja, ilusão. Podemos dizer o mesmo em relação à vida fora do corpo de carne?

— O que você acha? – contraperguntei.

— Que sim!

— No livro “Ação e Reação”, André Luiz nos diz, em determinado capítulo, que “*os Céus ou as Esferas Superiores são constituídas pelos reflexos dos espíritos santificados e o Inferno...*”

— Pelos reflexos dos que o entretecem para si mesmos!

— Exatamente.

— Doutor – aparteu um dos interlocutores –, esse conceito de André Luiz é atualíssimo. A Física Quântica afirma que o Universo se divide em tantas

versões de si quantas necessárias, atendendo ao impulso mental das criaturas nas diversas faixas em que vivem.

— Vejamos aí a abrangência da Doutrina Espírita — ponderei —, que, superando posições dogmáticas, há de acompanhar a evolução do pensamento humano. Você está com a razão: a obra de André Luiz é Física pura! Em “Ação e Reação”, ele ainda nos diz que, “em todos os planos do Universo, somos espírito e manifestação, pensamento e forma”.

— Então — interveio o quinto integrante do pequeno grupo que me rodeava —, podemos conjecturar que o Mundo Espiritual que nos cerca é criação de nossa própria mente?

— Você chegou ao ponto crucial. Devemos, é claro, ter extrema cautela com afirmações definitivas. Quem somos nós para atinar com o princípio das coisas, não é? A chamada “Teoria do Tudo”, que, por assim dizer, foi a *obsessão* de Einstein, está longe de nossas limitadas possibilidades. A verdade absoluta pertence ao Criador e, certamente, àqueles que com Ele comungam.

— Qual, no entanto, a opinião do senhor? — insistiu.

— Se não logramos a perfeição após a morte do corpo conforme podemos constatar, o Mundo Espiritual em que vivemos também é *maya*... Buda pregava que “tudo que somos é resultado do que pensamos” e que tendemos a nos tornar aquilo que pensamos!

— Quanta coisa a aprender, hem, Doutor? — observou uma das inteligentes garotas.

— Este tem sido o nosso propósito: ' não permitir que o Espiritismo venha a se estagnar, por artimanhas daqueles que, às vezes, até por boa intenção, insistem na tecla de inconcebível pureza doutrinária...

— O senhor acha que Kardec virá a ser ultrapassado? — tornou a indagar.

— É evidente que não. Os fundamentos da Doutrina são inamovíveis, mas as suas ideias se ampliarão de maneira inevitável. Aliás, através de Chico Xavier, Emmanuel e André Luiz, representando um colegiado de Espíritos Superiores, deram um novo impulso ao Pensamento Espírita. Quem, por exemplo, ler André Luiz com os óculos da Ética, deparar-se-á com preciosas lições que nos concitam à vivência do amor; quem o fizer com os óculos da Filosofia, não terá qualquer dificuldade para constatar a extraordinária síntese filosófica que as suas obras enfeixam; mas quem se dispuser a ler o referido autor com os *óculos* da razão deparar-se-á com farto e riquíssimo material de reflexão científica, inclusive se antecipando aos avanços da própria Ciência... Agora, o ideal, evidentemente, é que saibamos apreciar os livros de sua lavra espiritual sob todos os seus ângulos de abordagem!

— Doutor, desculpe-me voltar ao assunto — retomou a palavra um dos rapazes. — O senhor acha que, do ponto de vista mental, vivemos sugestionados?

— Quanto a isso, estou convicto de que sim. Ainda não temos cabeça para algo mais transcendente. Você sabia que, efetuando a leitura de um texto qualquer, de seis a dez segundos, a nossa atenção se dispersa?

— Como é isso?

— Não conseguimos fixar a atenção numa página que estamos lendo, sem, de seis a dez segundos em média, nos perdermos.

— Daí, o nosso pequeno aproveitamento nos estudos!

— Doutor – ponderou uma jovem –, então, nós vivemos numa espécie de círculo vicioso: levamos, para a Terra, as nossas reminiscências do Além e trazemos, para o Além, as nossas reminiscências da Terra...

— Exatamente – concordei. – Vivemos como quem apenas conseguisse se movimentar entre dois espelhos, com as faces voltadas um para o outro...

— E como vamos sair disso? – interrogou na sequência.

— Jesus veio nos libertar dessa autossugestão – respondi. – Ele, por assim dizer, não teve que somente tomar forma entre nós... O seu esforço foi mais transcendente. Ele teve que *humanizar* a sua Mente Divina, a fim de que pudéssemos entendê-lo. O que, diga-se de passagem, ainda não nos foi possível. “*Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância*” – ensinou-nos em João 10.10.

— Viver em plenitude!
— Com plena consciência — endosseí.
— No Plano Espiritual imediato a nós
— questionou uma das jovens —, a Vida é mais
verdadeira?

— Mais do que na Terra e do que onde
vivemos, sim.

Silenciei por momentos, e prossegui.
— Nos próximos capítulos de “Nosso Lar”,
teremos oportunidade de estudar a visita que a
mãezinha de André Luiz lhe faz. Ao término do
diálogo entre os dois, ela lhe comunica que, dentro
em breve, voltará à Terra...

— Quer dizer que os espíritos que povoam a
dimensão espiritual que nos é imediata também ainda
estão sujeitos à reencarnação no Orbe? — perguntou
surpresa.

— No Orbe Terrestre ou em nossa própria
dimensão, como em qualquer outra parte do Universo
onde possa dar sequência à sua jornada evolutiva.

— Por que, então, especificamente na Terra? —
insistiu.

— Porque os entes queridos que a mãe
de André Luiz pretendia auxiliar, a fim de que
despertassem, não possuíam “mente” ou, por outras
palavras, grau de consciência, para viverem fora do
âmbito da matéria grosseira.

— Como tudo isso é complexo! — exclamou
um dos rapazes.

— O que você acha do motor de um Teco-Teco num Boeing? – perguntei.

— Não dá!

— E o contrário: o motor de um Boeing num Teco-Teco?...

— Só vai sobrar o motor!

— Doutor, então, como modificarmos a realidade externa? – sabatinou uma das moças, intervindo.

— A sua pergunta nos remete ao Evangelho de Jesus e à Física Quântica. *“Se os teus olhos forem bons, todo o teu corpo será luminoso!”*. Lá está em Mateus, 6.22 e em Lucas, 11.34. A realidade externa não se modifica sem que o nosso íntimo se modifique. E como não logramos, intimamente, nos modificar de uma hora para outra, não prescindimos do exercício das mãos... A função do trabalho é a de nos disciplinar a mente! Os iogues e os iniciados indianos compreenderam que a mente é capaz de transformar o mundo externo, mas não atinaram que, para tanto, em nossa atual conjuntura evolutiva, o concurso das mãos é indispensável. Meditemos na Parábola do Bom Samaritano. Após “pensar” as feridas do homem caído, o samaritano agiu!

— O que há de imperfeito no Universo ou de aparentemente imperfeito é...

— Criação da criatura e não do Criador! — concluí o raciocínio de um dos meus interlocutores.

— O que de prático resulta sabermos disso tudo? – perguntou-me o mesmo.

— Eis o famoso x da questão! O problema, efetivamente, é que ainda não *sabemos* — estamos apenas começando a nos informar. Por isso é que Jesus elucidou: “... *se tivésseis a fé do tamanho de um grão de mostarda, diríeis a esta montanha: Transporta-te daí para ali, e ela se transportaria, e nada vos seria impossível*”, conforme se lê em Mateus e Lucas.

— Novamente Jesus!

— A fé do tamanho de um grão de mostarda modificaria a realidade exterior? — questionou outro jovem.

— Com uma fé cuja grandeza não se pode avaliar, o Mestre demonstrou que sim: limpou leprosos, levantou paralíticos, restituiu a visão a cegos, ressuscitou mortos, libertou obsessos, converteu a água em vinho, interferiu nos elementos da Natureza...

— Doutor, se querer é poder, desde que eu queira...

— Desde que você saiba querer, mas, antes disso, queira saber!

— O senhor já consegue, com a mente...

Não esperando que a pergunta fosse concluída, respondi:

— Meu filho, como quase todo mundo, eu estou apenas no campo da cogitação! No máximo, o que tenho conseguido é ser, mais ou menos, bom de papo...

CAPÍTULO

12

Neste ínterim, um senhor que, igualmente, se encontrava participando dos estudos aproximou-se do grupo e, com extrema educação, solicitou permissão para falar.

— Dr. Inácio – disse –, desculpe-me interromper, mas poderia lhe expor as minhas preocupações?

— Sinta-se à vontade – respondi.

— A concepção espírita de evolução espiritual é demasiado complexa e, para mim, chega a ser desanimadora. Ouvindo a sua palestra e o diálogo com os jovens, é a conclusão a que chego.

— Meu irmão – respondi –, não se trata da concepção espírita sobre a evolução do espírito... A Doutrina ensina a nos interessarmos pela Verdade, seja ela qual for. Não estamos criando uma teoria. Os Espíritos Superiores apresentaram a Kardec as suas conclusões, sujeitas a aperfeiçoamentos. No livro “A Gênese”, o Codificador, no item 55 do capítulo I, escreveu que “o Espiritismo, marchando

com o progresso, jamais será ultrapassado porque, se novas descobertas demonstrassem estar em erro sobre um certo ponto, ele se modificaria sobre esse ponto; se uma nova verdade se revelar, ele a aceitará”.

— Penso que a concepção católica, que trata de Céu e Purgatório, e mesmo de Inferno, é menos penosa...

— Por quê? — perguntei.

— Porque, digamos, é um assunto que se resolve numa única existência e não ao longo dos milênios, através de múltiplos renascimentos, por dimensões espirituais sem conta e...

— Mas você, ao deixar o corpo, encontrou o Céu ou o Inferno?

— Não, não encontrei.

— Portanto eles não existem conforme a Teologia da Igreja os concebe. No máximo, poderíamos dizer que, no corpo ou fora do corpo, nos encontramos numa espécie de *cadinho depurador*, porque somos espíritos que ainda não nos realizamos. Pessoalmente — indaguei —, qual a sua experiência de vida além da morte?

— Que tudo continua quase na mesma. Isto aqui não é o Inferno, mas está longe de ser o Céu! Talvez estejamos no Purgatório, não?

— Mera questão de palavras. Os Espíritos Amigos denominam a região que povoamos de *Umbral*. Trata-se de uma extensa zona de transição.

Nenhum de nós aqui se encontra em situação espiritual definitiva. Estamos de passagem... Voltaremos à Terra, ou seguiremos para outros domicílios do Universo.

— Pois aí é que está — redarguiu. — Até quando reencarnaremos? O ato de reencarnar inúmeras vezes não seria o Inferno? Ouço dizer que o *princípio inteligente* vem se individualizando desde o reino mineral...

— Simples questão de interpretação — rebati. — Por que fazer da Vida um drama, quando, dela, podemos fazer, não vou dizer uma comédia, mas uma aventura cósmica? A Vida, meu caro, é alegria! Você já pensou na maravilha que significa ascender aos Altiplanos da Luz?

— Mas a gente, até chegar lá, sofre muito... Viver no corpo uma única vez, em contato com as misérias humanas...

— ... que são as nossas!

— Sim, mas o senhor há de convir que seja um tormento. Quantas dores? Quantas aflições? Quantos receios? A doença, a velhice e a morte?...

— Você está me parecendo mais um budista — comentei. — Sakia-Muni é que pregava, dizendo: "*Nascimento é dor, doença é dor, velhice é dor, mágoa, lamentação, tristeza e desespero são dores*".

— O grande Sidarta Gautama tinha razão!

— Mas nada impede que você evite a chamada "roda dos renascimentos" e, de um salto, alcance o *Nirvana*. É só seguir o "caminho dos oito ramais":

vistas justas, intenção justa, falar justo, ação justa, viver justo, esforço justo, atenção justa e concentração justa. Ou, se preferir, as Cinco Regras Morais que o Budismo apregoa: Não matar nenhum ser vivo, não tomar o que não for oferecido, não mentir, não beber e ser casto! Simples, não é?

O companheiro ensaiou um sorriso, mas prosseguiu objetando:

— O Espiritismo admite algo semelhante, Doutor, para evitar que a gente fique pulando de mundo em mundo, como de trapézio em trapézio?...

— Sim, em “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no capítulo IV, Kardec questionou: “Quais os limites da encarnação?”. Os Espíritos lhe responderam que a encarnação carece de limites precisamente traçados... Vai depender do grau de aproveitamento de cada um! À exata medida em que o espírito evolui, seus padecimentos minoram. No texto da resposta de São Luís a Kardec, está escrito: “O próprio perispírito passa por transformações sucessivas. Torna-se cada vez mais etéreo, até à depuração completa, que é a condição dos puros espíritos”.

E frisei:

— O nosso grave problema é a falta de empenho evolutivo. Concorda?

O interlocutor, sem responder, franziu o cenho, algo contrariado.

— Permita-me ainda uma citação — ponderei.

— Em “O Livro dos Espíritos”, quando trata do

tema "Escolha das Provas", o Codificador inda na pergunta de número 261: *O espírito, nas provas que deve sofrer para chegar à perfeição, terá de experimentar todos os gêneros de tentações?"*

— É justamente esta a minha dúvida comentou.

— Os Espíritos responderam: *"Certamente, não, pois sabeis que há os que tomam, desde o princípio, um caminho que os afasta de muitas provas; mas aquele que se deixa levar pelo mau caminho corre todos os perigos do mesmo. Um espírito, por exemplo, pode pedir a riqueza e esta pode ser-lhe dada; então, segundo o seu caráter, ele poderá tornar-se avarento ou pródigo, egoísta ou generoso, ou ainda, entregar-se a todos os prazeres da sensualidade. Mas isso não quer dizer que ele devia passar, forçosamente, pela série de todas essas tendências".*

Fiz estratégico silêncio e interroguei:

— Quais os caminhos que você tem escolhido?

— Sinuosos! — exclamou

— Iguais aos meus! — respondi, fazendo a turma de jovens sorrir.

— Aos nossos, Doutor! — acrescentou uma das meninas.

— Mas que é duro pensar em voltar outra vez à Terra, é! Nascer de novo, tornar a morrer... E, agora, o senhor, em sua exposição, diga-se de passagem, brilhante, como se não bastasse a existência do

Universo material, fez insinuações sobre a existência de Universos espirituais...

— Não se trata de insinuações, mas de constatações. A existência real (este termo, a comprovar, não é adequado) de um deles nós estamos

— Sim, mas, pelo que o senhor disse, os Mundos Espirituais são infinitamente mais numerosos que os Mundos Materiais!

— Tantos quantos sejamos capazes de, mentalmente, conceber! Deus, por assim dizer, é o Autor da Vida, mas os diferentes mundos foram e são plasmados pela mente da criatura. André Luiz, no livro que citei há pouco, "Ação e Reação", afirma que "*quanto mais céu interior na alma, através da sublimação da vida, mais ampla incursão da alma nos céus exteriores, até que se realize a suprema comunhão dela com Deus, nosso Pai*".

— Doutor, o senhor poderia ser mais claro... Isso é de dar vertigem!

— Meu amigo, eu não posso pensar por você nem você por alguém. Vamos estudar e refletir. Há aqueles que sabem e já enxergam melhor que nós, outros têm nos dado importantes dicas. A Vida é uma descoberta pessoal! **Não quero que você acredite em mim: quero que você pense!**

— Ah, contudo, viver não é fácil! — exclamou em desabafo. — Quando *morri* — o que não faz muito

tempo –, pensei que nunca mais teria que *morrer*... A gente, pelo que deduzo, mais *morre* do que vive!

— Qual?! A Vida banaliza a morte!

— Filosofando, hem, Doutor?! – gracejou um dos rapazes.

— Talvez, seja *encosto* do espírito de algum filósofo – devolvi.

— Também estamos rodeados de espíritos desencarnados, Doutor? – inquiriu o amigo que me interpelava.

— É claro! *Mais desencarnados* que nós! – respondi.

— E, por sua vez, esses *mais desencarnados*?...

— ... por outros, *mais desencarnados* ainda, até não sobrar sequer um filezinho!

Notando que o companheiro, algo deprimido, necessitava de algumas palavras de incentivo, perguntei:

— Qual é o seu nome, meu caro?

— Juliano!

— Nome de imperador romano, o imperador-filósofo, que o Cristianismo Oficial denominou **O Apóstata!**

— Qualquer semelhança é mais que mera coincidência – brincou.

— Gostei! É assim que precisamos viver: com alegria! Por que nos afligirmos pelo amanhã, ou mesmo pelo dia de hoje? “*Observai os pássaros do céu: não semeiam, não ceifam, nada guardam*”

em celeiros; mas vosso Pai celestial os alimenta!"
Infeliz de quem empreende uma jornada, qualquer
que seja ela, não tendo olhos para a exuberante
paisagem em torno. Esqueçamos a morte, que, a não
ser como fenômeno periférico, não existe. A Vida é
tão bela, que, sinceramente, vou lhe dizer: não anseio
tanto pela chegada quanto anseio pelo percurso, pois,
a cada passo, eu me deslumbro!

E, recordando-me de uma frase de Chico,
acentuei:

— "Uma folha de uma árvore qualquer é
tão bela quanto uma página de Shakespeare!". Em
tudo, existem beleza e sabedoria! Se, amanhã ou
depois, tiver que voltar à Terra, voltarei com alegria —
morrirei aqui e reaparecerei lá! Se a Vontade Divina
determinar o meu exílio para outro mundo qualquer,
irei com a maior alegria, porque sei que Deus está em
toda parte e que nada poderá impedir que eu continue
sendo filho Dele! Você, porventura, já reparou na
beleza de uma rosa, de uma orquídea ou mesmo de
singela flor do campo?

— Confesso que não, Doutor!

— E no delicado bater de asas de um beija-flor,
ou (é claro, não poderia deixar de mencionar) na ternura
de uma gatinha que lambe os seus filhotes, enquanto os
amamenta?

— Sempre vivi muito angustiado para tanto!

— Juliano, esqueça um pouco os problemas
que transcendem... Pense na Verdade, mas não pense

apenas nela! Coloque mais amor no seu coração e deixe o resto acontecer! Não é maravilhoso estarmos aqui, *mortos*, sabendo que estamos cercados de gente por todos os lados? Gente encarnada, gente desencarnada, gente mais ou menos encarnada e gente mais ou menos desencarnada? E que todos estamos *mergulhados* em Deus? O Criador, sem a Criação e a criatura, não existiria. Estejamos, pois, tranquilos. Toda a luz que buscamos se encontra represada em nós! Ela não está alhures, em algum lugar ou com alguém. Ela está aqui, agora e conosco! "*Brilhai a vossa luz!*" – exortou a todos o Senhor.

Sem que eu percebesse, maior número de pessoas de nosso plano havia se aglomerado em torno, escutando o que eu falava a Juliano.

— Meu irmão, seja feliz! – arrematei. – Entre uma vida e outra, não há solução de continuidade. Esqueça reencarnação e desencarnação e, simplesmente, viva! Sorrindo, de preferência! Você conhece algum sábio triste?

— Não!

— Por isso é que vivo troçando... Alegria, eu já tenho; só me falta sabedoria!...

E, olhando ao redor, convidei Juliano e o grupo:

— Venham comigo!

CAPÍTULO

13

A noite estava estrelada e linda!

— Vejam! — exortei o amigo e os jovens.
— Olhem para cima! Principalmente você, Juliano. Não se esqueçam, todavia, de continuar se imaginando encarnados... Prossigamos fazendo de conta, não obstante termos *morrido*, que estamos descobrindo isto aqui, agora!

— A impressão que tenho — testemunhou um dos rapazes — é de que, em verdade, estou vendo o que nunca vi: este Outro Lado da Vida!

— E não deve ter visto mesmo — redargui, mexendo em seus cabelos. — Você tem cara de espírito dorminhoco — deve ter *morrido, renascido* e tornado a *morrer* sem noção de coisa alguma!

— Digo o mesmo, Doutor — comentou Juliano.
— Sinto-me um estrangeiro...

— Em sua própria Pátria! Aqui é o nosso mundo de origem, o nosso berço. O Mundo Espiritual é o perispírito do Mundo Físico! O assunto,

evidentemente, comporta muitas divagações, mas o meu propósito, ao trazê-los aqui para fora, é outro. Olhem para cima! – voltei a exortá-los.

Deixei que o pessoal admirasse a noite salpicada de estrelas, a Lua em estágio crescente, um pouco acima da linha do horizonte, e perguntei:

— Caso ainda estivessem na Terra, o que diriam, se alguém falasse a vocês sobre a existência de estrelas no firmamento da dimensão Espiritual? Respondam como se encarnados estivessem... Vejam a Lua! – aponte o satélite que mais se assemelhava a uma gôndola, singrando as mansas águas do Oceano Cósmico.

— Estrelas no céu do Mundo Espiritual?! Ah, com toda a certeza, eu diria que esse alguém estava completamente alucinado! – respondeu uma das meninas.

— Como, então, seria – indaguei – a Vida além da morte?

— Escuridão ou luz! – opinou Juliano.

— Mas o espírito teria ou não olhos? Ouvidos? Boca? Nariz?...

— Não sei. O senhor faz umas perguntas complicadas...

— No entanto é preciso pensar nisto: Como o espírito sobrevive? Em que condições ele sobrevive? O que existe do Outro Lado para fazer? O que é como é o Outro Lado?...

— Doutor – questionou um dos jovens – as estrelas que estamos vendo são o *duplo* das estrelas que vemos da Terra?

— Boa pergunta. O que acham?

— Acho que, se estamos vendo a Lua, e ela é a mesma, como também o Sol é o mesmo...

— Logo?! — perguntei estimulando a conclusão.

— São!

— Observem o “Cruzeiro do Sul”! Vocês se recordam? É uma das constelações mais conhecidas...

— Aquela é “Vênus”, Doutor? — inquiriu-me Juliano, deslumbrado. — Parece-me bem maior...

— Sim!

— As “Três Marias”! — exclamou a garota que me parecia a mais jovem. — Vovó sempre falava nelas, porque, em casa, éramos três Marias: Maria Rita, minha avó, Maria Eunice, minha mãe, e eu, Maria Celeste!

— *Éramos três*, não! — corrigi-a. — Vocês continuam sendo três!

Maria Celeste encheu os olhos de lágrimas e eu a abracei como se fora minha neta.

— Doutor — indagou Juliano —, mas aqui não há nada de original?

Sorri e respondi:

— É mais original do que o que existe na Terra! Como nós, que supostamente *mortos*, estamos mais originais, concorda?

— Meu Deus! — exclamou o amigo compreendendo.

— A rigor, o único ser original é Deus; criados à sua imagem e semelhança, não passamos de *cópias*... A Vida, fora de Deus, é uma *projeção* de Deus!

Depois de breve intervalo, voltei a falar:

— Mas estamos filosofando demais...

— Deve ser o *encosto*, Doutor! — brincou comigo um dos rapazes.

— O céu daqui me parece mais estrelado que o da Terra — falou, na sequência, Maria Celeste.

— E você tem razão — concordei. — Podemos enxergar algumas estrelas que nem os mais poderosos telescópios da Terra poderiam. O Universo está repleto de Vida e Luz! Digo-lhes que, por aproximação, envolvendo cometas e asteroides, sóis e planetas, o número de corpos siderais seria maior que os grãos de areia do Saara! No próprio Universo Físico, existem galáxias e nebulosas que o homem, nem sonha detectar nos próximos séculos! A chamada “Nebulosa da Águia”, por exemplo, localizada na cauda da “Constelação da Serpente”, é um berçário de estrelas recém-nascidas!

Efetuei nova pausa e, sentando-nos sobre a relva, considerei.

— Mas ainda não é sobre isso que desejo a atenção de vocês.

— Doutor, é verdade que o senhor escreve livros para a Terra? — interrogou-me o mais curioso dos rapazes.

— Mando alguns rabiscos para lá — expliquei. — Por esse motivo, quero aproveitar esta experiência que estamos tendo agora, para dizer ao pessoal que se encontra *lá embaixo* que o Mundo Espiritual não é

uma paisagem nua: pisamos sobre chão firme e temos
céu aberto sobre as nossas cabeças!

O pessoal ficou em silêncio e aduzi:

— Imaginemos que, neste Outro Lado, nada existisse...

— Inconcebível! – atalhou Juliano. – Doutor, a mente não consegue conceber o nada!

— Pronto! – exclamei. – Chegamos!

— Chegamos?! Aonde, se nem sequer saímos do lugar?!

— Saímos, *Imperador* – graciejei –, saímos mentalmente... Estamos realizando uma viagem e tanto!

Procurei as melhores palavras e ponderei:

— Do ponto de vista mental, a gente, quando desencarna, encontra o que supõe que vai encontrar. Não sei se vocês estão conseguindo entender.

— O senhor está querendo dizer – perguntou Juliano –, que nos identificamos tanto com a Terra que, em desencarnando, temos dificuldade para conceber uma vida diferente?

— Exatamente! Vivemos sob sugestão... Vocês se recordam da imagem que utilizei, na palestra, de um homem se movimentando entre dois espelhos, ambos com as faces voltadas para ele?

— Achei-a interessantíssima!

— De maneira consciente ou inconsciente, a matéria é plasmada pelo pensamento.

— O Universo em que vivemos é o Universo que pensamos? – perguntou Alice, a colega de Maria Celeste.

— É isto! Por este motivo, o lá embaixo reflete o aqui em cima, e vice-versa.

— Doutor, se é assim, quando iremos sair disso?

— Tomando conhecimento das coisas — respondi. — Espiritualizando-se, o homem tomará a vida menos material. É o sentido do que nos disse André Luiz, na frase que citei anteriormente, extraída das páginas de “Ação e Reação”: “*Os Céus ou as Esferas Superiores são constituídas pelos reflexos dos espíritos santificados*”, tanto quanto o Inferno é o reflexo de nós mesmos!

— Seria, então, possível a um Espírito Superior ignorar toda esta paisagem à nossa volta, como se, para ele, não existisse?

— Sem dúvida! Neste exato momento, espíritos mais esclarecidos ao nosso redor, podem estar vivenciando outra realidade. Deu para entender?

— Mais ou menos — respondeu Alice. — Estou querendo alcançar, mas a minha cabeça não está ajudando muito...

— É como se dois mundos coexistissem, no mesmo espaço, sem, contudo, se tocarem!

— Ficou um pouco mais claro!

— Então, o Universo não seria apenas largo ou infinitamente extenso...

— Infinitamente largo e profundo!

— Concluo — observou Juliano — que o problema da evolução do espírito não é a de escalar mundos exteriores, mas, sim, de *crescer interiormente*.

— Por este motivo, Jesus elucidou que o *Reino de Deus está dentro de nós!*

— Nossa, Doutor! O senhor quase nos funde a “cuca”!

— Maria Celeste – retruquei –, eu é que estou quase morto! Para espíritos como nós, a ação de pensar cansa mais que qualquer atividade braçal.

— Sinto que cheguei ao limite da imaginação – afirmou Rui, um dos rapazes. — Se continuar insistindo, caio num abismo!

— Então, não insista, meu caro. Continuemos olhando as estrelas como se apenas estrelas fossem! Vejam: lá está a “Constelação do Escorpião” e, um pouco mais adiante, ao sudeste de “Três Marias”, “Sírius”... Segundo Emmanuel, no livro “Renúncia”, Alcione veio de lá para a Terra!

— Eu não conheço essa obra – disse Alice.

— Convém lê-la, minha filha. O romance foi escrito para os homens encarnados e desencarnados – temos vários exemplares na biblioteca do Hospital, e creio que, também, na do Liceu.

— Doutor – indagou-me Rui –, qual a distância física entre a nossa dimensão e a Terra?

— Quem me dera saber a resposta! Podemos estar bem perto e, ao mesmo tempo, bem distantes!

— Como duas pessoas?

— Exatamente! A distância entre duas pessoas é mais de ordem espiritual do que física. Podem estar

sentadas no mesmo banco, uma ao lado da outra todavia, espiritualmente, ou seja, psicológica e emocionalmente...

— Uma pode estar no Brasil e outra, na Cochinchina!

— Tive uma namorada assim – comentei, para que o pessoal se descontraísse. — Eu queria falar de Psiquiatria, ela, de roupas que estavam na moda; se conversava sobre Espiritismo, ela estava preocupada com a festa de aniversário que seria o acontecimento social do ano; se me referia aos meus bichanos, ela dizia ter horror a gatos...

— Não podia mesmo dar certo! – disse Juliano.

— Não, não podia. A coisa terminou porque, um dia, quando trocamos um beijo, ela me disse que havia osculado uma pedra...

— E o senhor?! Não reagiu?!

— Não, não disse nada. Apenas enfiei a mão no bolso do paletó – naquela época a gente namorava de paletó e gravata! –, retirei um Band-Aid, que ofereci a ela, coloquei o chapéu na cabeça, ajeitei a gravata e fui embora. Eu estava ensaiando aquele beijo havia semanas... Paciência!

CAPÍTULO

14

Em nossa próxima reunião de estudos, assim que a palavra me foi franqueada pela Coordenadora, expliquei:

— Vocês me desculpem se, às vezes, repriso uma lição, com o intuito de fazer, a respeito dela, uma abordagem diferente. Confesso que, a cada vez que releio “Nosso Lar”, como é natural, descubro novos enfoques que desejo partilhar com vocês. Para estudar, a gente não pode ter pressa. Emmanuel, através de Chico, ensina que *“ensinar é repetir a lição, com bondade e entendimento, quantas vezes forem necessárias”*. Eu não estou aqui ensinando a alguém — estou aprendendo! Com uma rápida olhadela ao microscópio, examinando a lâmina em foco, não se detecta coisa alguma.

Folheei o meu exemplar, todo grifado e escrito à margem das páginas, e disse:

— Hoje, com a permissão de nossa diletta Domingas, saltarei alguns capítulos do livro (eis que,

oportunamente, voltaremos à sua sequência), indo direto ao capítulo 20, intitulado “Noções de Lar”. Aqueles que, porventura, estiverem com a obra nas mãos, poderão abri-la logo no início do capítulo. Vocês me desculpem, mas é que tenciono efetuar algumas reflexões com vocês, em torno da reencarnação no Mundo Espiritual. Eu não sei se sabem, mas criei uma página na Internet...

O pessoal gargalhou, e ponderei:

— Foi a maneira que encontrei de manter contato mais regular com os leitores das obras que estamos escrevendo para a Terra. Agora, como qualquer mortal, eu tenho um *blog*. Eu sei que irão dizer que é o “*blog do blá-blá-blá*”! Não me incomodo com isso. Tenho senso de humor e também sorrio das críticas bem-humoradas, mesmo quando me parecem soar irônicas, como as minhas. Mas o assunto ao qual me refiro, tema central de um de nossos livros mediúnicos, “Reencarnação no Mundo Espiritual”, vem despertando a curiosidade de muita gente. Várias interpelações me têm sido feitas, até via *e-mail*...

A turma voltou a sorrir.

— Uai! – disse –, a mediunidade também carece de se modernizar, vocês não acham?! Por que não?! O pessoal tem me escrito solicitando mais subsídios, perguntando se, na primorosa obra mediúnica de Chico Xavier, existe algum indício a respeito. Até então, confesso, não tinha tido oportunidade de pesquisar mais profundamente. Mas, na tarefa a que fui convocado e persuadido por Domingas, Odilon, Modesta, Manoel

Roberto e outros, que é a de conduzir os estudos em torno deste autêntico “Best-seller” da literatura espírita, eu tenho feito notáveis descobertas e, sem rodeios, posso dizer a vocês que, sim, está tudo lá! Não explicitamente, mas se, como diz o ditado, “para quem sabe ler, um pingo é letra”...

Promovendo diminuta pausa, a fim de localizar o parágrafo – um único parágrafo! – que desejava comentar, prossegui:

— Neste capítulo, “Noções de Lar”, André Luiz entra em conversação com D. Laura, mãe de Lísias, e, logo no começo do diálogo, ele registra uma revelação. O que ela diz numa simples frase dá para a gente pensar até o final do século em curso... Sinceramente, não sei como é que os estudiosos da Doutrina ainda não conseguiram atinar com a lição – e o livro está na Terra, à disposição deles, há quase 70 anos!

— Doutor – aparteu a Coordenadora –, não nos deixe assim tão ansiosos... Por favor, qual é o parágrafo?

— Calma! – solicitei procurando aumentar o suspense. – Você mesma, Domingas, esteve com este livro nas mãos quantas vezes?

— Não sei dizer. Eu acho que até dormia com ele, debaixo do travesseiro... Sem dúvida, foi o livro que eu mais revirei! Deixei-o um verdadeiro bagaço!

— E não viu o que está escrito aqui?!

— Não vi o quê, Doutor?! Já estou até de coração acelerado...

— Prepare-se para a bomba – avisei, pondo-me a ler com a melhor dicção possível: *“As almas femininas, aqui, assumem numerosas obrigações, preparando-se para voltar ao Planeta ou (dei ênfase) para ascender a esferas mais altas”*.

Conservando o indicador da mão direita entre as páginas, fechei o livro, dei certo tempo para o pessoal absorver o texto e indaguei:

— “Ascender a esferas mais altas”?! Ascender de que jeito?! Como, estando no Mundo Espiritual, ascender a esferas mais altas?! Quem me pode responder?...

— Aí está dizendo – raciocinou Domingas – que os espíritos que não voltam à Terra, pela reencarnação...

— ... ascendem a esferas mais altas! – exclamei. – A questão é: ascendem de que maneira?! Como o profeta Elias, arrebatado num carro de fogo?! Sem mais nem menos, de repente, saem a flutuar pelo espaço, abanando um lençinho em adeus...

O auditório que, desta vez, não sorriu, permaneceu mergulhado em profundo silêncio.

— Eu não vou aceitar a resposta do Odilon – frisei. – Gostaria, no entanto, de ouvir o Manoel Roberto.

— Doutor, o senhor vai colocar em meus lábios...

— Antes nos seus que nos meus! Vamos, desembuche – provoquei o companheiro que, para mim, era o irmão que nunca tive.

— *Morrendo, não é, Doutor?!*

— O quê?! Ouvi bem, a heresia doutrinária que você falou?! Olhe que o inquisidor em mim o manda para a fogueira, hem!...

— A ascensão não é miraculosa, Doutor!

— Será que não desce nenhum OVNI, não, Manoel, abduzindo a gente?! Explique-se melhor, que somos todo ouvido. Como se dá essa possibilidade de ascensão? Por favor, seja mais claro e direto.

— A gente *morre* aqui, Doutor!

Virando-me para o auditório atento, ponderei:

— Vocês são testemunhas de que eu não disse nada – absolutamente nada! Tal deslize doutrinário é de responsabilidade do Sr. Manoel Roberto da Silva! Sim, porque eu nunca li, em Kardec, que a gente pudesse morrer neste Outro Lado...

— Temos ainda, Inácio, outra hipótese – redargui Modesta com perspicácia.

— Por favor. Queremos ouvi-la...

— A Igreja defende o dogma da ressurreição do Cristo: Ele teria ascendido aos Céus de corpo e alma!

— Por isso, o túmulo vazio?

— Exatamente.

— Tudo bem, eu não vou discutir, pois nada que viesse da parte de Jesus me surpreenderia. Sendo eu uma minhoca, como posso entender uma estrela?! Mas – permitam-me perguntar –, vocês conhecem algum Jesus neste Outro Lado?! Não continuamos na condição de simples mortais?!

— Doutor — voltou a falar Manoel —, o ser mesmo já escreveu, em uma de suas obras, que gente morre *para cima e para baixo*...

— Na Terra, também se morre *para cima e para baixo*! Quem não vem para cá, vai para as Trevas. Temos regiões espirituais, acima e abaixo da Crosta!

— Doutor — interveio Odilon com inteligência convém deixarmos claro que D. Laura se refere às almas femininas, porque o diálogo entabulado com André Luiz girava, especificamente, em torno das atribuições da mulher no Mundo Espiritual.

— Muito bem lembrado!

— Caso contrário, alguém poderá pensar que o que ela diz vale apenas para as mulheres...

— O que seria extremamente injusto, meu caro! Afinal, as almas masculinas também podem ascender, ou será que?... Bom, deixe para lá.

O auditório manifestou-se com efusão, e prossegui, insistindo:

— Manoel, fale às claras! Não tenha medo de ser apedrejado aqui!

— Já que não me sobra alternativa — decidiu-se —, vamos lá: a ascensão a que D. Laura se refere acontece pelas vias naturais — o perispírito *morre*! Se não tivéssemos *morrido* na carne, não teríamos chegado à dimensão em que nos encontramos! É isso aí. A gente...

— Encha mais a boca, Manoel — pedi —, e fale até para os encarnados ouvirem! A gente?...

— *Morre!*

— Morre e é enterrado! Vai para o cemitério, como neste Outro Lado é mais comum, para o crematório! De outra maneira, o espírito não tem como ascender aos Planos Superiores, a não ser que — estem atenção —, voltando à Terra, ele transcenda!

— O que é perfeitamente possível, Doutor! — respondeu Odilon.

— Possível, mas raro! Um dos poucos que conhecemos foi?...

— Chico Xavier! — respondeu Domingas, sem titubear.

— Mas existem outros — considerei —, inclusive anônimos, espíritos abnegados que, por méritos reais, *atravessam* a dimensão em que nos encontramos. Mais adiante, falaremos sobre o caso da mãezinha de André Luiz — estou ansioso para chegar a esse capítulo da obra!

Após efetuar uma pausa mais longa que o habitual, retomei a linha de pensamento:

— Minha gente, reflita comigo. Se no Lado de Cá se *morre*, ou seja, desencarna-se, o que impede que também se reencarne?

Os amigos que me assessoravam nos estudos — Odilon, Modesta, Manoel Roberto e Domingas —, sorriram, discretamente, e, ante o auditório em expectativa, prossegui:

— Vejam a lógica. Não estou apresentando a vocês, em nosso faz-de-conta de *auditório encarnado*, uma tese minha ou um testemunho

meu. Aqui não é Inácio Ferreira que está dizendo é André Luiz! E mais: André Luiz através de C Xavier! Está claro no texto que foi referenciado por Emmanuel, no livro que a Federação Espírita Brasileira, à época, teve peito para editar!

Dando as costas ao público, dirigi-me a Mano Roberto, acostumado a interagir comigo, e, encenando com o dedo em riste, conclamei:

— Responda-me com lógica: se a chamada *morte*, neste Outro Lado, ainda é um fenômeno biológico — o perispírito adoece, envelhece e morre —, por que a reencarnação no Plano Espiritual seria impossível ou não aconteceria?

— Só se for porque eu não quero que aconteça, não é, Doutor?!

— Ah, bom?! — disse, colocando-me de frente para o público. — Sendo assim, nada posso fazer. Tem gente que, de fato, acha que a Verdade, para se impor, depende da aprovação deles! Porém, seja como for, a ideia está lançada e suscitando discussões acaloradas.

A turma ensaiou aplaudir, mas, erguendo a destra, detive aquela espontânea manifestação de solidariedade, arrematando:

— Sobre que ensinamento pretende-se o Controle Universal do Ensino dos Espíritos? Sobre a Reencarnação? A crença na pluralidade das vidas sucessivas é muito anterior ao surgimento da Doutrina Espírita! Sobre a Mediunidade? Desde todos os tempos, os espíritos se colocam em contato

com a Humanidade encarnada! Quanto à Pluralidade dos Mundos Habitados? O próprio Jesus já se referia às muitas moradas na Casa do Pai! Em relação ao Perispírito? A sua existência, porém, não era novidade nem para os cristãos primitivos – Paulo, em sua Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo 15, versículo 40, escreveu que “*também há corpos celestiais*”! Pensemos nisso e não nos esqueçamos de que o caminho do aprendizado é longo e, muitas vezes, solitário!

CAPÍTULO

15

Logo após os estudos, Odilon convidou-nos para leve lanche nas dependências do “Liceu”, e entramos em proveitosa conversação.

— Inácio — disse-me Modesta —, o nosso caro Odilon produziu mais uma obra versando sobre mediunidade.

— Odilon é mais mineiro do que eu: trabalha em silêncio, sem estardalhaço... Nem parece que tenha reencarnado em São João do Capivari, no interior de São Paulo. Qual é o título? — perguntei.

— “O Transe Mediúnico”!

— Estudando trechos de “O Livro dos Médiuns”? — indaguei ao autor.

— Sim — respondeu o companheiro com a simplicidade que lhe é peculiar. — A Codificação carece de ser mais bem compreendida. Desta vez, procuramos nos basear, principalmente, no capítulo XIX, “Papel do Médiun nas Comunicações Espíritas”.

— De fato — concordei —, há muito desconhecimento em torno do assunto. Quase todo o mundo acha que o médium é uma máquina! Não é assim, Domingas?

— Até eu, Doutor, achava que devia ser... Confesso que, muitas vezes, no exercício de minhas faculdades, ficava aborrecida comigo mesma.

— Por quê?

— Porque, no começo, eu era mais inconsciente. Interessante: à medida que me esclarecia, ou seja, tornava-me mais espírita, tinha a impressão de que me tornava menos médium.

— Domingas — explicou Odilon —, o processo de evolução da mediunidade é desta maneira: no início, os espíritos comunicantes agem com maior liberdade e independência — não experimentam tanto o controle do médium! É natural que o medianeiro, aumentando os seus conhecimentos, se torne mais lúcido e participativo.

— O problema — argumentou a confrade — é que, geralmente, se dá maior valor ao médium genuinamente inconsciente — quando ele diz que é consciente ou mesmo parcialmente consciente, a sua credibilidade diminui.

— A Domingas tem razão — observou Modesta. — Agora, em meu ponto de vista, o médium não tem que se importar com a opinião alheia. A questão fundamental é de sinceridade. Se os médiuns conscientes ou parcialmente conscientes fossem parar

de trabalhar, cerca de 90% dos médiuns que atuam na Doutrina desapareceriam!

— 99%, Modesta, num estalar de dedos! — repliquei. — E você sabe que não estou exagerando.

— O senhor concorda com os números, Dr. Odilon? — perguntou Domingas.

— Concordo. Raríssimos médiuns possuem características de verdadeira inconsciência no exercício da mediunidade. Talvez, no máximo, o que lhes ocorra, durante o transe, seja um lapso de memória.

— Lapso de memória?...

— Sim. Em alguns médiuns, os estados de inconsciência e consciência se alternam, no mesmo comunicado.

— Interessante. Isso acontecia comigo — disse a Coordenadora.

— E também comigo — endossou Modesta.

— Dr. Odilon — interpelou Manoel Roberto —, se com os médiuns, em geral, o fenômeno é acentuadamente consciente, qual a garantia para eles mesmos de que não estão sendo ludibriados pelo próprio inconsciente?

— Boa pergunta, Manoel — respondeu Odilon, elucidando. — O médium consciente ou parcialmente consciente, quando imbuído do propósito de servir, sendo útil à Causa e ao próximo, não consegue “dirigir” o comunicado que esteja ocorrendo por seu intermédio...

Refletiu por instantes e prosseguiu:

— Vejamos se posso ser mais claro. O médium pode até ter ideia prévia da substância do comunicado, mas ele não sabe, por antecipação, os rumos que a fala do espírito haverá de tomar.

— Em meu caso, na grande maioria das vezes, era assim, Dr. Odilon! — exclamou Domingas. — Envolvida por aquela ideia inicial, eu abria a boca ou começava a escrever, e a palavra fluía, tomando rumo totalmente imprevisível. Falava ou escrevia sobre temas que, de maneira surpreendente, eram abordados sob aspectos que eu nunca havia imaginado!

— Comigo dava-se o mesmo — redarguiu Modesta —, tanto na recepção de mensagens de nossos Benfeitores quanto concedendo passividade nas sessões de enfermagem espiritual!

— Então — confirmei —, é mais ou menos o que acontece com o orador que não memoriza a palestra. Muitas vezes, convidado a falar sobre determinado tema, a inspiração do momento me conduzia por caminhos totalmente diferentes dos que eu havia concebido.

— E, depois — emendou Modesta —, você dizia que não era médium!

— Dr. Odilon — perguntou Domingas —, já que estamos no assunto, qual seria a maior necessidade dos médiuns na atualidade? Que medidas, por exemplo, eles deveriam adotar em favor do mais amplo desenvolvimento de suas faculdades? Quando

encarnada, eu vivia ansiando por uma orientação assim direta, inteirinha para mim! Não tenho vergonha de dizer que sempre fui uma médium carente.

— Com todo o respeito aos nossos irmãos médiuns – respondeu Odilon –, pois acredito que cada qual esteja se esforçando para doar o melhor de si, a maior necessidade dos medianeiros em geral, ainda e sempre, são o estudo e a disciplina.

— Uma necessidade em dose dupla! – enfatizei.

— A falta de estudo – ponderou o Diretor do “Liceu” – não apenas cria embaraços técnicos e doutrinários, no momento do intercâmbio, quanto impede que o médium tenha um pouco mais de confiança em suas faculdades. O estudo da Doutrina abre um leque de infinitas possibilidades ao médium e aos espíritos que atuam por ele.

— Infelizmente, porém – lamentei –, a maioria esmagadora dos médiuns acha que não precisa estudar.

— Por este motivo, Doutor – acentuou Odilon –, os médiuns, com uma exceção ou outra, permanecem aquém das expectativas.

— E quanto à disciplina? – questionou a Coordenadora.

— Disciplina quer dizer perseverança, determinação, boa vontade, entusiasmo, empenho, confiança...

— Não é, então, mera questão de pontualidade com o horário das reuniões?

— Absolutamente!

— Deixe-me, nesse sentido, falar pelo Odilon — solicitei. — O problema, minha cara, é que os médiuns, em geral, “não estão querendo nada com a dureza”. Sem mais nem menos, faltam às reuniões, como se não tivessem compromisso algum. Os espíritos que são levados aos grupos mediúnicos, necessitados de consolo e esclarecimento, “ficam a ver navios”! Sabe o que está acontecendo — parece absurdo, mas é verdade: estamos tendo que, praticamente, “agendar” as comunicações... Os médiuns andam tão ocupados — ironizei —, que quando um deles aparece no centro espírita, disposto a trabalhar, é como se encontrar o médico de plantão num Posto de Saúde!

Modesta, Domingas e Manoel Roberto sorriram.

— Estou mentindo? Exagerando? A coisa — enfatizei — está como afirmo: tem médium que vai a uma reunião e falta a duas; e, por vezes, na reunião a que comparece, não trabalha... Mal cumpre o horário! E a indisciplina, não raro, começa pelo dirigente que, por qualquer reunião social, se ausenta da responsabilidade, que ignora se estender aos Dois Lados da Vida.

— Vocês sabem que existem muitas implicações, muitos obstáculos que precisamos superar para conduzir o desencarnado à reunião mediúnica — observou Odilon. — Neste sentido, o trabalho de muitas semanas pode se perder num único dia...

— Graças a Deus — observou Domingas —, faltava às reuniões, eu quase não faltava, não! Tropeçando ou caindo, ia a todas elas, inclusive, quando mais doente, contrariando ordem médica. Era no centro espírita que eu me realizava — em nenhuma outra parte, nem na minha casa, eu me sentia tão bem! Será que eu fiquei fanática, Dr. Odilon? — perguntou a querida irmã inocentemente.

— Não, Domingas! Amor não é fanatismo — esclareceu.

— Sei que Chico Xavier disse, certa vez: — *“Ai do Espiritismo, não fossem os espíritas fanáticos!...”* Mas, fico pensando, a minha vida se resumia à Doutrina.

— E hoje? — quis saber. — A sua vida ainda se resume ao Espiritismo?

— Doutor, com toda a sinceridade, sim e não.

— Explique-se melhor.

— Sim, porque é o Espiritismo que me dá a visão que eu tenho da Vida. Se eu sou o que sou e cheguei aonde cheguei, primeiro devo à Doutrina, depois, àquele que foi meu pai espiritual na Terra: o Dr. Odilon Fernandes!

— Ora, Domingas! — tentou desconversar Odilon, encabulado.

— No Espiritismo e no exercício da mediunidade, foi que eu me encontrei ou estou me encontrando. Incorporando espíritos sofredores...

— E não apenas os Mentores! — frisou Modesta.

— Exatamente. Concedia passividade aos mais sofredores! Todos os médiuns lá da “Casa do Cinza” eram médiuns do trabalho árduo. O Dr. Odilon nos incentivava e, com plena confiança nele e na Espiritualidade, nos entregávamos ao transe.

— Você ainda está me devendo explicação de parte de sua resposta – lembrei. – Por que disse que a sua vida hoje não se resume ao Espiritismo?

— Justamente porque, Doutor, a Doutrina não nos requisita em regime de exclusividade. Não sei explicar direito. Ela nos integra com a Vida. O Espiritismo nos torna seres universais! Eu acho que ser espírita significa ser adepto da Verdade, não que, necessariamente, a Verdade esteja toda conosco, os adeptos da Doutrina. Não, não é isso. Eu me sinto livre para pensar com a Ciência, com a Filosofia e com a Religião. Resumindo: para mim, tudo é Espiritismo, sem que, no entanto, seja!

E acrescentou:

— Vencido o medo que a morte ainda me infundia no corpo, agora, o meu maior receio é se, um dia, eu vier a ficar sem esta abençoada diretriz que o Espiritismo me proporciona à existência, dando-me tanta segurança na caminhada e paz ao meu espírito!

— Eu a compreendo e lhe dou razão – falei –, porque eu também tenho receio de, amanhã ou depois, voltando ao corpo de carne, devido a circunstâncias que não saberia enumerar, perder a lucidez já

adquirida graças aos prodígios da Fé Raciocinada.
Tenho orado, todos os dias, para que o Senhor se
compadeça de minha indigência e não me deixe sem
a luz do Espiritismo no coração, porque Espiritismo
apenas na cabeça, Domingas, não basta para que a
gente continue sentindo o que a gente sente e sendo o
que a gente vem se esforçando para ser!

CAPÍTULO

16

Enquanto saboreávamos deliciosos quitutes confeccionados na cozinha do “Liceu”, os assuntos do diálogo com os amigos se ampliavam.

A certa altura da conversa, Domingas perguntou sem rodeios a Odilon:

— Como o senhor vê a interferência das Trevas na seara espírita? Por que motivo isso acontece?

Com a lucidez de sempre, o companheiro respondeu:

— A ação das Trevas não se faz sentir apenas sobre a Doutrina. Os espíritos adversários da Luz envidam esforços no sentido de que a Humanidade permaneça cativa da ignorância. O intuito é impedir o crescimento espiritual da criatura encarnada. O referido embate é milenar... Desde os primórdios, os espíritos que se opõem ao progresso lutam para manter o domínio da Terra. Paulo, na Epístola aos Efésios, escreveu no capítulo 6, versículo 12: “... porque a nossa

luta não é contra o sangue e a carne, e, sim, contra os principados e potestades, contra os dominadores deste mundo tenebroso, contra as forças espirituais do mal, nas regiões celestes".

— A nossa preocupação, então, não é exagerada? — indaguei.

— Não, Doutor, não é — elucidou o amigo. — É claro que não devemos comentar o assunto de maneira excessiva, dando forças ao Mal; no entanto, por outro lado, não podemos permanecer ignorando a realidade... Há uma tentativa de subversão das Leis Divinas por parte dos espíritos que a elas se opõem.

— Recordo-me do que André Luiz nos fala no livro "Libertação" — o texto, quando o li, deixou-me impressionada: "... além do principado humano, para lá das fronteiras sensoriais que guardam, cuidadosamente, a alma encarnada, amparando-a com limitada visão e benéfico esquecimento, começa vasto império espiritual, vizinho dos homens". E acrescentou, mais adiante: "Um reino espiritual, dividido e atormentado, cerca a experiência humana, em todas as direções, intentando dilatar o domínio permanente da tirania e da força".

— O problema é mesmo grave! — observou Odilon.

— Mas, especificamente, como vê semelhante intromissão no Movimento Espírita? — inquiri.

— Doutor, é extremamente desagradável tal abordagem, no entanto as inteligências desencarnadas

opositoras da Causa vêm tentando desfigurar a Doutrina de todas as maneiras possíveis e imagináveis.

— Em sua opinião, qual seria a mais perigosa? — insisti.

— Sem dúvida, é o chamado *Elitismo*, que, de forma inconsciente, muitos confrades vêm incentivando com atitudes que não se coadunam com o espírito da Doutrina, a qual pretende reviver o Cristianismo dos tempos apostólicos.

— Odilon, você diria — perguntou Modesta —, que as Trevas já conseguiram se infiltrar em nossas hostes?

— Infelizmente, sim — respondeu elucidando. — O Movimento Espírita organizado é um perigo, porque, de modo imperceptível, ao se hierarquizar, mexe com a vaidade e o personalismo, estabelecendo a luta pela centralização.

— O Movimento, então — tornou a sabatinar a querida irmã —, estaria se afastando do propósito inicial, que é o de **unir os espíritas**?

— Sim. Sob o pretexto, por exemplo, de pureza doutrinária, em substituição à fraternidade, a intolerância vem sendo adotada. Estamos quase a repetir os erros cometidos pela Igreja, no campo da censura às novas ideias, com o cerceamento da liberdade de expressão.

— Odilon — aparteei —, a pergunta que lhe desejo fazer é a seguinte: existem espíritos, médiuns e dirigentes empenhados em tal desvirtuamento?

— Por instrumentos inconscientes. Sinceramente, não posso crer que estejam a agir de caso

pensado, exceção feita aos espíritos declaradamente mistificadores.

— Que se fazem passar por Mentores? — indagou a Coordenadora.

— Exatamente.

— Como isso acontece, Doutor? — questionou indignada.

— Vejamos o que sucedeu ao próprio Cristianismo! A Doutrina Espírita não está isenta. Se os espíritas não souberem preservar, de si mesmos, o abençoado legado da Terceira Revelação, responderão pela insensatez. O Cristianismo foi deturpado pelo livre-arbítrio humano.

— O Mundo Espiritual assistiria, de maneira impassível, a isso tudo? — perguntei, interessado em mais esclarecimentos.

— É claro que não, Doutor. Porventura, estamos de braços cruzados. Podemos pouco, é verdade, mas temos procurado nos esforçar. Os homens, no mundo, nunca estiveram à mercê de si mesmos. A Misericórdia Divina não nos desampara. Contudo, igualmente aqui, podemos aplicar as lições da “Parábola do Semeador”, contada por Jesus. Nem sempre o terreno está preparado para a boa semente!

— No livro “A Caminho da Luz” — comentou Domingas —, Emmanuel, referindo-se à missão de Francisco de Assis no seio da Igreja, diz que a “sua atividade reformista verificou-se sem os atritos próprios da palavra, porque o seu sacerdócio foi o

exemplo na pobreza e na mais absoluta humildade. A igreja, todavia, não entendeu que a lição lhe dizia respeito e, ainda uma vez, não aceitou as dádivas de Jesus.”

— Como muitos espíritas não querem aceitar Chico Xavier, como exemplo de aplicação da Doutrina na vida cotidiana! — exclamei.

— O senhor foi ao âmago da questão, Doutor — endossou a Coordenadora. — Se as obras mediúnicas da lavra de Chico têm sido mencionadas — embora não tanto quanto deveriam ser —, poucos dão destaque aos seus exemplos de renúncia e devotamento.

— Eis o perigo da *Elitização* — enfatizou Odilon. — O Espiritismo, que é o Consolador da divina promessa de Jesus, não pode se afastar da simplicidade, distanciando-se do povo sofredor. Todos os esforços, no campo da divulgação doutrinária, são louváveis, mas não podemos concordar que tais eventos se transformem em captação de recursos financeiros. **O Espiritismo não precisa de dinheiro!**

— Doutor — assumira Domingas o papel de “advogado do diabo” —, mas, sem dinheiro, como manterem-se as obras assistenciais?

— Se preciso for, que se faça menos assistência, mas que não se continue taxando a difusão de nossos Princípios a preços exorbitantes!

— Encontros em hotéis de luxo, congressos que exigem altos investimentos para a sua realização, não é?

— Sem dúvida — concordou O
— Ninguém fez mais pela Doutrina do que C
Xavier. No entanto vejamos as dimensões fi
do núcleo em que ele recebia as pessoas do B
inteiro, em Uberaba.

— Sou péssima nisso — disse Domingas
mas o “Grupo Espírita da Prece” não excedia de
metros quadrados, e olhe lá! A gente tinha que
acotovelar no salão — sem querer, ficava juntin
um do outro! Gente que não se queria bem ficava
olhando uma para a cara da outra o tempo todo
tentando sorrir!

— A se tornar *elitista* — sentenciou o lúcido
Diretor do “Liceu” —, é melhor que o Espiritismo
não se propague. O Movimento vem se expondo a
riscos reais, no comprometimento da essência da
Mensagem!

— Modesta, em nosso tempo, as coisas não
eram assim, não é? — solicitei maior participação da
companheira.

— Não, não eram. As perseguições que moviam
contra nós faziam com que nos mantivéssemos mais
coesos. Depois, a coisa foi se complicando. Você
se lembra de quanto lutamos para que determinada
palestra fosse realizada nas dependências do Centro
Espírita Uberabense?...

— Dizendo que lá não ia caber o povo, acabaram
levando o conferencista para um clube, e virou moda!
Deveríamos ter batido o pé e não concordado, Modesta!

Certos precedentes não podem ser abertos! Por este motivo, acho que nós, os espíritas, não estamos preparados para lidar com a multidão. Trazemos ainda, muito à flor da pele, as reminiscências do passado, quando, com certeza, pelo anseio de poder, fomos corrompidos e corrompemos.

— Mas — explicou Odilon —, conforme sabemos, o perigo não está apenas no *Elitismo...* A questão mediúnica, nos dias atuais, assume proporções muito graves. A mediunidade, infelizmente, vem se mercantilizando!

Para que o confrade, de hábito tão discreto e reservado, fizesse tal comentário, o problema, de fato, requeria atenção.

Após pesado silêncio, ele voltou a dizer:

— É sumamente desagradável falarmos, mas os médiuns, notadamente os psicógrafos, deveriam ser mais comedidos. Nem todo médium nasceu para escrever sob a inspiração dos espíritos. Em consequência, pressionados pelas editoras, os médiuns perdem todo o critério de avaliação quanto ao que se refere à conveniência ou não de se publicar esta ou aquela obra de sua coautoria.

— Todavia, Odilon, o problema não se prende apenas à psicografia, concorda? — indagou Modesta.

— É verdade. Muitos outros têm se comprometido no exercício de suas faculdades de cura! O livro psicografado cria uma dificuldade de natureza interna, mas a mediunidade de cura

extrapola o âmbito doutrinário e, quando não bem conduzida, expõe a Doutrina a escândalo público inclusive nos meios de comunicação.

— Odilon, os espíritos em atuação na Doutrina, valendo-se das faculdades dos médios diversificados medianeiros, todos são espíritas?

— Não!

— Um médium pode ser enganado e enganar durante quanto tempo?

— Às vezes, Doutor – respondeu o devoto amigo –, a sua encarnação inteira.

— Qual, então, a sua avaliação do Movimento Espírita pós-Chico Xavier?

— Prefiro não comentar. A situação é extremamente delicada. Digo apenas que, em terras brasileiras, o missionário legítimo do Espiritismo foi o inesquecível Chico.

— E os demais, Doutor? Temos vários confrades e confreiras de renome, assumindo posição de liderança, inclusive à frente das Federações...

— São companheiros! Que merecem o nosso respeito – quero crer que estejam procurando fazer o melhor ao seu alcance.

— Contudo, através de alguns deles, a Espiritualidade Superior tem se manifestado, orientando o Movimento – argumentei.

Odilon silenciou:

— A mediunidade – ponderou em seguida –, para o médium não-evangelizado ou que não luta

para se evangelizar, pode ser uma pedra de tropeço, que o faz cair e tombar, com ele, os que ainda não aprenderam a caminhar com as próprias pernas.

— Pelo exposto, a mediunidade é o *calcanhar-de-aquiles* da Doutrina! — concluiu Domingas.

— Em palavras mais precisas — resumiu Odilon —, o *calcanhar-de-aquiles* da Doutrina somos todos nós, seus adeptos, quando não nos esforçamos para vivenciá-la da maneira mais transparente possível! Temos nos revelado excelentes teóricos, mas deficitários na prática.

— Doutor — questionou Domingas —, o Espiritismo não seria algo sublime demais para a nossa tão precária condição humana?

Com a clareza de sempre, Odilon respondeu:
— Domingas, sinceramente não creio. Não podemos negar que o Espiritismo, sendo a máxima expressão da Verdade para a atual capacidade receptiva da criatura, em seu natural anseio de conhecimento em torno da Vida, se coloca à frente das demais concepções religiosas que vigem na Terra — o Espiritismo, com consideráveis acréscimos, é a síntese da Verdade revelada em todos os tempos! A maturidade espiritual do homem já lhe proporcionava ensejo de dar um passo além, pois, a rigor, de há muito, a Fé carecia de se aliar à Razão, banindo para sempre a influência do fanatismo e do preconceito.

— Fiz a pergunta — explicou-se a Coordenadora —, porque, não raro, permaneço com a impressão de que alguns próprios adeptos da Doutrina não a compreendem em seus fundamentos.

— Você não deixa de ter parcela de razão, porque a assimilação da Doutrina varia segundo a

capacidade receptiva de cada um dos que lhe abraçam os princípios. O próprio Codificador denominou *espíritas imperfeitos* aqueles que não se esforçam por vivenciar os postulados da Terceira Revelação – são os que se consagram, excessivamente, ao seu conhecimento teórico, não lhe priorizando a prática.

— Não se trata da prática mediúnica, então?

— Não! Ele se referia à sua exemplificação no cotidiano, porque, acima de tudo, o Espiritismo é um novo paradigma para a vida moral do homem na Terra. Incutindo-lhe a ideia da Imortalidade, gera múltiplas motivações de ordem superior para a sua transitória experiência no corpo físico.

— Com semelhante compreensão – aparteei, considerando –, o espírito encarnado foge, em definitivo, a toda influência perniciosa do imediatismo, proclamando a sua independência sobre a matéria. Quando isso acontece ou começa a acontecer, a vida da criatura se modifica substancialmente.

— De fato – observei –, depois que me tornei espírita e passei a entender melhor o sentido da Doutrina, nunca mais consegui ser a mesma pessoa que fora. As coisas do mundo até se me fizeram desinteressantes... Foi a minha compreensão inicial de tudo. Depois, estudando e refletindo mais, constatei que, sem base no dever retamente cumprido, por mais insignificante que seja, a gente não evolui. Aquela mensagem intitulada “O homem no mundo”, inserida por Kardec, no capítulo XVII, de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, me

ajudou muito: “*Não julgueis, todavia, que, exortando vos, incessantemente, à prece e à evocação mental pretendamos vivais uma vida mística, que vos consere fora das leis da sociedade onde estais condenados a viver. Não; vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens*”.

— Aí, se me permite, cabe uma ressalva, minha filha – atalhou Odilon. – Os extremos devem ser evitados, pois, infelizmente, são muitos os que, a pretexto de imperfeição, deixam de lutar, a fim de que se tornem melhores. O espírita não deve contemporizar com a sua condição de espírito ainda limitado. O autoconhecimento que a Doutrina nos proporciona não é para que nos acomodemos naquilo que somos!

— São muitos os que chegam a este Outro Lado – concordei –, lamentando não terem tido um pouco mais de coragem, com o intuito de se renovarem em níveis mais profundos... No consultório, tenho atendido muitos espíritas desencarnados com tal drama de consciência. Tiveram tudo para progredirem significativamente, mas não souberam valorizar as oportunidades. A maioria se perdeu em querelas doutrinárias. Preocupados em discutir pontos polêmicos, nos embates sem fim do pensamento, chegaram a faltar com a fraternidade aos companheiros – falharam pela base!

— Recordo-me de Chico dizer que os espíritas estavam desencarnando mal – comentou a Coordenadora.

— Com exceção daqueles irmãos e irmãs que se consagram aos serviços da caridade e, portanto, não dispõem de tempo para discussões estéreis, os espíritas estavam e estão desencarnando mal! — exclamei. — Espiritismo não é campeonato de quem sabe mais!

E acrescentei:

— Há pouco, participando de uma das reuniões semanais no “Pedro e Paulo”, pedi ao nosso Eurícleides Formiga que me cedesse uma cópia de inspirada página que acabara de escrever pelo médium.

Retirando uma folha de papel dobrada do bolso do jaleco, solicitei:

— Se me permitem, eu a lerei para vocês. A mensagem, que me impressionou pela síntese, intitula-se “Verdade e Vida”.

*Verdade que não precisa
— Que o saibam crentes e ateus —
De reparos ou adendos,
Só a Verdade de Deus.*

*

*Quem diz tudo quanto sabe
Consegue apenas dizer
O quanto ainda ignora,
Do que lhe falta saber.*

*

*A Verdade sobre a Terra,
Que todo homem procura,
Da Verdade Universal
É simples caricatura.*

*

*Ninguém consegue atinar
Com a verdade absoluta,
Que motiva o coração
E não desiste da luta.*

*

*A palavra da Verdade
Deve ser dita, contudo
Precisa a língua, ao dizê-la,
Revestir-se de veludo.*

*

*De sempre mais conhecer,
Quem é sábio não se priva:
Sobre a Terra, não existe
Verdade definitiva.*

*

*Questionado por Pilatos
Quanto à essência da Verdade,
Se Jesus silenciou,
Dar a resposta quem há de?!...*

Com a espontaneidade que lhe é peculiar, assim que terminei de ler, Domingas aplaudiu, comentando:

— Sempre adorei as trovas do Formiga... Em poucas palavras, ele resume, com profundidade e beleza, tudo que a gente quer dizer e não consegue!

Modesta, que tivera de sair rapidamente, e voltara ainda a tempo de ouvir a leitura da mensagem, comentou:

— Gostei dessa que fala sobre a “*verdade definitiva*”! Para quem acha que já sabe tudo... O pessoal, Inácio, como você diz, a não ser superficialmente, não estuda Kardec. Qual é o trecho que você me mostrou escrito na introdução de “O Livro dos Espíritos”?

— Está no item XIII, “As Divergências de Linguagem” – respondi. — Trata-se de interessantíssimo apontamento. Diz assim: “*Mas, acrescentam, como se explica que os espíritos reconhecidos como superiores não estejam sempre de acordo? Diremos, inicialmente, que, além da causa já assinalada, há outras que podem exercer certa influência sobre a natureza das respostas, independente da qualidade dos espíritos. Este é um ponto capital, cuja explicação obteremos pelo estudo. Eis por que dizemos que estes estudos requerem atenção contínua, observação profunda e, sobretudo, como aliás todas as ciências humanas, a continuidade e a perseverança. Necessita-se de anos para fazer-se um médico mediocre e de três quartas partes da vida para*

se fazer um sábio, mas quer-se obter, em algumas horas, a Ciência do Infinito! Que ninguém, portanto, se iluda: o estudo do Espiritismo é imenso; liga-se a todas as questões da Metafísica e da Ordem Social; é todo um mundo que se abre ante nós. Será de espantar que ele exija tempo, e muito tempo, para a sua realização?"

— Como o Espiritismo é amplo! — exclamou Domingas, repetindo com voz cadenciada: "... liga-se a todas as questões da Metafísica e da Ordem Social..."!

— E veja — redarguiu Modesta —: espíritos reconhecidos como superiores não estão sempre de acordo sobre determinadas questões!

— Isso é porque — elucidei —, aqueles que consideramos por superiores o são em relação a nós, que nada somos e sabemos, mas, com certeza, muito ainda têm a caminhar. Concorda, Odilon?

— Doutor, como o senhor mesmo costuma dizer, sequer dispomos de cabeça para revelações de caráter mais transcendente. Creio que, noutra oportunidade, foi o senhor que, com justa razão, comentou que Jesus, como se estivesse se dirigindo a crianças, nos ensinou o Evangelho contando historinhas...

— Mesmo assim, não raro, nem os Apóstolos as entendiam, como, por exemplo, no caso da Parábola do Joio, que pediram lhes fosse explicada por Ele: "*Explica-nos a parábola do joio do campo*".

— E se tratava dos Apóstolos, espíritos portadores de compreensão muito acima da média! — sentenciou Domingas.

— Para se referir ao Reino dos Céus — continuei —, e contou a Parábola do Tesouro Escondido, a Parábola da Pérola, a Parábola da Rede...

Pausei por momentos e exclamei num suspiro:

— Faltam-nos *sinapses*!

— *Sinapses*?! — questionou Domingas. — O que é isso? Nunca ninguém me disse que eu tivesse ou deixasse de ter *sinapses*...

Odilon sorriu e elucidou:

— Mais ampla rede neuronal, minha cara! Neurônios! Células cerebrais em maior conexão! Você sabia que traz a Via-Láctea inteirinha na cabeça?!

— O que é isso, Doutor! Está querendo dizer que sou alucinada? Sou mesmo, mas...

— Domingas, segundo a Ciência, o cérebro humano contém, aproximadamente, a mesma quantidade de neurônios que as estrelas da Via-Láctea, ou seja, cerca de 100 bilhões!

— 100 bilhões de estrelas na cabeça!

Modesta e Odilon gargalharam.

— Em 100 trilhões de *sinapses*!

— E é pouco, Doutor?

— Isso é uma merreca! — respondi.

— Céus! O meu cérebro vai ter que conectar isso tudo?

— Vai! O seu, o meu e o de toda gente! Eis o objetivo da Evolução! E mais: estou me referindo à Via-Láctea, uma das mais singelas galáxias do

Universo. Mas, depois de conectar a "Via-Láctea" e neurônios em sua cabeça, você terá que partir para galáxias maiores, nebulosas...

— Doutor, misericórdia! É melhor continuar ignorando o que seja *sinapse*! Já me arrependi de ter feito a pergunta.

é isto que depreendo do ensinamento de Jesus: *“Há muitas moradas na Casa de meu Pai”*;

– os homens encarnados, em relação a nós, desencarnados, estão vivendo no passado – não em relação a todos os encarnados, é óbvio –, e nós no futuro;

– em relação a espíritos que habitam dimensões superiores, nós vivemos igualmente no passado – estou me referindo a nós, atualmente em trânsito por esta região da Vida Universal;

– todos somos espíritos em peregrinação, ou “errantes”, a caminho da Perfeição;

– somente quando o espírito atingir a plenitude, integrando-se com o Criador, deixará de peregrinar pelos diversos mundos – isto, evidentemente, ele o poderá fazer *“sem sair do lugar”*, porque o Reino de Deus se encontra dentro de cada um de nós;

– quando diz que “pessoas, lugares, coisas, tempos e acontecimentos não são senão reflexos de nossas vibrações pessoais”, a Física Quântica está no caminho de mais profunda compreensão da Vida;

– a Vida viaja na luz: a expansão do Universo é a expansão da própria Vida, ou, em outras palavras, o movimento da Mente Divina;

– quanto mais perto do centro, mais luz; quanto mais distante, menos claridade... Foi o que quis dizer Jesus, quando ensinou: *“Eu vim para que tenham vida, e a tenham em abundância”*;

– além das dimensões e das sub-dimensões espirituais (matéria e energia, em última instância, são

mera questão de terminologia), existem dimensões paralelas, um pouco abaixo ou um pouco acima;

– o *princípio inteligente*, conforme preceitu o Espiritismo, começa a sua trajetória evolutiva – sua movimentação ascensional, a sua “volta” para Deus – nos reinos inferiores da Criação, passa pela humanidade e transcende todas as formas e se desfaz de todos os limites;

– a Vida começa no Espaço, que é o seu berço; a princípio, toda ela é de natureza espiritual;

– se assim posso me expressar, enquanto houver resquício de matéria no espírito, restará a você algo de ilusório de que deverá se despojar;

– o *princípio inteligente*, antes de “encarnar-se na Terra”, teve várias “encarnações” nas dimensões espirituais e outras tantas necessitará de ter; isto não referenda (atentem bem!) o que, de maneira equivocada, se denomina “teoria da queda dos anjos”;

– a Parábola do Filho Pródigo, contada por Jesus, é a síntese metafísica da Evolução – espero, oportunamente, poder estudá-la, com mais vagar, com os interessados em aprender e não em simplesmente polemizar;

– a desencarnação é fenômeno natural em todos os Planos da Vida; todas as coisas e todos os seres “desencarnam”, buscando o aperfeiçoamento da forma e a conquista da quintessência;

– os espíritos que desencarnam num determinado plano, para fazerem a sua natural aparição em outro,

devem “reencarnar”; isto, para mim, é tão claro quanto água da fonte;

– a última desencarnação é a que nos integrará com o Criador;

– é evidente que, nos Planos Superiores, o fenômeno da fecundação se sublima; não obstante, para que ocorra, sempre haverá permuta de energias de natureza psíquica entre o que doa e o que recebe, assim como acontece entre a terra e a semente;

– em certas dimensões, nas quais a Vida se manifesta de maneira inconcebível para os homens, o fenômeno da reprodução se dá como nas plantas hermafroditas;

– se o Espírito Divino cria a partir de Si mesmo, a criatura, na condição de cocriadora, igualmente pode criar, mas só Deus é capaz de gerar espíritos;

– a única obra da criatura que não está fadada a desaparecer é a obra de seu próprio aperfeiçoamento ou, se preferirem, de sua autoiluminação;

– Deus cria a essência que não se extingue; a criatura, essência criada por Ele, cria formas mutáveis e perecíveis, ou melhor, *organiza* corpos que, por sua vez, estão sujeitos à evolução;

– toda matéria-prima da Criação emana de Deus...

Verificando que, mesmo na Vida Espiritual, as palavras escasseiam para exprimir certas ideias, hesitei por alguns momentos e, na tentativa de ser mais claro, prossegui escrevendo:

– o que, na verdade, existe são Deus e espírito, por Ele criado;

– “... a matéria mais densa não é senão o conjunto das vidas inferiores incontáveis, em processo de aprimoramento, crescimento e libertação (Capítulo 1, do livro “Libertação”, de André Luiz);

– a finalidade da Vida, da extraordinária aventura cósmica que vivenciaremos para sempre, quais “trapezistas das estrelas”, é, como alguém já teve oportunidade de dizer, *tornar o desconhecido conhecido* – realizar Deus em nós mesmos;

– a chamada “morte” é sempre um fenômeno de renovação e jamais de destruição;

– a dor é *estímulo* para o nosso despertar espiritual (Pietro Ubaldi, o inspirado místico italiano, escreveu em “A Grande Síntese”: *“Se a dor faz a evolução, a evolução anula, progressivamente, a dor”*);

– o único sentimento real do Universo é o Amor; todas as demais virtudes emanam dele;

– a imperfeição espiritual, em qualquer grau que se manifeste, é doença do espírito;

– ódio, rancor, mágoa, orgulho, egoísmo, ambição, etc., são excrescências que, pouco a pouco, o espírito alijará de si;

– preconceito e fanatismo são meras ilusões, porque o espírito não tem pátria, não tem cor, não tem raça, não tem tamanho, não tem sexo;

- religião é alimento espiritual apropriado à fome de cada um; em determinado momento evolutivo, todas foram e continuam sendo necessárias;
- a religião do porvir será a essência de toda a Verdade e do Amor, que Jesus exemplificou com base no "amai-vos uns aos outros como eu vos amei";
- o Espiritismo é uma doutrina de lucidez, mas o espírita não deve ter pretensões à unanimidade;
- quando os Espíritos Superiores disseram a Kardec que o Espiritismo há de se tornar uma crença geral, referiam-se não à Doutrina em si, mas à aceitação dos postulados que veicula;
- todo o conhecimento sem amor não faz sentido;
- a família consanguínea representa a reunião de grupos de espíritos para aprendizado em comum;
- o carma, quando de natureza negativa, é oportunidade de recapitular a lição; quem chora, chora com o objetivo de aprender o que seja a verdadeira alegria;
- no Universo, não há *acima* nem *abaixo*, tampouco *direita* ou *esquerda*, pois todo ele se inunda de luz;
- o homem somente vê o que está preparado para ver;
- o espírito, onde estiver, deve viver com a consciência de que é o condutor do próprio destino;
- a Lei de todas as Leis se resume na máxima: *a cada qual segundo as suas próprias obras*;

- reclamação de qualquer espécie é simples perda de tempo;
- o aproveitamento das experiências que vivenciamos é fator determinante ao agravamento ou não de nossas lutas;
- influenciemos e somos influenciados, mas a responsabilidade da escolha é intransferível;
- a rigor, pelo que lhe aconteça ou deixe de acontecer, o espírito não tem o direito de culpar a quem quer que seja;
- como ensina “O Livro dos Espíritos”, para o espírito recalcitrante, “as eternidades serão sempre mais longas”;
- o espírito pode, desde o princípio, seguir em linha reta para Deus ou descrever a mais sinuosa das trajetórias;
- porque não acredito na fatalidade do mal, creio, firmemente, que Jesus Cristo tenha feito a sua evolução em linha reta para Deus...

Deixando a caneta descansar sobre o papel, apoiei o queixo nas mãos e fiquei a cismar quanto às polêmicas que, até aos dias atuais, envolve a extraordinária figura do Cristo, cuja Vida, também no Mundo Espiritual, é alvo de estudos e investigações.

Assim refletindo, em seguida, tomei um exemplar do “Novo Testamento” em minha estante e procurei localizar a “Parábola do Filho Pródigo”, que desejava reler.

“**A** Parábola do Filho Pródigo”, contada por Jesus e anotada apenas no Evangelho de Lucas, capítulo 15, versículos 11 a 32, para mim, é uma das mais belas e significativas. Desde encarnado, tenho me dedicado a estudá-la, em seu sentido profundo, pois que, segundo depreendo, resume toda a trajetória evolutiva do espírito, a partir de sua criação.

Relendo-a com calma, fui, então, efetuando resumidas anotações noutras folhas de papel que fariam parte de meus arquivos. No intuito de tornar o estudo mais didático, a ser utilizado em futuras palestras, reescrevia trechos da Parábola e, logo abaixo, alguns comentários alusivos aos respectivos versículos.

*11 Continuou: Certo homem tinha dois filhos;
12 o mais moço deles disse ao pai: Pai, dá-me a parte
que me cabe dos bens. E ele lhes repartiu os haveres.*

O filho mais moço, provavelmente, era adolescente e, portanto, sem qualquer experiência

da Vida. Reclamava independência e o Pai protestou. Ele permutou o determinismo livre-arbítrio. A compreensão em torno do seu filho, o mais velho, é mais complexa. Subentende-se que ele delibera não sair da companhia do Pai – talvez seja uma alusão aos espíritos que permanecem na condição em que foram criados ou seja, simples e ignorantes, já que, no final da Parábola, há uma reação de imaturidade espiritual do filho mais velho.

13 Passados não muitos dias, o filho mais moço, ajuntando tudo que era seu, partiu para uma terra distante e lá dissipou todos os seus bens vivendo dissolutamente.

O filho mais moço ajuntou o que o Pai lhe dera, e não o que havia conquistado a partir do próprio esforço. Quantos filhos não dissipam o que recebem por herança de seus pais? O filho mais moço já começa cometendo um equívoco: reclamando o que, a rigor, não lhe pertencia! Saiu da casa paterna, como quem sai batendo a porta, e vai viver a vida que deseja – em terra distante, imaginando estar longe das vistas do Pai! Em tradução metafísica, deixando o Plano Etéreo, ele reencarna! Mergulha, de cabeça, na experiência da reencarnação! Até então, ele não possuía carma, estava isento!

14 Depois de ter consumido tudo, sobreveio àquele país uma grande fome, e ele começou a passar necessidade.

Aqui tem início o carma do filho mais moço: ele sofrerá as consequências de sua atitude. Tendo tudo consumido, na vida dissoluta que passou a levar, fica sem nada e não encontra, naquele “país”, com o que se alimentar. Longe de Deus, o espírito sente fome – fome de luz! O jovem começa a se inquietar, mas ainda não o suficiente para retroceder. O Pai, certamente, que conhece o desfecho da história, acompanha e abençoa o filho a distância. O Pai sabe que ele voltará! Por este motivo, consente na sua partida sem mais argumentos, para que não se entregue a tal aventura. Afinal, o filho reclamava independência!

15 Então, ele foi e se agregou a um dos cidadãos daquela terra, e este o mandou para os seus campos a guardar porcos.

Por “um dos cidadãos daquela terra”, compreendo os espíritos que já se encontravam em exílio, igualmente rebelados – espíritos que por lá se radicavam há muito tempo, sem se decidirem pelo regresso! “Habituarão-se” à estranha situação. Provavelmente, desmemoriados quanto à sua origem divina. Isto poderia acontecer àquele filho mais

moço, como acontece a muitos que transformam a reencarnação num círculo vicioso e, por milên vivem a repisar antigas provas.

16 Ali desejava ele fartar-se das alfarrobas e os porcos comiam; mas ninguém lhe dava nada.

Vejam os que o espírito pode descer! Ele nivelara aos porcos, que, nos tempos antigos, eram tomados por símbolos de impureza. Inclusive, Mateu no capítulo 8, versículos 28 a 34, narra o episódio dos dois endemoninhados gadarenos que viviam entre os sepulcros. Ao curá-los de semelhante estado de possessão, Jesus ordena que os espíritos que os atormentam passem para uma manada de porcos. “Alfarrobas” são espécies de vagens com que os porcos eram alimentados naquela região (não vamos entrar no mérito da questão sobre a existência, ou não, de porcos, à época, naquela região da Palestina – não nos prendamos tanto às palavras). Com tal imagem, Jesus queria dizer que a provação do filho mais moço chegara ao extremo – ele quase se animaliza!

17 Então, caindo em si, disse: Quantos trabalhadores de meu pai têm pão com fartura, e eu aqui morro de fome!

Este, talvez, seja o versículo mais interessante da Parábola. “Caindo em si”, quer dizer: tomando-se

lúcido o suficiente para compreender que errou! Aqui, o filho mais moço para de se afundar ou de se distanciar do Pai em espírito. Ele descobre que, em Deus, não existe necessidade. Representando o Pai, Jesus nos disse: *“Eu sou o pão da Vida”!* O espírito, motivado pelo sofrimento, deixa de ser jovem e começa a amadurecer – ele sai da adolescência! É o que o conhecimento espírita nos enseja: fazer com que saíamos de nossa prolongada adolescência espiritual! O Espiritismo, sem dúvida, é a doutrina do fazer *“cair em si”!*

18 Levantar-me-ei e irei ter com meu pai e lhe direi: Pai, pequei contra o Céu e diante de ti;
19 já não sou digno de ser chamado teu filho; trata-me como um dos teus trabalhadores.

A decisão de empreender a *“jornada de volta”* – abandonar a periferia e retornar ao centro! Assumir e reparar os equívocos cometidos. Não apenas abandonar o mal, mas praticar o bem. Em suma, deixar de reencarnar sem proveito – dar um basta ao próprio carma! Jesus fora enviado por Deus à Terra para suscitar esse *“cair em si”* do espírito. A Misericórdia Divina não nos abandona e nunca nos deixa à mercê das circunstâncias. Jesus não se coloca na Parábola que narra, mas, ao narrá-la, Ele está lá. *“Conhecereis a Verdade, e a Verdade vos libertará!”* *“Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida!”*. O filho, arrependido, quer renunciar à sua condição filial, mas o Pai não renuncia à sua condição paternal, como veremos.

Ele faz com que *“se levante o Sol para os bons e para maus e que chova sobre os justos e os injustos”*.

20 E, levantando-se, foi para seu pai. Vindo ele ainda longe, quando seu pai o avistou e compadecido dele, correndo, abraçou-o e beijou-o

É comovente este versículo. O Pai vai ao encontro do filho. À sua simples intenção de voltar, abre-lhe os braços em aconchego. Estamos a infinita distância de Deus, mas Deus não está a menor distância de nenhum de nós! Atentemos para a expressão: “correndo”... Deus tem imensa saudade de cada um de nós! “... e, compadecido dele, correndo, abraçou-o e beijou-o.” Não lhe faz qualquer pergunta ou repreensão. Apenas o abraça e o beija! Por isso, no fundo do poço do arrependimento, Deus vem nos estender as mãos e nos resgatar. Este versículo me arranca lágrimas e me enche o coração de esperança. A solicitude do Criador pela Criação é algo que ainda não compreendemos. A gente não reencarna para encontrar Deus alhures, mas para encontrá-Lo dentro de nós!

21 E o filho lhe disse: Pai, pequei contra o céu e diante de ti; já não sou digno de ser chamado teu filho.

22 O pai, porém, disse aos seus servos: trazei depressa a melhor roupa, vesti-o, ponde-lhe um anel no dedo e sandálias nos pés;

*23 trouxe também e matai o novilho cevado.
Comamos e regozijemo-nos,*

É claro que o Mestre, em suas lições à Humanidade, recorria aos costumes e às convenções sociais da época. O novilho cevado, por exemplo, era reservado para as grandes ocasiões festivas. O anel no dedo era sinal de nobreza. O Pai quer receber, regiamente, seu filho de volta. É notória a sua alegria! De fato, há mais alegria no Céu quando um pecador se converte do que quando noventa e nove justos perseveraram! Outra atitude digna de destaque, conforme já o dissemos, é que o Pai não quer, absolutamente, saber do passado do filho. Ele se justifica por um impositivo da consciência e não porque esteja sendo constrangido a fazê-lo. A verdade é que o filho ainda não se sente completamente redimido. A Bondade do Pai se revela maior do que ele fosse capaz de supor!

*24 porque este meu filho estava morto e reviveu,
estava perdido e foi achado. E começaram a
regozijar-se.*

“Morto”, quer dizer: imerso na matéria! Voluntariamente, ele havia se colocado *fora de Deus!* “Estava perdido” – era um espírito errante! Peregrinava por ínvios caminhos! Está escrito nas páginas de “O Evangelho Segundo o Espiritismo”, no

capítulo XI: “O sangue resgatou o espírito e o espírito tem hoje que resgatar da matéria o homem”. A matéria é o cadinho onde o espírito se acrisola! A reencarnação é indispensável à evolução do espírito.

25 Ora, o filho mais velho estivera no campo; e, quando voltava, ao aproximar-se da casa, ouviu a música e as danças.

26 Chamou um dos criados e perguntou-lhe o que era aquilo.

27 E ele informou: Veio teu irmão, e teu pai mandou matar o novilho cevado, porque o recuperou com saúde.

Para mim, este é o trecho mais difícil de interpretar da Parábola: o ciúme do filho mais velho! Ele, o irmão mais velho, que não saíra da companhia do Pai, revela-se mesquinho e egoísta – com certeza, a fim de aprender o que o irmão mais novo aprendeu no sofrimento, deverá sair... Será que o seu amor pelo Pai seria verdadeiro, incapaz de se alegrar pelo regresso do irmão que estava perdido? Eis uma questão das mais transcendentais, envolvendo o despertar do espírito e a sua real integração com Deus. Vejamos, em seguida, como é descrita a sua reação.

28 Ele se indignou e não queria entrar; saindo, porém, o pai procurava conciliá-lo.

Desculpem-me, mas não resisto: ele fez birra! O pai procurava contornar a situação, o que, convenhamos, deveria fazer com umas boas chineladas astrais... Eu não sei se haveria uma alusão à ciúmeira de religiosos. Ora, parece até que o Céu é pequeno demais para mais de um!

29 — *Mas ele respondeu a seu pai: Há tantos anos que te sirvo, sem jamais transgredir uma ordem tua, e nunca me deste um cabrito sequer para alegrar-me com os meus amigos;*
30 *vindo, porém, esse teu filho que desperdiçou os teus bens com meretrizes, tu mandaste matar para ele o novilho cevado.*

Além de tudo, é respondão. Eu nunca poderia imaginar que os filhos de Deus fossem tão problemáticos quanto os filhos da gente! Ele diz, com desprezo: "...esse teu filho" – nem o chama de irmão! O texto nos leva a concluir que, sem sair de casa, a gente não volta para casa, porque não se sente em casa nem "sabe" o que é casa. Recordo-me da "Parábola dos Trabalhadores na Vinha", quando, acusado de injustiça, o dono da vinha responde: "*Porventura, não me é lícito fazer o que quero do que é meu? Ou são maus os teus olhos porque eu sou bom?*". Para quem não é feliz, a felicidade dos outros é sempre um desperdício.

31 – *Então lhe respondeu o pai: Meu filho, tu sempre estás comigo; tudo que é meu é teu.*

32 *Entretanto, era preciso que nos regozijássemos e nos alegrássemos, porque esse teu irmão estava morto e reviveu, estava perdido e foi achado.*

O filho é pródigo, mas somente o amor de Deus é sempre prodigioso! O Cristo não se revela um irmão ciumento; tanto é assim, que veio nos redimir. Não obstante, na Casa do Pai, que possui numerosa família – maior do que concedeu a Abraão! – devem existir alguns com aparência de virtude. Eu não sei como termina a história, porém presumo: o filho regressou repleto de equimoses e hematomas, a vontade do Pai se impôs, a festa aconteceu, o irmão mais velho deve ter ficado com um pedaço do novilho cevado engastalhado na garganta e, até hoje, está procurando digeri-lo! Apenas uma pergunta que, sinceramente, não tenho *cancha* para responder: Não teria se transformado esse menino cheio de vontades num anjo rebelado?!...

CAPÍTULO

20

No outro dia bem cedo, antes de me entregar às fainas do Hospital, na companhia de Manoel Roberto, Modesta e Domingas, fui ao “Francisco de Assis”, que receberia o seu primeiro hóspede.

Em lá chegando, para minha surpresa, deparei-me com pequena fila de mulheres, jovens e senhoras, que se ofereciam para trabalhar como voluntárias na Sociedade Protetora dos Animais.

Assim que me avistaram, descendo do veículo que nos conduzia, vieram felizes ao meu encontro, e uma delas, adiantando-se, falou pelo grupo:

— Doutor, nós queremos trabalhar... Amamos os animais! O senhor, por favor, aceite os nossos préstimos. Conhecemos o seu trabalho e temos por ele grande admiração.

— Muito bem! Haverá serviço para todo o mundo – tranquilizei-as. — Não teremos qualquer problema. Ainda hoje, começaremos a organizar as equipes. Vamos precisar de muita gente!

Uma delas, uma senhora de cabelos alourados comentou com bom humor:

— Fui “mãe solteira” de mais de quinze cães. Eles foram os filhos que não pude ter. Também pudera: eu nunca me casei! Preferi a companhia dela à de um homem grosseiro e agressivo.

As demais sorriram.

— Eu fiquei viúva – explicou-se uma ruiva – e adotei cinco gatinhos, que passaram a ser a minha vida. Ah, Doutor, que bom que os animais igualmente sobrevivem! No mundo, a gente era tão mal-informada quanto à sorte dos animais depois da morte!...

— Eu – disse a que me pareceu mais idosa delas – tinha dois papagaios e um coelho... Será que me será possível reencontrá-los, Doutor? Os papagaios chamavam por mim o dia inteiro!...

— Gente – solicitei –, é preciso ter calma. Eu também tenho saudade de meus bichanos, mas não é assim. Todos somos filhos de Deus, e ninguém fica desamparado.

E convidei-as:

— Venham comigo receber o nosso primeiro hóspede!

Adentramos a sede da Sociedade, que passara por ampla reforma, que Modesta e Domingas haviam tratado de decorar para mim com fotos de animais em extinção no Planeta, vasos com muitas plantas e graciosa cascata que, ao cair, formava pequeno lago, onde haviam tido o cuidado de colocar alguns peixes.

— Ficou lindo! — exclamei. — Vocês tiveram muito bom gosto. Adorei a cascata!

Não demorou muito, um de nossos funcionários, que eu havia deslocado do hospital para lá, veio com uma espécie de embrulho nos braços, como se carregasse uma criança.

— Aqui está, Doutor! — disse-me. — Chegou ontem à tarde e foi encaminhado pela turma do Labélius, que o recolheu após ter sido praticamente sacrificado.

Era um gato acinzentado, com rajas brancas pelo corpo, mas que estava todo queimado.

— Coitadinho! — peguei-o, com cuidado, no colo. — Venha cá, bichano, com o *papai* Inácio, e não tenha medo! Vamos tratar de você!

Deixando que todos o vissem, com aqueles seus olhinhos assustados, mas sem forças para se mover, perguntei ao auxiliar:

— O que aconteceu?

— Segundo me explicaram, ele foi vítima de dois adolescentes que, sob a ação de drogas, o pegaram, amarrando um foguete em sua cauda, tipo “busca-pé”...

— Quanta maldade! — uma das senhoras exclamou, enxugando as lágrimas, indignada.

— Ao correr, foi de encontro a uma árvore — certamente, tentando escalá-la —, e bateu com a cabeça em seu tronco, vindo a *morrer* — contou o funcionário.

— Qual é o nome dele? — perguntou Domingas.

— Ainda não tem, não — respondeu o companheiro.

— Então — disse eu —, por ser o nosso primeiro hóspede, ele se chamará “Primeiro”!

— Muito original — concordou Modesta.

— Será um símbolo para nós — comentou a senhora de cabelos alourados.

— E vocês três — falei, entregando a elas o bichano a requisitar cuidados — têm aqui o seu primeiro trabalho! As demais não fiquem com ciúmes, porque logo-logo...

Sequer pude completar a frase e escutamos o tinir da campainha.

Um senhor, puxando um cachorro por uma corrente, encontrando a porta aberta, veio ao nosso encontro.

— Vim trazer este cachorro, que não tem onde ficar... Ele *morreu* há três dias, e o nome dele é “Tarzan”. Pertencia à minha neta, mas, como estou de mudança, por enquanto não posso tomar conta dele.

— Então, vamos começar tirando a corrente do pescoço dele, porque ela pode machucá-lo — disse, abaixando-me para livrá-lo, com o dócil pequinês lambendo-me as mãos.

Levantei-me e perguntei ao senhor que trouxera “Tarzan”:

— Qual é o seu nome, meu amigo?

— Leocádio.

— Pois bem, Leocádio, aqui não é hotel de animais. O cão é de responsabilidade de vocês.

— Doutor, eu sei! É que estou de mudança...

— Tudo bem, mas você fará o seu cadastro e, assim que possível, virá buscá-lo. Imagine se os Espíritos Superiores nos afastassem da convivência deles! Na condição de cocriadores, temos responsabilidade com toda a Natureza — devemos cuidar das fontes, das plantas, das árvores, dos animais... Isto é responsabilidade do homem! “Tarzan” é de sua neta. O *princípio inteligente* aqui para assumir o compromisso que é seu e de sua família. Quem maltrata um animal ou o abandona igualmente responde perante a Lei Divina.

— Eu sei — explicou, algo constrangido.

— Não me leve a mal, Leocádio. Eu quero apenas que você compreenda. O amor que Jesus nos ensinou também deve se aplicar em relação aos animais, principalmente aos de nossa estima. Provavelmente, o “Tarzan” reencarnará, voltando à convivência de sua neta na Terra, ou, quem sabe, de um dos filhos que ela tiver ou vier a ter.

— Vocês também cuidarão disso aqui? — indagou-me.

— Vamos nos preparar para tanto.

Promovi pequena interrupção e elucidei:

— A evolução planetária está a exigir, em todos os aspectos, o aperfeiçoamento de nossos serviços na reencarnação. Com o Grande Êxodo

se aproximando, não apenas muitos espíritos se destinarão a outros orbes. Não podemos nos esquecer de que, sobre a própria Terra, há milhões e milhões de anos atrás, partimos praticamente do zero, ou seja: o homem nada mais era que *princípio inteligente!* Nem todos fomos *capelinos*, não! Muitos de nós terrícolas, pertencemos à evolução do Planeta.

— Quer dizer, Doutor — não perdeu Domingas a oportunidade de perguntar —, que muitos animais serão exilados com os espíritos que forem transferidos?

— Exatamente — respondi. — Sobre a Terra, permanecerão apenas os mais domesticáveis, entendeu? A tendência — nos séculos futuros — é que os animais peçonhentos e mais agressivos venham a desaparecer. O controle genético, gradativamente, estender-se-á à Natureza.

— Estamos, porém, falando de um futuro muito distante, não é, Inácio?

— Correto, Modesta, mas o trabalho seletivo já começou. Demandará séculos e séculos para se completar, no entanto não podemos negar que já tenha começado.

Neste exato momento, a campanha da Sociedade tornou a soar. Era Lauro, o ex-madeireiro, que, liberado pela justiça, chegava acompanhado por dois detetives que, ao se apresentarem, entregaram-me um documento.

— Conforme a petição encaminhada, o juiz liberou o condenado para cumprir pena nesta

Instituição – esclareceu um dos policiais. – O senhor poderia assinar o Termo de Responsabilidade?

— Quem assina pela instituição é aquele moço ali – disse, apontando para Manoel Roberto.

— Eu, Doutor?!

— Você mesmo, Manoel!

Os detetives se entreolharam sem nada entender e, enquanto Modesta e Domingas trocaram discretos sorrisos, Manoel assinou a papelada da burocracia do Mundo Espiritual.

— Eu só vou me convencer de que estou totalmente *morto* – falei –, quando não mais houver, onde quer que esteja, burocracia de qualquer natureza!

Convidados por Manoel Roberto, os dois policiais o acompanharam ao escritório da Sociedade, para as recomendações que se faziam necessárias.

Com o tempo, felizmente, Lauro, o ex-madeireiro desencarnado, revelar-se-ia eficiente colaborador, aprendendo a reverenciar a Natureza, a qual, outrora, desrespeitara ao extremo. Mais de uma vez, em conversa amistosa comigo, agradecer-me-ia pela oportunidade que lhe fora concedida, chegando a declarar:

— Sinto que agora é que estou vivendo! Meu Deus, como pude ser tão insensível assim! Eu esmagava uma flor ou um inseto, sob os meus pés, e não sentia nada! Não tenho como lhe agradecer. O senhor me salvou para sempre!

— Lauro – respondi-lhe –, nem a mim mesmo eu consegui salvar ainda! Não exagere e cumpra a sua pena, que é de 200 anos!

— De 198 e alguns meses, Doutor – retrucou como quem, dia por dia, acompanhasse o calendário em contagem regressiva.

Leocádio deixou “Tarzan” aos nossos cuidados, que, vendo-se livre da corrente em volta do pescoço, se aproximou da primeira cadeira que avistou e, após farejá-la, ergueu a patinha e começou a demarcar o seu território... Depois, com muita delicadeza, o pequinês parou diante de uma das senhoras que segurava o “Primeiro” nos braços e deu a entender que queria vê-lo.

— Coloque o “Primeiro” no chão, minha filha! – pedi.

Ela atendeu, não sem certa relutância, mas assim que, embrulhado como estava, com o corpo espiritual ferido e o pescocinho inseguro, o bichano foi colocado no chão, “Tarzan” se aproximou, lambeu-lhe as feridas e, depois, deitou-se ao seu lado.

— Eis, entre esses nossos dois amiguinhos, a versão do mundo animal sobre a “Parábola do Bom Samaritano”! – exclamei.

— Doutor – comentou Domingas –, se eu não visse, não acreditaria...

— Se a gente, minha cara, fosse acreditar só no que vê, todo cego ou míope seriam descrentes! – emendei.

Modesta e as senhoras sorriram, e, por longo tempo, fiquei a admirar aquele gesto de solidariedade entre um cãozinho e um gato doente, pensando que não tinha mais sentido o ditado dos homens em relação à animosidade entre as duas espécies: “Brigam mais do que cão e gato”!

— **D**outor — veio conversar comigo Manoel Roberto, com grande alegria estampada no semblante- adivinha quem está aí?

— Ora, Manoel — respondi —, você acabou de me promover a um desses charlatões que trabalham com bola de cristal... Só me falta o turbante!

Sem se importar com a brincadeira, o amigo anunciou:

— O Dr. Cássio Noronha e D. Altiva, esposa dele!

— Quem?! — procurei certificar-me do que ouvira.

— Somos nós mesmos, Doutor! — respondeu Altiva, chegando de braço dado com o marido.

Como Modesta e Domingas não demonstrassem surpresa com a visita inusitada de irmãos tão queridos, suspeitei e acusei-as sem pestanejar:

— Vocês duas estavam sabendo e não me falaram nada, não é?

— Inácio, nós vamos precisar de um Veterinário, não vamos?

— Nós, não! — gracejei, abraçando Cássio e cumprimentando Altiva. — Eu, talvez... Mas vocês, não!

— Estou ao seu inteiro dispor, Doutor! — ofereceu-se o dileto companheiro, que, em Uberaba, havia sido profissional muito competente, e que tantas vezes me socorrera com os meus gatos de estimação.

— E eu vou ser a Assistente dele — observou Altiva, não cabendo em si de contente.

— Mas, Altiva, você nunca teve muita afinidade com...

— Eu sei, Doutor, eu sei, e quero aproveitar para pedir que me perdoe. Quanta vez implicava com os seus bichanos, não é? Principalmente quando, atravessando a rua, eles apareciam no Lar Espírita, deixando as suas marcas... É que as meninas os conduziam para os leitos e eu tinha receio que lhes transmitissem alguma doença.

— Altiva — observou Modesta —, passado é passado. Você tinha lá as suas razões, porque os gatos do Inácio, de fato...

— O que tinham os meus gatos? — interpelei, antes que Modesta pudesse concluir a frase.

— Eram muito fofinhos e as meninas poderiam se apegar a eles!

— Ah, bom! — exclamei. — Para mim, você...

— Não, longe de mim a intenção de falar mal de um só de seus bichanos — eu não sou o Manoel Roberto!

— O quê?! O Manoel falava mal dos meus gatos?...
Todos sorriram e, deixando as voluntárias na companhia de um funcionário da Sociedade, convidou o Cássio e a Altiva para conversa mais reservada.

— Então, Altiva, graças a Deus, hem?! — falei, pedindo-lhes que se acomodassem nas poltronas à disposição em pequena sala. — Superada a prova!

— Parcialmente, Doutor — respondeu a antiga Diretora do “Lar Espírita” —, porque eu e o Cássio ainda pensamos muito na Marcinha...

— É natural. A gente nunca pode se reunir com toda gente num só dos Dois Lados da Vida, não é? Precisamos de gente nossa de Lá e de Cá, pois, caso contrário, num dos Dois Lados haveremos de nos sentir em completa solidão.

— É verdade — concordou a companheira, que cumprira longa e saudosa viuvez na Terra.

— Meu caro, por onde você andava? — perguntei ao Cássio.

— Por aí, Doutor.

— O que está fazendo agora?

— Lecionando e cuidando da Clínica.

— Você abriu uma clínica por aqui?

— Doutor — respondeu-me com inteligência —, se ainda oramos o “Pai Nosso”, não podemos saltar aquela parte do “pão de cada dia”, o senhor não acha?

— Tem razão, porque mesmo os Espíritos Superiores de alguma coisa têm que se alimentar, nem que seja — como é — tão-somente de luz!

— Pois aí está — comentou Domingas, espirituosa —, o caso do Dr. Cássio, Veterinário por profissão, é um desafio lançado aos nossos irmãos espíritas: afinal, o que um veterinário desencarnado viria fazer neste Outro Lado?

— E eu, então, que nada sou ou sei, o que viria fazer? — indagou Altiva.

— Você, que trabalhou como locutora de rádio, o que viria fazer na Vida além da morte! — exclamei.

— Por falar nisto, Doutor, estou fazendo um teste numa rádio...

— Será, porventura, na Emissora do Posto Dois, de “Moradia”, em Nosso Lar? — graciei.

— Ah, Doutor, quem me dera poder voar tão alto! Trata-se de uma rádio local, mas com excelente penetração.

— A morte, Altiva, é isto aí: a vida em eterno recomeço!

— A lembrança da Altiva é interessante, Inácio — falou Modesta —, o pessoal que lê a obra “Nosso Lar” pouco comenta sobre a Imprensa no Mundo Espiritual.

— Modesta — disse —, você quer saber de uma coisa? Com exceções honrosas, poucas — pouquíssimas! —, aquele nosso pessoal, *lá embaixo*, vive com sono... Não é possível! André Luiz foi tão claro! Está tudo lá, no livro que escreveu! Eu acho que o pessoal tem que rezar antes de ler, exorcizando os “demônios” que lhe entorpecem a mente!

— Inácio, eu compreendo a sua reação e, talvez, ela possa até despertar alguém, mas precisamos ter paciência.

— Confesso a minha ignorância – endossou Altiava com a franqueza que, algumas vezes, lhe rendia a antipatia gratuita de alguém. – Eu lia, lia e relia e, infelizmente, entendia pouco. O Mundo Espiritual, para mim, ainda tinha alguma coisa de místico...

— Isso era a “Abadessa” que vivia em você! – redargui com base em nossa sólida amizade.

— Não é mesmo fácil – ponderou Modesta – substituir velhas crenças por novas concepções.

— Na obra basilar da Doutrina, os Espíritos definiram educação como sendo um conjunto de hábitos adquiridos – observou Domingas.

— Não obstante, chegaremos lá – falei –, mesmo porque não nos resta alternativa. Aos poucos, a consciência humana há de se expandir. Neste sentido, tenho a impressão de que o movimento de espiritualização da criatura é irreversível. Em que pesem às oposições, mormente da parte dos espíritos adversários da Causa, cada vez mais, o homem há de cogitar de seu porvir espiritual. Como diz Emmanuel, “o futuro pertence ao espírito”!

— Missão gloriosa a de Chico Xavier! – exclamou Altiava com certo tom de pesar em suas palavras.

— Sem dúvida – concordei.

— Pena que eu não a tenha conseguido entender em toda a sua abrangência e profundidade!

— Ora, Altiva, mas você vivia lá...

— Vivia, sim, Doutor, mas como uma borboleta deslumbrada pela luz! Creio que quase todos os que o rodeavam...

— É verdade, D. Altiva! — fez seu endosso Domingas. A gente não se apercebia da grandeza de seu espírito e da missão que, com a possível discricção, ele cumpria.

— Esse é um equívoco comum — elucidai. — Quando nos aproximamos, em excesso, daqueles que admiramos, tendo oportunidade de nos identificar com a sua humanidade, costumamos admirá-los menos.

— Quando deveríamos admirá-los mais!

— Exatamente, Modesta. No caso de Chico, por exemplo, como certa vez ouvi de um amigo, o que mais admirava é que ele não era um anjo cumprindo a tarefa de um homem, mas, ao contrário, um homem executando a tarefa de um anjo!

— Muito bem colocado! — comentou Cássio. Em relação aos outros, somos demasiadamente exigentes, mas, no que diz respeito a nós...

— Sempre que era elogiado — lembrou Domingas —, visivelmente contrariado, Chico dizia que via os elogios dos amigos como convite para que desse a ser o que ainda não era! A gente colocava um fardo excessivamente pesado nos ombros dele...

— O fardo que queríamos que ele carregasse por todos nós! — frisou Modesta com precisão.

— A gente não dava ao Chico o direito de errar... Nós, não: poderíamos e podemos errar à vontade. Mas ele — coitado! —, tinha que dar o testemunho. E, em geral, é assim com todos os médiuns — somos nós que os santificamos, para, depois, decepcionarmo-nos, quando não se revelam muito diferentes de nós.

A conversa caminhava por aí, quando, procurando ser mais prático, perguntei:

— Então, Cássio, nós poderemos contar com os seus préstimos na Sociedade?

— Sem dúvida, Doutor, pois que vim até aqui para isso. O senhor poderá contar com os meus préstimos e os da Altiva. Estamos juntos. Vocês não se livrarão de nós tão facilmente!

— Nem é nossa intenção. Já temos serviço lá dentro, para vocês: um gatinho, de seis a sete meses de idade, que alguns vândalos assassinaram.

— Que horror! — exclamou Altiva.

— Amarraram um foguete na cauda dele e atearam fogo! — explicou Domingas.

— Dr. Inácio — disse Cássio —, eu não sei o que há de ser da juventude na Terra...

— Excesso de liberdade. Seria o caso de ressuscitar-se a palmatória nas escolas?

— Inácio!...

— Estou falando sério, Modesta. Hoje em dia, os alunos estão quase batendo nos professores em sala de

aula, e isso com o apoio dos pais e, às vezes, da própria direção da escola. Desculpem-me: sou profissional da área, mas a Psicologia precisa rever muita coisa. Se a gente, por exemplo, ao ver pequena árvore crescendo torta no quintal, lhe finca uma estaca rente ao pé e providencia amarrá-la, com o intuito de lhe redirecionar o crescimento, como conceder-se excessiva liberdade aos meninos, que sabemos serem espíritos defeituosos, repletos de vícios e tendências negativas a serem podadas? Os pais, em geral, não gostam de ouvir isto, mas precisam ouvir. Depois, quando os filhos forem para as drogas e virarem delinquentes, não adiantará chorar, não! Educar significa disciplinar, e toda disciplina custa a quem disciplina e a quem é disciplinado.

Os amigos silenciaram e, dando o assunto por encerrado, tratei de dizer:

— Bem, acho que já conversei além da conta. Vocês me perdoem a indignação. Estamos longe de saber educar com amor, mas, por outro lado, em nossa atual situação espiritual, não acredito que somente com amor possamos ser educados. Deus nos ama e nos corrige! “O homem” é enérgico e faz todo o mundo pular miudinho... Tenho visto espíritos reencarnarem esperneando, acordando anestesiados no corpo! Amar é também saber dizer “não”, vocês não acham? E qual de nós — arrematei — não precisa escutar mais “não”, do que “sim”?!

CAPÍTULO

22

Quando deixei a Sociedade Protetora de Animais, voltei para o hospital, onde a agenda do dia me esperava. Devo esclarecer aos que ainda pensam em descanso, após a morte do corpo, que o tempo neste Outro Lado, para os que desejam ser úteis, é cada vez mais escasso.

Ultimamente, muitos espíritas recém-desencarnados marcam consulta comigo. Não que estejam propriamente doentes, mas desejam ajustar certas ideias em conflito com a realidade da Vida, ante a qual se deparam na existência de Além-Túmulo.

Naquele dia, o primeiro paciente seria um senhor de nome Olegário, que havia sido devotado tarefeiro da Doutrina numa das cidades do interior paulista.

— Como vai? — cumprimentei-o, assim que adentrou o consultório, algo retraído.

— Bem, Doutor, relativamente bem...

— Em que posso auxiliá-lo?

— Vim apenas para conversar. Estou um tanto confuso...

— É normal. Há quanto tempo deixou o corpo? — perguntei.

— Há quase um ano e, confesso, fui surpreendido.

— Com o quê, exatamente?

— Para ser sincero, com quase tudo quanto me rodeia. Eu esperava pela sobrevivência, mas noutras condições...

— Você esperava por um Mundo Espiritual mágico, não é?

— Menos humano! Eu estudava Kardec e...

— Apegou-se à letra da Codificação.

— Acho que sim.

— Acontece com a maioria — redargui. — O Mundo Espiritual, também para mim, não correspondeu exatamente às expectativas. Por vezes, mergulhado nas ilusões do corpo carnal, eu esperava algo *menos natural*...

— Eu supunha, por exemplo, que, com a desencarnação, as necessidades do espírito desaparecessem ou, então, se reduzissem.

— Elas se reduzem, mas não tanto. O problema, Olegário, é que a cultura religiosa do passado ainda muito nos pesa na interpretação da Verdade. Foram séculos e séculos de doutrinação!

— E depois, segundo penso, a gente não leva em consideração que *Mundo Espiritual* é um termo genérico — são inúmeros os planos em que a Vida se manifesta! Eu imaginava que o Mundo Espiritual fosse um só...

— E que apenas existisse sob os céus Brasil, não é? Que os outros países, onde se ouviram falar de Espiritismo, fossem destituídos plano espiritual e vida intensa...

— Curioso, não é, Doutor? A gente pensa assim mesmo, não levando em conta que o espírito precisa sobreviver à morte do corpo, não precisa ser espírita.

— Olegário, eu já tive oportunidade de visitar diversas regiões do Mundo Espiritual que ficam localizadas fora do espaço geográfico brasileiro. Os espíritos, que as povoam, não estão nem aí para nós!... Têm a sua cultura, as suas crenças, as suas expectativas. De fato, nunca é demais repetir: o Mundo Espiritual não é espírita! O Espiritismo está longe de ser unanimidade por aqui. E mais: as ideias espíritas são aceitas por muitos, porque **são verdades que não nos pertencem com exclusividade.**

— Aquele anseio de que, um dia, o Espiritismo seja a religião dominante ou a filosofia plenamente aceita...

— A nossa função não é fazer com que o mundo seja espírita! Creio que a nossa tarefa seja a de manter viva a chama do Evangelho!

— Doutor — indagou-me —, o Espiritismo, nos Mundos Superiores, será uma religião triunfante?

— Olegário, meu caro — ponderei —, esqueçamos o rótulo! Religião é essência, é paradigma para a Vida em qualquer parte do Universo. Religiões diversificadas

são coisas de mundo atrasado, como a Terra. A Verdade da Religião deve ser a mesma da Ciência, e vice-versa.

— Então, não devemos lutar para que todos sejam espíritas?

— Não! Devemos lutar para que o nosso modo de ser se adapte aos princípios da Doutrina — o Espiritismo não deve se preocupar com estatísticas!

— Amanhã ou depois, as pessoas serão naturalmente espíritas?

— Não; serão naturalmente interessadas pela Verdade... A rigor, o que distingue o Espiritismo das demais crenças religiosas (muitas delas admitem a Reencarnação, a Lei de Causa e Efeito, a Mediunidade) é a sua ética. De nada vale tão-somente crer!

— Doutor, quanto me equivoquei! — exclamou. — Eu me preocupava, em excesso, com a difusão de nossos princípios...

— Nada ficou perdido, meu irmão.

— É que sinto que formalizei em excesso.

— Aí está o erro. Estamos tomando o Espiritismo como se fosse um partido político ou algo semelhante. No fundo, queremos nos impor aos outros! Através da Doutrina, almejamos a vitória pessoal. Espiritismo não é isso. A não ser a nós mesmos, a quem precisamos vencer?

Fiz ligeira pausa e prossegui:

— Iguamente, eu já me preocupei muito em doutrinar — pessoas e espíritos. Vivia doutrinando no

meu consultório particular, no Sanatório... Doutrinava encarnados e desencarnados, principalmente familiares e amigos. Queria que todo o mundo fosse espírita! Um dia através da mediunidade de Maria Modesto Cravo...

— Já ouvi falar nela.

— Pois bem. Aí, Eurípedes Barsanulfo se manifestou e conversou comigo durante mais de trinta minutos. Naquele dia, o doutrinado fui eu. Quando ele terminou de falar, havia aberto uma *clareira* na minha cabeça – uma verdadeira *brecha*! Mudei radicalmente. Deixei de brigar tanto, de falar na tão propalada *pureza doutrinária*...

— O que eu me conflitei com os companheiros por conta de pureza doutrinária!

— Errava pela base, porque a legítima pureza doutrinária é o Amor! A Verdade, Olegário, é um detalhe que, por fim, o tempo se encarregará de colocar em destaque.

— Doutor, eu pensava que, neste Outro Lado, encontraria um Movimento Espírita mais amplo e mais bem organizado...

— Olhe, a turma está toda reencarnando, preocupada em melhorar os próprios sentimentos. A evolução é esforço intransferível!

— Imaginei que eu fosse voitar...

— Só se você virar borboleta! – graciei, arrancando incontáveis sorrisos do companheiro, que, em seguida, comentou.

— Há quanto tempo não sorrio assim!

— Você não podia: sorrir era contra a pureza doutrinária! Aliás, para muitos espíritas, fumar é mais contra a pureza da Doutrina que contra a pureza dos pulmões!

O amigo agora passou a rir sonoramente.

— Eu mesmo, Doutor — ponderou —, já combati muito o hábito de se comer carne... Chego a este Outro Lado e percebo que certos espíritos...

— *Espíritos*, não — homens! — consertei.

— Correto. Percebo que muitos homens estão se desabitando aos poucos...

— Olegário, se a desencarnação resolvesse o problema do vício, dos hábitos perniciosos, das inclinações infelizes, das distorções de caráter, enfim, seja lá o que fosse, ninguém precisaria se esforçar para nada, porque, em si, o ato de desencarnar nos santificaria, certo?

— Mas eu ainda estou aqui, com a minha rinite crônica...

— Ao que deduzo, esse é o maior entrave para que o próprio espírita mais bem compreenda a Doutrina!

— A rinite, Doutor? — perguntou, não conseguindo conter o espirro.

— Um espírito espírita espirrando! Isso é um verdadeiro sacrilégio... Espirrar é contra a pureza doutrinária! O senhor, por favor, contenha-se, porque, em Kardec, não existe a menor informação a respeito.

Olegário se dobrou de tanto rir e, quando pôde, acrescentou:

— Não é só espirro, não, Doutor!
— Fiquemos só com o espirro, que já está bom demais, porque o resto, além de atentar contra a pureza doutrinária, atenta contra a pureza do ambiente.

Olegário chacoalhou-se na cadeira.

— Voltando a tema de maior transcendência...
O paciente não se controlava.

— Você vai deixar que eu fale ou não vai? Preciso continuar com a minha consulta!

— Doutor, o senhor já resolveu todos os meus problemas – observou a custo. – Meu Deus, há quanto tempo eu não me alegrava assim!

— Olegário, permita-me entrevistá-lo para um livro que estou escrevendo para a Terra – solicitei.

— Mais um, Doutor, que irá para a fogueira – e sacolejava-se.

— Estou falando sério, colabore.

— Pois não. Pode perguntar – disse, enxugando os olhos com um lenço de papel que pegara sobre a minha mesa, depois de assoar o nariz feito uma cometa.

— Você é espírita?

— Sim, há mais de 40 anos...

— Desencarnou, e daí?

— Não aconteceu absolutamente nada. Estou na mesma.

— Não volitou?

— Mal me arrastei e estou me arrastando...

— Come e dorme?

- E bebo água!
- Faz sexo?
- Doutor, o senhor vai escrever isso? Eles irão trucidá-lo!
- Primeiro, vão ter que me pegar... Escute, faz ou não faz?
- Faço!
- Com o quê?
- Doutor, o senhor é louco!
- Responda.
- Com as *coisas*, ué!
- Você é espírito vampiro?
- Não, eu sou normal.
- Então, você faz sexo é com desencarnado?
- É! Pensou o quê? Eu não sou *incubo*...
- Tem orgasmo?...

Bem, desculpem-me, mas o restante da entrevista é proibido para menores e não quero poluir a cabeça desse nosso pessoal beato, que considera pecado ter orgasmo num só Lado da Vida, quanto mais nos Dois!

Assim que o paciente saiu, entrou uma senhora, a quem logo percebi indignada. Cumprimentamo-nos, e ela se acomodou na poltrona à sua disposição.

— Eu não queria vir — começou dizendo. — Alguns amigos insistiram comigo, e aqui estou. O que o senhor tem a me dizer?

— Qual é o seu nome? — perguntei com modos calmos, procurando anular a sua vibração de ressentimento.

— Leonor!

— Agora me diga, por favor, o que a traz aqui?

— Ora, o senhor não sabe?

— Minha filha, eu sou apenas psiquiatra...

Sentindo a minha reação, ela se conteve um tanto.

— Essa tal de Reencarnação!...

— O que tem? Você não aceita?...

— Não! Definitivamente, não! Isso é invenção dos espíritas...

— Creio que você esteja enganada.

— O senhor é espírita?

— Sou, mas não tem nada a ver...

— Disseram-me que é um homem liberal, ou seja, não é fanático. Os espíritas criaram essa história de reencarnação e querem que todos nos submetamos... Ora, vocês não são donos da vida após a morte, são?

— No que tange a mim, não. Eu não sou dono de coisa alguma!

— Então, o senhor é mesmo diferente... Os espíritas que conheço, com poucas exceções, querem dominar por aqui. Porque eles sempre foram minoria estão querendo compensar, o senhor não acha?

— É uma tese interessante – respondi.

— Eu sou de formação católica. Acredito que isto aqui seja o Purgatório... Que Mundo Espiritual, que nada! A Igreja ensina que a nossa permanência no Purgatório pode ser longa.

— De fato, estamos a purgar – purgamos *lá embaixo*, purgamos *aqui em cima*... É purgação que não acaba mais!

— O que o senhor me diz? Sou, porque vocês querem, obrigada a reencarnar?

— *Vocês, quem?* Eu não a estou obrigando a coisíssima alguma! Eu não controlo a Reencarnação!

— Fui conversar com um padre...

— O que ele lhe disse?

— Que estou certa — que os espíritas querem reinar depois da morte! Falou-me que tenho todo o direito de esperar pelo Paraíso!

— É direito seu.

— Doutor, a Igreja é uma instituição que tem mais de dois mil anos...

— Quase dois mil anos! A sua conta não está bem certa. Não confundamos o Cristianismo com a Igreja, que é uma instituição humana, criada a partir do terceiro século da Era Cristã.

— Então, que tenha 1.700 anos! Fomos enganados este tempo todo?

— Eu não posso lhe responder.

— Por que não?

— Creio que, em vidas anteriores, eu já tenha ajudado a armar toda essa confusão...

— O senhor está dizendo que...

— Sim, com certeza, devo ter envergado a batina...

Disse-o com crises de arrepio da cabeça aos pés.

— O que foi? — perguntou a me ver correndo as mãos pelos braços no sentido longitudinal.

— Exorcismo particular. Não se preocupe!

— O senhor é bem-humorado!

— Feliz de quem aprende a sorrir da própria desdita.

— E filósofo! — exclamou mais descontraída.

— Leonor, eu sou mero psiquiatra de botequim! Só não convido você para uma cerveja...

— Prefiro vinho, Doutor, tinto suave!

— Eis uma das únicas vantagens que eu acho em alguém ser padre...

Leonor sorriu e contou:

— O Padre Júlio enchia a taça, Doutor!

— Quem é o Padre Júlio?

— O da paróquia que eu frequentava, de Santa Teresa. O senhor acredita que, na mesma missa, ele costumava consagrar a hóstia duas vezes? Eram duas taças de vinho...

Agora foi a minha vez de sorrir.

— Eu conheci um – redargui – que consagrava a hóstia quase o dia inteiro...

Leonor não se conteve e riu como há muito, euponho, não ria.

Quando voltou ao normal, tirando pequeno espelho da bolsa, para retocar a maquiagem em volta dos olhos, perguntei:

— Como é que ficamos?

— Em que sentido, Doutor?

— Reencarnamos ou não?!...

— Doutor, o senhor não acha que os espíritas são muito arrogantes?

— Alguns. A grande maioria é gente muito boa!

— Pois bem, esses “alguns” querem nos enfiar a Reencarnação goela abaixo... Posso lhe fazer algumas perguntas?

— À vontade.

— O Espiritismo está com a Verdade?

— Com um pedaço dela – não com ela toda.

— O Espiritismo controla o que espíritas chamam de “Mundo Espiritual”?

— Não!

— A Reencarnação é uma invenção dos espíritas?

— Não!

— Não, não é, Leonor. Neste ponto, você está equivocada. Para nós, a Reencarnação é Lei Universal.

— Mas os espíritas é que a colocam para funcionar?

— Não! Ela funciona sozinha!

— Então, que história é essa de quererem escolher o destino da gente?

— Como assim?!

— Antes de vir conversar com o senhor, por insistência de amigos, fui conversar com um espírita... O homem é fanático!

— Como é que ele estava? — perguntei malicioso.

— Com um livro chamado “O Livro dos Espíritos” debaixo do braço, dizendo que Kardec é isso, que Kardec é aquilo...

— De terno e gravata?

— Como é que o senhor sabe?...

— Vamos, continue — solicitei.

— Falou que eu tenho que fazer um estágio num instituto... Como é mesmo o nome?

— Instituto de Reencarnação!

— Isso mesmo. Pois é, que eu tenho que me entregar nas mãos dos Mentores e escolher um corpo

para mim, que, querendo ou não, terei que voltar... O homem queria a minha alma! Parecia um protestante...

— Dos mais extremistas?

— Exatamente.

Fez breve intervalo e voltou a comentar, indignada:

— Doutor, e os 1.700 anos de crença religiosa diferente? O senhor me desculpe, mas os católicos ainda são maioria! Os espíritas quantos são?

— Como dizia Chico Xavier, uma minoria muito *mini*... E eu acrescento: além de *mini*, mixuruca!

— Se eu fosse espírita – disse –, queria ser como o senhor...

— “Afaste-se deste cálice!” – graciejei.

— Sinceramente, o que me diz?

— Leonor, nada! Você gostaria de ler alguma coisa a respeito? Se quiser, posso lhe emprestar boa literatura a respeito.

— De sua autoria?

— Não, quem me dera!

— Gostaria, sim, Doutor! Posso adquiri-los também – é só me fornecer os nomes dos livros.

— Comece lendo a obra a “História do Pensamento Universal e o Cristianismo” – indiquei.

— Não é de Kardec?

— Não. Kardec, se você se interessar, fica por último. O Espiritismo tem pouco mais de 152 anos!

— Agora, o senhor imagine: 1.700 anos de Filosofia *versus* 152!

— Leonor, isso não quer dizer nada, vamos com calma. Na verdade, o Espiritismo é um estudo de conjuntos de Leis da Natureza.

— Vocês excluem a Jesus?

— Para você ver, alguns querem fazê-lo, mas o Espiritismo é uma doutrina cristã – para mim, ser o Evangelho, ele não faz o menor sentido! A questão essencial não é reencarnar ou deixar de reencarnar. O essencial é que sejamos bons! Ninguém reencarna por ser espírita e, muito menos, para ser espírita – a gente reencarna para melhorar o coração! Chico Xavier nos ensinava assim...

— Ouvi falar nele, Doutor. Era um homem...

— Um homem impressionante, minha cara, um ser iluminado!

— Ele era fanático, Doutor?

— Absolutamente, Leonor! Nunca ouvi Chico pregando Espiritismo a quem quer que fosse!

— Mas era moralista, não era?

— Muito menos moralista! Chico se preocupava apenas em ensinar a Bondade...

— O Espiritismo não é rival da Igreja?

— O Espiritismo, não! Kardec escreveu que, na luta contra o Materialismo, o Espiritismo surgia como o mais poderoso auxiliar na Religião. O Espiritismo não pretende mais que o papel de coadjuvante da Fé.

— Vocês não querem o poder?

— Que poder?! Se não há de ficar “pedra sobre pedra”?! O Espiritismo, que se interessa

exclusivamente pela Verdade – que não é propriedade da Religião *a* ou *b* –, não é dogmático nem sectário.

— Quer dizer que, se eu não quiser, não serei obrigada a reencarnar?

— Nenhum espírita tem qualquer poder sobre a Reencarnação. Nós teremos que nos haver é com a Lei e com a consciência.

Pensativa, Leonor observou:

— Os amigos que me aconselharam a vir tinham razão. A conversa com o senhor está me valendo...

— Por favor, eu não valho nada. Não alimente, em mim, a fera da vaidade que, segundo Chico Xavier, nós devemos deixar morrer de inanição.

— Ele dizia isso?...

— Dizia mais: — “À própria vaidade, a gente tem que aprender a negar até mesmo um copo d’água, pois, caso contrário, ela acaba nos devorando”.

O horário da consulta havia extrapolado e, compreendendo, Leonor, ao sair, falou-me com diferente vibração na voz:

— Eu não vou me esquecer do senhor!

Eu havia reservado o final daquela tarde para uma entrevista a um jornal leigo que me vinha solicitando, desde muito.

O repórter de “O Livre-Pensador”, semanário muito apreciado entre os estudiosos da Verdade, sem, no entanto, qualquer conotação religiosa, procurou-me em meu consultório.

Após as apresentações de praxe, Henrique me perguntou se eu fazia restrição a algum tipo de pergunta.

— De maneira alguma — respondi. — Conheço a linha editorial do jornal e sei que vocês, embora um tanto cépticos, são respeitosos.

— Doutor — começou —, o senhor se considera louco?

— Razoavelmente! — redargui sem pestanejar, procurando assimilar o seu estilo provocativo. — Quem você conhece que se considera plenamente saudável?

— Acredita mesmo no Espiritismo? No que ele ensina, por exemplo, a Reencarnação?

— Mais do que convicção, tenho absoluta certeza. Aliás, o Espiritismo é a mais firme de minhas convicções. Sou espírita há muito tempo...

— Desde quando?

— Desde as minhas duas últimas existências no corpo, mas adepto militante somente na minha derradeira passagem pela Terra...

— Acredita, então, que tenha mesmo vivido na Terra? Muitos dentre nós duvidam até da existência deste planeta...

— Eu sei disso — respondi. — O problema, meu caro, é que vivemos na Terra, desencarnamos e não conseguimos sair dela...

— Teríamos vivido numa espécie de contraparte deste planeta?

— Como agora vivemos na contraparte da Terra! Existe um orbe mais físico do que este que habitamos!

— Então, o senhor acha que a gente *morre* aqui e?...

— ... reencarna, volta para lá!

— Em vez de *subir*, *desce*?

— Quando a gente *morre* por lá, também pode *descer*...

— Um tanto confuso, não?

— Já achei; não acho mais! O tempo e o espaço estão na mente.

— Não teriam, para o senhor, existência real?

— Não! As pessoas que passam aqui pelo meu consultório, por exemplo, do ponto de vista

mental, estão situadas nas mais diversas faixas de entendimento e lucidez.

— Se estamos vindo da Terra — de sua contraparte mais materializada —, por que não nos lembramos?

— Pela mesma razão que, ao reencarnar, o espírito não se recorda de onde vem!

— O senhor está querendo dizer?...

— ... que poucos, ao reencarnarem, revelam reminiscências do passado — tanto de suas vidas anteriores na Terra, quanto de seu tempo de permanência no Plano Espiritual, que era aqui!

— Era? Não é mais?...

— Para nós, os que aceitamos a Reencarnação e estamos desencarnados, o Plano Espiritual agora é outro?

— Ele seria dinâmico? Viveria mudando assim de lugar?

— *O verdadeiro Plano Espiritual está sempre mais para cima!*

— Mais para cima de quê?

— De onde nos encontramos.

— Particularmente, eu não me recordo de coisa alguma de outra vida — disse Henrique. — Para mim, a única Terra que existe e sempre existiu é esta! É a minha crença...

— A Verdade, meu caro, não é uma questão de crença!

— Ninguém nunca provou a Reencarnação.

— Tampouco chegou à conclusão de que não exista! — retruquei.

— Em sua Epístola aos Hebreus, Paulo diz: *“E, assim como aos homens está ordenado morrerem uma só vez...”*.

— Entre Paulo e Jesus, eu fico com Jesus que disse a Nicodemos, Doutor da lei quanto Paulo havia sido: *“Ninguém pode ver o reino de Deus se não nascer de novo”!*

Enquanto ele refletia em como continuar com a entrevista, considere:

— O homem é espírito e, como tal, não morre uma vez sequer! Se Paulo escreveu mesmo o que dizem ter ele escrito, com certeza estava se referindo à morte do chamado “homem velho”. A morte, como sinônimo de destruição, é fenômeno inexistente.

— O senhor defende a tese?...

— Eu não defendo tese alguma. O Espiritismo é doutrina de conscientização — ele nos desentorpece os sentidos! Fica tudo muito claro: o espírito — veja bem —, que somos nós — eu, você e qualquer um, independente de crença, raça, condição sociocultural ou o que possa nos distinguir! —, viaja na direção do *Centro de Toda Luz...* Segundo o seu grau de lucidez, ele se reveste de corpos consentâneos — alguns mais materiais, outros menos. É ele, o espírito, que *projeta* o meio em que vive!

— *Isto aqui* é nossa projeção mental? — inquiriu um tanto surpreso.

— Sem dúvida — respondi. — Estamos presentes neste visco, feito de Fluido Cósmico Universal!

— A Terra a que o senhor alude — a outra Terra original...

— Não, a original é esta aqui e ainda não bem esta aqui... Mas deixemos assim.

— A Terra, de onde o senhor diz que vem, também projeção da mente de seus habitantes?

— Em suas condições de vida, sim. O orbe planetário foi modelado por mentes mais poderosas, mas os homens o vêm alterando, se não na forma, pelo menos no conteúdo.

— Quais seriam as tais mentes mais poderosas?

— Dos Arquitetos Siderais, Espíritos Co-criadores, dentre eles, Jesus Cristo, que consideramos por Governador Espiritual do Planeta!

— Afirma, então, com toda a convicção, que procedemos da *outra* Terra?

— Henrique — falei em tom mais intimista —, na verdade, procedemos todos do seio de Deus! A Vida, toda ela, sem faltar um único átomo, procede unicamente de Deus!

— O que o senhor diz faz sentido — concordou. — Não é fácil, é uma teoria quase mirabolante, mas, reconheço, de vanguarda do pensamento.

— É pelo pensamento que o espírito se situa no Universo!

— Isso é quase ficção! — exclamou, fazendo uma pausa em suas anotações.

— A ficção, meu caro, é mais real que a própria realidade. A mente humana chegará ao inconcebível!

— O Universo dos espíritas é muito mais amplo e profundo que o de muita gente...

— É um Universo de infinitas possibilidades! Não podemos prejugar a Criação Divina pelas nossas limitações. Infelizmente, estamos *quase* encerrados em nossa caixa craniana — é o mesmo que um dedal conter o oceano! Estamos travando uma luta titânica, que é a de nos expandirmos...

— Qual o próprio Universo em constante expansão?

— Exatamente!

— Desculpe-me, mas vocês não se consideram diferentes aqui?...

— Como se quase fôssemos ETs encarnados, éramos diferentes por lá, continuamos a ser diferentes por aqui! Crer na Imortalidade, na Reencarnação, nas múltiplas dimensões espirituais, na possibilidade de comunicação com os “mortos”, na Evolução do *princípio inteligente*, desde os reinos inferiores da Natureza, e mesmo que, um dia, a Fraternidade há de reinar entre todos os povos...

— Doutor, vocês ainda mencionam *dimensões espirituais inferiores*, não é?

— Assim como existem seres mais perfeitos e imperfeitos — os semelhantes se atraem. A Lei de Atração é Lei Divina. Tal ocorre, inclusive, entre as

espécies vegetais e animais. Determinadas espécies de árvores nascem e crescem juntas, de flores, arbustos... Nos mares, golfinhos procuram golfinhos, tubarões convivem com tubarões, sardinhas se agrupam... Pensamentos afins se buscam com naturalidade.

— Tais dimensões inferiores existiriam em todo o Universo?

— Sim, por que não?! Não obstante, elas não carecem de ser absolutamente iguais. Cremos que, abaixo de nós...

— *De nós?*...

— De mim e de você – respondi detalhando. – Além da Terra de natureza física, existem duas outras dimensões mais grosseiras: logo abaixo, as Trevas e, mais abaixo ainda, o Abismo.

— O Abismo, então, seria o ponto extremo?

— Longe disso. Seria o ponto extremo para nós, ou seja, para os espíritos atrelados à evolução terrena! Estamos estudando a Vida a partir de nosso Sistema, que é singelo grão de areia nas Praias do Infinito! O Sistema Solar, talvez, seja um dos mais acanhados da galáxia a que pertencemos.

— O senhor crê, firmemente, em tudo que está me dizendo? – indagou por fim.

— Mais do que crer, repito, tenho certeza! Eu me recordo de ter vivido na Terra, em inúmeras ocasiões...

— E se recorda de já ter estado aqui, no que vocês chamam de Plano Espiritual?

— Confesso que vagamente. Somente agora, do ponto de vista mental, me sinto mais bem “aclimado”...

— Os que passam a viver nos Planos Superiores teriam melhor lembrança?

— Pelo menos, essa é a tendência natural. Aqueles que *sobem* adquirem mais domínio sobre as próprias reminiscências.

— Agora, se me permite, antes de encerrar, uma pergunta de natureza prática: De que nos adiantaria saber de tudo isso?

— Para que possamos entrar na posse de nós mesmos! Conduzir o destino, sem continuar a viver à mercê das circunstâncias. Cessar de originar carmas de natureza negativa. Ascender com real consciência! Enfim, ajustar-nos todos, internamente, à realidade, descartando a influência da ilusão.

— Como definiria o Espiritismo?

Pensei por instantes e resolvi brincar:

— O Espiritismo é a Vida sem a bobagem de muitos espíritas!

— Como?!

— O Espiritismo não é religião de massificação. É uma doutrina de profunda integração com a Vida, em nós mesmos!

— Então, vocês não fazem proselitismo?

— Para quê?! Mais cedo ou tarde, as ideias que o Espiritismo difunde estarão em todas as cabeças...

— As ideias espíritas?

— Eis a bobagem de muitos espíritas à qual aludi. Você está pensando como um espírita bobo. Henrique sorriu meio sem-graça.

— As ideias não têm rótulo! A Verdade não é propriedade da religião *a*, *b* ou *c*, concorda? Eu disse: as ideias que o Espiritismo difunde — o Espiritismo é mero difusor das ideias que, originariamente, pertencem a Deus! O Espiritismo não é Kardec nem Chico Xavier. Espiritismo é o Cristo, ou seja, o *Logos*, o Verbo Divino. Entendeu?

— Mais ou menos. O senhor fala com tanta segurança! O que lhe dá tal firmeza?

— A Fé Raciocinada! Para mim, tudo isto é extremamente lógico.

— Mas não pode ser provado?

— Como a existência de Deus não pode ser provada, mas seria ilógico conceber a Criação sem o Criador! Existem concepções que se impõem por si mesmas!

— A entrevista foi muito proveitosa e, sinceramente, agradeço.

— Não há de quê, meu caro — apertei-lhe a mão em despedida.

CAPÍTULO

25

A noitinha daquele mesmo dia, sobraçando um exemplar de “Nosso Lar”, na companhia de Manoel Roberto, rumei para o “Liceu”, a fim de dar continuidade aos nossos estudos.

Percebendo que eu estava com o nariz escorrendo, o companheiro me perguntou:

— O senhor se resfriou?

— Não sei – respondi – se é a “suína”, com a qual o pessoal anda preocupado *lá embaixo*, mas estou todo entupido, a cabeça pesada, respirando mal...

— Tomou algum medicamento?

— Apenas uma chávena de chá quente... Você sabe, essas viroses têm o seu ciclo.

Já quase avistando o prédio do “Liceu”, considerei:

— Nunca me havia passado pela cabeça que os vírus também são imortais!

— Muito menos eu, Doutor! O senhor pretende escrever sobre o assunto?

— De leve. Mencionarei que estou com o nariz escorrendo e eles lá que se arranjam. Será que não entendem — falei indignado — que a imperfeição do espírito o predispõe a inúmeras enfermidades? Era só o que faltava: desencarnar e não precisar mais de remédio, de vacina!...

— Tenho pena do senhor!

— Quem tem pena é galinha, Manoel!

E, meio nervoso com o nariz que não parava de escorrer, desabafei:

— Às favas com essa gente toda! Uma banana para eles!...

— O senhor já mandou a banana — disse o amigo, estacionando o carro.

— Então um cacho, um bananal inteiro, com toda espécie e qualidade de bananas, e eles que escolham a de sua preferência — resmunguei.

Ao descermos, escutei o Manoel falando com Domingas:

— O homem está bravo... Pegou um resfriado daqueles!

— Não se preocupem — respondi, enviesado —, que não vou morrer e, caso morra, fico livre e vocês também.

— Doutor — disse a Coordenadora, solícita —, eu vou pedir para que façam um chá...

— Não é necessário. Se eu tomar mais uma dose de chá, não haverá palestra, porque vou ter uma diurese daquelas: vai ser água por cima e água por baixo!

— Diurese?...

— Urina, xixi, Domingas...

— O senhor quer adiar a palestra? — perguntou-me.

— Não! Era só o que faltava eu calçar umas meias, botar um pijama, botar uma touca e ir para a cama! Até já posso ler a manchete: “Médico desencarnado, acometido de resfriado *antidoutrinário* no Mundo Espiritual, está acamado!”

— Nem assim, o senhor perde o senso de humor!

— na companhia de Modesta, era Odilon que chegava.

— Pois é, Odilon — brinquei —, sou eu que tenho que ter tudo — eu sou a cobaia para que aquele pessoal lá *embaixo* entenda alguma coisa! Ninguém quer ter nada, nem uma diarreiazinha, para que eu possa comentar... Se alguém aqui tem que comer um pedaço de carne, sou eu; se perde as estribeiras, sou eu; se fica gripado, sou eu... Assim não dá! Vamos dividir responsabilidades. A Domingas trate de arranjar uma congestão; o Manoel, alguma dor de dente, para você cuidar; a Modesta, uma enxaqueca, como é comum mesmo nas mulheres *mortas*... Daqui a pouco, por conta da gravidez no Mundo Espiritual, vão querer até que eu engravide! Por favor, colaborem!

— Vamos, então, Doutor? — perguntou a Coordenadora, consultando o relógio. — O auditório está repleto.

Resignei-me e fui para o *cadafalso*, sim, porque, para mim, falar em público, até hoje é um problema.

— Meus irmãos — comecei de nariz meio entupido —, não se preocupem: é só uma *suinazinha...* Coisa sem maior importância. Ao final da palestra, vocês todos estarão contaminados — é o que eu chamo de solidariedade!

O pessoal se descontraíu e eu também.

— Hoje, falando sério e um pouco menos, desejo efetuar comentários à margem sobre “Nosso Lar”, a cidade e não o livro. Antes, peço-lhes que continuem considerando como se encarnados estivessem...

— E é quase como se estivéssemos, Doutor! — observou a Coordenadora. — Como já explicou, a diferença é mínima, quase inexistente.

— E a partir de um simples resfriado! — exclamei, dando nova oportunidade para que a plateia se descontraísse. — Mas vamos lá.

Fiz pequeno intervalo, limpei o nariz e prossegui.

— Quem lê “Nosso Lar”, esta magnífica obra de André Luiz, com raras exceções, imagina que toda cidade existente no Plano Espiritual lhe copia o modelo — e não é assim! “Nosso Lar” é uma espécie de cidade futurista, construída, sim, no Umbral, mas em sua parte extrema, fronteira à dimensão seguinte. Vocês já haviam pensado a respeito?

Em silêncio, a turma fez sinal negativo com a cabeça.

— Você, Domingas — perguntei —, quando encarnada, já havia pensado nisso?

— Sinceramente, não, Doutor.

— Nem eu, confesso. Quase todos imaginam que as demais cidades existentes no Mundo Espiritual sejam semelhantes a “Nosso Lar”, com um sistema de governo semelhante e vai por aí. A referida colônia é uma organização *sui generis*! Não se tem paralelo a respeito em nenhuma outra obra de cunho espiritualista, transmitida para a Terra mediunicamente.

— O senhor tem razão — endossou a Coordenadora. — Certa vez, conversei com um confrade que havia lido “A Vida Além do Véu”, de Dale Owen, e ele me fez justamente essa observação.

— “Nosso Lar” — continuei — é como se fora uma cidade regenerada, erguida num orbe de provas e expiações ou, como prefiro, expiações primeiro e, provas, depois.

— Interessante, Doutor! Por favor, repita — solicitou Domingas.

— “Nosso Lar” é o retrato do mundo de regeneração que todos sonhamos para a Terra! Trata-se de uma cidade espiritualista — eu não arriscaria dizer, espírita! Eu me sentiria sectário, e tenho pavor a sectarismo.

— Vejam bem — disse, novamente recorrendo ao capítulo 20 da obra, intitulado “Noções de Lar”. — Em um único parágrafo, atentem para as informações que D. Laura transmite a André Luiz: “Quando o Ministério do Auxílio me confia crianças ao lar, minhas horas de serviço são contadas em dobro, o que lhe pode dar ideia da importância do serviço maternal no plano terreno. Entretanto, quando isso não

acontece, tenho meus deveres diuturnos nos trabalhos de enfermagem, com a semana de quarenta e oito horas de tarefa. Todos trabalham em nossa casa”.

Enumeremos – prossegui – as lições que neste pequeno trecho se encontram inseridas:

— “(...) *me confia crianças ao lar...*” – em “Nosso Lar”, não há criança abandonada! Ouviram? **NÃO HÁ CRIANÇA ABANDONADA!** – frisei com a voz fanha. – Lá, este é grave problema social que já se encontra resolvido. Crianças que por lá chegam ou que por lá nascem todas têm direito a lar! Criança de rua é coisa de mundo atrasado, como a Terra ou de dimensões espirituais similares.

Avancemos – concitei.

— “... *horas de serviço são contadas em dobro...*” – em “Nosso Lar”, a criança é prioridade! Contrastando com o mirrado salário dos professores no Orbe Terrestre, em “Nosso Lar”, eles ganham em dobro – resgatou-se a dignidade da função! Vejamos o contraste. No mundo de regeneração, a partir da Educação, tudo será inversamente proporcional ao que acontece na Terra de agora e nas regiões espirituais subjacentes. Nós mesmos ainda temos muito que copiar do sistema de vida em “Nosso Lar”. Concordam?

A resposta afirmativa foi unânime.

— Doutor – indagou-me Manoel Roberto –, de onde o senhor tira isso tudo?

— Do livro, Manoel! – respondi. – Eu não estou inventando nada! Está tudo aqui, repito, em um

ico parágrafo. Mas permitam-me continuar, que há muito mais.

— “... com a semana de quarenta e oito horas tarefa.”! — exclamei, dando ênfase. — Oito horas trabalho, de segunda a sábado!

A turma do auditório ensaiou reação de sagrado.

— Ninguém trabalha no Universo mais do que eu, que em momento algum está inoperante. Deus o Dínamo da Vida! Ociosidade, sim, é sinônimo de *orte*. No mundo regenerado, o homem trabalhará mais! Chico Xavier, o protótipo do homem do futuro, para mais bem aproveitar o tempo, dormia pouco — cerca de apenas três horas por noite! — e trabalhava como ninguém! O sentido do trabalho espiritual foi resgatado por Chico Xavier. Um dia, falaremos a respeito disto. O espírito esclarecido entende a própria oportunidade de trabalhar como sendo a mais alta remuneração!

Percebendo que estava prestes a espirrar, tentei...

— *Atchim!* — espirrei. — Não se preocupem — disse. — São vírus espiritualizados!

Limpei as narinas e contei, com o intuito de ilustrar.

— Certa vez, Chico apareceu no “Grupo Espírita da Prece”, extremamente gripado. Estava assim como eu, quase literalmente *morto*. Inclusive, tinha febre. É claro, os vírus que o acometiam eram muito mais espiritualizados que os meus...

O pessoal gargalhou.

— Preocupado em não contagiar os amigos mais próximos, ele falava tapando a boca com o lenço. Foi quando uma dessas espíritas fanáticas, assim como a Domingas...

— Eu, Doutor?!

— Mais ou menos como você, tudo bem? Conforme ia dizendo, a confreira toda empoada, burlando a vigilância mais próxima, abraçou-o e pespegou-lhe um beijo no rosto, daqueles de deixar marca de batom de solteirona que lambuza os lábios...

— Minha filha — disse o Chico, preocupado —, você vai ficar gripada!

Ela respondeu:

— De você, Chico, até uma pneumonia é bem-vinda!

A plateia, rindo a valer, sacolejava-se nas poltronas.

— Mas vamos adiante com esta preleção — convidei. — Atentem para este trecho da conversa de D. Laura com André Luiz: — *“Todos trabalham em nossa casa”*. Perceberam? Em “Nosso Lar”, não há desemprego! Trata-se, pois, de uma cidade espiritual em que os mais graves problemas sociais jazem solucionados. É óbvio, porém, que ainda está muito longe de ser a comunidade perfeita. Não é o que estou falando. Não obstante, não se pode tomar “Nosso Lar” como padrão das centenas e centenas

de cidades existentes no Plano Espiritual imediato!
Concorda, Odilon? – inquiri o amigo, cuja opinião a respeito de qualquer assunto sempre me interessa.

— Perfeitamente – respondeu. – Inclusive, Doutor, convém esclarecer que, infelizmente, no Plano que nos fixamos além da morte, muitas questões sociais, de certa maneira, refletem a realidade terrestre.

— No campo religioso e no campo político! Mas vocês fiquem tranquilos – disse aos amigos que se preocuparam com o desdobrar do assunto –, que hoje eu estou muito resfriado para falar de Política no Além! Creio que, só de pensar no tema, fui acometido pela “suína”... Não sei se essa gripe tem alguma afinidade com o que os nossos representantes andam aprontando, por aqui e *por lá!*...

CAPÍTULO

26

Como de hábito, ao término dos estudos, alguns amigos vieram conversar conosco. Enquanto tomávamos um chá, para combater o resfriado que me acometera, entramos em proveitosa permuta de impressões.

— Então, Doutor — disse um amigo, ironizando —, quem diria, hem, o senhor vitimado por uma gripe no Mundo Espiritual? Tome cuidado, pois é *antidoutrinário!*...

— Pois é — repliquei, com o possível bom humor —, essas coisas *antidoutrinárias* só acontecem comigo... Você nunca ficou gripado? — perguntei.

— Como qualquer mortal, inúmeras vezes! — respondeu.

— O pessoal da Terra acha que, neste Outro Lado, estamos isentos da ação de vírus e de bactérias, como se a morte promovesse uma espécie de esterilização no corpo espiritual. Não compreende que ainda somos vulneráveis a certas enfermidades e que, para combatê-las, é que temos Medicina aqui...

— Medicina e Faculdades de Medicina, autor — aparteou a Coordenadora —, com estudos sempre mais avançados e especializações que sequer eram cogitadas pelos estudiosos do mundo.

— Pesquisas e descobertas que, gradativamente, deverão de ser inspiradas aos cientistas em seus laboratórios — emendei.

— O que é uma forma de mediunidade — acentuou Odilon com propriedade. — Os cientistas, com suas pesquisas e reflexões, são médiuns no campo da revelação científica. Em verdade, a mediunidade é mais exercida fora do que dentro do centro espírita. Médiun não o é apenas aquele que se admite como tal.

— Como a questão mediúnica é abrangente, Odilon! — exclamou Modesta por sua vez.

— Qual o Dr. Inácio costuma dizer, o Espiritismo não detém a patente da mediunidade, que se encontra disseminada no seio de todas as culturas humanas. Em nossa Doutrina, com base nos estudos de Allan Kardec, colocamos em prática a mediunidade sob a óptica espírita. Por assim dizer, fazemos uma *abordagem espírita* do Mundo Espiritual. Contudo a mediunidade não se circunscreve às nossas fileiras. Por este motivo, precisamos rever a questão da crítica aos que são médiuns sem que, necessariamente, sejam espíritas.

— Odilon — falei —, como sempre, você tocou num ponto fundamental. Não podemos ser sectários. Existem

confrades que rejeitam as comunicações mediúnicas, porque elas não sejam obtidas nos centros espíritas ou por sensitivos reconhecidamente adeptos do Espiritismo.

— O que é um equívoco, Doutor! É óbvio que, para nós, a Doutrina é ponto de referência na interpretação dos fenômenos de natureza mediúnica, mas não podemos imaginar que estejamos sempre certos e que os outros sempre estejam errados. A lição do examinar tudo e reter o bem, do Apóstolo Paulo, deve ser aplicada em todos os aspectos porque, a rigor, a palavra de um espírito é a palavra de um homem desencarnado, e ele pode estar simplesmente expressando sua opinião.

— Com André Luiz – perguntou uma senhora que participava do diálogo –, não pode ter ocorrido isso, ou seja, transmitir para a Terra a sua visão de Mundo Espiritual e de Vida após a morte?

— Boa pergunta, minha irmã – redargui, sorvendo o chá quente em pequenas porções. – A obra de André Luiz, a começar pelo pseudônimo que adotou, é inteiramente impessoal.

— Chico Xavier – observou Domingas –, dizia-nos que ele serviu como intérprete ou médium a mais de uma dezena de entidades superiores. André Luiz não escreveu apenas sobre as suas experiências – ele foi um verdadeiro repórter, ouvindo as mais diferentes opiniões.

— Aliás, como Kardec procedeu – comentou Odilon –, que não codificou a Doutrina apenas

a partir da palavra dos Espíritos Superiores. O Codificador também ouvia os habitantes comuns do Mundo Espiritual e inseriu em "O Céu e o Inferno" preciosos depoimentos.

— Agora, não podemos olvidar — ponderei —, que o Mundo Espiritual que, por exemplo, envolve o Brasil é diverso do Mundo Espiritual que existe sob os céus do Continente Africano.

— Céus? Eu nunca havia pensado nisso! — exclamou um dos rapazes que nos rodeavam.

— A gente tem que aprender a respeitar tudo — prossegui. — A Reencarnação é aceita, praticamente, em todas as culturas, mas daí não se pode inferir que o processo reencarnatório sempre aconteça nos moldes descritos pela Doutrina — não é algo universalmente padronizado! A Reencarnação é Lei Universal; o espírito, enquanto não logra a perfeição, reveste-se de invólucros que lhe possibilitam inúmeras oportunidades de aprendizado, nas mais diferentes dimensões, mas isto não significa que o ato de reencarnar, excetuando o momento em que o espermatozoide fecunda o óvulo, se dê como André Luiz descreve nas páginas do livro "Missionários da Luz".

— Inclusive, Doutor, o senhor já teve oportunidade de dizer alhures que nem toda reencarnação é programada.

— Programada pela evolução, sim; mas programada como muitos espíritas costumamos pensar, não!

— Dr. Inácio — indagou-me um amigo com algum esforço, pude identificar —, o sen poderia falar-nos um pouco mais sobre André Luiz

— Uai, Artur! — exclamei admirado —, é vc que está aqui?

— Acho que sim, Doutor — brincou companheiro que, inúmeras vezes, eu havia visto r “Pedro e Paulo”, participando de nossas reuniões.

— Estou feliz com a sua presença.

— A felicidade maior é minha, Doutor. sinceramente, não mereço tanto. Perdi muito tempo na Terra e preciso recuperá-lo. Dou graças a Deus ter chegado até aqui! Eu precisava ter ficado um pouco mais de tempo lá embaixo, mas...

— Está tudo certo, Artur — comentei. — Não vamos nos queixar.

— É que eu, Doutor, sempre tive uma tendência para o Espiritismo, desde jovem; no entanto, quando comecei a me firmar nas tarefas...

— Levou uma rasteira!

— E que rasteira, Doutor! Não tive tempo nem de pedir socorro. Também a pressão muito alta, a diabete...

— Onde se lê “pressão alta e diabete”, leia-se: bomba-relógio! A explosão é mera questão de tempo.

— Foi o que aconteceu comigo.

— Ainda fumava? — perguntei.

— Fumei durante muitos anos, mas depois parei.

— Com as artérias já quase todas entupidas, como eu! Dê graças a Deus, você ter vivido, no corpo, o tempo que você viveu...

— 71 anos!

— Porque pressão alta, diabete e cigarro é desencarnação na certa, Artur! Era para você ter deixado o corpo antes dos 50! Mas vamos lá ao que você me perguntou.

Com a coriza um pouco diminuída, devido à providência do chá quente, limpei o nariz e comentei:

— Conforme tenho dito, André Luiz, para mim, é o Paulo de Tarso do Espiritismo — é o Paulo de Tarso do Mundo Espiritual. Tendo caído nos desertos da Vida de Além-Túmulo — não nos esqueçamos de seu tempo de permanência no Umbral —, ele não ficou a recalcitrar contra os aguilhões! À semelhança do famoso Doutor da lei, o grande cientista desencarnado se levantou e começou a trabalhar.

— Interessante — disse Artur. — A comparação é justa.

— A conversão de André se deu tão rápida quanto à de Saulo. Num átimo, tomando consciência dos próprios equívocos, formulou a inesquecível indagação: “Senhor, que queres que eu faça?” Compenetrando-se da Vontade do Senhor, André Luiz adentrou a cidade de “Nosso Lar”...

— Como Paulo, ainda Saulo, caminhou pelas ruas de Damasco...

— Encontrou, em Clarêncio, o seu Ananias e, assim que se viu mais fortalecido, começou a escrever aos gentios da Terra!

— Linda comparação, Doutor! — emendou Artur.

— Linda e verdadeira! — sentenciou Modesta. — Como Paulo escrevendo cartas às comunidades cristãs, André Luiz, através de Chico Xavier, redigiu inúmeras epístolas aos adeptos do Evangelho Restaurado.

— Agora, Artur — voltei a frisar —, nós precisamos entender a multiplicidade da Vida no Além, em seus mais diferentes planos de manifestação, pois, caso contrário, ficaremos com uma visão unilateral da realidade.

— Compreendo... Antes de ser espírita, Doutor, eu frequentava terreiros de Umbanda. É outra cultura!

— Outra cultura e outro universo, que deve nos merecer carinhoso apreço.

— Umbanda é Espiritismo, Doutor?

— Não é o Espiritismo, Artur, mas os fundamentos da Doutrina Espírita nela igualmente se encontram: a Reencarnação, a Lei de Causa e Efeito, a Mediunidade...

— Poderíamos dizer que a Umbanda, além das seitas afro-brasileiras, é um Espiritismo não codificado?

— O Espiritismo é um conjunto de Leis Naturais que aos homens foram reveladas. Portanto, sob esta óptica, o Espiritismo pode existir com outras denominações, como, aliás, sempre existiu. O Espiritismo, por exemplo, é o Hinduísmo avançado no tempo. Como também, para nós, é o Budismo modernizado. Jesus disse que o Consolador, além de nos

fazer recordar o que Ele havia ensinado, acrescentaria outras informações. Entendo, pois, que podem existir muitos níveis de "espiritismo", mas a Doutrina Espírita, na tarefa de reviver o Cristianismo, é única.

— Seria, então, o sistema mais avançado de conhecimento à disposição dos homens sobre a face da Terra?

— Eu não ousaria dizer isso, Artur. Digamos que o Espiritismo satisfaz às exigências da fé que se eleva ao nível da razão. Todos os caminhos para a Verdade são convergentes!

— Em alguns espíritas remanescem muitos reconceitos de origem religiosa, o senhor não acha?

— São os que, infelizmente, ainda não assimilaram o sentido abrangente da Doutrina. Um a — espero que não esteja longe, mas, infelizmente, tá —, todos seremos chamados a sentar-nos ao redor da mesma mesa e a conversar sobre a possível unificação das religiões.

— Acredita nisso realmente?

— Firmemente. O que nos separa não é a interpretação da Verdade, mas a falta de amor!

— Pelo pouco que conheço de alguns espíritas, sei, não, Doutor!...

— No futuro, a Verdade emigrará do âmbito da religião para a esfera da Ciência — à religião restará a tarefa de trabalhar com a formação moral de seus seguidores! Enquanto não se aproximar de Deus, o espiritismo, com "e" minúsculo, continuará a espalhar-se pelo mundo. Para crer no

que o espírita acredita, ninguém precisa se rotular, concorda?

— Como esta pequena conversa me está sendo útil ao mais amplo entendimento das coisas!

— Não podemos consentir que o Espiritismo se transforme em mais um motivo de separação entre os homens. Existem “ismos” demais no mundo! Penso que, no futuro, as religiões haverão de concorrer entre si, para ver a que se mostra capaz de infundir mais ampla noção de fraternidade nas criaturas. Todas as demais discussões são tolas!

— O senhor é mesmo curto e grosso no que fala!

— Curto, mas não tão pequeno quanto devo ser; grosso, mas não tão roliço ao ponto de não mais possuir arestas no espírito...

Artur sorriu e, após ter trocado mais algumas palavras amenas com os amigos que me cercavam, pedi licença para me retirar, porque, de fato, estava precisando repousar.

CAPÍTULO

27

Um de meus pacientes que, periodicamente, me visita no consultório trava constante luta contra a depressão, que não apenas acomete os homens na Esfera Física.

Em Nelson – é o nome pelo qual o designarei –, semelhante estado de abatimento psicológico se manifesta através de exacerbado pessimismo. Muito difícil vê-lo positivamente motivado no cotidiano, o que, sem dúvida, vem anulando quase todas as suas possibilidades de realização, com melhor aproveitamento do tempo.

Logo pela manhã daquela quinta-feira, depois de me ter afastado do consultório por três dias consecutivos, a fim de me recuperar do forte resfriado, Nelson compareceu para mais uma consulta.

— Como vai passando, meu caro? Mais animado? – perguntei no diálogo que se desdobrou.

— Com muitas oscilações, Doutor – respondeu.

— Não sei o que há de ser de mim. Tenho receio de tudo.

Diversos amigos têm me aconselhado a reencarnar, mas como voltar à Terra nestas condições?!

— Possivelmente — disse —, você influencia a formação de seu novo corpo, predispondo organismo a estados depressivos. Convém, primeiramente modificar o teor de seus pensamentos.

— Isso aconteceria mesmo, Doutor?

— Como não? A própria Ciência vem comprovando os efeitos do pensamento sobre a vida em geral. Famoso cientista japonês, ainda encarnado recentemente, publicou o resultado de suas pesquisas a respeito das consequências do pensamento sobre a água, “a filha mais dócil da matéria tangível”... O Masaru Emoto comprovou que a água, sob a influência do pensamento, sofre sensíveis modificações de caráter molecular. Agora, se o corpo físico, e mesmo o corpo espiritual que envergamos, é constituído, em grande percentagem, por elementos líquidos, imagine o que será possível fazer a nós mesmos!

— Fico tão preocupado, Doutor, todavia, mais que me esforce...

— Nelson, você precisa continuar lutando definitivamente, não se entregue! O pensamento é tu

— Remédios...

— Não solucionam o problema! — enfatizei — Há quanto tempo você toma barbitúricos?

— No mínimo, há cinquenta anos! Vinte e cinco por lá, quando estava encarnado, e mais uns trinta por aqui!

— Não com receituário meu — fiz questão de frisar.
— Não, o senhor nunca me receitou absolutamente nada.

— A depressão, Nelson, por vezes, é consequência de um estado de isolamento voluntário. Você carece de reencontrar a alegria de viver!

— Doutor, eu penso...

— Pensa, mas não acredita no que pensa! No fundo, você não acredita que seja capaz!

— Isso tem mesmo algum fundamento científico? O senhor me desculpe perguntar, mas...

— É claro que tem. Antes, meu caro, a Ciência não possuía elementos para fazer tal afirmativa, pois que ainda não havia saído do âmbito da matéria; hoje, porém, com o avanço da Física, cientistas do mundo inteiro são unânimes em proclamar que o pensamento cria a realidade...

— O pensamento influencia o mundo celular?

— Sim, de maneira positiva ou negativa. O pensamento é capaz de curar ou adoecer.

— Então, o meu pensamento pode “me” adoecer?

— É claro, como também pode dispô-lo a receber outras influências, tornando-o vulnerável a elas. A Ciência está caminhando para comprovar a tese da obsessão e da auto-obsessão!

— Se o pensamento é assim tão determinante, por que não consigo influenciar a realidade concreta?

— Como assim?! — inquiri.

— Não posso, por exemplo, fazer mover uma cadeira, um copo, enfim, um objeto qualquer?

— Nelson, tudo quanto Jesus disse tem base científica. Quando Ele nos falou que a fé, do tamanho de um grão de mostarda, remove montanhas, é porque, de fato, remove. O problema é que, graças a Deus, a nossa fé não é do tamanho nem de um grão de mostarda, que é das menores sementes que existem.

— *Graças a Deus*, por que, Doutor?

— Porque, com a força da mente descontrolada, nós explodiríamos o mundo! Por enquanto, de maneira geral, o homem não consegue mais que influenciar o infinitamente pequeno, como a partícula de elétron, por exemplo.

— E os que aparecem por aí, com mais capacidade, fazendo mover objetos mais pesados — alguns sensitivos ou paranormais conseguem influenciar o jogo de dados... Recordo-me de ter lido algo a respeito, enquanto ainda estava na Terra!

— São meros ensaios para o futuro! Por isso também é que Jesus procurou nos ensinar a nos concentrarmos em oração! Deus é sábio! Existem requisitos de natureza moral para maiores conquistas de natureza mental.

— O senhor disse que o pensamento cria a realidade... A Terra, então, teria sido plasmada pelo inconsciente dos espíritos que nela habitam?

— Não! A mente humana, na atualidade, seria incapaz de criar sem o concurso das mãos! A

não ser, Nelson, as chamadas formas-pensamento, que outros chamam de *elementais* – não, é claro, os *seres elementais*, que, como nós, são espíritos em evolução. O mundo sobre o qual, na condição de encarnados, vivemos – mesmo este que nos acolhe na desencarnação – foi gerado pela mente de espíritos co-criadores, capacitados a *manipular* a matéria cósmica universal com a espontaneidade dum criança a brincar com um bastão de cera para modelagem... Conforme disse, os espíritos cocriadores, dos quais, para nós, Jesus se destaca, **fizeram com a Terra o que estamos aprendendo a fazer com o átomo!**

— O pensamento, então, Doutor?...

— Não tenha dúvida – é o leme da Vida! Por este motivo, meu caro, você precisa reagir e movimentar as forças positivas que existem em seu íntimo. O pensamento desencadeia acontecimentos e, mais, prepara-os com grande antecedência.

— O senhor está querendo dizer que eu *solicito*...

— *Solicita* – mesmo inconscientemente, *solicita*! Aliás, o homem *solicita* mais pelo inconsciente que pelo consciente.

— A minha depressão?...

— Toda depressão envolve alguma espécie de pessimismo ou, mediante outras palavras, de descontentamento pessoal.

— Com a Vida?

— No fundo, consigo mesmo!

— Será que, em vidas anteriores, eu não terei sofrido muitas decepções?...

— Pode até ser, mas quem não as terá sofrido? Talvez você tenha ou esteja supervalorizando os seus dramas. Chico Xavier dizia que o homem dramatiza em excesso, o próprio sofrimento.

Promovi ligeira pausa no diálogo e perguntei:

— Eu já lhe dei um livro para ler, não dei?

— Já, mas confesso que ainda não consegui abri-lo.

— Creio que foi “Nosso Lar”, de André Luiz

— Esse mesmo, Doutor.

— Leia-o – principalmente o capítulo intitulado “Precioso Aviso”. No referido capítulo André Luiz está conversando com Clarêncio e recebe dele importantes instruções. Quem está buscando a cura espiritual de si mesmo necessita de pensamentos novos...

— Doutor, como é difícil!... – exclamou o paciente em visível opressão.

— Concordo que não seja fácil, mas não posso concordar que seja impossível! – redargui. – Não nos consentiria chegar a uma situação para a qual não houvesse saída, certo?

— Racionalmente, sim.

— Como terapeuta e amigo, eu posso auxiliá-lo a encontrar o caminho, mas não posso trilhá-lo por ele. Tome a decisão de começar a pensar em termos otimistas. Não cobre tanto de você e, muito menos

outros. Não crie expectativas exageradas a respeito de ninguém! Aprenda a contar com o Amparo Divino e com a sua própria capacidade empreendedora.

— Jesus transformou a água em vinho...

— Pela força do pensamento, em harmonia com o Pensamento de Deus, transformou a água em vinho, multiplicou pães e peixes, caminhou sobre as águas, acalmou a tempestade, curou leprosos e paralíticos, ressuscitou *mortos*... Agiu sobre o mundo externo, mas muito mais sobre o mundo interno das criaturas, que até hoje continua plasmando para maior glória do Criador!

— O senhor quase me convence...

— Nelson, você me desculpe a sinceridade, mas eu não estou aqui para convencê-lo – o problema é seu! Se optar por permanecer à margem do caminho, os que escolhem avançar não poderão esperá-lo!

— Por onde começo, se me faltam forças?

— Pelas coisas simples e pequenas! Antes de fortalecer as asas, não aspire a grandes voos. Se uma minhoca é útil, na tarefa que realiza de comer terra e defecar adubo...

Nelson conseguiu sorrir.

— A Vida é forte e indestrutível! A semente só deixa de germinar quando não encontra mínima condição favorável para tanto – basta, porém, diminuta porção de terra fértil e algumas gotas de água para que ela se transfigure ao Sol da Graça Divina!



Tive a impressão de que o paciente, em nível consciente e inconsciente, realizava determinada operação “matemática” dentro de si, a ver se o resultado lhe haveria de ser interessante.

Depois de curto silêncio, questionei:

— Então?! Qual é a sua decisão? Vai ficar assim por mais cinquenta anos?!...

— Doutor, todos os espíritos foram mesmo criados iguais?

— Não me diga que você está pretendendo alegar “defeito de fabricação” – gracejei.

— O senhor não deixa escapar nada, hem?

— Nelson, pare de se iludir. Chega! É momento de crescer! Você não veio aqui apenas para que eu lhe passe a mão na cabeça e diga o que quer escutar e não o que precisa escutar.

— O que eu quero escutar, Doutor?

— Que você é *coitadinho*...

— E o que eu preciso escutar? – perguntou.

— Que você é parasita, aproveitador, moleirão, choramingas, covarde, egoísta e...

— Chega, Doutor!

— ... e doente da cabeça! Existe gente, Nelson, que prefere a pecha de louco, para passar a vida sem fazer nada!

— O senhor não me deixa alternativa! Parece que entra na gente e quer nos extrair a fórceps...

— Todo psiquiatra é um obstetra frustrado, e vice-versa – respondi.

— Mas se eu não tenho útero, Doutor, por onde há de nascer essa “criança”? – conseguiu gracejar, como quem ataca um ponto fraco.

— Ficarà a critério do leitor.

— Hem?!...

— Eu só estava pensando alto, Nelson. Em seu caso específico, estou pretendendo abrir uma brecha em sua cabeça, para que, como Zeus, que engoliu Métis, você possa parir Palas Atena, a deusa grega da Sabedoria.

CAPÍTULO

28

A tardezinha daquele mesmo dia, estava agendada uma reunião com alguns confrades do Movimento Espírita pretendentes a que o hospital sob a nossa responsabilidade se lhes vinculasse às atividades de unificação doutrinária. Desde muito, vinham insistindo conosco no sentido de que a instituição formalizasse a sua adesão, alegando que, neste Outro Lado, precisávamos continuar fortalecidos nos propósitos do “Pacto Áureo”, celebrado pelos espíritas em 5 de outubro de 1949, dando origem ao Conselho Federativo Nacional.

Antes de relatar, em síntese, o resultado da referida reunião em que outros companheiros do Hospital dos Médiuns foram convidados a tomar parte, entre os quais Manoel Roberto e Modesta, preciso confessar a vocês a falta de afinidade que sempre tive com o Movimento Espírita organizado.

Três representantes da Unificação, cujos nomes eu prefiro não citar, vieram a nós, e um deles, tomando a palavra, expôs, com clareza, a sua intenção.

— Dr. Inácio — disse em tom amistoso —, estamos aqui para insistir com a Diretoria da casa, através do convite que já formulamos em ofício, no sentido de que o Hospital, sob a sua direção, passe a integrar os nossos quadros. Agora, neste Outro Lado da Vida, precisamos continuar unidos, porque a luta, dentro da qual nos vemos, ainda é praticamente a mesma. A Doutrina, ao que tudo indica, a fim de se propagar como desejamos e como pedem os nossos Mentores, tem longo trecho de caminho a ser percorrido... Creio que, de certa maneira, quando encarnados, nos equivocamos a respeito da aceitação geral de nossos Princípios na Vida Além da Morte. Os opositores do Espiritismo não desistiram de combatê-lo e, de fato, continuamos sendo minoria.

— Sabemos — argumentou o segundo — que o senhor vivenciou experiências desagradáveis com alguns confrades que, na Terra, representavam o Movimento. Talvez lhes tenha faltado tato e discernimento. Estamos aqui para pedir que esqueça o passado e...

— Precisamos do senhor! — emendou o terceiro. — Além de adepto da Doutrina, particularmente, como o senhor, também sou maçom e, sendo tão poucos, não podemos ficar separados.

— Mas — ponderei — quem lhe disse que estamos separados? Eu nunca fiz qualquer oposição ao

trabalho de vocês, que considero de suma importância no campo da divulgação e da defesa do Espiritismo.

— Sim, mas precisamos do senhor conosco, de maneira mais participativa e atuante — insistiu. — Teremos eleições no começo do ano que vem e o queremos, inclusive, na Diretoria.

— Infelizmente — respondi —, não posso aceitar. O tempo de que disponho é curto demais e eu não poderia corresponder às expectativas. Não sei se é este o pensamento dos demais diretores do Hospital, aqui representados por Manoel Roberto e Modesta.

— Inácio — disse a valorosa confreira —, a decisão que você tomar, como sempre, há de receber o aval dos demais membros da Diretoria.

— Sinceramente, eu não gostaria de que fosse assim! Desejaria que um de vocês me contrariasse! Longe de mim centralizar decisões!

E, voltando-me para os confrades que nos visitavam, esclareci:

— Não é por minha vontade que ocupo o cargo de Diretor-Médico desta casa! Durante vários lustros, esperei quem me sucedesse à frente do Sanatório, alguém que não estivesse apenas e tão-somente interessado no cargo que me fora confiado. Desencarnei e, por mal dos pecados...

— O Sanatório e este Hospital não poderiam estar em melhores mãos, Doutor! — falou um dos três que eu conhecia bem.

— Agradeço, porém não concordo. A responsabilidade é tremenda!

— O senhor tem alguma coisa contra o Movimento de Unificação? – perguntou o primeiro que me dirigira a palavra.

— Contra o Movimento, não; contra a maneira como ele é conduzido, sim...

— Por quê?! – indagou em seguida.

— Assim como o centro espírita existe para servir a comunidade de encarnados e desencarnados, creio que os órgãos unificadores, municipais, estaduais e mesmo de nível nacional, as Federações, deveriam se orientar no mesmo sentido – deveriam, sem ingerência alguma, dar cobertura aos grupos espíritas que lutam com grandes dificuldades para se manter de portas abertas! Para mim, este é o esquecido propósito do “Pacto Áureo”! Pretender unificar sem unir é como começar a erguer uma casa pelo telhado...

— Temos, no entanto – alegou o que também era integrante da Maçonaria –, procurado fazer isso. Divergimos, é claro, pois, de fato, alguns que esposam os ideais da Unificação se concentram, excessivamente, no campo teórico: estudam mais e trabalham menos!

— Entendo que o Espiritismo, sobretudo, é a ciência de ser útil. Os grandes pioneiros do Movimento, como Bezerra de Menezes, Cairbar Schutel, Batuira, Eurípedes Barsanulfo, Anália Franco, Zilda Gama, Yvonne Pereira, Corina Novelino e tantos outros, com

destaque para a figura extraordinária de Chico Xavier, foram autênticos servidores da Causa que abraçamos.

Efetuei uma pausa e prossegui:

— Vocês me perdoem, mas, a rigor, para existir uma casa espírita, não é necessário filiar-se a nenhum órgão doutrinário: necessita-se apenas de possuir personalidade jurídica e obter alvará de funcionamento!

— Sabemos que é assim — retrucou o mais calado dos três —, e não somos contra a independência dos grupos, Doutor. Não promoveríamos qualquer intervenção no Hospital, se é esse o seu receio.

— Não é meu receio, porque, primeiro, vocês teriam que passar por cima de mim. Enquanto eu estiver na direção deste nosocômio, exceto Jesus e os Maiores que nos orientam, ninguém se intromete. Neste sentido, se fosse o caso, não hesitaria em recorrer aos préstimos de um bom advogado!

Percebendo a minha reação de desagrado, um deles contra-argumentou:

— Talvez tenhamos nos expressado mal. A nossa intenção, Doutor, é a melhor possível.

— Não estou colocando em xeque a intenção de vocês. Seria mesmo muito melhor se lográssemos nos entrelaçar, mormente no que tange ao propósito maior de servir, sem a tola pretensão de sermos servidos. Além do mais, a Unificação, como vem sendo conduzida, elitiza o Movimento.

— Discordo! — exclamou.

— Veja, então, que não rezamos pela mesma cartilha — respondi. — Até ao presente momento, incluindo o meu período de permanência no corpo físico, não pude testemunhar, uma única vez, os órgãos unificadores perfilando ao lado dos centros espíritas, como órgãos coadjuvantes que deveriam ser. Por exemplo: nos últimos tempos, o Espiritismo vem sendo cerceado em suas ações no campo da beneficência ou, se preferirem, da Caridade, que é a bandeira de luz hasteada pelo Codificador — “Fora da Caridade não há salvação”! As exigências governamentais vêm, sobremodo, limitando as nossas atividades — creches e lares de amparo aos idosos estão sendo fechados; o serviço da sopa, gradativamente, desativado; o próprio Sanatório Espírita de Uberaba se encontra ameaçado de extinção... Não fosse a intervenção de Chico Xavier, o Hospital do Pênfigo, dirigido por nossa irmã D. Aparecida Conceição Ferreira, não mais existiria. Pergunto: o que o Movimento de Unificação já fez ou vem fazendo para defender esse patrimônio moral da Doutrina?

Ante o silêncio dos três visitantes, continuei:

— Vocês se reúnem, querem o apoio dos centros espíritas, deliberam fazer isto ou aquilo e tudo fica na mesma. A “pirâmide” carece de ser invertida! Os órgãos unificadores se colocam em seu ápice, quando, em verdade, deveriam se posicionar em sua base! As Federações, chamadas de *casas-mâteres*, estão querendo ser amadas pelos filhos, mas não os amam!

Desculpem-me a sinceridade, no entanto foram vocês que vieram a mim...

Procurando medir as palavras, a fim de não magoá-los, prossegui:

— Recordo-me de que, certa vez, estando visitar uma Feira do Livro Espírita, em Uberaba, tive oportunidade de encontrar Chico Xavier por lá e trocar com ele um dedo de prosa — coisa que era muito rara, devido ao grande assédio das pessoas sobre ele. Falando sobre a importância de uma Feira do Livro Espírita, realizada ao ar livre, como aquela estava sendo, tocamos no controvertido tema da Unificação. Ele, então, disse-me: — *“Doutor, no futuro, os espíritas mais jovens serão chamados a opinar sobre a eficiência ou não dos órgãos unificadores”*. Intrigado, perguntei: — Como assim, Chico? — Sendo mais claro, ele respondeu: — *“Se eles devem continuar existindo ou não...”*

— O senhor teve essa conversa com ele? — questionou o companheiro maçom.

— O que você acha? Acaso, insinua que estou mentindo?...

— Não, não, Doutor! De modo algum! É que fui pego de surpresa e não soube me expressar.

— O perigo, meus amigos, está na formalidade do Movimento, na sua hierarquização. Vocês não devem abandonar as casas espíritas, iludindo a si mesmos de reunião em reunião.

— O Dr. Bezerra, no entanto, demonstra o maior apreço pela Unificação — comentou o que me parecia liderá-los.

— Toda iniciativa no Bem merece o nosso apoio. Vocês podem contar conosco, inclusive, se for o caso, com dinheiro para as promoções em pauta, mas não nos filiaremos. Prefiro continuar com a nossa independência. Temos, aqui, muito trabalho e consciência de que estamos fazendo pela Causa que nos é comum o mesmo que vocês fazem.

— Não temos qualquer dúvida, Doutor. Apenas não concordamos com o seu ponto de vista...

— Nem eu com o de vocês — redargui. — Nada nos impede, porém, que sejamos fraternos, mesmo porque, se não o formos, estaremos nos equivocando pela base — *“Amai-vos uns aos outros como eu vos ameï”!*

— Em todo caso — solicitou o que menos falava —, pedimos ao senhor que pense sobre o assunto. A adesão do Hospital seria muito importante e motivaria a filiação de outras casas que vêm resistindo aos propósitos unificacionistas.

— Posso até mudar de ideia, amanhã — tenho verdadeiro pavor à ortodoxia —, mas, hoje, a minha resposta é “não”! Pessoalmente, nada tenho contra nenhum de vocês. A diversidade de opiniões é salutar para o Movimento e, principalmente, para a Doutrina. Unificar não é uniformizar! O poder é uma tentação, e rogo a Deus para que vocês se conservem imunes à sua influência nociva.

— Agradecemos pela sua atenção — disse um deles, já fazendo menção de levantar-se para sair.

— Por favor, não saiam antes de tomarmos um suco de caju — solicitei.

Manoel Roberto, que tudo já havia providenciado, abriu a porta da sala e fez sinal a uma de nossas auxiliares.

— Brindemos com suco de caju à saúde do Movimento! — concitou o confrade maçom.

— À saúde da Doutrina e à nossa amizade! — repeti com ênfase.

Então, eles se levantaram e se despediram de nós, indo-se embora, algo decepcionados.

— Doutor — comentou Manoel —, eu creio que não ficaram satisfeitos.

— Paciência, meu caro!

— A sua argumentação, porém, Inácio, fará com que eles reflitam.

— Eu não disse a eles a metade do que tinha vontade, Modesta. Quase arrisquei dizer que, nos moldes com que vem sendo conduzido, o Movimento de Unificação é mais prejudicial que útil ao Espiritismo. Não discuto a intenção do “Pacto Áureo”, que, quando surgiu, incutiu nos espíritas a necessidade de se unirem. Agora, porém, a coisa está extrapolando e, infelizmente, a política rasteira dos homens coloca o Movimento sob ameaça de desvirtuamento. Ninguém gosta de ouvir isso e, para não sofrer retaliações, ninguém ousa falar.

— Inacreditável — comentou Manoel —, que o espírita seja capaz de retaliar um irmão de Ideal, Doutor!

— É muito mais comum do que se pensa e imagina — respondi. — Vocês, quando me refiro ao assunto, acham que eu exagero, mas, se tiverem oportunidade, alguns espíritas voltarão a acender as fogueiras da Santa Inquisição!

— Inácio — replicou Modesta —, você não está exagerando, não!

CAPÍTULO

29

Após a ronda que, antes de me recolher, toda noite, faço a determinado grupo de internos do hospital, observando aqueles pacientes que se encontram em piores condições, voltava para o Consultório a fim de responder à determinada missiva que um amigo me escrevera.

Como chovesse e fizesse frio, resolvi dar rápida passada pelo Refeitório, no velho hábito de bisbilhotar na Cozinha, e tomar alguma coisa quente.

— Olá! — saudei uma das serviçais de plantão naquela noite —, como vai nossa Anastácia?

— Dr. Inácio?! Mas que surpresa?! — respondeu a devotada funcionária, abrindo largo sorriso.

— Estou precisando tomar alguma coisa — expliquei puxando uma cadeira para me sentar, perto do fogão. — Desde aquele resfriado, sinto que as vias respiratórias ainda estão congestionadas.

— O senhor quer que eu lhe faça um chá? É rapidinho...

— Café! Eu prefiro um café fumegante! E já vou avisando que não é só por conta da cafeína, não — é por conta dela e de um bom papo!

— Conversar com o senhor muito me honra — disse com singeleza, enquanto punha água a ferver.

— Se é honra para você, é descanso para mim!

— Coitado! Eu não sei como o senhor dá conta de tanta coisa...

— Para lhe dizer a verdade, Anastácia, eu também não! Digo a você, porém, que aqui eu me refaço um pouquinho. Sabe, no Sanatório, o meu lugar preferido era a Cozinha. Quando eu estava precisando espairecer, largava tudo e ia para lá conversar com as meninas...

— Faz muito tempo que o senhor não vem aqui! A turma anda reclamando...

— De que jeito, Anastácia? Bem que eu quero, mas surgem tantos embaraços — são pessoas que, por não saberem apreciar as coisas simples da vida, como tomar uma xícara de café quente e jogar conversa fora...

— Ficam perturbadas?

— Você está aprendendo. Quem sabe, um dia, ocupará o meu lugar.

— Deus me livre!

Anastácia me arrancou uma gargalhada.

— Você não quer, não, minha filha?

— Esconjuro, Doutor! Essa vida que o senhor leva é vida de...

— Vamos, pode terminar a frase — concitei a funcionária pela qual eu sentia grande simpatia, como se me fosse alguém muito querido de existências passadas.

— Doutor, o senhor me desculpe, mas, litera... Como é mesmo a palavra?

— *Literalmente!*

— Literalmente, essa vida que o senhor leva é vida de louco! Tenho muita pena do senhor e oro muito a Nossa Senhora Aparecida para que o proteja. O senhor é muito bom para mim e para o meu filho.

— Como está o Benedito? — perguntei, enquanto ela me servia uma xícara de café que, de imediato, me trouxe lembranças da Terra.

— Graças a Deus, Doutor, e ao senhor, ele começou o 1º ano de Medicina! O meu filho é muito inteligente! — falou como toda mãe orgulhosa.

— Eu também acho — redargui com sinceridade. — Aquele seu filho vai ser psiquiatra e dos bons. Diga a ele que, quando se formar, tem lugar garantido aqui!

— Doutor, o senhor é o pai que o Benedito não teve — respondeu, enchendo os olhos de lágrimas.

— Pai é Deus, Anastácia! A gente vai cuidando uns dos outros. É nossa obrigação. Você e seu filho merecem toda a felicidade do mundo! Mas não fique de pé, sente-se aqui um pouco, ao meu lado — disse puxando uma cadeira para ela. — Deixe-me fazer meu desabafo com você.

— Logo comigo, Doutor, que sou quase fubeta?!

— Mas tem um coração de ouro e uma fé em Deus que é apanágio de poucos!

— Apanágio? O que significa?

— Anastácia, para dizer a verdade a você, sempre empreguei esta palavra sem conhecer o seu real significado. Deve significar algo parecido com *atributo* ou *qualidade*... Vamos, porém, ao que interessa. Posso falar?

— Sou todinha orelhas, Doutor! E mais: a minha boca é um túmulo! Daqui não sai conversa de espécie alguma, principalmente sobre o que o senhor me conta.

— Eu sei disso, minha cara! Eis aí outra virtude das mais difíceis de serem conquistadas. O pessoal anda tão preocupado com tanta teoria e não sabe que, com tudo que conhece, não chega aqui, na Cozinha...

— Que pessoal?! Aqueles que vivem aborrecendo o senhor?! Doutor, eu já lhe falei: não ligue, não!

— As pessoas, no geral, complicam muito, Anastácia! Você vive num mundo diferente, muito melhor do que o meu.

— Anastácia e Benedito — comentou a cozinheira, com as mãos enroladas no avental muito alvo —, mendigavam o pão de cada dia, Doutor, revirando as latas de lixo no mercado... Fiquei muito

doente e sozinha com Benedito, que também era muito franzino, sofria do coração. A gente só queria viver e ser feliz! Mais nada!

— O que você acha da Vida? — perguntei.

— Uma dádiva! Viver, Doutor, é uma viagem ao Coração de Deus! Eu acredito, piamente, na Reencarnação; não sei como se dá, como a gente torna a entrar na barriga da mãe, mas que a gente volta à Terra, lá isso volta... A minha avó, uma negra que foi escrava, quando eu era menina, me falava que a gente nasce muitas e muitas vezes... Um dia, eu perguntei ao padre e ele me mandou calar a boca. Obedeci, porém vi que ele só sabia rezar a missa em latim.

— Infelizmente, muitos de nós somos assim: achamos que, por saber rezar a missa em latim...

— O senhor também sabe? — inquiriu surpresa.

— Eu não sei rezar nem em português, Anastácia! Perto do que não sei, o que julgo saber é uma gota d'água no oceano.

— Mas o senhor sabe ser bom, e é isso que importa!

— E o que você acha do Espiritismo? — perguntei, esvaziando a xícara do saboroso café que só ela sabia fazer.

— Ah, o Espiritismo é Jesus Cristo, nascidinho na manjedoura, uma criança linda que vai crescer para o mundo!

— Que definição, Anastácia! De onde você tira essas ideias?...

— Doutor, eu não preciso falar isso para o senhor, mas gente pobre e analfabeta, assim como eu, também tem espírito protetor... Eu vejo as luzes, Doutor, desde menina! Já vi muita luz ao redor de sua cabeça... Mas há uma diferença: a luz que se acende ao redor da cabeça da gente é dos espíritos que nos protegem, mas a que brilha em nosso coração é da gente mesmo!

Admirado dos conceitos daquela mulher simples, cuja presença me fazia tão bem ao espírito, indaguei:

— Você não se preocupa com nada, não é?

— Para quê?! Isso é bobagem... A gente é filho de Deus e pronto! Sabe, Doutor, como o senhor me aconselhou, eu estou estudando — o senhor quer ver um dos meus cadernos? Já consigo assinar o meu próprio nome!...

— Quero, sim, Anastácia! Deixe-me vê-los — pedi, interessado.

Abrindo uma sacola, a funcionária tirou um caderno e o passou às minhas mãos, toda contente.

— Não repare nas garranchadas... A minha mão ainda está um pouquinho dura.

— Que beleza! — exclamei ao ver o esforço da querida amiga — a minha melhor terapeuta neste Outro Lado da Vida!

— A nossa professora, D. Luzia...

— Luzia Vannucci? — perguntei.

— Ela mesma! Ela disse que conhece o senhor. D. Luzia é muito bondosa com a gente. Aqui, nestas

linhas – disse apontando para o caderno de caligrafia –, escrevi com ela guiando a minha mão...

Os meus olhos se encheram de lágrimas e, para disfarçar, pedi a Anastácia que me servisse outra xícara de café.

— Você nunca pôde estudar, não é?

— Comecei a trabalhar muito menina, Doutor! Ainda não tinha completado nove anos. Trabalhava na casa de uma senhora muito nervosa, que, por vezes, chegava a me bater. Anastácia comia no quintal, junto aos cachorros... Fiquei lá um pouco mais de dez anos, em regime de escravidão!

— E depois? – perguntei o que, em verdade, já ouvira ela me contar de outras vezes.

— Depois, eu tive o Benedito – a coisa mais linda que aconteceu na minha vida! A mulher, quando viu que eu estava grávida, me pos no olho da rua! O Benedito nasceu na rua! Dei à luz a ele, sozinha e Deus! Uma senhora, muito bondosa, é que não deixou a gente morrer de fome – nos arranhou um cômodo para morar e nos sustentou durante vários meses. Depois, quando o marido dela descobriu, não deixou que ela continuasse nos ajudando.

— Vida difícil, Anastácia! – exclamei.

— Um pouquinho só! Fui lavar roupa para muita gente, e o Benedito sempre comigo... Um dia, uma senhora perguntou se eu não gostaria de aprender a cozinhar – ela estava precisando de cozinheira. Respondi que sim, deixei de lavar roupas,

que era serviço mais pesado, e estou aqui. A minha vida, Doutor, dá para escrever numa página só desse caderno que o senhor tem nas mãos...

— Acho que você se engana, pois a sua vida, minha cara, daria um belo romance!

— Romance? Eu nunca tive namorado! O Benedito teve pai, mas eu nunca tive namorado...

E sorriu, mostrando os dentes muito alvos.

— Um romance de Amor à Vida, Anastácia!

— Ah, só se for, porque homem para ser meu companheiro!... O senhor acredita em alma gêmea? — perguntou.

— Eu não sei por onde anda a minha — respondi —, mas acredito...

— Acredita mesmo?! Dizem que os espíritas não acreditam...

— A última descoberta da Ciência é que existem elétrons “gêmeos”...

— Elé... O quê?

— Elétrons! Mas, deixe para lá! Há certas coisas, como dizia Chico Xavier, que, por enquanto, não adianta querer escarafunchar...

— Chico Xavier! Um santo, não é? Eu cheguei a ouvir falar sobre ele... Dizem que sabia tudo a respeito da gente. É verdade?

— É, Anastácia. Eu o conheci e posso dizer que Chico era muito mais que um médium — ele era um profeta, um profeta de Deus!

— Dizem que ele sabia o nome da gente, não é?

— Sabia! Enxergava a gente por dentro e por fora!
— Que bondade!
— Anastácia, você deveria começar a me cobrar por essas consultas!

— Que consultas, Doutor? Eu sou apenas um cozinheira... O senhor é que trata de mim e dá de tudo para o Benedito. Nem que ajoelhasse aos seus pés...

— Se alguém aqui tem que se ajoelhar, sou eu — respondi firme, antes que Anastácia, humilde com ela só, se dobrasse diante de mim. — Aliás, minha boa amiga, apenas aos pés de três pessoas eu seria capaz de me ajoelhar: de Jesus Cristo, de Chico e de você

— De mim, não, Doutor, de Nossa Senhora!

— Então, são quatro pessoas!...

CAPÍTULO

30

— Anastácia — continuei a sessão de análise em que era eu o paciente, sentado na cadeira de uma cozinha —, às vezes, fico pensando que espírito é você com essa sua compreensão da Vida...

— Sei não, Doutor. Coitada de mim!

— Você sonha? — perguntei.

— É claro que sonho — respondeu com ingenuidade. — Certa vez, eu me vi voando — que sensação gostosa! Eu passava bem rente às árvores de uma floresta e tirava rasante numa lagoa... Era uma noite cheia de luar!

— Não, Anastácia, eu estou me referindo a outra espécie de sonho... Você almeja, pretende alguma coisa para a sua vida?

— Ah, sim!... Agora entendi. Demora um pouco a “ficha cair”, Doutor. Não, a única coisa que desejo é ver o Benedito feliz, o Benedito e gente como o senhor. Se vocês estiverem felizes, eu estarei!

— Anastácia, você podia pegar mais uma xícara de café para mim? – tornei a pedir para ter tempo de segurar o choro, enquanto ela se dirigia ao fogão.

— Nossa, Doutor, o senhor estava mesmo com vontade de beber café, hem?! – disse, enquanto ia buscar o recipiente parecido com uma garrafa térmica de aço inoxidável.

Limpando o nariz com o lenço, que costumava guardar embolado no bolso do jaleco, prossegui sendo analisado às avessas, como acontece com muito analista, quando em conversa com os seus pacientes.

— Você não pensa em... adquirir alguma coisa?

— Adquirir?! Para quê?! Eu tenho muito mais que o suficiente: moro aqui, não pago nada, trabalho, não me falta o pão de cada dia, tenho muitos amigos, adoro os gatinhos do senhor...

— E um marido? – perguntei.

— Ah, Doutor! Se, amanhã ou depois, aparecer um companheiro que mexa com o meu coração... Eu não penso em sexo, sabe? Com o senhor, eu não tenho vergonha de falar. Não, eu não penso em homem para sexo, Doutor. O amor é uma coisa bonita, que não precisa mais.

— Você não sente carência nenhuma?

— De carência, eu entendo bem, Doutor. Quer dizer, já entendi, não é? Carência de pão, carência de uma casinha para morar com o Benedito, carência de ser tratada como gente, carência de um sorriso, de

um abraço... Quanto ao mais, não! Será que eu sou doente, Doutor?

— O doente aqui sou eu, Anastácia — eu e um punhado de gente que está fora deste Hospital, tida à conta de gente lúcida e sadia.

— Bem, o senhor já está bem melhor do resfriado... Eu fiquei muito preocupada, que até cheguei a falar com o Manoel Roberto e com a D. Maria Modesta.

— Eles comentaram comigo que você estava preocupada.

— Deus me livre e guarde de ficar sem o senhor neste Hospital... Nem pensar! — disse, batendo três vezes na madeira e me fazendo sorrir.

— Quer dizer que você não pensa em se casar? — insisti.

— Penso — não vou dizer que não penso —, mas não me aflijo! Doutor, minha avó dizia que, se a gente trabalha e entrega a vida às mãos de Deus, o resto acontece. Eu sou muito feliz! Ela costumava falar comigo — a minha avó era benzedeira: — “*Nastaça — era como ela me chamava —, quando a gente tem muita pressa de ser feliz, minha filha, passa da hora!*”

— Então a sua avó era benzedeira?

— E das boas, Doutor, com raminho de arruda e tudo! Eu era pequena, mas me recordo bem. O senhor sabe que ela enxergava os espíritos da Natureza? Os espíritos das matas, dos rios?... De vez em quando, ela começava a chorar. Eu

perguntava o motivo e ela respondia: — “Minha fia, num é de tristeza, não! É que a vó tá vendo uma luz muito bunita...” — Que luz é essa? — eu perguntava. — “Num sei, fia... É uma luz mais briante que a luz do Sol... Vem lá de cima e cai feito cascata dorada! Acho que Nossa Senhora, mãe de Jesus, deve de tá sacudindo o seu manto estrelado sobre a Terra... O mundo precisa de páiz, minha fia!”

— Anastácia, eu vou aceitar mais um pouquinho de café!...

— Nossa, Doutor! Assim, o senhor vai acabar tomando a garrafa inteira...

— Não tem importância, não — disse com o lenço nas mãos, limpando os olhos, fazendo de conta que limpava o nariz. — Você sabe que Chico Xavier, nos bons tempos, chegava a tomar mais de litro de café por dia?

— Ele gostava tanto de café assim?

— Dizia que era por conta da mediunidade...

— Uai!, então quem sabe o senhor está virando médium? A minha avó também tomava muito café. Ela plantava, colhia, torrava e socava no pilão...

— Anastácia, eu queria fazer mais por você — falei com toda sinceridade de meu coração. — Peça-me alguma coisa, invente uma necessidade...

— Eu, inventar moda?! Imagine!

— Alguma coisa para o Benedito...

— Não! A facilidade é um perigo para a alma da gente!

— Uma viagem de férias?

— Não, enquanto o Benedito não se formar, não! Eu não estou cansada – trabalhar não me cansa! Mas já que o senhor está insistindo, e eu não quero contrariá-lo, quando o senhor tiver um tempinho e vontade de tomar um café feito na hora, venha aqui conversar, porque conversar com o senhor é a maior bondade do mundo!

— Para mim, Anastácia, é que a sua conversa é um verdadeiro passe!

— Um passe espírita, Doutor?

— Mais do que um passe, uma desobsessão inteira! Você me faz uma limpeza, um exorcismo...

— Credo, Doutor! *Exorcismo?!...*

— É verdade! Você coloca todos os meus exus de terno e gravata para correr...

— Exus de terno e gravata?! O senhor tem cada uma!...

— Já não se fazem mais exus como antigamente, Anastácia! Conseguiram avacalhar até com eles...

— Nossa Senhora da Guia! – exclamou a boa amiga, cobrindo o rosto com o avental.

— Os exus de hoje são altamente intelectualizados! Alguns são até políglotas!

— Virgem!

— Não, não conheço nenhum exu que seja virgem – continuei a gracejar. – Embora gostem de se fazer de santos, todos são pecadores!

— A valência é que o senhor tem espírito alegre!

— Não tive e não tenho outra escolha, Anastácia. Sempre vivendo em meio a pessoas tristes, traumatizadas, com problemas psíquicos os mais diversos, precisei, por mim e por eles, escolher sorrir. A alegria, quando não exagera, é remédio. Você mesma tem me ensinado isto!

— Uma analfabeta ensinando um Doutor?! Ora, eu é que tenho aprendido muito com o senhor. Lembra-se de como cheguei aqui, trazendo o Benedito pela mão? Medrosa e retraída, feito uma cadelinha assustada... O senhor me olhou, brincou com o Benedito, perguntou se estávamos com fome e nos trouxe justamente para cá, a Cozinha — o senhor mesmo fez o prato do Benedito!...

— ... que comeu feito um leão!

— Estávamos com fome, Doutor. A maioria das pessoas não sabe o que é passar fome e chegar escorraçada do mundo...

— Você tem razão.

— Para o pobre, um prato de comida é superior a todas as questões de meta... Como é mesmo aquela palavra bacana que já ouvi o senhor dizer, um punhado de vezes?

— Metafísica!

— É essa mesma.

E contou:

— Dias atrás, D. Modesta estava lendo e explicando para nós a “Parábola do Bom

Samaritano”... O sacerdote e o levita, homens cultos, não se importaram com quem estava no chão.

— Estavam com a mente concentrada nas questões teológicas!

— Mas aquele homem, no chão, não queria saber disso – ele queria apenas uma mão amiga que o amparasse, fosse de quem fosse! D. Modesta nos disse que o samaritano era vítima de preconceito – que sequer podia atravessar o território dos judeus. Como é que homens religiosos podem ser assim?

— Essa é pergunta difícil de responder, minha cara!

— Aquele samaritano simplesmente fez o que devia ser feito: não perguntou nada, não disse sequer o próprio nome... O mundo, Doutor, tem muitos sacerdotes e levitas e poucos samaritanos!

Admirado das conclusões de Anastácia, continuei ouvindo os seus comentários:

— D. Modesta explicou que o samaritano era proibido de entrar na sina... Como é mesmo a palavra?

— *Sinagoga!*

— Na igreja dos judeus, pois é! Não podia entrar na sinagoga, mas entrou no Reino dos Céus! Duvido que o sacerdote e o levita tenham entrado – talvez, até hoje estejam procurando o caminho! Eles perderam a oportunidade... O samaritano é o exemplo da caridade completa! Desceu do cavalo, cuidou do homem que havia sido assaltado, orou por ele, levou-o à hospedaria

mais próxima, deixou as suas despesas pagas – assumiu o dever da caridade! D. Modesta falou que o sacerdote e o levita fizeram muito pior que os salteadores, porque eles viviam com os perga... Perga, o quê, Doutor?

— *Pergaminhos!*

— Isso mesmo. Essa palavrinha é difícil! D. Modesta explicou que tem de ser assim: a gente deve viver com os pés na Terra, o coração no próximo e o pensamento em Deus! Eu concordo, porque uma árvore também é assim: raiz fincada no chão, frutos estendidos nos galhos e copa crescendo na direção do Sol, que despeja bênçãos de luz das Alturas...

— Que beleza de imagem, Anastácia!

— Deus é tudo e a gente é nada! Até uma árvore sabe disso...

— Você é mesmo a minha terapeuta preferida! Entre o divã de Freud e a sua cadeira na Cozinha, fico com a sua cadeira e o cafezinho que só você sabe fazer, minha cara!

— Eu fiz pouquinho, Doutor – o café acabou! O senhor me desculpe, mas eu também acabei tomando uma xícara. Eu vou fazer mais para o senhor – num instante, eu faço!

— Não, filha, eu preciso ir andando, não se incomode. Você recarregou as minhas “baterias”...

— Eu, não! Foi o café...

— Anastácia, eu vou lhe dizer como as antigas benzedeiros diziam, quando terminavam as suas benzições: — Que Deus lhe ponha virtude!

— E livre o senhor de toda espécie de quebranto e mau-olhado!

Sorri, levantei-me da cadeira, abracei a querida amiga e, consultando o relógio, exclamei:

— Quase uma hora da madrugada! Nem vi o tempo passar!...

— Nem eu! Mas também, se somos eternos, para que vamos nos preocupar com os ponteiros do relógio? – filosofou sem saber.

— Nem com o dia de amanhã – quer dizer, com o hoje que está começando – você se preocupa, não é?

— Que diferença faz?! Isso não tem fim, Doutor... O homem vive numa correria danada, tentando pegar o que nunca vai conseguir! O lugar de ser feliz é aqui e agora!

— Boa-noite, minha boa amiga – despedi-me, tomando a direção do quarto, mas, confesso, sem um pingo de sono, com os olhos arregalados de tanto tomar café!

Antes, pois, de tentar conciliar o sono por alguns minutos, deliberei escrever ao amigo que, da Terra, me endereçara encorajadora missiva, vazada mais ou menos nos seguintes termos:

— *“Caro Dr. Inácio: Tenho acompanhado o seu esforço para que mais bem compreendamos o Espiritismo. Confesso que as suas obras muito me têm auxiliado a entender o que André Luiz escreveu através de Chico Xavier — por assim dizer, elas me têm ampliado o raciocínio. Para mim, o Plano Espiritual era algo um tanto nebuloso e, sinceramente, ficava faltando uma espécie de “emenda” para que, de maneira racional, eu entendesse a continuidade da Vida. Outra coisa: tenho um amigo que, inclusive, já havia desistido de ler sobre a Doutrina, alegando que, em geral, as obras não conseguem sair da mesmice... Ele me disse que está sendo nos livros*

de sua lavra que vem redescobrando a alegria de ler, principalmente porque o senhor é gente igual à gente! Não sei se estou conseguindo traduzir, com fidelidade, o que ele me disse. Chega de todo espírito que entra em contato conosco ser espírito elevado, falando de cima para baixo, e de todo médium ser missionário! O senhor está desmitificando as coisas e isso é extremamente saudável para o Espiritismo. Não desista! As críticas, de fato, têm sido muitas, mas, como o senhor mesmo costuma dizer, o Espiritismo não tem dono! Estamos com o senhor e repito o que muitas pessoas têm escrito no seu blog (www.inacioferreira-bacelli.zip.net): tenha paciência conosco! A sua linguagem e as suas brincadeiras fazem com que a gente aprenda com muito mais facilidade. E o senhor é o único espírito a defender a obra mediúnica de Chico Xavier – não generalizando, a maioria não diz uma única palavra, a não ser para exaltar a si mesma! Receba o meu abraço e bola para a frente!”

Lendo e relendo o que o anônimo missivista me escrevera, tomei da caneta e rascunhei algumas palavras em resposta:

*— Caro amigo: o Senhor seja conosco!
As suas palavras, representando a de tantos outros que me escrevem, são extremamente*

significativas para mim. Sou um espírito necessitado das preces de quem por mim se disponha a orar! Estou consciente de minhas limitações, mas muito mais consciente de que, sem trabalhar, não conseguirei superá-las. Aliás, sem o mínimo de esforço, ninguém consegue sair do lugar.

Estou pagando, com André Luiz, uma dívida de gratidão. Quando ainda me encontrava no corpo, eu deveria ter me interessado mais pelas suas obras e, conseqüentemente, feito bem mais pela sua divulgação. A obra mediúnica de Chico Xavier, toda ela, é o complemento e a atualização do Pentateuco! Sem Emmanuel e André Luiz, em Kardec, teriam ficado muitas lacunas, que, compreensivelmente, os Espíritos Superiores não tiveram condições de preencher quando ditaram a Codificação. Para a época em que viveu, Allan Kardec fez muito, e mais não poderíamos exigir de quem teve apenas quinze anos, de 1854 a 1869, para fazer o que fez!

Sinceramente, de minha parte, não existe a menor pretensão. Escrevo, digamos, por necessidade de escrever e transportar para o papel as minhas experiências e reflexões. Se elas podem ser úteis a alguém, melhor. Eu não sei o motivo de tanta gente andar incomodada comigo. Por que será? Como aprendi com Irmão José, "aqueles que, sistematicamente, nos criticam estão nos dando uma importância que não temos"! Ou será que temos para eles? Se nos

considerassem indignos de contestação, haveriam de nos esquecer, concorda? Por outro lado, se nos colocam na alça de mira de suas críticas contundentes, é porque, no mínimo, estamos colidindo com as intenções que tentam dissimular. Por incrível que pareça, o Movimento Espírita está repleto de interesses menores. Não é por amor ao Ideal que, com tanta ênfase, se fala em pureza doutrinária, porque, caso o fosse, haveria uma preocupação maior com a vivência dos postulados da Doutrina.

Eu tenho permanecido calado este tempo todo, porque, veja você: as nossas ideias, expostas em nossas singelas obras, vêm sendo objeto de plágio por determinado companheiro que, no passado, fizera o mesmo com Chico Xavier. E ninguém fala na tão propalada Universalidade do Ensino dos Espíritos! De repente, o espírito mistificador sou eu! O outro, que mudou até o meu nome, é o autêntico. E isso tudo, meu caro, com o beneplácito de algumas Federações! Você me desculpe a sinceridade, mas sou um espírito comum e papas eu não admito nem na língua.

Muita gente do “deixa-disso” fala que, em favor da Doutrina, precisamos silenciar. Eu penso diferente. Jesus nos ensinou: “Seja o vosso falar, sim, sim; não, não”. Longe de mim ser o dono da Verdade, mas também de ser omissos! Por termos o hábito de ficar em cima do muro, é que

consentimos que o Cristianismo se deturpasse. Faremos o mesmo com o Espiritismo? Prefiro responder por me ter excedido nas palavras, à covardia de não dizê-las.

A verdade, meu caro, é que os rumos do Movimento Espírita no mundo vêm me preocupando seriamente. Não somente a mim, mas a vários confrades que, fora do corpo, hoje lamentam não terem assumido postura mais firme enquanto estavam na Terra. Querendo aparentar uma humildade que não possuíam, contemporizaram com o que não deveriam contemporizar. Desnecessário esclarecer que, no que se refere à virtude da humildade, sou um zero à esquerda, mas, pelo menos, não tento passar pelo que não sou. Assumo os meus erros, mas também proclamo a vontade de acertar!

O Espiritismo, meu amigo, para muita gente, hoje virou meio de vida. A inquisição que os "cardeais" do Movimento vêm fazendo aos novos médiuns, no fundo, é luta pelo poder e – pasme! – pelo vil metal! Muitos deles, sem que percebam, estão sendo usados pelos lobos disfarçados de ovelhas... Por conta de meia-dúzia de palavras que lhes massageiam o ego e pelo aparente prestígio que lhes conferem nas reuniões elitistas, dobram a cerviz e se tornam subservientes – pessoas sem opinião própria e sem qualquer independência nas atitudes! É lamentável.

Sou um espírito renegado e faço questão de continuar assim! Não devo obediência a ninguém, como você ou qualquer outro espírita, também não deve. Jamais farei o jogo do poder e não participarei da fogueira das vaidades que calcina e transforma em cinzas a potencialidade de valorosos companheiros. De quase tudo, eu e o médium de que me sirvo como instrumento temos sido, “caridosamente”, acusados – os nossos livros sofrem censura por parte de muitas Federações, que tremem de medo a cada nova obra que editamos! E eu ainda sequer falei a metade do que sinto necessidade de falar! Os nossos livros, postos no mercado pela coragem de duas Editoras, praticamente, são feitos de maneira artesanal, numa gráfica do interior. Não dispomos de recursos para investir em sua melhor apresentação gráfica e “marketing”. Sei que, por vezes, até mesmo no campo da revisão gramatical, eles ficam a desejar, porque, infelizmente, nunca fui um cultor da língua e, não fosse pela paciência e dedicação do irmão Revisor, os meus erros de concordância seriam muito mais gritantes, ao ponto, talvez, de lhes comprometer o conteúdo. Abordo tais detalhes para dizer a você que não fazemos as coisas de maneira profissional – a nossa preocupação não é tanto com a forma quanto com a essência. Neste sentido, recordo-me de que, certa vez, um amigo fazia críticas a uma obra da lavra de Chico, apontando vários erros gramaticais. Tomando conhecimento do

fato, o médium respondeu: — “Ele está como quem procura pulgas na cabeça de sábio...”

Quanto às minhas brincadeiras, quero dizer a você, meu caro, que delas me valho com o propósito de amenizar o peso de minhas palavras. Gostaria, mas não tenho a elegância de Emmanuel e André Luiz! Converso com os leitores como se conversasse com os amigos que me visitavam em casa!

Sei que, lendo esta minha missiva a você, equivocadamente, muitos irão concluir: — “O Dr. Inácio está tentando se justificar...” Não, não se trata de qualquer justificativa, mas, sim, de consideração para com aqueles que me escrevem aconselhando adotar um tom mais ameno. Eu não poderia simplesmente ignorar as sugestões que me fazem, talvez mais preocupados com a minha imagem do que com outra coisa. Respeito-lhes a intenção, mas devo pedir que não se preocupem com a minha imagem, porque quem tem imagem é santo!

Sei que esta carta, que lhe escrevo numa noite de insônia — depois de ter tomado quase um bule de café! —, está se alongando em excesso. Mas, antes do ponto-final, preciso lhe dizer mais uma coisa: não duvide de que, no próprio meio espírita, haja uma conspiração contra as obras mediúnicas da lavra de Chico Xavier! Há quem queira se lhe apossar da cadeira vazia, mas para transformar a tosca cadeira de madeira

em que se sentava, psicografando madrugada adentro e recebendo o povo sofredor, em trono cravejado de pedrarias! Acautele-se!

O Espiritismo, meu irmão, deve ser a doutrina mais simples do mundo, fluindo com a naturalidade da água cristalina da fonte!

No mais, continue orando por mim e procurando fazer a sua parte. Temos uma tendência a nos considerar corretos e aos outros em permanente estado de equívoco. — “Se eu fosse fulano, faria assim, assado...” Acontece, porém, que não somos fulano, nem sicrano, nem beltrano, nem precisamos ser para nos identificar com as mazelas e imperfeições de quem seja! Seja você mesmo e, conforme disse, “bola para a frente”! Permita-me apenas pluralizar a palavra “bola”, concitando-o a ser digno representante dos que, sem serem machistas, são machos o suficiente para dizerem o que pensam.

P.S: No que se refere à coragem do testemunho e verdadeiro amor à Causa, não posso deixar de reconhecer que, por seus ovários, muitas mulheres possuem mais “bolas” do que muitos homens!

Quando terminei a redação da referida carta, pensei comigo: — “Inácio, você não tem jeito... Vão dizer que você está inspirado por Bocage ou, quem sabe, por Dercy Gonçalves!” Ao que eu próprio me

respon-di: — “Com os olhos que tem, cada um lê o que quer ler! Eu não vou fazer retoque nenhum neste texto!”

Descansei a caneta sobre a mesa e, chegando à janela do consultório, afastei as cortinas, observando que quase começava a amanhecer no Mundo Espiritual.

— Preciso descansar, nem que seja uma hora — disse, preparando-me para breve repouso, quando senti que alguma coisa arranhava a porta do consultório, que também me servia de quarto — muitas vezes, eu preferia dormir ali, a dormir em meu apartamento propriamente dito.

Abri a porta e, surpreso, reparei que era uma linda gatinha rajada, a “Tigresa”, que vinha me fazer companhia.

— Entre, minha filha! — solicitei, após ela ter hesitado por instantes. — Ainda temos um tempinho para cochilarmos juntos!

Ela, parecendo compreender o que lhe dizia, saltou sobre o sofá e se aninhou justamente onde eu haveria de colocar os pés.

Deitei-me e, em fração de segundo, peguei no sono, vendo-me, quase de imediato, fora do corpo, olhando, com certa indiferença, o que estava à minha volta.

Não tive dificuldade alguma para sair volitando na direção do horizonte, como se alguma coisa me atraísse para a claridade do Sol. Sobre o cume de um monte que se coroava de luz, vi alguns espíritos, que não se incomodaram com a minha presença, promovendo uma reunião.

Durante determinado período de tempo, permaneci imóvel, não conseguindo maior aproximação do grupo, até que um deles veio ao meu encontro sorrindo e me falou pelos prodígios da telepatia, chamando-me pelo nome:

— Irmão Inácio, não se esqueça de tudo fazer por amor a Jesus Cristo!

— Acaso, não estarei fazendo? — perguntei, preocupado, àquele ser sem forma, que emitia uma luz dourada a confundir-se com os raios do Sol, que nascia por detrás dele.

— Está, mas é muito fácil que o homem se esqueça de continuar servindo o Evangelho para dele se servir!

Não pude ouvir mais nada. Acordei com a claridade do dia rompendo pela vidraça. Consultei o relógio e percebi que estava na hora de retomar o batente.

Com cuidado, para não acordar “Tigresa”, levantei-me do sofá-cama, fui ao banheiro, lavei o rosto, fiz mais alguma coisa que não é da conta de vocês e, quando me preparava para chamar o Manoel Roberto, ele bateu, discretamente, à porta, trazendo o meu pequeno desjejum matinal.

CAPÍTULO

32

Em nossa próxima reunião de estudos, através de prévio entendimento com a Coordenadora e demais participantes da equipe que constituía o painel, o Odilon, a Modesta e o Manoel Roberto, eu abordei o impressionante tema do capítulo XV, da obra “Nosso Lar”, que tem como pano de fundo a visita que André Luiz recebera de sua mãezinha.

Na expectativa de conseguir extrair do referido capítulo todas as transcendentais informações que contém, comecei falando sem pressa:

— Hoje, se me estender mais do que de praxe nos comentários, a Coordenadora e todos vocês irão me perdoar. Determinados assuntos, a fim de serem mais bem aproveitados, devem ser enriquecidos com apontamentos de outras obras. É o chamado *Estudo Comparativo*. Estudando “Nosso Lar”, ou qualquer outro livro espírita considerado clássico da Doutrina, necessitamos pesquisar em outros livros. Daí a importância de efetuarmos anotações à margem, a fim de podermos localizar os temas com mais facilidade.

Antes, porém, de darmos início propriamente dito aos estudos da noite, torno a fazer-lhes a recomendação de que, estando desencarnados, se sintam como se encarnados estivessem. Não lhes será difícil se imaginarem novamente envergando o corpo de carne, com o qual, infelizmente, nos identificamos mais que com o nosso atual corpo, a que Allan Kardec denominou “perispírito”, mas que, noutras filosofias espiritualistas, desde épocas imemoriais, recebe denominações como: *corpo astral, psicossoma, corpo fluídico, Ká, Ochema, Liga Sharira, modelo organizador biológico, etc.*

Feito este pequeno preâmbulo, se nenhum dos participantes do painel e mesmo a Coordenadora não desejarem fazer qualquer observação, vamos lá!

— Apenas um rápido questionamento, Doutor – apartou Domingas. – “Liga Sharira”? Eu nunca ouvira falar...

— Trata-se de uma denominação dos indianos – respondi. – O perispírito não é uma descoberta do Espiritismo. “Liga” significa *modelo*, e “Sharira” é concernente ao corpo que apodrece, morre.

— Ah, sim!

— Então – continuei –, de maneira resumida, recordemos que André Luiz, ao desencarnar, não se deparou com nenhum de seus familiares em “Nosso Lar” – aliás, sequer no Umbral!

— Já nesse tópico, temos uma lição, não é, Doutor? – inquiriu Manoel Roberto.

— Sim, porque, principalmente os espíritas esperam que, ao desencarnar, sejam recebidos neste Outro Lado, numa espécie de sala “Vip”, com tapete vermelho estendido no chão e pisando sobre pétalas de rosas – como se fosse chefe de Estado!

O pessoal, pela primeira vez naquela noite, ensaiou um sorriso.

— A observação de Manoel é de suma importância, pois conforme um amigo meu costuma dizer, em “Nosso Lar”, André Luiz era um “sem-teto”, e mais: “sem-corpo” e “sem-família”! Em outras palavras, a desencarnação o despojara de tudo! Como num dos contos de Andersen: o “rei” estava nu ou, caso preferam, pelado!

— Inácio – observou Modesta –, é que o autor deseja colocar em evidência os laços da parentela espiritual, que é a nossa verdadeira relação familiar.

— Exatamente! Ele não estava relegado a uma situação de abandono – apenas não havia sido esperado, além da morte, por aqueles que, habitualmente, se espera que venham nos recepcionar.

— Doutor, permita-me um registro – solicitou Odilon.

— Pois não, meu caro! É tão raro você abrir a boca – graciei com o amigo.

— Pelo menos, no caso de André Luiz, ele não estava sendo aguardado por nenhum espírito inamistoso!

— Como é elegante esse Odilon! — exclamei.
— “Espírito inamistoso”! Você está querendo dizer que, pelo menos, ele não estava sendo esperado por nenhum obsessivo, como acontece à maioria dos que ousam colocar o pé neste Outro Lado, sem que tenham resolvido as suas pendências afetivas sobre a Terra!

— Doutor, um ponto a favor de André Luiz — frisou Manoel com oportunidade —, que todo o mundo somente se recorda de comentar que ficou mais de oito anos em determinada região umbralina...

— Muito bem — disseram Domingas e Modesta quase ao mesmo tempo.

— É raro um desencarnado chegar aqui, na Vida Espiritual, nas condições em que chegou André Luiz — continuou Manoel. — Outra coisa a favor dele: ao deixar o corpo, ele não ficou vagando entre os encarnados... Mesmo tendo desencarnado nas circunstâncias que descreve, ele se portou com dignidade!

— Manoel, você hoje está demais — brinquei.
— É isso mesmo! Ninguém se lembra, ao estudar a obra que estamos estudando, de destacar a dignidade com que o grande cientista se viu fora do corpo! Hora nenhuma ele clamou contra os Céus; ao contrário, implorava por piedade!... Não teve dificuldade em se humilhar e admitir o seu despreparo espiritual, em face da nova realidade.

— As suas primeiras palavras, ao conseguir avistar Clarêncio, foram: — “*Quem sois, generoso emissário de Deus?*”

— Nota 10, Manoel! — falei como se incorporasse um professor entusiasmado com o desempenho de aluno.

A turma bateu palmas para Manoel, que se desconcertou, e prossegui dizendo:

— Não percamos, no entanto, o foco do que pretendo expor nesta noite. André Luiz estava em seu apartamento, quando recebeu a visita de Lísias, que lhe deu a notícia: — “*Adivinhe quem chegou à sua procura!*” Ele não teve dúvidas de que era a saudosa mãezinha, que não via desde muitos anos o visitava naquelas circunstâncias.

— Avalio a profunda emoção de André! — exclamou a Coordenadora.

— Temos, neste episódio, diversos pontos para reflexão, dentre os quais destaco:

— a mãe de André Luiz vem de uma dimensão superior e se materializa em “Nosso Lar” — não nos esqueçamos de que a cidade se localiza em região fronteiriça — atentemos para o “desenho” que o autor da excelente obra nos vai apresentando do Mundo Espiritual;

— ao se materializar, ela passa a ser um “agênere” em “Nosso Lar”, denotando que os espíritos que habitam dimensões superiores podem adotar aparência dos que vivem nas inferiores. No livro “Gênese”, Kardec, estudando o tema das aparições e transfigurações, escreveu: “Segundo o grau

condensação do fluido perispiritual, a aparição é, algumas vezes, vaga e vaporosa; outras vezes, é mais nitidamente definida; de outras, enfim, tem todas as aparências da matéria tangível; pode mesmo chegar à tangibilidade real, ao ponto em que se pode duvidar da natureza do ser que temos diante de nós”.

— a genitora de André Luiz, de formação católica, era esposa, mãe de muitos filhos, dona de casa e, não obstante, após o seu desenlace do corpo, foi naturalmente guindada a dimensão superior. Vejamos que o fator determinante da evolução do espírito está mais afeto à moral que à intelectualidade. Ela não era espírita, nem tampouco médium, não detinha maiores conhecimentos da Vida noutros planos, mas, mesmo assim, estava numa situação espiritual confortável – mais confortável do que a situação em que o Manoel Roberto e a nossa Coordenadora se encontram – provoquei os amigos, arrancando sorrisos da plateia.

— Doutor – argumentou a Coordenadora –, isso quer dizer que o Mundo Espiritual, além de não ser espírita, não pertence aos espíritas!

— Eis aí uma das colocações – observei com sinceridade – mais óbvias da noite, mas sobre a qual os espíritas não costumam pensar: **o Mundo Espiritual não pertence aos espíritas!**

— Às vezes, nós agimos como se fosse, não é, Inácio? – interveio Modesta.

— Quase sempre! — exclamei, respondendo.
— Nós, os adeptos da Doutrina, com as exceções de praxe, evidentemente, somos muito soberbos neste sentido. Achamos que o Mundo Espiritual se rege por nossa vontade ou pelo nosso ponto de vista. Quanta ilusão e cegueira, meu Deus! Acreditamos que católicos, protestantes, judeus, muçulmanos e outros devem se submeter ao nosso crivo de fé! Daí querermos controlar a Mediunidade, a Reencarnação e outros fundamentos nos quais o Espiritismo se apoia.

Silenciei por momentos e voltei a falar:

— Somente a informação de André Luiz, constante deste capítulo de “Nosso Lar”, de que *um espírito se materializa no Plano Espiritual*, era para nos fazer pensar... Se a mãe de André não se materializasse, ele não poderia percebê-la!

— A menos, Doutor, que fosse médium vidente, certo?

— Correto, Domingas — concordei. — Tal informação nos enseja um mundo de reflexões.

— Como os diferentes estados da matéria! — disse Manoel, corroborando.

— Exatamente! Quanto mais para cima, menos matéria e mais espírito; conseqüentemente, quanto mais para baixo, mais matéria e menos espírito... Deixem-me falar um pouco sobre os “agêneres”, experiência que tive oportunidade de narrar nas páginas do livro “Por Amor ao Ideal”. Jesus, quando aparece aos caminheiros de Emaús, tinha todas as

aparências de encarnado – somente foi identificado pelos dois discípulos, um deles de nome Cléopas, pelo modo de partir o pão!

— Doutor – perguntou a Coordenadora –, algum de nós poderia aqui estar na condição de “agêneré”, sem ser identificado como tal?

— Perfeitamente. É o que acontece comigo – graciejei –, que não sou deste plano! Tratem de me aproveitar, que aqui estou por pouco tempo...

— Certamente – devolveu Domingas.

— Sobre tal possibilidade é que se apoia a tese do “corpo fluídico”, apresentada por Roustaing? – inquiriu Manoel.

— Sim, mas a tal respeito quero aproveitar para dizer o seguinte: muita gente tem me escrito da Terra fazendo inúmeras indagações sobre Jesus, como se, pelo simples fato de estar desencarnado, me conferisse mais amplo conhecimento. Sobre o Cristo, mesmo nas Esferas Espirituais acima de nós, pouco se sabe. Convém não perdermos tempo com semelhantes especulações, que apenas nos desviam o raciocínio do que é essencial, ou seja: a vivência de seu Evangelho de Amor e Sabedoria! A evolução do espírito de Jesus, conforme diz Emmanuel, perde-se na noite dos tempos!... Chico tinha tanta reverência pelo Cristo, que, quando era apresentado a outro Jesus, fosse Jesus da Silva ou Jesus Ferreira, passava a pronunciar

o nome do novo amigo como paroxítono: **Jésus** e não **Jesus** (oxítono)! Jesus para ele deveria ser único até na pronúncia do nome!

— Interessante, Doutor, eu não sabia desse detalhe — comentou Domingas.

— Sra. Coordenadora, existem muitos detalhes que a senhora não conhece, e eu tampouco!

— E os *Doutores da lei* da Doutrina também ignoram! — redarguiu com precisão.

— Nem sonham! — balbuciou Manoel.

— Voltemos ao caso da materialização da mãe de André Luiz — convidei. — Ele narra, nas páginas do livro, que a sua genitora, a fim de ser perfeitamente identificada, toma forma exata, não apenas a partir dos traços fisionômicos, mas, inclusive, no que diz respeito às suas vestes: “*o vestido escuro, as meias de lã, a mantilha azul*” — até as rugas do rosto!

— Doutor — elucidou Odilon —, a partir de tais detalhes, convém, então, salientar, que, primeiro, ela se transfigurou, para, depois, materializar-se!

— Muito bem colocado, Odilon! — retruquei com largo sorriso. — Sim, porque a mãe de André Luiz, habitando plano superior, é possível que tivesse perdido contato com a antiga forma humana... O que facilmente se deduz, porque, mais tarde, André, ao visitá-la, o faz em seu *corpo mental*!

— Ele sai do perispírito e...

— ... desdobra-se a partir de seu *corpo mental*! — completei o raciocínio de Domingas.

— Doutor, em poucas palavras, o autor de “Nosso Lar” nos fornece informações acerca de três planos diferentes, a saber: a Crosta — que é a Terra —, o Umbral e a dimensão em que sua mãe se encontrava domiciliada!

CAPÍTULO

33

Respondendo a Domingas, considere:

— E mais adiante, no livro “Libertação”, André Luiz nos fornece notícias de um quarto plano, que, por assim dizer, se localiza nas entranhas da Terra! Dos sete planos existentes...

— Quais seriam eles, Doutor? — perguntou Manoel com o propósito de clarear o assunto.

— Abismo, Trevas, Crosta, Umbral, a dimensão, onde a genitora de André se encontra, a sexta, que alguns estudiosos têm denominado de “Amor Fraternal Universal”, e, finalmente, a sétima, onde, digamos assim, se situariam as Diretrizes do Planeta. Dois planos considerados subcrostais e cinco outros a partir da Crosta Terrestre!

— Como a obra de André Luiz ampliou a noção que possuíamos do Mundo Espiritual! — exclamou Manoel.

— Ele foi ainda mais longe, ao falar das subdimensões e, conforme veremos daqui a pouco, das dimensões paralelas!

— dimensões espirituais paralelas, Doutor? — questionou Domingas.

— Sim, ele também as mencionou. Mas tenhamos um pouco de paciência. Hoje, antes das 3 horas da madrugada, não sairemos daqui! São quase 10 horas da noite. Então, temos muita lenha para queimar!

O pessoal ensaiou um arremedo de contestação.

— Não podemos deixar de registrar que, em certos fenômenos de materialização, as entidades espirituais não devem ser tocadas, preservando-se, principalmente, a integridade dos médiums. Todavia, no caso em pauta, André Luiz não se refere a um médium específico, doando substância *materializante* à sua genitora. Ela chega para encontrá-lo completamente materializada! Quando dele se despede, refere-se aos “*gabinetes transformatórios*”, existentes no Ministério da Comunicação!

— Curioso, Doutor, não?! — observou Domingas.

— Em “Nosso Lar”, o Ministério da Comunicação, igualmente, cuida da questão mediúnica! Trata-se de um Ministério abrangente. Que coisa!

— Sendo uma cidade-modelo para o Mundo de Regeneração, com que sonhamos para a Terra, em “Nosso Lar”, quase todas as questões concernentes à

Imortalidade em si, para a maioria de seus habitantes, estão resolvidas.

— Todos os problemas concernentes à imortalidade? — inquiriu a Coordenadora.

— Estou me referindo, minha cara, à realidade da sobrevivência. Pelo menos, entre os mais conscientes, não pairam quaisquer dúvidas a respeito! Agora, evidentemente, ao que permanece afeto à expansão das faculdades do espírito, dentro do contexto da Criação, ainda existe muito chão a ser percorrido!

— “Nosso Lar” — insistiu —, seria, então, uma cidade de iniciados?

— De certa maneira, sim. Por lá, com extrema naturalidade, comenta-se, por exemplo, sobre a Reencarnação. Aliás, como comentamos aqui, entre nós, situados mais nas proximidades da Crosta.

Tornei a fixar os olhos nas páginas do livro que tinha nas mãos e prossegui:

— André Luiz e sua mãe, que se encontrava materializada, abraçam-se sem o menor problema. Repetidas vezes, beijam-se e... choram! Aqui está escrito: *“Beijei-a repetidas vezes, apertei-a nos meus braços, misturei minhas lágrimas com as suas lágrimas...”* Compreensível que André, envergando o corpo perispiritual, chorasse, pois sabemos que o corpo que nos reveste no Mais Além é, igualmente, constituído por glândulas lacrimais! Mas como explicarmos que sua querida genitora, num veículo espiritual mais etéreo, o corpo mental, também

chorasse? É que ela não *aparentava* estar materializada — ela estava *materializada mesmo*, por fora e por dentro!

— Ela poderia tomar uma refeição lá? — alguém perguntou-se da plateia.

— Poderia! — respondi, explicando. — Entre um fenômeno de materialização dessa natureza e a reencarnação, a diferença está menos na consistência que na permanência ou durabilidade. Não sei se estou me expressando bem — disse, olhando para Odilon.

— Doutor, é isso mesmo — referendou o companheiro. — Em suas bases, o fenômeno é o mesmo; o que difere é o processo... Daí, *en passant*, nós poderemos conjecturar em torno da reencarnação nos diferentes planos espirituais da Vida, sem que, para tanto, o sexo concorra, nos padrões com que concorre na Terra, noutros mundos e dimensões.

— Muito bem colocado, Professor! — brinquei com Odilon, que, de imediato, retribuindo, olhou para trás, à procura do mencionado Professor.

— O ectoplasma, Doutor, é modificação molecular do protoplasma, que, por sua vez, emana da Geléia Cósmica Universal, que é a matriz de todos os organismos vivos.

— Bem, após esta aula em rápidas palavras, antes de avançar em nosso estudo, desejo chamar a atenção para parte do diálogo que se desdobrou entre André Luiz e sua mãe. No capítulo 16, logo no início, o autor de “Nosso Lar”, plenamente consciente

da situação, exclama: — *“Oh! Minha mãe! Deve ser maravilhosa a esfera da sua habitação! Que sublimes contemplações espirituais, que ventura!...”* Vejamos que ele reage como qualquer um de nós, reportando-se às possíveis contemplações beatíficas nos planos que transcendem...

— Doutor, mas, permita-me um aparte — pediu Domingas —, deve ser mesmo uma coisa maravilhosa... A senhora não acha, D. Modesta?

— Eu estava aqui justamente pensando sobre isso, Domingas... Quando será que traremos para a nossa esfera espiritual e mesmo para a Terra o nível de vida dessas sublimes paragens? Quanto nos compete lutar ainda, concorda?

— Sem dúvida, Modesta — repliquei. — Mas, em apenas duas frases, acompanhemos a resposta que a genitora de André Luiz lhe deu: — *“A esfera elevada, meu filho, requer, sempre, mais trabalho, maior abnegação. Não suponhas que tua mãe permaneça em visões beatíficas, a distância dos deveres justos”*. Minha gente — falei, procurando ser enfático —, o conhecimento espírita modifica totalmente os nossos paradigmas da Vida! Com a visão da Doutrina, o espírito trabalha, não para, finalmente, descansar, mas para trabalhar mais — sempre mais! Vejamos o exemplo da própria mãezinha de André Luiz, que, ao término do diálogo com o filho, comunica que está se preparando para voltar à Terra — ela que já se encontrava numa dimensão superior! E mais, tornaria

a reencarnar para, novamente, ser esposa do mesmo marido, que, diga-se de passagem, vivia enganando-a com outras! Compadecido da situação espiritual do ex-esposo, reencarnará para, outra vez, desposá-lo e receber como filhas as três entidades femininas que ele, do ponto de vista afetivo, ludibriara.

— É muita renúncia e grandeza, Doutor! — comentou Domingas.

— São prodígios do verdadeiro amor! Não estamos evoluindo para esquecer os que ficam na retaguarda. Depois que Jesus nos deu o exemplo, encarnando entre os homens, qual o espírito que terá moral para simplesmente dizer: “Não volto”?

— A gente ainda se recorda do exemplo de Alcione, no livro “Renúncia”, de Emmanuel, não, Doutor?

— Muito bem lembrado, Domingas. Quando Alcione, que já se encontrava livre de laços cármicos com a Terra, comunica a Antênio a decisão de voltar para auxiliar Pólux, o Benfeitor lhe adverte: *“Já ponderaste nos obstáculos imensos? Lembra que o próprio Jesus, penetrando na região terrena, foi compelido a se aniquilar em sacrifícios pungentes. Recorda que as leis planetárias não afetam somente os espíritos em aprendizado ou reparação, mas, também, os missionários da mais elevada estirpe”*.

Naquele momento, o silêncio era tanto, que se poderia ouvir o bater de asas de uma mosca, se, porventura, um díptero desavisado por ali aparecesse.

— Inclusive, Doutor – observou Odilon –, no diálogo citado, Antênio diz a Alcíone que conhecia numerosos irmãos que, depois de pedirem missões arriscadas como a que ela pleiteava, haviam voltado ao Mundo Espiritual, “*onerados de mil problemas a resolver, retardando, assim, preciosas aquisições*”.

— Criaram novos laços cármicos!

— Mas isso é possível? – indagou a Coordenadora.

— Como não, minha cara?! No último trecho do caminho, a gente pode tropeçar... Oportunidades para cair não nos faltam no mundo! Vejamos o controvertido episódio da tentação de Jesus, que, fosse como fosse, encerra muitas lições. Não vamos entrar no mérito da tentação em si. No entanto nada do que se encontra escrito no Evangelho é inútil – pelo menos para nós outros não o é! Se for para algum exegeta, que ele me desculpe pelo atrevimento em considerá-lo humano demais.

— A exposição ao meio, Domingas – obtemperou Odilon –, conforme já tivemos oportunidade de estudar, é sempre um desafio ao espírito, no que tange aos verdadeiros valores amealhados.

— Se me permitem – voltei a falar –, antes de dar sequência aos comentários da noite sobre o capítulo em análise, quero colocar em destaque a importante questão do trabalho, ou seja: a noção que o Espiritismo recuperou para a Humanidade de que o homem é o artífice de si mesmo! O Espiritismo resgatou a dignidade do trabalho e do trabalhador!

Nenhuma doutrina religiosa fala sobre a importância do trabalho espiritual com a propriedade que o Espiritismo fala. Chico Xavier, por exemplo, era obcecado pelo trabalho de natureza espiritual — é lógico, por toda espécie de trabalho, mas queremos dar ênfase ao trabalho espírita.

— Doutor — aparteou Domingas —, no livro “Roteiro”, psicografado pelo Chico, Emmanuel afirma que “o ministério do Senhor é, sobretudo, de ação e movimento”!

— Conheço, sim, essa página belíssima — retruquei. — Mas o que desejo que o pessoal entenda — disse, voltando-me para o público — é que nenhuma religião coloca o trabalho em destaque como o Espiritismo o faz! Por exemplo: caridade é trabalho; vivência da fé é trabalho; visitar um doente é trabalho; ir à periferia é trabalho; mediunidade é trabalho; difundir a Doutrina é trabalho... Chico Xavier nos ensinava isso! Vocês se recordam? — perguntei aos amigos que interagiam comigo, oferecendo-me indispensável suporte aos estudos sob minha responsabilidade.

— Chico nos ensinou a não ficar quietos, não é, Doutor? Ele estava sempre procurando uma maneira de ser útil, a fim de não se permitir nenhum instante ocioso.

— De fato, Manoel — endossou Modesta. — Quando alguém se referia a algum médium em tom de crítica, ele respondia: — “Pelo menos, o nosso irmão está trabalhando...”

— Chico — comentou Odilon a quem, na Vida Maior, consideramos na condição de Instrutor, infundiu essa ideia de trabalho constante em nossa mentalidade doutrinária.

— Coisa que, como Kardec, ele não teve tempo de fazer! — fiz questão de acentuar. — Embora ininterrupta, a tarefa do Codificador era mais no campo intelectual.

— Muito embora, Doutor, ele tenha feito o possível no campo da Caridade... A vida de Kardec, ou melhor, do Prof. Rivail, é pouco conhecida antes de sua adesão aos princípios da Doutrina.

— Sim — concordei —, em alguns dos apontamentos à nossa disposição neste Outro Lado, consta que o Prof. Rivail sempre viveu de maneira franciscana, chegando a fazer, ele e sua esposa, Amélie Boudet, voto de pobreza e, depois de certo tempo de convivência, de castidade.

— O Prof. Rivail sempre foi um homem extremamente generoso. De família abastada, tão abastada que pôde enviá-lo à escola de Pestalozzi em Yverdon, na Suíça, vivia no limite do necessário à própria sobrevivência. Os proventos advindos de seu trabalho como professor eram, inicialmente divididos em duas partes: o sustento da casa e socorro aos desvalidos, mormente às crianças que não podiam pagar para estudar!

— Depois que se tornou espírita — completei — tais proventos, além de terem diminuído bastante, era

divididos por três, acrescentando-se significativa parcela à edição das obras de que foi coautor. O dinheiro que Kardec investia, na publicação dos livros e da “Revue Spirite”, não voltava para ele!

O silêncio, no recinto, ainda se tornou mais profundo – silêncio que resolvi quebrar, com as palavras que pronunciei reverente:

— Honra a Kardec e a Chico Xavier!

— **V**ocês – consultei – gostariam de pequeno intervalo?

— Não – responderam, em uníssono, os participantes.

— Vocês querem é me *desencarnar*, não é? – brinquei. – Não há goela que aguente, mesmo estando *morta*! Nunca falei tanto em minha vida e estou quase afônico. Vamos continuar mais um pouco, mas depois, eu preciso de uma pausa para fazer pipi, certo?

O pessoal, jovens em grande número, sorriu socapa.

— Ainda que eu não fizesse, em homenagem aos ortodoxos, eu faria – é com xixi que eu apago as labaredas de suas fogueiras inquisitoriais! E não venham mandar na minha bexiga! – simulei esbravejar.

Tomei um gole d'água, apenas para molhar lábios, e prossegui:

— Bem, hoje, devido ao tema central capítulo em estudo – a materialização da mãe

André Luiz –, vocês irão me permitir um *link* com o livro “Libertação”. Conforme disse, o *Estudo Comparativo* é muito interessante e nos abre novos horizontes ao entendimento. No capítulo IV, de “Libertação”, deparamo-nos com curiosa experiência vivenciada pelo próprio autor espiritual, quando ele, Elói e Gúbio deliberam “descer” à dimensão das trevas. Você se recorda, Domingas? – perguntei.

— Sim – respondeu a Coordenadora –, é quando eles vão àquela “cidade estranha” – a cidade dos gregorianos –, dando início à tarefa de socorrer Margarida.

— Por solicitação de Matilde – emendou Modesta –, que também desejava se aproximar de Gregório, o comandante-chefe daquelas hostes.

— Todo o livro – comentei – é belíssimo e repleto de ensinamentos. Somente a preleção do Ministro Flácus vale a obra! Mas, para não fugir ao propósito do estudo da noite, vamos nos deter no episódio da transfiguração e conseqüente materialização dos três amigos – André, Elói e Gúbio!

— Interessante notar, Doutor – ponderou Odilon –, que eles partem de “Nosso Lar” e atravessam todo o Umbral e a Crosta, como se realizassem uma viagem ao passado!

— Muito bem colocado, Odilon, porque, na realidade, é mesmo o que fazem: uma viagem ao Passado! Os espíritos domiciliados na “cidade estranha” vivem como se continuassem a viver na Idade Média!

As descrições de André Luiz, inclusive das casas e dos palácios, levam-nos a semelhante conclusão. Portanto, mesmo os nossos irmãos que vivem sobre a Crosta, na condição de encarnados, em relação a eles, estão adiantados no tempo! Grosso modo, nas três dimensões – Trevas, Crosta e Umbral, nós teríamos: Subconsciente, Consciente e Superconsciente, ou, se preferirem: Passado, Presente e Futuro!

— No livro “No Mundo Maior” – interveio Odilon –, André Luiz, sob a orientação de Calderaro, realiza, no capítulo III, precioso estudo sobre “A Casa Mental”!

— O assunto ventilado por Odilon – repliquei –, é um estudo à parte. André Luiz faz referências ao *Id*, ao *Ego* e ao *Superego*! E o que considero de suma importância: insere o que, talvez, seja o principal conceito da Física Quântica, de que todo objeto observado depende da posição do observador! Mas, se me permitem, sigamos adiante – é tanta informação, que a gente se maravilha e acaba perdendo o foco.

— Doutor, o senhor poderia, depois, estudar “A Casa Mental” conosco? – solicitou Domingas.

— Minha cara, *depois* quando?! Só se for na *próxima desencarnação*, porque o estudo de “Nosso Lar” vai nos tomar todo o tempo...

— Que seja! Vamos deixar isso já agendado! – respondeu a Coordenadora, fazendo menção de anotar alguma coisa.

— André Luiz, Elói e Gúbio, portanto — continuei —, empreendem uma viagem ao Passado! De fato, seja ao Passado ou ao Futuro, a Vida viaja na luz! No livro “Gênesis”, no capítulo I, versículo 3, está escrito que a luz foi a primeira criação de Deus: *“Disse Deus: Haja luz; e houve luz”*. Os “três mosqueteiros” — Athos, Porthos e Aramis — também serão “agêneres” na cidade de Gregório! Como veremos, primeiro eles se transfiguram e, depois, materializam-se. Isso está lá no livro “A Gênese”: *“O perispírito é invisível para nós em seu estado normal: porém, como é formado de matéria etérea, o espírito pode, em certos casos, lhe fazer receber, por um ato de sua vontade, uma modificação molecular que o torna momentaneamente visível”*. É impressionante como o fenômeno, *ipsis litteris*, acontece como descrito por Kardec! Consintam-me ler pequeno trecho de “Libertação”: *“Passamos a inalar as substâncias espessas que pairavam em derredor, como se o ar fosse constituído de fluidos viscosos”*.

“Elói estirou-se, ofegante, e, não obstante experimentar, por minha vez, asfixiante opressão, busquei padronizar atitudes pela conduta do Instrutor, que tolerava a metamorfose, silencioso e palidíssimo.” A transfiguração e a materialização estavam concluídas!

— Doutor, uma pergunta — interrompeu Manoel —: transfiguração, por quê?

— Porque, recuando no tempo, eles se apresentarão trajados com as roupas dos habitantes da

cidade... Caso lá aparecessem com o vestuário de “Nosso Lar”, de imediato, seriam percebidos e capturados. O “agêneré” se mostra identificado com o meio! Está escrito aqui – disse, na tentativa de ser mais preciso: “*Atravessamos importantes limites vibratórios e cabe-nos entregar a forma exterior ao meio que nos recebe...*” Jesus, quando aparece aos Apóstolos, com as chagas nas mãos, nos pés e no flanco direito, transfigura-se e materializa-se – transfigura-se, porque, em seu corpo espiritual, aquelas marcas deixadas pelos cravos e pela lança não existiam!

Pausei por momentos e procurei interagir mais com os participantes do painel:

— Vocês estão percebendo o “desenho” que André Luiz vai fazendo do Mundo Espiritual? Percebeu, Modesta?

— Para quem lê com atenção — como você costuma dizer: “com olhos de ler” —, o “desenho” está mais que evidente. Depois de André Luiz, a ideia que os homens fazem do Mundo Espiritual não pode mais ser a mesma!

— Recapitulando: sua mãezinha, para vê-lo em “Nosso Lar”, é compelida a “descer” — de certa maneira, ela também viaja ao Passado!

— Como André, Doutor — redarguiu Domingas —, que, depois, ao ir vê-la, viaja ao Futuro... Ele deixa em “Nosso Lar”, o seu *módulo espiritual*!

— Muito bem, Domingas — os nossos diferentes corpos nada mais são que *módulos*! A

viagem, tanto ao Passado quanto ao Futuro, não são meras cogitações no campo da ficção. Mentalmente, isso já pode ser feito. Agora, vai levar um tempinho para que o homem faça isso em seu corpo físico.

— Doutor — aparteu Odilon, sempre preciso —, o chamado “*déjà-vu*”, ou a visão de situações passadas ou futuras, de certa maneira, é fenômeno corriqueiro entre os encarnados e mesmo entre nós, os desencarnados.

— Exato! Esse termo complicado traduz uma “viagem da mente” a situações que, no caso, ainda serão vivenciadas...

— É uma sensação estranha, Doutor — falou a Coordenadora. — Comigo, acontecia sempre. De repente, eu me via dentro de um quadro em que a minha mente parecia se deslocar — eu já havia vivenciado aquela situação! Recordo-me de que, certa vez, ouvi de Chico Xavier: “*Eu já estou ‘desenhado’... Ainda não sou o que devo ser, mas já estou ‘desenhado’!*” O que ele queria dizer com isso, Doutor?

— Para ser sincero, eu não sei. O Chico era o Chico, minha cara! O que ele tinha na cabeça era muito mais que mediunidade! Penso que, talvez, ele estivesse querendo se referir a Deus, que tem um projeto de vida para cada um de nós! Para Deus, não existe Passado, Presente ou Futuro. O tempo, para mim, está ligado às sugestões da mente. Você não acha, Odilon?

— É mais ou menos por aí, Doutor! A Criação Divina tem um propósito que se cumprirá! Na Mente

Divina, tudo já existe como deve ser! O assunto nos remete às profecias...

— Nossa! — exclamou Domingas. — A coisa vai se complicando...

— Os profetas, que eram médiuns, em determinado momento, “acessavam” a Mente Divina e, nela, liam o que “estava escrito”... Foi a experiência de João, no Apocalipse! Mas — argumentou Odilon — não nos convém, por enquanto, enveredarmos por esse caminho, mesmo porque o objetivo do estudo que estamos realizando é outro.

— “Salvo pelo gongo!” — foi a minha vez de exclamar, aliviado. — Eu estava quase indo a nocaute...

— Doutor — provocou Manoel —, será que, avançando no tempo, eu poderia conversar comigo mesmo amanhã?

— Dê-lhe uns cascudos, Odilon! — solicitei. — Quem faz uma pergunta dessa é que tem a obrigação de responder...

A turma sorriu, e voltei ao livro “Libertação”:

— Corroborando o fenômeno do recuo no tempo, empreendido por André Luiz, Elói e Gúbio, o autor espiritual nos detalha o cenário da cidade, que, diga-se de passagem, é uma das muitas existentes no “interior” da Terra: *“Palácios estranhos surgiam imponentes, revestidos de claridade abraseada, semelhante à auréola do aço incandescente”*.

“Praças bem cuidadas, cheias de povo, ostentavam carros soberbos, puxados por escravos e animais”.

“O aspecto devia, a nosso ver, identificar-se com o das grandes cidades do Oriente, de duzentos anos atrás.”

— Duzentos anos atrás, Doutor? — admirou-se a Coordenadora.

— Vale ressaltar — complementei — que a referida “cidade estranha”, por certo, não havia sido fundada por Gregório! Ela teria muito mais de duzentos anos!

— Existirão cidades, Doutor — perguntou Manoel —, cujo aspecto remonta ao aspecto das cidades, por exemplo, de mil anos atrás?

— Até mais! — respondi, enquanto Odilon elucidava.

— Manoel, quanto mais recuarmos no tempo... Imaginemos a Terra há três, quatro mil anos atrás! Não precisamos ir tão longe: Uberaba, no tempo do “Sertão da Farinha Podre”!

— Agora, quero ressaltar — observei —, que estamos estudando as dimensões da Vida ligadas à Crosta, como se fossem dimensões superpostas — uma acima da outra ou “uma dentro da outra”! Com absoluta convicção, existem dimensões espirituais a partir de todo e qualquer orbe de natureza material. As condições de vida em tais orbes e suas respectivas dimensões nos escapam completamente.

— Serão humanos como nós, Doutor, os que neles habitam? — indagou Domingas.

— Em “O Livro dos Espíritos” — respondi —, na questão 181, Kardec quis saber: *“Os seres que habitam os diferentes mundos têm corpos semelhantes aos nossos?”* Os Espíritos responderam: — *“Sem dúvida que eles têm corpos, porque é necessário que o espírito se revista de matéria para agir sobre ela; mas esse envoltório é mais ou menos material, segundo o grau de pureza a que chegaram os espíritos, e é isso que determina as diferenças entre os mundos que temos de percorrer. Porque há muitas moradas na casa de nosso Pai e muitos graus, portanto. Alguns o sabem e têm consciência disso aqui, na Terra, mas outros nada sabem.”*

Efetuei pequena pausa e comentei:

— Na resposta à questão seguinte, a de número 182, os Espíritos disseram que não poderiam revelar certas coisas a todos, *“porque nem todos estão em condições de compreendê-las, e elas os perturbariam.”* Enquanto a cabeça do homem não avançar um pouquinho mais, ou seja, enquanto os seus lobos frontais não se desenvolverem mais um tanto, não teremos condições de conceber a “humanidade” noutros orbes e dimensões! Em “Cartas de Uma Morta”, por exemplo, também da lavra de Chico Xavier, Maria João de Deus nos fala de Humanidades aéreas — de seres que vivem como vivem os pássaros! O homem emerge das entranhas da Terra — o seu objetivo é ascender aos Céus!

Terminei de falar e insisti numa pausa:

— Agora, vocês, querendo ou não querendo, preciso fazer pipi e dar um pouco de descanso à cabeça.

— À nossa cabeça, não, Doutor?! – concordou Domingas.

— E a de meus leitores também!

— Hem?!

— Sim, minha cara, porque, na medida do possível, pretendo enviar este *imbroglio* – quase rima com *blog* – lá para baixo, e eles que se arranjem.

— O senhor pretende escrever isso tudo?

— Na cabeça do médium, faz tempo que estou escrevendo, porque, com licença do Odilon, a mediunidade, em três tempos – Passado, Presente e Futuro –, também viaja na luz!

E arrematei, antes que a turma se dispersasse:

— Não percam a última parte do estudo, porque eu vou falar sobre “amora”!

— “Amora”, Doutor?! – exclamou Domingas, intrigada.

CAPÍTULO

35

Após breve descanso, notei que o pessoal voltara mais animado, inclusive eu, para a parte final dos estudos da noite.

Sem mais delonga, comentei:

— Tivemos oportunidade, na noite de hoje, de estudar dois casos de materialização em pleno Plano Espiritual – espíritos que, por processos diferentes, a fim de serem percebidos por outros, se tornaram tangíveis! O primeiro caso que analisamos foi o da mãe de André Luiz e o segundo do próprio André, em companhia de Elói e Gúbio. O nosso objetivo é o de ampliar a concepção que muitos têm do Mundo Espiritual, ou, pelo menos, tinham.

— Doutor – aparteu a Coordenadora, começando a interagir –, sinceramente, eu não fazia a mínima ideia de que o Mundo Espiritual pudesse ser como é!...

— Domingas, mas foi escrito ou descrito, em “Nosso Lar” e nas obras subsequentes... “Nosso Lar” está há quase 70 anos na Terra!

— Acontece, Inácio — reforçou Modesta —, que a gente não estudava como você está fazendo agora... Infelizmente, cerca de 90% dos que estão *lá embaixo* ainda não leem a obra da maneira como você está nos orientando a ler — extraindo a essência de cada parágrafo!

— O néctar de cada flor! — poetou Manoel Roberto.

— Seja, porém, como for — falei —, o Mundo Espiritual ainda é muito mais do que está em André Luiz, que é só o começo.

— Embora o senhor esteja com a razão — ponderou Odilon —, creio que vamos ter que esperar um bom tempo, até que o pessoal se mostre preparado para novas informações. De qualquer maneira, em 152 anos e alguns meses, a Doutrina avançou consideravelmente. Aliás, em termos de Vida além da morte, nunca se soube tanto!

— Concluindo as nossas reflexões do painel de hoje — prossegui —, quero apresentar a vocês uma informação de André Luiz, constante do livro “Libertação”, que, a meu ver, permanece velada para a maioria dos que já tiveram acesso à referida obra. Trata-se do terceiro caso de materialização que estudaremos — um caso diferente, por assim dizer, *sui generis*... Esse caso de materialização, que reputo por impressionante, faz com que desloquemos a mente um pouco mais, ampliando os horizontes do próprio entendimento — horizontes que foram

significativamente ampliados com os dois casos anteriores. Ele nos sugerirá indagar: — Qual é a forma do Universo? A imagem mais próxima das diferentes dimensões é mesmo aquela da cebola dividida ao meio, com as suas camadas concêntricas ou pode-se pensar noutro modelo? O físico Dr. Stephen Hawking, ainda encarnado e por muitos considerado o sucessor de Einstein — do que, particularmente, discordo —, escreveu “O Universo numa Casca de Noz”. Será este o modelo do Universo, que hoje muitos cientistas, como alguns filósofos pré-socráticos, voltaram a considerar plano?!

Dando rápidos segundos para que o pessoal refletisse naquelas palavras introdutórias ao assunto, tornei a falar, perguntando:

— Além de haver as dimensões espirituais superpostas, vocês consideram possível a existência de dimensões, digamos, com alguma inclinação, de modo que, praticamente, constituam um Universo à parte? Espécies de “redomas”, em diferente ângulo, situadas em posição oblíqua às demais dimensões?...

— Não estou estendendo quase nada — respondeu Domingas —, mas acho que sim... Em termos de Universo, nada me surpreenderia!

— Vamos, então, ao fato, para, depois, trocarmos ideias sobre ele com mais liberdade — exortei. — Aqui no livro “Libertação”, mais exatamente no capítulo V, “Operações Seletivas”, há algo extremamente curioso e intrigante, que considero o ponto culminante de nossos estudos na noite.

Efetuei uma pausa e, de maneira informal, continuei:

— Os três amigos haviam presenciado um fenômeno de licantria — determinada entidade, que o remorso acicatava, fora induzida, hipnoticamente, à transfiguração, adquirindo forma animalesca. Vocês estão lembrados do episódio? — inquiri aos participantes do painel.

— Sim, Doutor, estou — respondeu Odilon. — O tema da hipnose sempre me interessou e cheguei, algumas vezes, a me valer da sugestão no consultório odontológico.

— Pois bem — prossegui —, eles, na verdade, estavam participando de um julgamento coletivo, de entidades culpadas, levado a efeito por um tribunal de clérigos católicos. Vejam — disse, colocando-me de frente para o auditório —, era uma simulação perfeita, em que os magistrados estavam punindo ou absolvendo...

— Seriam bispos e cardeais desencarnados, Doutor?

— Tudo leva a crer que sim, Domingas. André Luiz prefere omitir certos detalhes. Muitos católicos acreditam que, após a morte, serão julgados por Ministros de Deus e, conseqüentemente, encaminhados ao Céu ou ao Inferno. Não é no que, de maneira geral, os católicos acreditam e o que mentalizam?

— Hoje nem tanto, Doutor — redargui.

— Sim, no que tange aos mais esclarecidos. Não obstante, milhares e milhares continuam

aguardando o que a Igreja insiste em pregar: a arcaica concepção de Céu, Purgatório e Inferno! Tentemos – insisti – imaginar o cenário nas lúgubres dependências do palácio de Gregório, naquela “cidade estranha”... É quase uma reconstituição do que ocorria na Idade Medieval – aliás, em tal condição, é que eles, os “gregorianos”, faziam questão de se preservar!

Interrompi a minha fala para dar ênfase:

— Nos dois casos anteriores de materialização, os espíritos que se tornaram tangíveis vinham de cima para baixo, ou seja, das dimensões superiores para as inferiores: a mãe de André Luiz se materializando em “Nosso Lar”, e os três amigos, procedentes de “Nosso Lar”, materializando-se na dimensão das Trevas. **Esse terceiro caso de materialização é de espíritos inferiores se materializando numa dimensão inferior!**

— Como, Doutor?! – inquiriu Domingas. – Eu nunca havia atentado para semelhante detalhe...

— Detalhe, minha cara, que nos enseja um mundo de reflexões – respondi, passando a ler pequeno trecho da obra. – *“E pouco a pouco, diante de nossos olhos assombrados, três entidades tomaram forma perfeitamente humana, apresentando uma delas, a que no porte guardava maior autoridade hierárquica, pequeno instrumento cristalino das mãos. Trajavam túnicas de curiosa e indefinível substância em amarelo vivo e revestiam-se de halo esfogueado, não brilhante. Essa auréola, mais acentuadamente viva em volta da fronte, desferia radiações perturba-*

doras, que recordavam a esbraseada expressão do ferro incandescente.”

— Doutor, auréola em volta da fronte?! Seriam, porventura, santos?

— Considerados como tais – respondi à Coordenadora. – Não nos esqueçamos do poder criativo da mente. André Luiz nos induz a crer que, de fato, aquelas entidades que ali se materializaram atribuíam a si mesmas alguma autoridade moral, embora o autor se refira apenas à autoridade hierárquica – o que, convenhamos, não é a mesma coisa!

— Existirá algum universo católico? – voltou a perguntar Domingas tão intrigada quanto eu, quando, da vez primeira, me pus a meditar sobre o assunto. – Um universo, além da morte do corpo, onde alguns espíritos *fazem cumprir-se* os dogmas de crença dos católicos?...

— É algo para se pensar – disse, não querendo responder de maneira direta aos seus questionamentos. – O próprio André Luiz – acrescentei – diz em seguida: “*Ainda não sei de que recôndita organização provinham tais funcionários espirituais, no entanto reparei que o chefe da expedição triplice mostrava infinita melancolia na tela fisionômica*”.

— Doutor – aparteou Manoel –, eu acho que André Luiz não quis dizer de onde provinham... A gente percebe o esforço que ele faz para escolher as palavras: “*funcionários espirituais*”! Funcionários de quem?!

— É, Doutor, a observação do Manoel faz sentido... “*Chefe da expedição*”?! Primeiro, ele menciona *auréolas*... O senhor me desculpe, mas isso está muito esquisito!

O pessoal sorriu da espontaneidade de Domingas.

— Esquisito ou não, eu quero saber o seguinte: de que dimensão provinha aquele grupo de entidades? Eram superiores hierarquicamente, entretanto não moralmente! A menção à sua superioridade hierárquica – eles eram religiosos, isso está mais do que claro no texto –, remete-nos a pensar em hierarquia sacerdotal!

— Eles não poderiam proceder de uma dimensão inferior, Inácio – replicou Modesta. – O inferior não pode ir ao superior, ainda mais investido de autoridade.

— E nem tampouco procediam – observou Manoel – de dimensão superior... Não dá para entender espíritos com alguma superioridade agindo de maneira implacável! Para mim, tais entidades se deslocavam de uma dimensão existente ao lado...

— Vocês se recordam – comentei – que, antes do intervalo, eu disse que iria falar sobre “amora”...

— Sim, Doutor, e estamos esperando – respondeu Domingas.

— O físico Stephen Hawking, baseando-se num texto de Shakespeare, em “Hamlet”, disse que “o Universo tem múltiplas histórias, cada uma delas determinada por diminuta noz”... Em determinado

trecho de seu famoso livro “O Universo em uma Casca de Noz”, ele escreveu: “A superfície terrestre não tem fronteiras nem borda. Não há notícias confiáveis de pessoas que tenham caído da Terra”. Segundo ele, a Terra seria o modelo do Universo – a Terra seria diminuta “casca de noz”! Então, o Universo seria uma coleção de nozes!

Fiz pequena pausa e dei sequência ao meu raciocínio:

— Diante dos três casos de materialização de espíritos que estudamos, sendo o terceiro deles o mais intrigante, eu imagino, com mais propriedade, o Universo Total como tendo o formato de uma simples “amora”!

— O Universo numa “amora”! – exclamou Domingas.

— Cada gomo da amora seria uma dimensão! Sendo que, obviamente, o cabinho da amora, em torno do qual os gomos se aglutinam, seria a imagem do Criador. É o que me permito pensar, com base no que o próprio Hawking escreveu: “... nossas mentes podem explorar, com audácia, todo o Universo...”

— Doutor – interpelou Odilon –, a Vida, então, seria a amoreira? A seiva da amoreira, o Criador, que, através do tronco e dos galhos, ocupa todos os espaços?

— Perfeitamente – respondi. – Apenas ressalvo – reafirmei – que se trata de uma imagem para que, na “amora”, possamos entender a disposição, digamos, geográfica, das infinitas dimensões

existentes. A rigor, nenhum gomo da amora está por cima ou por baixo, à direita ou à esquerda...

— O que está me intrigando, Doutor, é o “cabinho” da amora – disse Domingas.

— A tal respeito, vou lhes falar sobre a mais curiosa “definição” de Deus que já pude ouvir – vou contar o milagre, mas não vou contar o santo, certo? Mais tarde, talvez, eu conte o nome do santo. – *“Deus é uma reta isotrópica, paralelo a si mesmo e sobre si mesmo vibrando num ângulo de 90 graus.”*

— Céus! – exclamou a Coordenadora.

— *“É como um sistema de eixos, cujo ponto de intersecção das linhas estivesse em toda parte ao mesmo tempo. Logo, múltiplo em si, porque nele se contêm dimensões...”*

— Então, Deus seria uma reta, ou seja, o “cabinho da amora”, e nós, grudadinhos Nele?

— A Força Centrífuga e, ao mesmo tempo, Centrípetas da Vida!

— Nossa! Primeira definição de “O Livro dos Espíritos”: “Inteligência Suprema, Causa primária de todas as coisas.”

— O que dá na mesma, minha cara – retruquei. Consultando o relógio, percebi que, naquela noite, já madrugada, havíamos extrapolado.

— Em suma – concluí –, era o que eu queria dizer. Faço votos para que cada um de vocês medite sobre o que falamos e tirem as suas próprias conclusões. Não estamos num Plano de verdades

definitivas. A única verdade inalterável para todos os Planos da Vida é o Amor! Quanto ao mais, qualquer especulação é livre e, a priori, nenhum conceito, ou ideia podem ser desconsiderados. Negar, de maneira sistemática, aquilo que não se compreende ou que não se consegue crer de imediato é atestar a própria ignorância, admitindo que ela seja muito maior do que se imagina. Ansiosamente, esperarei pelo nosso próximo encontro, a fim de que, estudando sempre, possamos aprender sempre mais, com base nas palavras Daquela que tudo sabe e nos disse e João registrou em 8.32, há mais de dois mil anos: *“Conhecereis a Verdade e a Verdade, vos libertará”*.
Namastê e bons sonhos!

Enquanto a turma ensaiava bater palmas na plateia, eu já estava nas coxias desde muito tempo!

CAPÍTULO

36

Passado algum tempo, Manoel Roberto, no intervalo das consultas agendadas para aquele dia, entrou com uma correspondência que a mim era endereçada.

— É o comunicado que estávamos esperando? — perguntei.

— Sim — respondeu. — O emissário me entregou em mãos, pediu desculpas por não poder aguardar o término de seu expediente de trabalho, deixou-lhe um abraço e partiu.

— Sabemos, no entanto, do que se trata, não? — disse, enquanto abria o envelope com extremo cuidado. — Você já entrou em contato com Odilon?

— Adiantei-me, Doutor, à sua solicitação neste sentido.

— Ótimo, meu caro. Você está começando a adivinhar os meus pensamentos... Quando eu *desencarnar* de novo, será meu médium predileto — brinquei.

— Amanhã, à noite, o Dr. Odilon aqui estará.
— Não podemos perder tal oportunidade —
frisei, lendo o teor do bilhete em voz alta, para que
Manoel se inteirasse de seu conteúdo.

Caro Dr. Inácio: Jesus nos abençoe!

*Conforme entendimento prévio, o momento
será propício à nossa ação e, neste sentido, peço
a sua intercessão e a de nosso caro Dr. Odilon
Fernandes — e a de quem mais julgar necessária.
Confiemos em Deus que lograremos alcançar
o objetivo que pretendemos, em relação ao
jovem que está carecendo de nossos préstimos
espirituais. Peço, pois, o seu maior empenho
pessoal no caso, junto com o nosso Dr. Odilon,
valendo-nos da oportunidade que outros amigos
trataram de favorecer. Certo de, como sempre,
poder contar com a sua atenção, o servidor
muito reconhecido e grato,*

Chico.

— Se aqui existe alguém reconhecido e grato —
comentei —, esse alguém sou eu — eternamente grato e
reconhecido!

— Inclua-me nessa lista, Doutor — solicitou o
devotado companheiro, que, sinceramente, se, por

um motivo ou outro, viesse a me faltar, deixar-me-ia como um hemiplégico.

— Ah, Manoel, as drogas estão arrasando a juventude! — exclamei. — Não sei o que há de ser — se as autoridades encarnadas não tomarem decisões mais enérgicas, temerei pelo futuro da Humanidade! O problema das drogas é pior — muito pior! — que o do aquecimento global!

— Doutor, eu não imaginava que a coisa assumisse tão graves proporções...

— Nem eu! Mas a verdade aí está: os pais estão perdendo os filhos para os traficantes! A ação do Mundo Espiritual inferior está encontrando forte ressonância no descaso e na falta de vigilância dos homens!

— Crianças, Doutor...

— Manoel, se eu fosse o Ministro da Justiça de um país como o Brasil, ordenaria, não apenas o patrulhamento, mas que policiais permanecessem nas portas das escolas durante todo o período escolar do dia e da noite. Ninguém suspeito, que fosse, inclusive funcionário da escola, escaparia a abordagem.

— O senhor está coberto de razão — redarguiu Manoel com certa melancolia no olhar.

— Na década de 80 (você já havia desencarnado), a coisa começou a piorar... Cansei-me de receber, no Sanatório, pais conduzindo filhos drogados para serem internados. — Meu Deus — exclamava estupefato —, isto não foi construído com tal finalidade!... Rapazes e moças, Manoel, na

flor da idade, chegavam como se houvessem sido impregnados por forte medicamento...

— No meu tempo, no máximo, a gente ouvia falar em quem era viciado em cigarro de maconha ou, no Carnaval, em cheirar lança-perfume...

— Em quase trinta anos, a droga se espalhou pelo mundo como nenhuma outra epidemia – transformou-se em constante pandemia de caráter social, da qual nenhum país escapa! Nos países de maior poder aquisitivo, então, a situação é muito mais grave.

— Como o senhor mesmo costuma dizer, a droga vem *substituindo* o espírito obsessor...

— Mas é claro! O obsessor joga o menino ou a menina no mundo das drogas e... cruza os braços! A droga se encarrega de fazer o seu trabalho. Brincadeira neste assunto não cabe, mas a droga, Manoel, vem *desempregando* os obsessores!

— Quando os obsessores não vampirizam as suas vítimas, não é, Doutor? Porque existem casos...

— ... que não são poucos, infelizmente! – observei.

— ...em que os obsessores, ávidos de prazer, utilizam as suas vítimas como verdadeiros “filtros”!

— Infelizmente – tornei a lamentar –, é o que acontece nas chamadas “baladas”! O lema de muitos, a partir dos anos 70, passou a ser sexo, drogas e *rock'n'roll*! O Mundo Espiritual inferior, como vulgarmente se diz, deitou e rolou!

— E continua!

— Os amigos do mundo, não raro, perguntam o que estamos fazendo, certamente supondo que aqui permanecemos de braços cruzados! Ora, que eles saibam que temos procurado fazer a parte que nos compete... A Polícia do Mundo Espiritual – porque devem saber que temos Polícia eficiente neste Outro Lado – não concede tréguas aos marginais desencarnados!

— Aos que desencarnam e, em aqui chegando, querem prosseguir na mesma, e àqueles que, desde muito tempo, se radicam nas esferas espirituais próximas à Crosta!

— Eu não sei, Manoel, quando haverá de surgir, na Terra, um livro de natureza mediúnica, escrito por um médium suficientemente destemido, ou suficientemente destemida, falando da Justiça no Mundo Espiritual! Não sei como o pessoal fica achando que é a Vida por aqui?! Tenho a impressão de que eles nos imaginam vivendo assim num mundo cor-de-rosa, com todos os problemas solucionados!

— O senhor está se referindo à Justiça Humana, e não à Divina, estou certo?

— É claro! Sobre a Justiça Divina, a bibliografia espírita disponível no mundo é pródiga. Agora, eles, os nossos irmãos encarnados, acham que, neste Outro Lado, advogado, promotor e juiz não têm serviço! Os ortodoxos, no campo da Filosofia Espírita, estão impedindo nosso povo de pensar – estão cometendo um crime! Também passível de julgamento e condenação!

Essa turma de clérigos reencarnados, que se cansou de se ajoelhar, mas não de ter os outros de se joelhos diante de si, acha que a Lei de Causa e Efeito funciona sozinha! Se fosse assim, a Lei da Reencarnação também funcionaria – não haveria necessidade nem de relação sexual! O espermatozoide – eu não sei por que orifício –, sairia sozinho perguntando em cada esquina: – “Vocês viram um óvulo dando sopa por aí?...” Ora, não façam pouco da minha já tão pouca inteligência... Pelo amor de Deus, cresçam! Deixem de lado essa falsa santidade de aparecerem engomados na tribuna, como Doutores da lei desenrolando antigos pergaminhos, e estudem!

— Reconheço que a sua espinafrada tem razão de ser, Doutor.

— Ora, viva, finalmente!

— Os espíritas precisam mesmo atualizar a sua concepção de vida além da morte!

— Voltando à questão das drogas – falei –, eu e Odilon, a pedido de Chico, amanhã, iremos lá. O rapaz não pode continuar na situação em que se encontra, quase a ponto de cometer suicídio por *overdose*! Iremos, mas vou entrar em contato com o Dr. Elpídio, amigo meu e Delegado de Polícia, para que providencie um destacamento policial. Aquelas entidades necessitam ser presas! Tudo bem: são doentes, carecem também de tratamento, mas de tratamento sob algemas! Os drogados,

Manoel, na maioria das vezes, são vítimas, mas os traficantes não são meros traficantes. Muitos deles são sequestradores, estupradores, marginais de alta periculosidade que a desencarnação não demoveu do propósito de alcançar satisfação à custa do alheio sofrimento.

— Doutor, o caso daquele rapaz no Sanatório, o senhor se recorda? Um que o primo ia visitar e levava cigarros de maconha?

— Como não? Aliás, foi você que o surpreendeu e chamou a Radiopatrulha!

— Quando soube que ia ser preso (o senhor mandou que o trancafiássemos numa cela até que a polícia chegasse), ele perguntou pela nossa caridade...

— Eu respondi a ele que a nossa caridade, naquele momento, estava sendo praticada duplamente: impedindo que continuasse a alimentar o vício do primo, um rapaz meio débil, e que prosseguisse fazendo carreira como traficante!

— Preso em flagrante, foi julgado e pegou quase dois anos de cadeia...

— Disse que, quando saísse, ia me matar, você se lembra?

— Felizmente, mudou de ideia e nunca mais apareceu. Dizem que foi embora para São Paulo.

— O jovem, que amanhã iremos ver, é um moço bom, filho de boa família, mas os traficantes, dos Dois Lados da Vida, não lhe concedem trégua.

Eles se aproveitam de suas periódicas crises de depressão e lhe alimentam o vício... Não é somente com oração que se combate esse tipo de gente! A polícia tem que ser acionada. Depois de os fatos apurados, quem necessitar de tratamento que seja devidamente encaminhado a quem de direito. Não é uma questão de violência, mas de justiça! O Universo é regido por Leis que ninguém infringe impunemente! Deus age com bondade, mas também com severidade!

Ficamos em silêncio por instantes, e comentei:

— Sabe, Manoel, eu era muito ingênuo nas questões concernentes à Vida Espiritual. Eu critico o que também fazia, ou seja: acreditar que tudo neste Outro Lado fosse mais ou menos mágico... Não supunha, por exemplo, que certos espíritos obsessores, quando se comunicam nas sessões mediúnicas, o fazem com assistência de policiais — muitas vezes, os chamados mentores são os policiais que os acompanham ao recinto da casa espírita!

— Convém salientar — ponderou o amigo —, que o policial de boa formação, acima de tudo, é mentor da lei, íntegro e zeloso do bem de todos.

— Sem dúvida, pois, neste sentido, com exceções que existem, os policiais do mundo estão a carecer de reciclagem. Infelizmente, sob a insígnia que muitos deles portam, oculta-se um caráter corruptível, mas não podemos deixar de destacar o valor moral dos que lutam por uma sociedade mais digna.

— Aliás, Doutor, no que tange à reciclagem...

— A Humanidade, como um todo, está carecendo de a ela se submeter. A civilização, Manoel, está padecendo de grave enfermidade – o organismo social está na UTI, quase em estado comatoso que caracteriza os moribundos. As drogas e a violência são um retrato da face real da Humanidade sem Cristo! Sabemos de muita gente boa lutando, em todos os aspectos, mas tal esforço, que sequer merece destaque da imprensa, talvez seja insuficiente para evitar a “grande avalanche” que se prepara...

— Doutor, o senhor se referiu à oração...

— A oração é, sim, extremamente eficaz. Ai de nós todos, se não orássemos! Mas, por outro lado, o Senhor não ficou orando para que os vendilhões se retirassem do templo: Ele os expulsou! “A fé sem obras é morta!” Muitas vezes, a oração é tão-somente a busca da inspiração, para que saibamos agir com acerto.

Após ligeira interrupção no raciocínio, fez questão de enfatizar:

— Amanhã, iremos, sim, em missão de socorro à Crosta, mas levaremos Elpídio conosco. Em maioria, os espíritos obsessores são malfeitores desencarnados, marginais oportunistas do Plano Astral, aproveitando-se da falta de vigilância dos que se encontram no corpo carnal, para lhes assaltar o psiquismo! Os que, porventura, se revelarem inclinados ao arrependimento, serão conduzidos a casas de saúde mental de nosso plano; todavia os que resistirem serão presos!...

— Doutor, sobre esta conversa que estamos tendo, sou obrigado a confessar que, quando encarnado, talvez, eu não estivesse preparado para ela...

— Nem eu! — respondi sem mais nada acrescentar.

CAPÍTULO

37

Conforme combinado, Odilon veio me encontrar no hospital e, em companhia de Elpídio, já previamente contatado por mim e mais três detetives sob o seu comando, partimos em direção à Crosta.

Enquanto “descíamos”, fomos, naturalmente, integrando-nos no ambiente, de tal maneira a sermos identificados na condição de entidades recém-desencarnadas. Inalando os fluidos menos rarefeitos, na atmosfera da Terra, promovemos relativa condensação em nossos corpos espirituais e, então, confundimo-nos com os transeuntes da cidade que visitávamos.

Convém recordar que toda urbe terrestre, igualmente, possui o seu duplo, oferecendo condições de habitação e vida muito semelhantes às do mundo físico. Quase que tão-somente do ponto de vista teórico é que o Mundo Espiritual começa para além das dimensões da matéria grosseira, posto que, na prática, isso realmente acontece de determinada

região do Umbral para "cima", onde as diferenças são mais bem definidas – as duas dimensões, a Física e a Espiritual, em suas regiões fronteiriças, quase que se confundem!

— Pois é, meu caro Elpídio – comentei com o Delegado –, os que, após a desencarnação, ainda persistem no caminho do crime continuam a necessitar da ação policial... Quem diria!

— Temos sido chamados para intervir em casos até muito complexos – respondeu o amigo. – Infelizmente, em deixando o corpo, muitos malfetores são acolhidos pelos antigos comparsas, aos quais, com raras exceções, voltam a se juntar.

— O pessoal encarnado acha que a punição para os que se desviam do bem acontece de imediato, logo após deixarem o corpo, mas não é bem assim... Neste Outro Lado, nas regiões mais próximas, o embate continua e o trabalho da polícia não pode ser dispensado.

— Realmente – concordou Odilon –, a tomada de consciência do erro é bênção que favorece a minoria – não são poucos os que, após o desenlace, persistem na ilusão, opondo resistência aos ditames da razão.

— André Luiz – observei –, deixa o assunto claro nas páginas do livro "Libertação", na palavra do Ministro Flácut: *"... além do principado humano, para lá das fronteiras sensoriais que guardam ciosamente a alma encarnada, amparando-a com limitada visão e benéfico esquecimento, começa vasto império espiritual, vizinho*

dos homens. Ai se agitam milhões de espíritos imperfeitos que partilham, com as criaturas terrenas, as condições de habitabilidade da Crosta do Mundo”.

— E é onde nos situamos, Doutor – redarguiu o Delegado –, por carência espiritual que nos diz respeito e pela necessidade de servir. Não estou, é claro, incluindo o senhor e o Dr. Odilon em semelhante observação: estou me referindo a mim, aos meus companheiros e a milhares de outros que se revelam incapazes de ascender...

— Que nada, Elpídio! A exceção aqui é o Odilon! Quanto aos demais, estamos no mesmo barco, porque os nossos débitos para com o Planeta ainda são imensos.

Mal havia terminado de falar, quando uma viatura policial, em alta velocidade e com a sirene a toda, passou em perseguição a dois carros repletos de marginais.

— Parece coisa de cinema! – exclamou o Delegado.

— E de ficção! – emendei. – Tenho absoluta certeza de que muitos de nossos irmãos encarnados terão dificuldade para entender o que pretendo lhes narrar, porque estão acostumados a crer que todos os espíritos obsessores renunciam aos seus intentos apenas pelo poder da oração.

— Ah, quem nos dera assim fosse! – retrucou, pesaroso.

— Mas eles também, Elpídio, os nossos irmãos da Terra, precisam saber que, mesmo numa operação

da natureza policial no Mais Além, não dispensamos o concurso da prece e, por esse motivo, antes de entrarmos efetivamente em ação, vamos pedir ao Odilon que rogue o Amparo Divino em nosso favor, como em favor daqueles irmãos renitentes no mal.

— *Senhor Jesus* — orou Odilon, em plena via pública —, *rogamos a Tua intercessão em nosso benefício, mas, principalmente, em benefício daqueles que, de livre e espontânea vontade, ainda vivem apartados do Teu caminho... Que, em Teu nome, possamos auxiliá-los, a fim de que despertem para as realidades da Vida Imperecível, tomando consciência de que somos os construtores do próprio destino! Que eles saibam, de uma vez por todas, que o mal, em qualquer uma de suas manifestações, é simples perda de tempo e que, no momento justo, seremos chamados pela ação indefectível da Lei à difícil reparação. Não nos deixes cometer excessos, para que, sob o pretexto de agirmos sob o aval da Justiça, não extrapolemos das atribuições que nos conferiste... Que o Teu amor — e somente ele —, no trato com os nossos irmãos tão carentes quanto nós mesmos, nos inspire e guarde, hoje e sempre!*

Finda a pequena, mas sentida oração, percebi que os detetives sob a chefia de Elpídio, e mesmo ele, limpavam discretas lágrimas nos olhos.

— Estamos quase chegando — disse, apontando o telhado da instituição. — Mais algumas quadras e lá estaremos. Vocês já combinaram a estratégia? — perguntei ao Delegado.

— O senhor e o Dr. Odilon farão a abordagem inicial dos marginais e nós lhes daremos cobertura. Ao menor sinal, interviremos. Eles não terão como escapar.

— Dispararão se necessário? — perguntei, vendo que portavam aparelhos de choque a distância.

— Caso eles não se rendam, não teremos outra opção.

À porta de entrada da benemérita casa de atendimento a drogados, fomos recebidos por um de seus trabalhadores espirituais.

— Graças a Deus, que vieram! — exclamou ao nos ver chegar. — Não estamos conseguindo lidar com os três arruaceiros que chegaram por último. — Não nos ouvem, não nos atendem. Tenho conversado com eles insistentemente. Desde, entretanto, que chegaram, acompanhando o rapaz que mantêm como refém de seus propósitos, eles vêm perturbando o bom andamento de nossas tarefas.

Enquanto Elpídio e os detetives tomavam posição, eu e Odilon caminhamos por pequeno corredor que levava ao refeitório.

— Que situação! — exclamei ao ver o jovem que, trajando apenas bermudas, jazia largado sobre um sofá.

Não tivemos dificuldade alguma para perceber as três entidades que lhe sugavam as energias psíquicas, imantadas a ele quais se encontravam. Duas delas, um homem e uma mulher, pareciam-me sob o efeito dos medicamentos que eram administrados

o rapaz — estavam um tanto sonolentas, após, certamente, terem se entregado a mais uma noite de prazer e vampirismo.

Ao dar pela nossa presença, o terceiro espírito, que permanecia lúcido, veio ao nosso encontro de maneira ameaçadora. Bastou, no entanto, que Odilon erguesse a mão para que ele se mantivesse a certa distância.

— O que querem? — gritou com o intuito de despertar os outros dois e, talvez, chamar mais alguém nas imediações. — O que vieram fazer? Este território nos pertence! Eu não os conheço! De onde vieram?...

— Meu irmão — tomando a iniciativa do diálogo, expliquei —, estamos aqui para libertar o rapaz que vocês estão prejudicando. Recebemos instruções de nossos Superiores e, a partir deste momento, tomaremos o jovem sob a nossa custódia. Peço-lhes que o deixem e se entreguem ao Dr. Elpídio, que os aguarda no saguão.

— O quê?! Você só pode estar brincando comigo!... Instruções superiores! — ironizou. — Este rapaz — disse, erguendo a mão na direção do sofá —, e a família dele — principalmente a família dele, o pai e a mãe —, têm contas a ajustar conosco! Vocês obedecem a ordens? E quem lhes disse que aqui estamos por nós mesmos? Ele é o nosso “prêmio”... Os que nos dirigem — bradou com o dedo em riste — querem vê-los sofrer, o pai e, principalmente, aquela mãezinha egoísta dele...

Neste exato momento, duas outras entidades masculinas vieram se juntar aos comparsas – dois espíritos extremamente altos, quase o dobro de minha estatura.

— O que é que está acontecendo? – indagou o mais desfigurado. – Algum problema?...

— Estes dois aí – apontou-nos – estão dizendo que vieram para libertar o garoto do cativoiro... Alegam que assim procedem por instruções de seus Superiores.

— A conversa de sempre, não é? Superiores que nunca dão as caras... O menino aqui tem dono, estão ouvindo? Ele é nosso há muito tempo... É um cordeirinho: a gente manda e ele atende! Cheira, fuma, pica, faz o que a gente quiser, entendem! Não vai adiantar nada... Mesmo que resolvamos soltá-lo, ele já está contaminado – o vício se entranhou na carne e na mente dele! Não o trouxemos para cá, em definitivo, porque ainda não tivemos interesse... Vocês entendem: a gente precisa de uma espécie de “sanitário” – e gargalhou, estentórico.

— Meu irmão – interferiu Odilon, adiantando-se –, será que vocês ainda não se convenceram de que o mal não compensa... Somos seres imortais, criados para a Perfeição! Somos filhos de Deus!

— Eu nem sei de quem somos filhos nem me interessa saber – respondeu com agressividade na voz. – A única coisa que sei é que a Vida é uma desgraça (a palavra que ele nos disse, não foi exatamente

esta)... É uma grande desgraça! Estão entendendo?! Vocês vieram aqui nos perturbar... Quem são vocês? Eu não os conheço! Aqui não rola nada com vocês... Deixem-nos! Deus é a maior piada que eu já ouvi... O meu filho menor foi abusado, vocês sabem por quem? Por um padre! Mas aquele já era – fiz com que ele se dependurasse numa corda! Agora, esse traste aí – falou mostrando o rapaz que gemia sobre o sofá –, a mãe dele é uma... Ela não vale nada! Eu a conheço, ó!... Vocês acham que ela está preocupada com ele? Enganam-se! Aquela mulherzinha é o egoísmo em pessoa! Ela tem que sofrer... Vocês não pregam que, sem sofrer, ninguém melhora?...

— Meu irmão – insistiu Odilon –, se você tem queixas contra alguém... O rapaz, pelo que estamos informados, nunca lhes fez mal! Ele já o prejudicou em alguma coisa?

— Ele, não! Mas aquela loba da mãe dele, sim! Vocês devem ter aparecido aqui, porque eles foram buscar socorro no centro espírita, não é?

— Apelamos para o seu bom-senso, meu caro! – argumentei. – Quem tem um mínimo de juízo sabe que, mais cedo ou mais tarde, suportamos as consequências de nossos erros. Vocês pensam que, porventura, não voltarão à Terra?

Ao me ouvir falar em Reencarnação, o homem ficou louco e ameaçou nos agredir, só não se aproximando de nós pela presença de Odilon, que como que os magnetizava.

— Que voltar à Terra, coisa nenhuma! Ninguém me obrigará a tal... Vocês acham que controlam tudo, não é? – e gargalhou. – E, depois, os loucos somos nós... Os donos da Vida! – apontava-nos para os outros dois com deboche.

— Ora – provoquei –, por menos inteligência possua, ninguém ignora que a Lei Divina age quando, como e onde quiser! Não continuem enganando a si mesmos... Quantas vezes já estiveram no corpo sem o saber!

— Esse papo está se arrastando demais, para o meu gosto – vociferou. – Vamos deixar uma coisa clara: saiam daqui! Durante algum tempo, as coisas ficarão assim, mas logo prepararemos a *overdose* para ele... Aquela mulher precisa sentir remorso. Insensível!

Olhei para Odilon e, sem palavras, nos entendemos. Ao lado do jovem, as duas entidades, mais diretamente ligadas ao seu psiquismo, em patológico estado de simbiose mental, continuavam sem ação – não nos preocupavam. Elpídio e os detetives teriam que se ocupar dos outros três, que não se mostravam dispostos a ceder aos nossos argumentos.

— Meus irmãos – insistiu, porém, Odilon –, nós lhes oferecemos guarida... Venham conosco. Na situação em que se encontram, são vocês os que mais sofrem. Não prossigam vivendo à margem da Vida! Fora do Amor, ninguém logra a verdadeira felicidade.

encontrei um amigo que me facilitou a fuga. Muitos queriam me ter pegado, sim, só que não conseguiram... Eu era procurado nos Dois Lados da Vida, sacou? Duplamente procurado! Sabem quantos *apaguei*? Onze, pelas minhas contas – seis deles por tentarem me trair! E estes dois aqui sabem do que sou capaz... O território é nosso! Vocês vão dando o fora e é logo! – esboçou avançar sobre mim e Odilon.

Quando, infelizmente, vimos todos os nossos esforços malogrados, não nos restou alternativa: acionei Elpídio com os detetives e nos afastamos de cena, deixando-os agir, empregando os recursos disponíveis.

Um deles, tentando a fuga por uma janela semiaberta, foi alvejado por uma descarga elétrica que, em fração de segundo, o imobilizou. O outro comparsa entrou em luta corporal, sendo dominado por dois policiais, que o algemaram. Elpídio se encarregou de fazer a abordagem do chefe do bando, que, ao perceber que não estávamos a sós, dirigiu-nos, furiosos, inúmeras palavras de baixo calão.

— Vocês nos enganaram, mas isso não vai ficar assim... Lobos, sob disfarce de ovelhas! É desse jeito que servem a Jesus Cristo? A máscara lhes caiu da cara! Somos todos iguais – a diferença entre nós são a nossa realidade e a mentira de vocês!

— Cale-se! – ordenou-lhe Elpídio, enérgico. – Que autoridade moral você tem para se dirigir a eles dessa maneira?

— Tramaram tudo direitinho — continuou nos invetivando. — Eu nunca confiei em gente de conversa mansa... Trouxeram a polícia com eles! Cadê a Bíblia? — perguntou, enquanto, igualmente, tinha as pernas imobilizadas.

— Vocês, finalmente, estão presos e serão julgados — o Delegado rebateu as ofensas que nos dirigia o líder do bando, destilando ódio nas palavras. — Temos a sua ficha e de há muito o procurávamos! Agora, você e seus companheiros acertarão contas com a Lei!

Um dos detetives, tendo entrado em contato com uma patrulha nas imediações, veio avisar ao Delegado:

— Dr. Elpídio, uma viatura maior e mais segura está a caminho...

— E o que faremos com estes dois? — perguntou outro policial, se referindo às entidades, que continuavam sem qualquer consciência do que sucedia em torno.

— Dr. Inácio! — chamou-me o amigo, a fim de que, na condição de médico, eu pudesse orientá-lo.

— Eu e Odilon — disse — providenciaremos o desligamento de ambos. Convém, no entanto, que solicitemos a presença de uma ambulância — eles necessitarão de internação urgente. Os seus batimentos cardíacos — expliquei, após sentir-lhes a pulsação —, estão muito fracos... Se não receberem assistência especializada, estarão prestes a perder o

corpo espiritual, vítimas de uma *segunda morte*. Eles estão esgotados!

Assim falando, com extremo cuidado, Odilon e eu demos início a complexo trabalho de magnetização à altura do cérebro do rapaz, que jazia entorpecido na mesma posição em que o encontramos de bruços, sobre o sofá.

As entidades que eram manipuladas pelo bando na condição de autênticas *sanguessugas*, minando a resistência física e psíquica do jovem, sequer conseguiam gemer, tal o seu estado de debilidade.

Aos poucos, depois de quase uma hora de trabalho estafante, os dois espíritos, molambos humanos fora do corpo físico, desprenderam-se e, então, como se lhes tivesse sido subtraída aquela espécie de “alimentação parenteral”, revelaram-se muito mais abatidos.

Com a chegada da ambulância, médicos e enfermeiros especializados assumiram o comando daquela operação-resgate, acomodando o casal em macas e transportando-o para o hospital.

Depois de alguns minutos, o rapaz começou a dar acordo de si e, levando as mãos à altura da nuca, começou a gemer:

— Ai, minha cabeça! Como dói!...

Tentou levantar-se para tomar um copo de água, mas, completamente exaurido, escorou-se no sofá e, debatendo-se, teve uma crise convulsiva.

Odilon, agindo rápido, sentou-se ao seu lado e apoiou-lhe a cabeça no colo, pedindo-me que eu

lhe transmitisse um passe no plexo cardíaco, com o intuito de controlar a arritmia.

— Doutor — explicou-me com pesar —, este jovem ficará com sequelas... O uso excessivo de drogas e as lesões cerebrais, provocadas, em nível perispiritual, por estreito e longo processo de simbiose, o obrigarão a fazer uso de anticonvulsivantes por um bom tempo. Ele vai ter que ser examinado por um neurologista.

E solicitou ao mesmo servidor espiritual que nos recebera à porta da instituição:

— Por favor, traga alguém aqui! O rapaz vai precisar ser internado...

— Os batimentos cardíacos — disse por minha vez —, estão bastante alterados...

— Vou chamar o Enfermeiro de Plantão.

— Aqui há enfermeiro? — perguntei indignado. — E permite que as coisas fiquem assim? Esse jovem dormindo fora da cama... Como é que a droga entra aqui? O que fazem os diretores desta casa? Está mais do que evidente que ele usou cocaína...

— Doutor — tentou explicar-se —, infelizmente, os diretores aparecem poucos minutos, durante o dia... As coisas aqui já andaram melhores. Atualmente, houve um desentendimento entre eles — justamente pela falta de organização — e boa parte dos colaboradores mais assíduos e responsáveis se afastou.

E, saindo às pressas, logo voltou com um enfermeiro cambaleante.

— Rodrigo! — gritou ao ver o rapaz naquele estado de prostração que, comumente, se segue a crises epiléticas. — Meu Deus! Quantas vezes eu já falei a você — ralhou de maneira inútil, tentando sentar o rapaz que, com o corpo desgovernado, caía em seguida. — Você vai me enrolar!...

Aproximei-me e, praticamente, ordenei aos seus ouvidos:

— Chame uma ambulância! O rapaz pode morrer!...

— Vou telefonar — disse, tomando o rumo do escritório.

— Veja, Doutor — chamou-me Odilon, que continuava amparando o jovem, de nome Rodrigo. — As duas manchas escuras na região do córtex cerebral...

— São duas feridas!

— Mais um pouco e sangrariam, provocando um edema...

— Que poderia levá-lo à desencarnação!

— Exatamente!

A ambulância levou cerca de quarenta minutos para chegar e, confesso, já estava impaciente.

Ao adentrar o recinto e perceber a gravidade da situação, o motorista tentou justificar-se:

— O veículo não queria dar partida... Tentei, o dia inteiro, levá-lo à revisão, mas a burocracia é grande — é preciso ordem do meu chefe que, por sua vez, necessita permissão do Chefe Geral.

— Rápido! — pedia, aflito, o Enfermeiro Plantonista que, minutos antes, estava dormindo, alheio ao que se passava. — Se esse rapaz morre, estou na rua! Ah! Esses filhinhos de papai!... — e soltou um impropério.

Enquanto dois enfermeiros, na ambulância sem médico, adaptavam em Rodrigo a máscara de oxigênio, o Plantonista da Instituição perguntou:

— Cadê o Dr. *Fulano*?...

— Disse que não vinha — que estava muito cansado e precisava dormir... Há um mês — o motorista explicou —, fomos chamados para atender um motoqueiro acidentado na entrada da cidade... Alegando que não é ortopedista, não quis nos acompanhar. Fizemos de tudo, mas o rapaz morreu!

— Mas nisso cabe denúncia — observou o enfermeiro da instituição.

Mais experiente que os próprios enfermeiros que, agora, colocavam o rapaz na maca, o motorista da ambulância olhou para o Plantonista e, embora não articulasse palavra em resposta, pudemos *ouvir* o seu pensamento:

— Você também precisaria ser denunciado... Enquanto esse rapaz se drogava, você estava dormindo!

Elpídio e os policiais já haviam se retirado, escoltando os marginais, enquanto eu e Odilon, aboletando-nos no espaço estreito daquela *van*, sem nos arredarmos um milímetro do rapaz, rumamos para o hospital da cidade.

A pressão arterial de Rodrigo, com significativa queda, provocara-lhe intensa sudorese.

Um dos enfermeiros, o que me pareceu mais sensível, tentava mantê-lo consciente ou, pelo menos, dentro daquele estado de semiconsciência em que se encontrava, chamando-o reiteradas vezes pelo nome. E comentava com o outro:

— Eu tenho um filho desta idade... Ponho-me no lugar dos pais deste rapaz! Coitados! Deus é que há de ter misericórdia!

Naquela operação de resgate, envolvendo uma instituição religiosa de recuperação de viciados em drogas, era a primeira vez que ouvíamos o nome de Deus ser pronunciado.

A ambulância estacionou no pátio do hospital da cidade, o motorista foi lá dentro e demorou exatos vinte minutos para voltar com a autorização para que o rapaz fosse internado.

— Não é de admirar — comentei com Odilon — que muita gente desencarne praticamente à míngua... Mundo de Regeneração?! A Terra?! — inquiri, indignado. — Só se for daqui a uns mil e quinhentos anos!...

Quase amanhecendo o dia, apareceu um dos responsáveis pela instituição, que fora contatado pelo hospital.

— Esse rapaz não tem jeito — disse, aborrecido por ter sido incomodado às 6 da manhã.

— Tentamos comunicar-lhe antes — explicou a atendente —, mas o telefone fixo, e mesmo o celular do senhor chamavam até desligar...

— O meu celular está com problema — respondeu, mentindo. — Eu não o quero mais na instituição... Assim que o dia clarear, vou entrar em contato com os pais dele. Eu não dou conta de cuidar nem dos meus filhos; vou cuidar dos filhos dos outros?!...

— Mas não se trata de uma instituição espírita? — perguntou um senhor que, desde a madrugada, estava na fila, aguardando atendimento.

O homem, com as mãos no bolso, virou uma fera:

— O senhor — respondeu com grosseria — não entre em conversa dos outros!...

— Eu só fiz uma pergunta, porque os espíritas que conheci eram extremamente caridosos. A minha mãe foi curada por Batuíra! Ele a pegou na rua — ela estava grávida de mim — e a levou para a casa dele...

— Cada um faz o que pode! — retrucou, com menosprezo, àquele senhor de quase 80 de idade. — Hoje, os tempos são outros. Antigamente, não existia essa maldita “droga”!

— Os tempos, concordo, são outros, mas a caridade é sempre a mesma! — observou o velhinho, com voz quase inaudível.

— Ainda tenho que aguentar esta encheção... Era só o que me faltava! Até os mendigos me efetuando cobranças!

— Ora, não abrissem a instituição — comentou o senhor com duas senhoras sentadas ao lado. — Espiritismo é Caridade. Estão aí os exemplos de Chico Xavier!

— Que Chico Xavier, coisa nenhuma! — esbravejou. — Ele nunca veio aqui e não sabe as dificuldades que passamos.

E saiu, pisando duro, acionando o automóvel importado estacionado à porta daquela casa de saúde.

CAPÍTULO

39

Após seis dias de internação, Rodrigo receberia alta, na manhã de uma segunda-feira. Odilon e eu estávamos no Hospital, quando o Médico passou para a visita noturna de domingo.

— Como vai, meu rapaz? — perguntou, verificando o prontuário que a Enfermeira lhe estendera. — Pronto a fim de ir para casa?

— Se Deus quiser! — respondeu meio sem graça. — Estou cansado disto aqui...

— Hospital, nem a passeio! — gracejou o clínico que, em seguida, dirigiu-se aos pais com poucas palavras.

— O Rodrigo terá que fazer acompanhamento. O eletroencefalograma apontou pequena disritmia e, durante algum tempo, ele vai precisar de anticonvulsivantes. Procurem um especialista por lá, na cidade de vocês.

Pai e mãe agradeceram, embaraçados, e prometeram não se descuidar.

— Ele precisa tomar juízo, não é, Doutor? — disse a genitora, dando um jeito nos cabelos.

— É!... — concordou o médico sem acrescentar palavra, como se, com aquela visita, estivesse lavando as mãos.

— O Rodrigo é um bom garoto, Doutor. São as más companhias que têm prejudicado o meu filho — tentou explicar o pai.

— A alta já vai ficar assinada, porque, amanhã de manhã, estarei viajando. Boa-noite! — despediu-se, entregando a caneta e a prancheta à Enfermeira que o assessorava.

— Você vê — comentei com Odilon —, como anda a Medicina no mundo? Antes que diga alguma coisa, deixe-me explicar que não estou generalizando. Felizmente, a Medicina ainda conta, no mundo todo, com meia-dúzia de apóstolos...

Ele me olhou de maneira significativa, e retifiquei o cálculo:

— Está bem, vá lá: uma dúzia!...

O companheiro sorriu e observou:

— Doutor, assim que possível, falaremos com o rapaz. A medicação endovenosa, dentro de mais alguns minutos, começará a fazer efeito e, quando o seu espírito se desprender...

— Ele não estará muito consciente — aleguei.

— Não importa. Em seu subconsciente, registrará a essência do que lhe dissermos.

— Para merecer a intercessão de Chico Xavier — argumentei —, o compromisso espiritual deste rapaz deve ser sério. Você consegue antever algo? — perguntei curioso.

Odilon, sempre discreto, respondeu:

— Não com clareza, Doutor, mas, talvez, ele esteja sendo amparado para amparar alguém.

— A quem, por exemplo?

— A futura esposa e, principalmente, os filhos — elucidou deixando inúmeras possibilidades no ar.

Enquanto o pai se retirava para um hotel e a mãe começava a cochilar numa poltrona dentro do quarto apertado do hospital, o espírito de Rodrigo, auxiliado por Odilon, desdobrou-se com dificuldade.

— Ai, minha cabeça! — gemeu ainda.

— Acalme-se! — pediu-lhe Odilon com a ternura que o médico e o pai dele não haviam tido. — Fique calmo, meu filho! Venha! Sente-se! — auxiliou-o para melhor se acomodar entre travesseiros e almofadas.

— Quem é o senhor? — perguntou, levando a mão à cabeça.

— Apenas um amigo — respondeu.

— Outro médico, não é?

— Estamos aqui, eu e o Dr. Inácio...

— Eu não disse que vocês são médicos?!

— Estamos aqui — prosseguiu Odilon — para dizer que você correu risco de vida — em consequência de *overdose*, poderia ter deixado o corpo! Não faça mais isso! As influências nocivas que o impeliam

ao uso quase sistemático de drogas foram afastadas. Agora, é com você! Volte a estudar e a trabalhar.

— Eu não sou viciado... O meu problema é depressão! — retrucou o jovem, aborrecido consigo mesmo. — O meu pai e a minha mãe não se entendem...

— Se você sabe que é assim, disponha-se a auxiliá-los, sem esperar que o auxiliem. Eles podem ser os seus genitores, mas, espiritualmente, são imaturos.

— O senhor acha?

— Tenho certeza. Não se coloque mais no papel de vítima. Assuma-se, meu filho! Amigos devotados intercederam e estão intercedendo em seu favor, contudo não se esqueça das palavras: “Ajuda-te a ti mesmo, que o Céu te ajudará.”

— Eu via umas sombras junto de mim...

— Você as vê neste momento?

— Não! Desapareceram... Mas a minha cabeça ainda dói. Será que terei forças? Eu faço as minhas preces, acredito no poder de Jesus Cristo...

— Tenha, então, mais confiança Nele!

— Eu ouvi o outro médico dizendo que o meu eletroencefalograma...

— Nada de grave, e até mesmo providencial, o problema detectado. Se você misturar o efeito químico dos medicamentos, que seja com um copo de cerveja, a reação será imprevisível — você poderá *morrer*!

Percebi que Odilon empregara o termo *morrer* com o intuito de atemorizar o rapaz.

— Não, eu não quero morrer! Sou muito jovem! Tenho uma namorada e...

— Então, não se esqueça: não beba mais!

— Não, nunca mais, eu prometo ao senhor! Eu passei e estou passando tão mal!... Só de pensar em bebida ou em cigarro, tenho ânsias de vômito! Sinto que o estômago vai sair pela minha boca! Deus me livre! Que mal-estar!...

— Você disse que tem uma namorada...

— Sim, e eu gosto muito dela.

— Ela não valerá o sacrifício?

— Doutor, eu tinha um retrato aqui comigo... Onde será que o coloquei?

— A sua mãe deve tê-lo guardado na bolsa, mas não faz mal. Eu a conhecerei depois...

— Ela é espírita e tem insistido comigo para eu frequentar o centro...

Devagar, as coisas iam ficando mais claras para mim: provavelmente, a namorada do rapaz...

— Odilon?!... – ensaiei perguntar.

Com delicadeza, o companheiro me fez discreto aceno que, de imediato, entendi sem necessidade de palavras.

— E por que motivo você não a acompanha? – indagou Odilon ao jovem que, sob o efeito de sua conversa terapêutica, abriu mais os olhos e desanuviara o semblante.

— Eu tenho ido, mas preciso ir mais... Sabe, Doutor?, antes eu não suportava ouvir palestras.

Aquelas sombras me mandavam sair – eu começava a transpirar e...

— Você é médium, meu filho!

— Médium?! Eu?!

— Sim, todos nós somos. Captamos influências positivas e negativas de todos os lados. A gente escolhe com as quais deseja ficar...

— Então, o senhor acha que eu preciso ir ao centro espírita?

— Não apenas ir – não apenas frequentar, tomar o passe e ir embora para casa, como muita gente faz. Você precisa participar! Trabalhar na caridade!

— Eu adoro fazer caridade!

— Então, que tal ser cooperador efetivo de Jesus na construção do Mundo Novo?

— Eu?! Cooperador de Jesus?!...

— Por que não, Rodrigo?! O Mestre não nos escolhe pelas virtudes que ainda não possuímos, mas, sim, pela nossa boa vontade em adquiri-las. Qualquer atitude no Bem, por menor que seja, é de imensa repercussão espiritual.

Deixando o jovem a cismar com as palavras que, com certeza, jamais houvera escutado, Odilon prosseguiu lhe falando ao âmago do ser:

— Jesus, convenhamos, há mais de dois mil anos, tem enfrentado uma luta desigual... Começou sozinho, depois, Ele conseguiu alguns poucos companheiros, frágeis e vacilantes, e, sem desistir de

nós, vem repetindo através dos séculos: *“Vinde a mim, todos vós que estais aflitos e sobrecarregados, que eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, que sou brando e humilde de coração, e achareis descanso para vossas almas, pois é suave o meu jugo e leve o meu fardo”*.

Não resistindo à emoção, Rodrigo lançou-se aos braços de Odilon, chorando copiosamente.

— Eu quero ser de Jesus! — disse com a voz entrecortada, a soluçar.

— Todos queremos, meu filho, mas não creia que isto possa acontecer sem esforço sincero de nossa parte. Não adianta apenas e tão-somente a palavra empenhada. Quantas promessas deixam de ser cumpridas, ao longo das múltiplas existências?! Quantas vezes não adiamos a nossa entrega definitiva ao Senhor de nossas vidas?!...

À pausa natural que se fez, com suave luz a lhe resplandecer no peito — luz que, particularmente, envolvia a cabeça e o coração do rapaz, Odilon continuou:

— Amanhã, ao despertar, você se sentirá revigorado. Voltando com os seus pais para a sua cidade, rearticule a sua volta ao trabalho e aos estudos. Não perca mais tempo, que é patrimônio precioso demais para ser desperdiçado.

— E se os meus antigos companheiros me assediarem? — perguntou, preocupado.

— Diga-lhes que você agora é de Jesus e os convide a mudar de vida! Muitos estão à espera de um simples chamamento!...

— E caso insistam comigo para que eu volte às drogas?

— Conte-lhes que estive à beira da *morte* e que, por orientação médica, está tomando fortes medicamentos... Eles o deixarão em paz!

— Eu tenho pena do Bruno — disse, referindo-se a um companheiro. — O pai foi embora de casa, a mãe morreu e o irmão é alcoólatra... A história dele, em parte, é parecida com a minha: os meus pais não se separaram, mas não se entendem — vivem se provocando um ao outro e, na verdade, nunca ligaram muito para mim!

— Você tem irmãos? — indagou Odilon.

— Tenho um mais novo, o Leandro, que está sendo criado pela minha avó. A minha família parece estar destruída... Eu, com esta depressão, que me arrastou para as drogas. Começou com umas tragadas que dei num cigarro de maconha...

— Tudo se ajeitará — ponderou o Benfeitor, pousando-lhe a destra sobre o ombro. — Com o tempo, os seus pais começarão a frequentar o centro... É só você perseverar. O exemplo é argumento irresistível! Com paciência, não há quem não arrede do caminho todos os obstáculos.

Os minutos corriam, e Odilon recomendou:

— Você precisa repousar. Antes, porém, um último lembrete: não se esqueça da oração

— ore todos os dias! Através da prece, nós nos aproximamos de Deus e percebemos que, na verdade, Ele sempre está a um *milímetro* de nós!

O jovem obedeceu e, conduzido pelo amigo, retomou o corpo com serenidade, deu um longo suspiro e adormeceu com o semblante descontraído.

— Parte de nosso trabalho está executado, Doutor — falou-me com esperançoso sorriso. — Agora, precisamos conversar com os pais...

— Esta conversa, porém, Odilon — retruquei —, ficará por minha conta.

Ele compreendeu e, enquanto se afastava para visitar alguns outros doentes que ali se encontravam internados, comecei a tomar providências para me reunir com os genitores de Rodrigo.

CAPÍTULO

40

Assim que consegui providenciar para que, em espírito, os pais de Rodrigo se encontrassem na praça, defronte ao hospital, aproximei-me, sem ser notado, observando que eles discutiam acaloradamente, trocando acusações.

— A culpa é sua, Manoel — dizia a esposa, que, quando falava, tinha o hábito de levar a mão aos cabelos para ajeitá-los.

— Culpa minha, Dirce?! — respondia o marido, impaciente.

— É sua, sim, que arranja namoradas fora de casa... Você nunca deu assistência ao menino. Quando ele quebrou o braço, jogando futebol — você se lembra? Onde é que você estava? Bebendo com os amigos! Tive que, sozinha, levá-lo ao médico.

— E você, que nunca assumiu a direção da casa? Não cozinha, não lava, não passa, não arruma, não faz absolutamente nada!... Temos duas empregadas. Você, com esse seu maldito cabelo, não

sai da cabeleireira. O menino, enfurnado na casa de vizinhos...

— E as suas pescarias, hem? Suas mentirosas pescarias – gargalhou. – Você, porventura, alguma vez pensou que eu acreditava ou que acredito nelas... Não sou mais aquela boba com quem você se casou! Bem que a minha prima me avisou de seu caráter...

— A sua prima?! Pois saiba que, inúmeras vezes, ela já deu em cima de mim...

— A Sílvia?! – exclamou, tendo os olhos arregalados.

— Sim, ela mesma, a Sílvia, aquela solteirona. Já me olhou, inúmeras vezes, no fundo dos olhos...

— Bandida!

— E você acha que eu não desconfio que o Leandro...

— Manoel! – gritou a mulher enfurecida. – Do que você desconfia? Vamos, diga!

— Ora, Dirce, quando você ficou grávida dele, nós estávamos brigados um com o outro havia mais de mês...

— Por que não pede o DNA?! – vociferou. – Ele é a sua cara! Toda gente diz que até o andar dele é igual ao seu... Como você é capaz de me acusar de uma coisa dessas? Nunca, homem algum me tocou, nem você, seu traste!

— Eu não a estou acusando! Eu disse que desconfio. Aquele número de telefone no seu celular...

— O quê?! Você andou bisbilhotando a minha vida?! A minha privacidade?!

Percebendo que nenhum dos dois estava verdadeiramente preocupado com o filho, falei de mim para comigo:

— É aqui que eu entro!

Esgueirando-me por entre os canteiros de azáleas floridas, aproximei-me como se fosse um mendigo. Eles, ao me avistarem, pararam de discutir. Dirce, uma vez mais, ajeitou os cabelos e Manoel, com a sua calva luzidia, enxugava o suor.

— Quente esta noite, não? — perguntei, puxando papo.

O genitor de Rodrigo respondeu mal-humorado:

— Se está!

— Vocês estavam brigando?! — fui direto ao assunto.

— Escute aqui, senhor! Senhor! — Dirce replicou indignada, cruzando as pernas. — É assunto de família...

— Eu sei!

— O quê?! Sabe do quê?! — veio Manoel em defesa da esposa.

— De tudo!

— Quem é o senhor?! Algum detetive?!

— Mais ou menos — respondi, fixando-os demoradamente.

Enquanto se entreolhavam, ante o silêncio que se fez, comecei aquela doutrinação em praça pública:

— Vocês não têm vergonha?! O filho de vocês lá dentro, hospitalizado, preocupando muita *gente morta*, e vocês dois nem aí?!

— *Gente morta?!* – redarguiu Dirce, mostrando-se com os braços arrepiados.

— Estão casados há mais de vinte e cinco anos e, até hoje, não se compenetraram de suas responsabilidades. Você, Manoel, tomando estimulantes sexuais da moda, quase perto de um enfarto, diabético, com a pressão arterial a 16x12...

A esposa, algo debochada, gargalhou.

— E você, Dirce, com esses cabelos vermelhos, o pescoço já todo enrugado, com menopausa precoce?! O que espera da vida, daqui em diante?

Foi a vez de o homem sorrir em revide.

— Vocês estão sorrindo da desdita um do outro. Não estão nem um pouco preocupados com os filhos que Deus lhes confiou à tutela – mas, dentro em breve, haverão de responder pelo descaso!

— Dentro em breve?! Como?! – inquiriu Dirce, incomodada. – O que o senhor quer dizer com isso?!

— Que, se tudo correr bem, talvez vocês dois não tenham mais de quinze a vinte anos no corpo – não viverão nem para “curtir” os netos! É a inevitável decadência, meus caros! Sejamos realistas!

— Eu, morrer?! Sequer penso nisso! Estou muito bem – tenho aulas de ginástica, eu me cuido...

— Ah, é?! E o nódulo que você apalpou no seio há uma semana?... Por que ainda não foi ao médico? Está com medo do diagnóstico? Pois eu lhe digo: é maligno!

— Manoel — esbravejou, pondo-se de pé —, este homem é louco... Como pode saber de tudo isso?! De onde é que ele surgiu!

— Eu venho do Outro Mundo, minha irmã! Eu estou *morto*... Não se preocupe tanto com o nódulo — amenizei. — Será apenas extirpá-lo e fazer quimioterapia preventivamente...

— E perder os meus cabelos?!

— Ficaré igual ao Manoel! — exclamei, tentando chegar ao objetivo de induzi-los ao mínimo de introspecção — fazer com que deixassem de se preocupar, excessivamente, com o seu “eu” periférico!

Dirce começou a chorar, levando a mão à mama esquerda.

— Manoel, é verdade, é verdade — disse buscando o apoio do marido. — Sabe? Eu notei um carocinho bem aqui...

— Não há de ser nada! Vamos ao médico! Por que você não me disse antes?!...

— Essa situação do Rodrigo...

— O Rodrigo ficará bem — interrompi. — Vocês precisam se unir mais que nunca! A Lei Divina não é insensível!

— O senhor é padre? — perguntou-me Dirce.

— Devo ter sido... Eu não sei o motivo de quase toda gente continuar insistindo em me confundir com um padre! Por que, por exemplo, não posso ser um lama tibetano?! Um pastor protestante... Não! Prefiro, não! Um pai-de-santo, pronto, com todo o respeito!

— Um pai-de-santo?! – retrucou, boquiaberta.

— Então, é por isso que o senhor sabe da gente, do Manoel, de mim...

— Do Rodrigo e do Leandro, o filho que você deixou com a sua mãe para ter mais tempo de cuidar do corpo, a caminho da sepultura!

— Manoel, este homem é adivinho?!

— Sou o que vocês querem que eu seja, mas o fato é que estou aqui para lhes dar um ultimato: **Emendem-se!** Parem com essa competição tola entre os dois! O que vocês tinham de “gordura” para queimar, já queimaram. Cuidem do esqueleto! Foram-se – graças a Deus – ou estão indo, ralo abaixo, as ilusões! Se não lhes for possível amarem-se como, um dia, se amaram – se é que se amaram! –, pelo menos se respeitem e respeitem os seus filhos! Vocês se recordam de quando eram namorados?...

Os dois, sem perceber, estavam de mãos dadas sobre o banco da praça.

— Sim, eu me recordo – respondeu Manoel.

— E eu também... Ele me trazia flores!

— Vocês têm o hábito de ver suas fotos antigas, quando não passavam de duas crianças e, depois, adolescentes...

Ante a resposta afirmativa de ambos, indaguei
contundente:

— Em que vocês se transformaram?

— Foi a Vida, — tentou desculpar-se Dirce.

— Não foi a Vida coisa nenhuma! — ralhei
como se estivesse diante de dois colegiais. — Não
foi a Vida: foram vocês mesmos! A Vida é sempre
uma bênção! Vocês é que foram se transfigurando...
Quase todo o mundo, para não assumir os seus erros,
procura apontar culpados.

— Quem é o senhor?! Algum psicólogo?! —
tornou a questionar o pai de Rodrigo.

— Se for, dê-nos o seu endereço para uma
terapia. Comecei estranhando a sua intromissão, mas,
agora, estou me sentindo mais leve — falou Dirce,
procurando compor-se, sem, contudo, levar as mãos
aos cabelos.

— O meu consultório — disse-lhe — fica no
Outro Mundo... Se vocês desejarem, assim que o dia
amanhecer, poderão ser os meus primeiros clientes!

— Que pena! — confidenciou a esposa ao
marido —, deve ser meio louco...

— Meio louco eu era quando estava na Terra!
— exclamei.

— Vamos embora, Manoel, vamos embora,
que o Rodrigo deve estar à nossa espera.

— Ele pode ser louco, mas fala muitas
verdades, Dirce — retrucou Manoel, afastando-se com
o braço no ombro da esposa. — Estou impressionado...

— Depois de *morto*, enlouqueci de vez – disse sem ter mais ninguém para me ouvir.

Quando voltei para o quarto do Hospital, a mãe de Rodrigo despertava de profundo sono.

— Que pesadelo! – exclamou. – Meu Deus, onde será que estive?! Tenho a impressão de que levei uma surra...

O telefone tilintou. Era o Manoel, perguntando como a mulher e o filho haviam passado a noite.

— O Rodrigo ainda está dormindo – escutei-a responder. – Quanto a mim – falou reticente, levando a mão à mama esquerda... – Manoel, eu preciso conversar com você...

Naquele exato instante, Odilon retornava de sua jornada pelos demais quartos do hospital.

— Tudo bem, Doutor? – perguntou-me.

— Você me acha com cara de padre, Odilon?

— Acho que o senhor está mais para...

— Um pai-de-santo!

— Não, Doutor, não foi o que eu quis dizer.

— Pode até não ter sido, mas gostei da ideia.

Para quem já fumou tanto, fumar cachimbo e soltar umas baforadas é coisa à-toa; da indumentária branca, o jaleco eu já tenho – é só arrumar uma calça; falar *mizifio*, não será problema para mim...

Enquanto troçava com o amigo e os raios de Sol varavam a vidraça da janela do Hospital, o pai de Rodrigo abriu a porta de mansinho e, mal adentrou o quarto, foi abraçado pela esposa que começou a chorar.

— Acalme-se, Dirce! O que houve?

— Manoel — perguntou —, você acha que podemos recomeçar?

— Como não?! Eu sempre a amei! Você, o Rodrigo e o Leandro são tudo o que eu tenho.

— Pai! — chamou o menino que, igualmente, parecia acordar de terrível pesadelo, que, durante algum tempo, fora realidade para ele.

— Tudo bem, meu filho? — perguntou o genitor de maneira carinhosa.

— Estou com uma fome! O café já foi servido? O que aconteceu durante a noite? Tive um sonho... Um senhor muito bondoso veio conversar comigo!

— Pois eu também sonhei — disse a mãe. — Não com um senhor bondoso, Rodrigo, mas com um homem — não sei —, um homem bravo, que parecia padre...

— Odilon — antes que, em relação a ele, a minha desvantagem aumentasse, chamei o bom companheiro —, a nossa missão aqui está cumprida. Vamos embora?!...

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DO AUTOR:

- SOB AS CINZAS DO TEMPO (Didier)
- DO OUTRO LADO DO ESPELHO (Didier)
- NA PRÓXIMA DIMENSÃO (Leepp)
- INFINITAS MORADAS (Leepp)
- A ESCADA DE JACÓ (Leepp)
- FALA DR. INÁCIO (Leepp)
- POR AMOR AO IDEAL (Leepp)
- FUNDAÇÃO EMMANUEL (Leepp)
- NO LIMIAR DO ABISMO (Leepp)
- OBSESSÃO E CURA (Didier)
- CARTAS DE DR. INÁCIO AOS ESPÍRITAS (Leepp)
- REENCARNAÇÃO NO MUNDO ESPIRITUAL (Leepp)
- AMAL-VOS E INSTRUI-VOS (Leepp)
- TERRA PROMETIDA (Didier)
- ESTUDANDO "NOSSO LAR" (Leepp)
- SAÚDE MENTAL À LUZ DO EVANGELHO (Leepp)
- ESPÍRITOS E DEUSES (Leepp)
- A VIDA VIAJA NA LUZ (Leepp)
- TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA (Didier)



Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo"

Site: www.leepp.com.br - E-mail: leepp@terra.com.br

Telefone: (34) 3322-4873

Av. Elias Cruvinel, 1.202 - Boa Vista
CEP 38070-100 - Uberaba (MG)

editora

DIDIER

CASA EDITORA ESPÍRITA "PIERRE-PAUL DIDIER"

Site: www.editoradidier.com.br - E-mail: didier@terra.com.br

Telefone: (17) 3423-8590

Rua Leonardo Commar, 3.179 - Bairro Pozzobon
CEP 15503-023 - Votuporanga (SP)

CONHEÇA OUTRAS OBRAS DO AUTOR:

- SOB AS CINZAS DO TEMPO (Didier)
- DO OUTRO LADO DO ESPELHO (Didier)
- NA PRÓXIMA DIMENSÃO (Leapp)
- INFINITAS MORADAS (Leapp)
- A ESCADA DE JACÓ (Leapp)
- FALA DR. INÁCIO (Leapp)
- POR AMOR AO IDEAL (Leapp)
- FUNDAÇÃO EMMANUEL (Leapp)
- NO LIMIAR DO ABISMO (Leapp)
- OBSESSÃO E CURA (Didier)
- CARTAS DE DR. INÁCIO AOS ESPÍRITAS (Leapp)
- REENCARNAÇÃO NO MUNDO ESPIRITUAL (Leapp)
- AMAI-VOS E INSTRUÍ-VOS (Leapp)
- TERRA PROMETIDA (Didier)
- ESTUDANDO "NOSSO LAR" (Leapp)
- SAÚDE MENTAL À LUZ DO EVANGELHO (Leapp)
- ESPÍRITOS E DEUSES (Leapp)
- A VIDA VIAJA NA LUZ (Leapp)
- TRABALHADORES DA ÚLTIMA HORA (Didier)



Livraria Espírita Edições "Pedro e Paulo"

Site: www.leepp.com.br - E-mail: leepp@terra.com.br

Telefone: (34) 3322-4873

Av. Elias Cruvinel, 1.202 - Boa Vista

CEP 38070-100 - Uberaba (MG)

editora

DIDIER

CASA EDITORA ESPÍRITA "PIERRE-PAUL DIDIER"

Site: www.editoradidier.com.br - E-mail: didier@terra.com.br

Telefone: (17) 3423-8590

Rua Leonardo Commar, 3.179 - Bairro Pozzobon

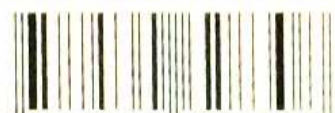
CEP 15503-023 - Votuporanga (SP)



**A Vida
viaja
na Luz**

Nesta obra, com o sugestivo título de “A VIDA VIAJA NA LUZ”, o Dr. Inácio Ferreira nos conduz o pensamento a mais ampla compreensão sobre a vida no Mundo Espiritual, descortinando-nos vastos horizontes para que, sob o prisma da Fé Raciocinada, possamos formar uma ideia mais precisa de que somos nós os filhos pródigos da Parábola contada por Jesus, empreendendo a viagem de volta à Casa Paterna. Aos estudiosos do Espiritismo, desejosos de ampliar o saber a respeito de si mesmos, libertos de preconceitos e dogmas, este é um livro de leitura indispensável.

11314978 8560628 30 8



9 788560 628308